



ATERRADO DO DESEMBOQUE

José Matias-Pereira

Dedico este romance ao meu avô Luiz Rufino Pereira, pioneiro na ocupação da região do Aterrado do Desemboque, no sul-sudoeste de Minas Gerais, onde a sobrevivência estava atrelada a violência. Os ensinamentos que recebi desse homem honrado, corajoso e temido, com princípios e valores peculiares, especialmente de retidão de caráter e disciplina, foram importantes balizadores na minha vida pessoal, acadêmica e de escritor.

SUMÁRIO

Prefácio	9
Capítulo 1 – O despertar na fazenda	11
Capítulo 2 – <i>Bullyings</i> na escola.....	17
Capítulo 3 – Mundo encantado.....	21
Capítulo 4 – Carta desbotada	31
Capítulo 5 – Depois que a minha mãe foi embora.....	39
Capítulo 6 – Memórias da guerra	47
Capítulo 7 – A baioneta e o poema.....	57
Capítulo 8 – Caixeiro viajante do desemboque	65
Capítulo 9 – Portal do inferno.....	73
Capítulo 10 – Brincadeira no paiol	81
Capítulo 11 – Formatura do ginásio	89
Capítulo 12 – Fim de um ciclo	95
Capítulo 13 – Despertar da paixão	103
Capítulo 14 – Decidindo o meu futuro	107
Capítulo 15 – A chegada da modernidade.....	115
Capítulo 16 – A última comitiva.....	119
Capítulo 17 – A ponte dos Peixoto.....	125
Capítulo 18 – Violência como companheira	131
Capítulo 19 – O cheiro da morte.....	143

Capítulo 20 – O padre já foi embora.....	151
Capítulo 21 – Os carneiros dos turcos.....	155
Capítulo 22 – Bandoleiros do sertão.....	159
Capítulo 23 – Matrícula no colégio em Campinas	171
Capítulo 24 – Presente inesquecível	179
Capítulo 25 – Visitas noturnas	195
Capítulo 26 – Caminho para a liberdade	199
Capítulo 27 – A arte de viver	207
Capítulo 28 – A notícia da morte do meu avô.....	219
Capítulo 29 – Missa de sétimo dia	225
Capítulo 30 – Os conselhos do meu avô.....	231
Epílogo.....	239

Prefácio

“A região do Desemboque foi, por longo tempo, o habitat de feras e predadores, entre as quais, os seres humanos eram os mais traiçoeiros e impiedosos”. Luigi Rufino (Fazenda do Aterrado, sul-sudoeste de Minas Gerais, 12 de abril de 1958)

Este romance tem como essência a história da vida de um homem honrado, corajoso e duro, que foi forjado pelo ambiente hostil que o cercava, com uma visão peculiar sobre o uso da violência. O preço para sobreviver naquele ambiente onde imperava a violência, era muito elevado. A história de Luigi Rufino, que se fez como fazendeiro e comerciante de tabaco, a partir da segunda década do século XX, numa região onde a cobiça e a ganância preponderavam é narrada sob o prisma de seu neto adolescente, Pedro Rufino.

Homem temido, visto por seus inimigos como um assassino frio e cruel, ele procurou, à sua maneira, nunca se afastar dos valores e princípios de honradez e de justiça ensinados por seus pais. Dos valores que recebeu de berço, três foram fundamentais para a sua sobrevivência: coragem, determinação e disciplina. A família, para ele, sempre estava em primeiro lugar.

A falar de sua saga, Luigi Rufino também contribui para colocar um pouco mais de luz na nebulosa história da região do “Aterrado do Desemboque”, no sul-sudoeste de Minas Gerais, local que outrora, foi palco de inúmeros confrontos sangrentos entre garimpeiros, bugres, quilombolas e as guarnições dos exércitos das províncias de São Paulo e Minas Gerais. Nesses relatos, ele deixa evidente que a vida, naquele lugar que tinha sido estratégico para o go-

verno colonial português, no esforço de controlar a imensa produção de ouro e diamante que ali era produzido, continuava valendo muito pouco.

Depois de enfrentar dificuldades e intempéries, constituir família e de purgar os seus dramas e tragédias pessoais, ele começa a rever os seus conceitos sobre o emprego da violência para sobreviver. Percebe que os tempos de violência tinham ficado para trás, sepultados pelas mudanças políticas, econômicas e sociais que estavam em curso no país. Para ele, já não era mais possível que seu neto fosse pela mesma trilha que ele já havia percorrido, na qual a violência sempre esteve presente.

Nessa trama, onde o personagem Luigi Rufino se impõe, como o esteio da família, ganha relevo a figura do seu neto Pedro, ao revelar as suas inquietações, dúvidas e temores do desconhecido, atitude comum nos jovens, quando se deparam com a necessidade de se afastar de seu ambiente acolhedor. No desenrolar dessas mudanças repentinas, Pedro decifra o sentido da palavra “responsabilidade”, e ao mesmo tempo, descobre o sabor da paixão, do sexo e do amor, ao ganhar de sua bela e meiga ex-professora um “presente inesquecível”.

Madrid, primavera de 2017

José Matias-Pereira

Capítulo 1

O despertar na fazenda

Uma sensação agradável inundava a minha alma quando acordei naquela madrugada fria de domingo, 28 de julho de agosto de 1957. Naquele dia eu estava completando o meu 14º aniversário. Eu sabia que aquela euforia estava relacionada com as mudanças que estavam em curso na minha vida. Apesar da escuridão da noite ainda cobrir a terra, dava para sentir que a natureza lá fora já começava a despertar. Esse concerto desorganizado de sons que começam na alta madrugada, emitidos por pássaros e animais, vão se juntando progressivamente, vindos de todas as direções, para celebrar mais um dia que está chegando. Naqueles momentos me sentia como uma pequena parte daquele ambiente.

O amanhecer na roça, especialmente depois que a sinfonia da natureza começa a tocar, é algo indescritível. Quem tem suas raízes no campo sabe que esse acontecimento singelo é a confirmação de que a vida se renova a cada novo dia. Do meu quarto, na casa grande da fazenda, onde moro desde pequeno com os meus avós, Luigi Rufino e Carlota, ouço todos os dias essa lereia desorganizada da natureza, na qual se impõe os sons das cantigas das aves.

A explicação, do ponto de vista científico, aquela sensação agradável que eu sentia era o resultado das percepções dos cinco principais sentidos: olfato, paladar, visão, audição e tato, agindo de forma intensa, me permitindo interagir com o mundo exterior, com pessoas, animais, objetos, sons, luzes, fenômenos climáticos, cheiros ou sabores. Esses especialistas sustentam que o meio interno e o externo estimulam uma enorme variedade de sensações, que são percebidas pelo nosso sistema nervoso e os nossos órgãos dos sentidos. Confesso nunca me preocupei com essas nuances, pois para mim, o importante era senti-la. Era uma forma de compensar os momentos ruins de minha vida.

Apreendi observando, que nesta época do ano, o período de inverno, quando as temperaturas caem de forma acentuada, as chuvas se escasseiam e não tem frutas, os bandos de periquitos, maritacas, papagaios, araras, tucanos, pombas-de-bando e os pássaros pretos, que dormem na mata grande que fica nos fundos da fazenda, são os primeiros a partirem, em revoadas, em busca de alimentos lá para os lados do grande lago da represa do Peixoto.

Nas proximidades das casas, os galos assumem a função dos tenores das madrugadas. Eles cantam sem cessar, como se estivessem participando de uma disputa interminável, para mostrar quem tem o acorde mais alto e mais demorado. No paiol de milho, que fica próximo da casa, dorme um pesado galo carijó, com sua enorme crista vermelha, que envergou para o lado, que me parece imbatível no quesito de canto alto e prolongado.

O casal de sabiá-laranjeira, conhecido na minha região como sabiá-do-peito-roxo, que chocam todo ano perto da minha janela, soltavam os primeiros acordes do seu canto afinado. Essas aves, consideradas um dos símbolos do Brasil, eram facilmente identificadas pela cor de ferrugem do ventre e por seu canto melodioso durante o período reprodutivo. Eu tinha observado no dia anterior, que eles já estavam começando a fazer o ninho nas grimpas do pé de laranjeira lima, velha e desganhada, que tinha sido plantada pelo meu avô entre a casa e o paiol. Um pouco mais abaixo, um casal de João-de-barro também começava a construir uma nova casa.

Os meus pensamentos sobre o comportamento e a beleza das aves foram interrompidos abruptamente, com o barulho da correria das vacas paridas chegando ao curral para a ordenha. A lamúria dos seus berros, para chamar a atenção de suas crias, e as respostas desesperados destas, sentido que em breve iriam mamar, espojando nos peitos de suas mães, era infernal. Minutos após o reencontro das mães e seus filhotes, o silêncio voltou a reinar lá pelos lados do curral.

Não demorou muito, comecei a ouvir o canto característico e ritmado da Saracura-três-potes. A “três-potes” era uma das muitas espécies daquela ave, bastante comuns na nossa região do sul-sudoeste de Minas Gerais. Avaliei, pela intensidade do som, que ela deveria estar na parte pantanosa do ribeirão que passava nos fundos da casa. A Saracura-três-potes é uma ave semiaquática, pequena, mede cerca de 40 centímetros, e tem uma enorme facilidade

de se camuflar, pela sua cor e pelo padrão da plumagem que possui. O seu dorso é castanho-esverdeado, pescoço e cabeça cinzentos, o peito é castanho-ferruginoso e o bico, amarelo-esverdeado e os olhos vermelhos. Suas pernas e pés também são vermelhos.

Aprendi na prática que é mais fácil ouvir, do que ver uma saracura-três-potes. Existe uma crença popular, em particular das pessoas que vivem na roça, de que o canto das saracuras é um sinal de que a chuva não vai demorar a chegar. Na maioria das vezes, na minha avaliação, elas acertam nas suas previsões meteorológicas.

A cerca de alguns quilômetros dali, lá para os lados da região do Jacarandá, um peão ponteiro de boiada começou a tocar o “solta” no seu berrante de boi pedreiro. Quem é da roça sabe que aquele toque sereno serve para despertar a boiada. O seu repicado triste, indicava que a comitiva já estava começando a colocar a boiada em movimento, para aproveitar a fresca da manhã, e avançar no que desse com a manada pelas trilhas empoeiradas, em direção ao seu destino. Numa toada normal, uma boiada pode caminhar 20 quilômetros por dia.

Eu tinha aprendido com o meu avô que uma boiada de mil bois tem quase 1 quilômetro de comprimento, enquanto o som do berrante alcança cerca de 3 quilômetros. Numa comitiva, ao longo do dia, além do toque “solta”, o peão ponteiro usa o toque “estradao” para aumentar a velocidade do rebanho; o “rebatedouro”, parecido com o som de um clarim, para avisar perigo ou um desvio na mata; o preferido dos peões, conhecido como “queima do alho”, que é dado para avisar a hora do almoço, e finalmente o toque “floreio” para encerrar o dia, no qual o ponteiro costuma fazer o som de uma música ou até vozes.

Alguns segundos depois, ouvi quando uma coruja grande de chifre, não muito longe dali, começou a emitir os seus piados característicos. Os dois sons de “hu” curtos e profundos, seguidos de um longo “huuuuu”, eram inconfundíveis para mim. Esses piados, que podiam ser ouvidos a vários quilômetros, em geral, eram feitos para marcar os seus territórios. Tundo indicava que aquela coruja, pousada em alguma árvore do lado de cima da estrada que passava em frente à casa grande da fazenda, deveria ser um macho, pois os sons emitidos por eles são mais profundos que os das fêmeas. Quem mora na roça aprende na prática que as corujas costumam começar a piar assim que

anoitece e vão até por volta da meia-noite. Na madrugada, um pouco antes do sol nascer, voltam a piar novamente.

Por alguma razão que não sei explicar, sempre gostei de observar o comportamento e ouvir os piados das corujas, especialmente nas madrugadas. Eu tinha aprendido nas aulas de ciências que coruja é o nome comum para várias espécies de aves de rapina que em sua maioria são noturnas e encontradas em todos os continentes do nosso planeta, com exceção da Antártida. Os seus olhos grandes, cabeça redonda, garras longas, bico em forma de gancho e a sua plumagem fofa e macia, o que ajuda a tornar o seu voo silencioso, fazem delas pássaros especiais.

As fêmeas, em geral, são maiores do que os machos. Apesar de os seus olhos não poderem girar nas órbitas, a sua cabeça pode virar até 270 graus para a direita ou para a esquerda. O que mais me chama atenção nas corujas é a sua excelente visão noturna, em parte por causa de seus grandes olhos, o que lhes dá a capacidade de utilizar todos os traços de luz. Ela pode ver, com cada olho, um objeto de ângulos diferentes, garantindo uma acuidade visual tridimensional semelhante à dos seres humanos. Sua audição extremamente aguçada, pode ouvir um rato pisar num graveto a uma distância de cerca de 25 metros de distância.

No interior da casa grande, o som que se impunha naquele momento da madrugada vinha do rádio que ficava sobre a cristaleira na sala. De vez em quando uma vinheta informava que aquela era a Rádio Record de São Paulo, a voz de São Paulo, falando para todo o mundo. O locutor informava as manchetes do jornal “Folha da Manhã” daquele dia. Naquele momento ele destacava que “Os Estados Unidos e a União Soviética poderiam enviar desde já homens ao espaço, mas que a volta com vida era incerta”.

Logo a seguir, anunciaram com grande destaque, o início do programa Zé Bettio, denominando-o como o maior comunicador do Brasil. Do meu quarto, que ficava ao lado da sala, dava para ouvir com bastante nitidez a voz conhecida do apresentador, que já fazia parte da vida das pessoas do interior, especialmente quem morava nas fazendas. Depois do som de um galo cantando, ele começou o programa prometendo muita música sertaneja de boa qualidade. AA vinheta voltou ao ar, informando que o programa iria das cinco

às sete horas da manhã. Logo em seguida, avisou aos ouvintes para acertarem o relógio, pois já era cinco horas e dois minutos. E como havia prometido, anunciou que começaria o repertório do dia com a música “Velha porteira”.

Antes de tocar a música ele fez uma homenagem ao autor da letra, Osvaldo Francisco Lemes, o “Cumpadre Nho Piraci”. Logo em seguida o som das vozes afinadas da dupla caipira Lourenço e Lourival inundou a casa grande da fazenda. Eu também comecei a cantar baixinho junto com eles.

*“Ao passar pela velha porteira
Senti minha terra mais perto de mim
De emoção eu estava chorando
Porque minha angústia chegava ao fim”.*

A minha mente sempre viajava quando ouvia aquela música triste, que revelava inicialmente a alegria do sertanejo ao voltar para casa, e perceber que o lugar onde viveu a sua infância não existia mais. Quando a dupla estava cantando a penúltima estrofe da música, que dizia: “*Já não ouço as suas batidas, seu triste rangido lembranças me traz; porteira na realidade, você é a saudade do tempo da infância que não volta mais*”, começou uma chiadeira intensa e irritante no rádio. Depois disso não consegui ouvir mais nada. Aquelas interferências, causando reflexões de ondas de rádio, não eram novidades na nossa região, cercada por montanhas elevadas.

Eu já tinha ouvido aquela música tantas vezes que, mesmo com a sua interrupção, continuei cantando a sua estrofe final:

*“Já não ouço as suas batidas
Seu triste rangido lembranças me traz
Porteira na realidade, você é a saudade
Do tempo da infância que não volta mais”.*

Percebi, pensando na letra daquela música, que as engrenagens do tempo não paravam para ninguém. Me senti feliz por completar 14 anos, e como dizia a minha avó, “já estava a caminho dos 15”. Como se estivesse me olhando num espelho, vi na minha mente um jovem alto, magro, de cabelos loiros escuros acinzentados e os olhos azuis. O fato de ser forte e longilíneo, já chegando perto de 1,90 de altura, contribuía para que parecesse ser um pouco mais velho.

Uma barba mais espessa já começava a aparecer no meu rosto. O lado incômodo era ser obrigado a raspá-la quase todos os dias. Eu me lembro que depois que passei dos treze anos comecei a perceber que a minha voz estava engrossando, começaram a nascer pelos pubianos e cabelos nas minhas axilas, e em particular, um aumento significativo do meu bilau.

Como todo jovem na minha idade, as ideias iam e vinham com uma velocidade incrível. Foi assim do nada que comecei a pensar sobre o que iria acontecer com aquele o meu “mundo” quando os meus avós partissem? O que seria feito das pessoas que nele viviam? O progresso e a passagem do tempo poupariam alguma coisa ou tudo viraria pó? O velho Jequitibá-rosa, a árvore-ancião do meu avô, seria poupada ou seria transformada em tábuas?

Apesar de tentar evitar não ficar matutando sobre certas coisas, em especial, sobre aquelas eu não podia influenciar ou modificar, elas sempre acabavam retornando.

Capítulo 2

Bullyings na escola

Aquele barulho irritante do rádio me fez lembrar de D. Anita, nos explicando nas aulas de ciências, que a superfície terrestre reflete ondas de todas as frequências. Assim, as interferências dos rádios são decorrentes da superposição de duas ou mais ondas num mesmo ponto. Esta superposição pode ter um caráter de aniquilação, quando as fases não são as mesmas, ou seja, a interferência destrutiva, ou pode ter um caráter de reforço quando as fases combinam, a denominada interferência construtiva. As montanhas, árvores e outros objetos podem causar reflexões de ondas de rádio.

A chiadeira do rádio também havia chamada a atenção do meu avô Luigi Rufino. Ouvi sua voz resmungando na cozinha contra o som incômodo que o rádio estava fazendo. Logo em seguida ele passou no corredor, com suas pisadas firmes, em direção a sala. Deu para entender que a minha avó Carlota, que devia estar próxima do fogão à lenha, estava recomendando-lhe que mandasse colocar a antena daquele rádio barulhento num lugar mais alto, para evitar essas interferências. Logo em seguida ouvi o som característico do rádio sendo desligado, pondo fim aquele barulho incômodo.

O rangido das dobradiças antigas, no momento em que meu avô abriu a porta da sala, indicava que ele já estava indo para a lida diária na fazenda. Eu sabia, pelo barulho abafado dos seus passos se afastando, que ele estava indo em direção ao curral, para acompanhar de perto o trabalho dos tiradores de leite. Tirar o leite das vacas em lactação era a primeira tarefa do dia na fazenda.

Era preciso começar a ordenha bem cedo, pois a fazenda dos meus avós era a primeira na rota do caminhão de leite. A sua rota começava cedo ali no Aterrado, e terminava por volta do meio dia na região da Mata, que teve uma grande área de terras inundadas pelo lago da hidroelétrica do Peixoto. Os diversos latões de leite de 50 litros que eram produzidos diariamente na

fazenda, e que eram beneficiados no laticínio de Ibiraci, tinham que estar sob o tablado de madeira construído na beira da estrada vicinal, que passava cerca de 200 metros da casa, um pouco antes das seis horas da manhã.

Com o rádio desligado, o silêncio voltou a reinar dentro de casa. Arrumei o travesseiro, coloquei as minhas mãos na nuca, acomodei a minha cabeça nelas, e fiquei olhando absorto para o teto do quarto. Sem nenhuma explicação plausível, vieram à minha mente um turbilhão de pensamentos sobre a minha vida. Apesar de ter sido batizado como Pedro, algumas pessoas da minha família, especialmente o meu avô Luigi Rufino, me chamavam de Pietro. Isso tinha uma explicação, os pais do meu avô eram italianos, oriundos da pequena comuna de Rufina, da região da Toscana, província de Florença. Assim, era comum ele utilizar palavras em italiano quando estava conversando com as pessoas da família.

Eu era um jovem muito bonito, especialmente quando sorria, na avaliação de minha avó. Cada coruja, dizia o meu avô, que trate de “gavar” o seu próprio toco. Esses elogios talvez tivessem alguma relação com fato dela me achar parecido com o meu avô, quando ele era mais jovem. Ela dizia, também, que a grande diferença entre nós, era no tocante ao comportamento, pois enquanto o meu avô era uma pessoa retraída, eu era, exceto nos períodos em que me via envolvido por uma tristeza profunda, bem-humorado e sorria com muita facilidade.

A expressão séria que marcava o rosto de meu avô, para mim, tinha uma razão de ser, os resquícios da cultura colonial. Essa era a postura comum dos senhores de terras daquela época: porte altivo, falar pouco e raramente sorrir. Era uma forma de impor respeito e manter as pessoas à distância. Ainda bem que os tempos estão mudando, pensei, pois teria dificuldades para me ajustar ao figurino de um “senhor de terras”.

Para a minha avó Carlota eu havia chegado a puberdade antes do tempo, e que o meu crescimento exagerado estava ligado a genética da família do meu avô, que tinha vários parentes de estaturas elevadas. O fato de me alimentar bem, e fazer muito exercício físico, ajudando o meu avô nas lidas da fazenda, e gostar de jogar futebol também tinha contribuído para isso.

Quando comparado com os meus primos e colegas de escola da mesma idade, dava para ver que o meu tamanho e porte físico estava bem acima do padrão normal. A única exceção era o meu primo Negrinho, um verdadeiro gigante, filho do tio Antônio Plácido e da tia Orzira, pois além de alto, era muito forte. Comecei a perceber essa diferença de tamanho no primeiro ano do ginásio. Nessa época os meus colegas de turma costumavam ficar atrás da sebe da escola para zombarem de mim. Isso acontecia após o fim das aulas, quando eu estava indo embora a pé para casa. Dentre os diversos apelidos que me colocavam, os que mais me deixavam irritado era “bambu”, “vara pau” e “graveto”. Nas primeiras semanas de aula essas brincadeiras se repetiam diariamente.

Me lembrei de um certo dia que cheguei em casa muito zangado, e disse para a minha avó que, no dia seguinte, iria levar um chicote para a escola, para resolver aquele problema. Ela me abraçou, me passando a mão no rosto, disse-me que eu deveria “dar as costas como resposta” para aquelas “papiatas” dos meus colegas. Ela estava certa. Com o tempo, com a convivência e por não mais ligar para os apelidos, os meus colegas deixaram de lado essas brincadeiras sem graça.

Perdido nos meus pensamentos fui ao banheiro, fiz as minhas necessidades físicas, escovei os dentes, penteei os cabelos e fui para a cozinha tomar café. Ainda nos degraus da escada, que separava a cozinha da sala, pedi a benção dos meus avós, e em seguida, fui dar um abraço e um beijo no rosto de minha avó. Enquanto mergulhava um pedaço de rosca na caneca de café com leite, e falava sobre amenidades com os meus avós, vi que os primeiros raios do sol já estavam penetrando pelas frestas das janelas da cozinha.

Apesar de ser domingo, eu tinha como obrigação cuidar das tarefas diárias designadas pelo meu avô: alimentar os porcos no chiqueiro e cuidar da horta de verduras e legumes. Pretendia acelerar o meu trabalho naquele dia, pois havia combinado que, no final da tarde, jogaria futebol com os moradores da colônia da fazenda. Ao descer as escadas da cozinha em direção ao quintal, fui recebido pela brisa daquela manhã fria de agosto, que soprou suavemente no meu rosto. Percebi que a felicidade era feita de pequenas coisas, incluindo as carícias feitas pela natureza.

Capítulo 3

Mundo encantado

A fazenda Aterrado e suas imediações estavam no centro do meu mundo. E nesse ambiente rural eu gravitava em torno dos meus avós Luigi Rufino e Carlota. O meu avô tinha como principal atividade o comércio de fumo de rolo, mas também cultivava lavouras de café e criava gado leiteiro e de corte, cujas rendas, dizia, ajudavam na manutenção das despesas da fazenda. Com pouco mais de quatrocentos alqueires mineiros, o que equivalia a quase novecentos hectares, a fazenda ficava bem próxima do povoado, na região conhecida como Aterrado do Desemboque, no sul-sudoeste de Minas Gerais.

O meu avô havia comprado aquela fazenda, que se encontrava bastante deteriorada, no início de 1920, quando chegou na região, vindo de Cássia. Ele contou que, no final daquele mesmo ano, se casou com a minha avó Carlota Carrijo. Ela era filha de um conhecido latifundiário e grande plantador de café da região, de origem espanhola, chamado Balduino Carrejo. Ela tinha ficado viúva muito jovem. Do seu primeiro casamento teve três filhos, Antônio Plácido, Divina e Anésia. Depois que se casou com o meu avô ela teve mais quatro filhos, Moisés, Balduino, José Rufino e Albertina.

A minha avó Carlota, por sua vez, me disse que os antepassados do meu bisavô, Balduino Carrejo, eram oriundos da pequena localidade de Carrejo, que fica no município de Cabezón de la Sal, na Cantabria, no norte da Espanha. Os Carrejos se instalaram inicialmente na região de Campo Belo do Oeste de Minas, e dali seus descendentes seguiram em várias direções. Ela sempre brincava comigo, dizendo que eu era mestiço: meio italiano, meio espanhol!

Ela não deixava de demonstrar a enorme admiração que tinha pelo seu pai, em particular, pela sua capacidade empreendedora. Ela dizia que os Carrejo eram de uma linhagem de desbravadores, e por serem inteligentes e determinados, faziam as coisas acontecerem. O seu pai Balduino Carrejo havia vindo

para a região do Aterro do Desemboque em meados do século XIX. Ele contava que os seus primos Felisberto, Luiz e Antônio Alves Carrejo, por sua vez, tinham ido se instalar na região do Triângulo Mineiro, antigo Sertão da Faria Podre, no começo da década de 1830. O seu bisavô Balduino, dizia minha avó, tinha muita consideração e orgulho do primo Felisberto Alves Carrejo, considerado o fundador da cidade de Uberlândia. O sobrenome “Carrejo”, brincava a minha avó, com o tempo e a ajuda dos escrivães dos cartórios de registro civil, virou Carrijo.

A fazenda Aterrado, que no passado tinha sido uma propriedade enorme, foi sendo ao longo do tempo desmembrada. A casa grande, sede do antigo latifúndio, estava nas terras adquiridas pelo meu avô. Eu conhecia cada canto da fazenda, pois desde pequeno gostava de acompanhar o meu avô nas vistorias que ele fazia anualmente, na época seca, para fiscalizar os “aceros” nas cercas, para evitar que o fogo vindo dos confrontantes passasse para dentro da propriedade.

A fazenda tinha quatro grandes divisões: as pastagens ficavam do lado norte, plantações de café nas encostas das colinas do lado leste, áreas de plantações de cana e alimentos na parte mais plana a oeste, e do lado sul ficava uma extensa área de brejo, alimentada pelo grande ribeirão que passava no meio da fazenda.

Na parte mais elevada da propriedade, localizada nos fundos, logo após o ribeirão, ficava a colônia dos trabalhadores. Depois da colônia, começava a reserva florestal da propriedade, conhecida como “mata grande”. Era dali que o meu avô retirava as madeiras para fazer cercas e reparar os currais e os barracões da fazenda. Do lado de cá do ribeirão, bem próximo do curso de água, não muito distante da casa grande da fazenda, ficava o velho engenho de cana-de-açúcar, construído no período colonial, que era movido pela força da água.

Era comum ver garimpeiros batendo as suas bateias ali no ribeirão da fazenda. Desde que pedissem autorização, o meu avô não se incomodava em deixar que eles garimpassem na propriedade. Por curiosidade, num certo dia, quando estava indo tomar banho no poço fundo, onde tinha uma cachoeira, encontrei um velho garimpeiro, de estatura média, magro e barbudo, com um chapéu de palha na cabeça, que estava fazendo prospecção do ouro no reman-

so, alguns metros depois da queda d'água. Perguntei-lhe como eles escolhiam os lugares para garimpar. A primeira providência, disse-me, era estudar ou conversar com quem conhecia a topografia da área, para aprender sobre a região e o terreno por onde correm potenciais córregos de ouro.

Depois do garimpeiro escolher o córrego, explicou-me, era preciso que caminhasse ao longo de sua margem, procurando por piscinas de água embaixo de corredeiras e remoinhos atrás de pedras. Era importante procurar, também, por águas calmas abaixo de corredeiras. É importante você saber que o ouro é levado junto das correntes rápidas e, então, vai para o fundo do córrego quando alcança águas calmas. Outro lugar que deve ser cavado é nas rachaduras em rochas submersas. O ouro cai nas rachaduras à medida que a corrente vai empurrando-o junto a outros materiais do córrego. Procure garimpar o ouro, também, em piscinas de águas tranquilas onde a sujeira foi lavada das encostas para dentro do córrego. Agradei-lhe as explicações sobre como minerar ouro, e aproveitei para desejar sucesso na sua busca.

Nas imediações da casa grande, olhando a partir da porta de entrada, na sua frente ficava o curral maior, com um barracão, onde ficava o tronco para lidar com os animais, que eram feitos de esteios de aroeiras e cercados com tábuas de ipê. No seu canto, próximo da porteira de entrada, havia uma velha e frondosa paineira-rosa, que floria duas vezes por ano, no verão e no outono. A esquerda ficava o paiol para guardar milho, os terreiros de secagem de café, e logo depois, o meu local de trabalho, a horta de verduras e legumes e a pocilga; e a direita, o curral, os troncos, os galpões de guardar os equipamentos dos animais de carga e o depósito de fumo de rolo. No alto da colina, bem acima da estrada, ficava a capelinha, que tinha um cemitério antigo ao lado. Ambos eram sombreados por um velho e frondoso pé de jequitibá-rosa, que o meu avô tinha batizado “árvore-ancião”.

Aquele velho pé jequitibá-rosa, dizia o meu avô, com mais de trinta metros de altura, e que precisava de seis homens para abraçá-lo, já tinha nascido quando os primeiros aventureiros chegaram à região. Seu tronco ereto e cilíndrico era revestido por casca pardacenta e fissurada. Descobri, na medida em que fui me interessando pela beleza daquela árvore, que suas folhas oval-elípticas não são muito grandes, e suas flores são pequenas, cremes, e o fruto

é do tipo pixídio, lenhoso. Essa espécie de árvore floresce durante os meses de dezembro a fevereiro, e os seus frutos, que não são comestíveis, maturam no período de agosto e setembro.

O meu avô tinha mandado construir um banco longo, de prancha de madeira, sob as sombras do velho Jequitibá-rosa. Ali era o seu lugar predileto para refletir, uma espécie de retiro espiritual, onde ia com frequência. Além de ter recomendado ao velho Benedito que mantivesse o local limpo, ele proibiu que a meninada da fazenda defecasse ou urinasse nas suas proximidades. Eu me lembro do dia em que estava jogando futebol com os meninos no campinho de terra batida da colônia, o velho Benedito chegou para dar o recado aos possíveis infratores:

– O patrão não quer ninguém sujando o lugar em volta do velho jequitibá-rosa. Assim, fica avisado, quem for apanhado mijando ou cagando debaixo daquela árvore vai passar a noite amarrado no tronco da senzala, no meio de assombrações! Depois desse aviso-ameaça, os meninos da colônia deixaram de frequentar aquele local, onde costumavam ir passear e aproveitar para aliviar as suas necessidades físicas.

Por algum motivo que desconhecia, o meu avô nunca se preocupou em reformar a capelinha, nem a cuidar do cemitério. Era comum ver animais pastando sobre os túmulos ou se abrigando da chuva dentro da capelinha. Assim, eles foram se deteriorando cada vez mais com o passar do tempo.

A imponente sede da fazenda, construída em meados do século XIX, quando o ciclo do café se expandiu para o norte de São Paulo e alcançou a região do sul-sudoeste de Minas Gerais, podia ser vista de longe. Caiada de branco e coberta com telhas de barro, a sua fachada ficava voltada para o leste. Assim, logo que o sol despontava no horizonte, ela ficava toda iluminada. Erguida numa colina suave, de onde se avistava, pela frente, a estrada que dava acesso à fazenda, e nos fundos, o rego d'água que movimentava o monjolo, e que também abastecia o tanque de lavar roupa e a bancada para lavar louças, a esquerda, o mangueiro dos porcos e o pomar.

A esquerda se podia ver o pomar, onde também ficava o apiário com as colmeias de abelhas jataí e europeia, também conhecida na nossa região como

abelha “oropa”. Logo depois estava o brejal, que se estendia para os lados do povoado do Aterrado, um verdadeiro paraíso para os anfíbios, especialmente os anuros, compostos pelos sapos, rãs e pererecas, e a direita a trilha que saía da porta da cozinha e levava ao engenho de cana-de-açúcar, e um pouco mais adiante, depois do ribeirão, a colônia dos trabalhadores.

A casa grande era retangular, construída no estilo colonial mineiro, alicerces de pedras e grossas paredes de taipa, piso de assoalho de tábuas corridas, tinha vinte e duas janelas, sendo oito na frente, divididas ao meio pela escada de pedras, de doze degraus, que dava acesso à porta principal. A porta principal de madeira grossa, se abria em duas partes. A sua altura e resistência lhe dava um aspecto de segurança. Era fechada por dentro com duas grossas travas de madeira, lembrando os castelos medievais.

O seu pesado telhado, era apoiado nos cantos e no centro da construção, em grandes toras de aroeiras-verdadeiras. Além da sala e da cozinha enorme, e de uma tuiá de alimentos que ficava anexa a cozinha, a casa tinha oito quartos, sendo que um deles o meu avô tinha mandado reformar, transformado num quarto de banho, com pia, banheira de esmalte, chuveiro de água quente, que era aquecida ao passar pela serpentina de cobre instalada debaixo da trempe do fogão a lenha na cozinha. Mesmo depois que a luz chegou a fazenda, em meados da década de 1940, ele não quis instalar chuveiro elétrico, pois dizia que o sistema funcionava independente da energia elétrica, que faltava toda vez que trovejava.

Ele também mandou instalar um vaso sanitário no canto esquerdo do quarto de banho, uma verdadeira novidade naquela época. O costume naquela época era que o morador utilizasse a “casinha”, uma fossa coberta por um tablado de madeira, com um buraco no centro, que ficava do lado de fora da casa, ou visitasse uma moita de bananeira no quintal, quando estivesse apertado. Confesso que quando visitava os parentes do meu avô, e precisava me aliviar, eu preferia visitar uma moita de bananeira, pois o fedor das “casinhas” eram insuportáveis.

O porão-senzala, que ficava embaixo da cozinha, era uma recordação viva de um passado triste da escravidão, que durou mais de três séculos no Brasil.

As correntes gonilha e a gargalheira, o tronco e o vira-mundo, as algemas, machos, cepo e a peia estavam lá para lembrar dessa tragédia, cujas feridas continuavam abertas. A velha senzala agora era utilizada pelo meu avô para guardar lenha e ferramentas agrícolas.

Eu já tinha observado que o ajudante do meu avô, o velho Benedito, cujos pais tinham sido escravos naquela fazenda, toda vez que ia a senzala, para buscar lenha para alimentar o fogão da cozinha e o forno caipira arredondado, usado para assar biscoitos e broas, ou então para guardar alguma ferramenta, ele se benzia várias vezes. Certa ocasião, quando lhe perguntei os motivos de tanta “benzeção”. Ele me disse, com os olhos arregalados, que toda vez que entrava naquela senzala, sentia a presença dos espíritos de seus antepassados, especialmente, aqueles que foram mortos sob tortura. Ele acreditava que essas almas penadas permaneciam perambulando por ali, sem destino. Depois que ouvi esse depoimento do velho Bendito, passei a olhar para aquele lugar de forma mais respeitosa.

A senzala era o meu lugar preferido para contar para os meus primos os “causos” tenebrosos de assombrações e de lugares mal-assombrados que existiam na região, especialmente nas noites de lua cheia, quando eles vinham passar as festas de final do ano na fazenda. Eu me divertia muito, pois esses relatos deixavam a meninada, em particular, os mais novos, bastante aterrizados. Depois que a minha avó descobriu a minha “arte”, ela me proibiu de continuar assustando os meus primos, pois muitos deles estavam tendo pesadelos e urinando nas camas. As reuniões, mesmo com a advertência de minha avó, não terminaram, apenas passaram a ser realizadas em segredo.

A casa grande, uma “quase fortaleza”, mantinha a sua imponência graças aos cuidados que o meu avô tinha com a sua conservação. Ele dizia que, apesar da casa de ter sido feita para durar muito tempo, sem os reparos e a manutenção que fazia regularmente, ela já teria começado a desmoronar. A grande quantidade de casas antigas que estavam em ruínas na nossa região confirmava que ele tinha razão.

O entorno desse mundo encantado também era espetacular, pois a região onde eu nasci é uma das mais belas do Brasil. Sua paisagem deslumbrante, cortada pelo Rio Grande, é protegida por um enorme maciço de montanhas

escarpadas, que é percebida como uma continuidade da Serra da Mantiqueira. É a área que foi batizada pelos aventureiros, desbravadores, garimpeiros e quilombolas, ainda no início do período colonial como “Desemboque”, localizada no sul-sudoeste de Minas Gerais, na região Sudeste do Brasil.

Tinha aprendido nas aulas de geografia que o relevo da região do Desemboque apresenta características topográficas, morfológicas e pedológicas distintas, mas sujeitas as mesmas condicionantes climáticas. Possui os compartimentos das chapadas, das depressões intermontanas; dos morros alongados elevados; dos morros alongados e colinas com vertentes convexas e das colinas amplas, com ondulações suaves. Nessa região, encravada entre os municípios de Delfinópolis, São Roque de Minas e Sacramento, também estão localizados os chapadões das serras da Canastra, Zagaia e Babilônia, que guarda em suas entranhas a nascente do Rio São Francisco.

O povoado do Aterrado, que fica no município de Ibiraci, e que surgiu como um local de pouso de viajantes e tropeiros, se encontra no epicentro dessa bela região. A pequena vila tem como limites, ao norte, a cidade de Sacramento; a nordeste, Delfinópolis; sudeste, Cássia, ao sul, Capetinga e Patrocínio Paulista; a sudoeste, Franca; a oeste, Claraval; e a noroeste, Pedregulho.

Esse nome “Desemboque”, contava o meu avô Luigi Rufino, tem sua origem num passado muito distante, quando os primeiros aventureiros chegaram a região, e se depararam, deslumbrados, com um cenário espetacular e assustador, criado pela natureza. Assistiam, admirados, um eterno embate entre um rio caudaloso e um extenso cânion de rochedos que o afunilava. A forte correnteza daquele que foi batizado de Rio Grande, passava espremida num longo e estreito desfiladeiro de pedras, conhecido como “Garganta do Diabo”. A força e a velocidade da correnteza nesse trajeto, produzia um barulho ensurdecedor, que se ouvia a muitas léguas de distância, para desaguar depois num leito mais largo e seguir em frente. Assim, o Desemboque passou a ser um ponto de referência para todos aqueles que se aventuravam naquela inóspita região.

– A Serra da Mantiqueira, dizia D. Anita, nas aulas de geografia, não passa do apelido do bordo mais elevado do Grande Planalto Brasileiro. Nesses maciços montanhosos, especialmente nas partes mais elevadas, temos um clima

de quatro estações, com dias de paisagem branca, entre junho e agosto. As estações do ano ocorrem devido à inclinação da terra em relação ao sol.

– Assim, ressaltava a minha professora, as estações são ocasionadas pelo eixo de rotação da Terra, junto ao movimento da mesma em torno do sol, que dura um ano e recebe o nome de translação. As estações do ano, por sua vez, estão baseadas em padrões climáticos.

Havia aprendido, também, que a primavera vai de 22 de setembro a 21 de dezembro, e que a sua principal característica é o reflorescimento da flora e da fauna terrestres. O verão vai de 21 de dezembro a 20 de março, e nesse período as temperaturas permanecem elevadas e os dias são mais longos. O outono começa no dia 20 de março e vai até 20 de junho. Nessa estação os dias ficam mais curtos e mais frescos. As folhas e frutas já estão maduras e começam a cair. O inverno, que vai de 20 de junho a 22 de setembro, tem como principal característica a queda da temperatura. Esse fenômeno é bem conhecido aqui no sul-sudoeste de Minas Gerais, especialmente nas altitudes da Serra da Mantiqueira.

Contatava durante as frequentes viagens que fazia nas comitivas do meu avô Luigi Rufino, que nas altitudes mais elevadas, que passa de 1200 metros acima do mar, as temperaturas são bastante amenas durante todo o ano. No inverno elas baixam de forma bastante acentuada. Na parte baixa da região, com altitude média de 750 metros as temperaturas eram mais elevadas, onde estavam localizados o Aterrado, onde ficava a fazenda do meu avô, a Mata, Garrafão, Ponte dos Peixoto e Piçarra.

As pessoas que dependiam do regime de chuvas sabiam que a precipitação anual da região do Aterrado do Desemboque é bem regular, onde o índice pluviométrico médio passava de 1.700 milímetros. O índice pluviométrico, aprendi com D. Anita, refere-se à quantidade de chuva por metro quadrado em determinado local e em determinado período. Eu sabia na prática, pelas rachaduras nos lábios, que agosto era o mês mais seco, e que janeiro era o mais chuvoso, o que me obrigava a usar capa, para ir cuidar da horta e alimentar os porcos no chiqueiro, quase todos os dias. Me veio na mente o alerta de D. Anita, dizendo: “...mas lembrem-se, que o microclima na região onde vivemos não é uniforme”.

Além dos seus encantos, uma dádiva da natureza, a região do Aterrado do Desemboque também tem um passado nebuloso, pouco conhecido da grande maioria dos brasileiros. Até as primeiras décadas do século XX, esse era um local de difícil acesso, cercada por montanhas elevadas. Essa região, no entanto, conforme alertava o meu avô Luigi Rufino, viveu desde o início do período Colonial português, sob o signo da violência, onde somente os mais fortes conseguiam sobreviver.

Capítulo 4

Carta desbotada

Descobri ainda pequeno que algumas pessoas que viviam no nosso povoado e no seu entorno possuíam uma característica bastante incômoda: “fustricar” sobre a vida alheia. Na medida em que fui crescendo, comecei a fazer a distinção entre pessoas que queriam conversar comigo de forma natural, sobre os motivos me levaram a ir morar com os meus avós, e aquelas que tinham interesse em saber de detalhes ou de sentimentos que eram apenas meus. Para as primeiras, eu respondia, em tom de brincadeira, que não tinha escolhido morar com eles, mas sobrado para eles, depois que fiquei órfão de pai, e logo em seguida, de mãe. Para os que ficavam me especulando sobre detalhes mais íntimos, especialmente sobre o desaparecimento de minha mãe, eu fazia cara feia, e pedia que perguntassem para a minha avó Carlota. Eu sentia muita dificuldade de tratar daquele assunto.

Mas, nem sempre isso era possível. Esse era o caso da D. Filó, a esposa do farmacêutico do povoado, e de suas duas filhas beatas, Naná e Nené, que sabiam da vida de todos os moradores da redondeza. Assim, quando a D. Filó, que fazia visitas frequentes para a minha avó Carlota, se aproximava de mim, com seu rosto avermelhado e redondo, com sua voz de taquara, fina e irritante, para me indagar se eu sentia muita falta do meu pai e de minha mãe, eu já tinha uma resposta padrão, para poder encerrar logo o assunto.

Ficava em posição de sentido, falando alto, como se estivesse recitando, dizia que o meu pai se chamava Moisés Rufino, tinha nascido no Aterrado, em 1923, e era o filho mais velho dos meus avós Luigi Rufino e Carlota Carrijo. Não tenha nenhuma lembrança dele, pois quando ele foi convocado para servir na 4ª Região Militar, primeiro no 12º Regimento de Infantaria de Belo Horizonte, e depois foi transferido para o 10º Regimento de Infantaria de Juiz de Fora, no começo de 1944, eu tinha menos de um ano de idade. E sobre a

minha mãe não falava, pois ela era um assunto só meu. Com a ajuda das fofocas da D. Filó, todos na região sabiam que o neto órfão do Luigi Rufino e da Carlota era uma criança mal-educada e arredia.

No seio da família, no entanto, por me sentir num ambiente acolhedor, o meu comportamento era diferente. Eu gostava muito de ouvir os relatos de minha avó Carlota sobre a história dos meus pais. Ela tinha uma excelente memória. Sobre a minha mãe ela sempre procurava exaltar a sua meiguice, sua beleza e, em especial, o quanto ela me amava. Em relação ao meu pai Moisés Rufino, no começo contava apenas que ele foi um herói, e que era motivo de orgulho para todos nós da família. Morreu em combate em Monte Castelo, na Itália, no final da II Grande Guerra Mundial, ajudando os Aliados a libertar a Europa do jugo nazista.

Com passar do tempo, especialmente depois que completei 10 anos, ela começou a me explicar, de forma mais detalhada, os motivos da convocação do meu pai, e o que de fato, tinha acontecido com ele depois que partiu para a guerra. Foi assim que fiquei sabendo que o Brasil entrou na II Guerra Mundial após a decisão do presidente Getúlio Vargas, pressionado pelo governo norte-americano, a criar e enviar a Força Expedicionária Brasileira, a FEB, para lutar contra os nazistas na Europa.

– Essa decisão do Brasil participar da guerra, dizia minha avó Carlota, ocorreu num encontro realizado em fevereiro de 1943, entre o presidente do Brasil, Getúlio Vargas e o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, em Natal, no Rio Grande do Norte, após a assinatura dos termos da cooperação militar entre Brasil e Estados Unidos, que se comprometeu a promover o reaparelhamento das Forças Armadas brasileiras.

Ela me contou que o meu pai havia partido do Rio de Janeiro, no dia 2 de julho de 1944, junto com um contingente de mais de 5 mil soldados, sob o comando do general Zenóbio da Costa, a bordo de um navio de transporte de tropas da marinha dos Estados Unidos. Juntos com eles também embarcou o comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes e parte do seu estado-maior. Os seus olhos brilhavam, e ficavam marejados de lágrimas, quando me mostravam as cartas e as fotos do seu filho.

Só comecei a fixar a imagem do meu pai na minha mente depois que vi uma foto que ele havia tirado no porto de Nápoles, quando desembarcou no dia 16 de julho de 1944. Ao fundo dava para ver a grandiosidade do navio da marinha norte-americana que levou as tropas da FEB para a Europa. Com quase 200 metros de comprimento, e tinha sido batizado de USS General W. A. Mann. Dava para ver também a sua identificação: AP 112.

A partir desse fato, pedi a minha avó que me deixasse ler as cartas que ele tinha escrito para a minha mãe Laura. Foi por meio dos relatos do meu pai que comecei a entrar em contato de forma mais profunda com a história da participação do Brasil na II Guerra Mundial. E quanto mais eu lia sobre o assunto mais aumentava a minha admiração por ele, e por todos os seus companheiros da Força Expedicionária Brasileira.

Na primeira carta que escreveu da Itália, disse que foram informados, logo após o desembarque, que o seu regimento havia sido anexado ao 4º Corpo do Exército dos Estados Unidos, sob o comando do general **Willis D. Crittenger**. **Disse que não tinha nenhuma noção do que aquilo significava. Contou que as tropas brasileiras, por volta das 15:00 horas daquele mesmo dia, saíram do porto, marchando em direção a estação de trem que ficava nas imediações da cidade de Nápoles. Eles ficaram sabendo que dali pegariam um trem que os levaria até o acampamento militar norte-americano, onde ficariam acomodados por alguns dias.**

Algumas centenas de metros depois que começaram a marchar em direção a estação de trem, começou a ver de perto os efeitos da tragédia provocada pela guerra, especialmente sobre a população civil. O conflito havia transformado a cidade num lugar muito feio e triste. As condições da população civil local eram deploráveis. Como em todas as guerras, viu que a destruição, a miséria e a fome andavam de mãos. A marcha durou cerca de uma hora, relatou na carta. Disse que num primeiro momento os italianos pensarem que eles eram prisioneiros alemães, pela cor verde-oliva do uniforme, e a aparência cansada dos soldados brasileiros.

Nesse percurso contou que teve a oportunidade de conversar com alguns habitantes da cidade, homens e mulheres, velhos e jovens, que faziam sempre o mesmo pedido: comida. O meu pai disse que olhando nos seus rostos

famintos sentiu muita pena das dificuldades eles estavam passando. Depois que todos embarcaram, o trem partiu soltando fumaça, chacoalhando, com rangidos fortes, produzidos pelo atrito das rodas com os trilhos de aço. Ele disse que teve que tampar os ouvidos com as mãos, pois o barulho era muito desagradável.

Chegaram ao quartel ao anoitecer. Percebeu que o quartel já estava ocupado por soldados norte-americanos. Observou que as edificações onde estavam tinham sido construídas na cratera de um vulcão, que segundo leu numa placa retorcida que estava perto da cancela da entrada do acampamento, se chamava Astronia. O local era próximo do subúrbio napolitano de Bagnoli. Apesar de estar muito cansado, o meu pai disse na carta que não pôde deixar de observar a beleza do local onde ficariam acampados. A região era bastante arborizada e cercado por montes elevados. Escreveu que ficaram acampados ali apenas dez dias, mas que jamais iria se esquecer da beleza do primeiro acampamento da FEB na Itália.

De Nápoles foram enviados por navio para Livorno. Subiram pela costa da Itália, pelo mar Tirreno, passaram ao largo de Roma, para finalmente desembarcaram em Livorno. Disse que já estavam avançando para dentro do território italiano. Os oficiais já estavam falando que, naquele ritmo, em alguns meses, já enfrentariam os exércitos alemães na frente da Linha Gótica nas imediações dos Apeninos Tosco-Emilianos, nas montanhas entre o Estado da Toscana e da Emilia-Romagna. Olhando no mapa, disse na carta, dava para ver que aquela frente estava perto da região de Florença, e da vila de Rufina, área produtora de vinhos nobres, local onde nasceram os seus avós Lina e Rufino. Terminou a carta pedindo para a minha mãe e os meus avós não ficarem preocupados, pois por enquanto, tudo estava indo muito bem.

Na carta seguinte, escrita cerca de um mês depois, ele disse que continuavam a marcha para o interior da Itália. Relatou que o seu regimento agora estava atuando junto com o 371º regimento afro-americano e outras unidades americanas menores, principalmente as de apoio da 1ª divisão blindada, formando a *Task Force 45*.

O seu pai, dizia minha avó, era uma pessoa de boa índole, inteligente, determinado, amoroso, e tinha uma enorme preocupação com a família.

Nesse aspecto ele era muito parecido com o seu avô Luigi, a família sempre vem em primeiro lugar. Sempre procurou evitar de mandar notícias ruins nas suas cartas. Só começou a relatar as dificuldades, obstáculos e sofrimentos que ele e os seus companheiros de regimento estavam enfrentando na Guerra quando tiveram que enfrentar o frio e a neve nos cumes das montanhas dos Apeninos.

– O meu instinto de mãe, no entanto, me dizia que ele estava escondendo alguma coisa, para evitar que ficássemos preocupados. Lembro-me que numa dessas conversas lhe perguntei como ela tinha percebido isso, e ela me respondeu:

– Foi depois que eu li com mais atenção a parte da carta onde ele dizia que as coisas tinham melhorado muito, especialmente depois que os combatentes da FEB tinham sido equipados com roupas e armas pelo V Exército americano, e passaram a receber a mesma alimentação dada aos soldados norte-americanos.

– Na carta o seu pai informava que a alimentação fornecida pelo exército americano – café da manhã, almoço e jantar –, tinha mudado o humor das tropas brasileiras. Lembro-me que ele disse, em tom de brincadeira, que os soldados brasileiros agora estavam sendo alimentados como padres. O cardápio diário com três refeições era farto, com frangos, costeletas de porco, geleias, doces de pêssegos e peras da Califórnia, abacaxis do Havaí, e nas saladas de frutas, as ameixas, passas, além de sucos e chocolates.

A única restrição que ele fazia, disse a minha avó, era com o “*pork lunch*”, enlatado a base de carne de porco, que era servido todos os dias. Ele relatou que os soldados não aguentavam mais sentir o cheiro do tal “*pork lunch*”. Disse também que, quando estavam em combate, recebiam uma ração diferenciada, composta por 6 latas pequenas, três contendo alimentos à base de carne, em mistura com cereais, e três com artigos variados: biscoitos, café ou limonada solúvel, chocolate, cigarros, fósforos e um tablete de Halazone, que juntas correspondia a cerca de 3.800 calorias. Nessas ocasiões, ressaltou, diante do fogo inimigo, só era possível comer quando havia uma trégua, e assim mesmo, somente depois que o comandante autorizava.

– Ora, se o meu filho Moisés disse que a vida deles no front havia melhorado muito, era porque as coisas antes estavam muito difíceis, observou.

Na última carta que escreveu para a minha mãe Laura da Itália, datada de 23 de janeiro de 1945, o meu pai disse que a FEB, a partir de novembro de 1944, já estava atuando como uma Divisão completa. Pelo seu bom desempenho na primeira etapa, a tropa brasileira foi deslocada para o leste da ala do V Exército americano, com a missão de expulsar dos Apeninos setentrionais as tropas alemãs. Isso era necessário, pois dessas posições os alemães, usando o fogo de artilharia, estavam impedindo o avanço dos aliados no setor principal da frente italiana, que estava sob responsabilidade do VIII Exército britânico, posicionado entre o centro da Itália e o mar Adriático.

No envelope da carta ele enviou também uma foto preto e branco, do tamanho de um postal, na qual ele aparecia sorridente, de capacete de aço M-1, vestindo uma jaqueta amarronzada, conhecida como *tanker jacket*, ambos equipamentos fornecidos pelo exército americano aos soldados brasileiros. Na manga direita da jaqueta dava para ver duas divisas, indicando que ele havia sido promovido a cabo. Na mesma foto, sentado no banco ao seu lado, estava o seu amigo de infância, o soldado Luiz Ferrari, que ele chamava de “compadre”, por ele ser o seu padrinho de batismo, Pedro. No banco de trás estava o soldado Jonas Pereira, que era primo de sua mãe, filho de Antônio Alves Pereira e Carmelita. Os três haviam sido convocados na mesma ocasião, pois eram da classe de 1923.

O meu pai estava sentado ao volante de um Jeep verde, novo em folha, com a pintura reluzindo. Dava para ver que se tratava de uma viatura fornecida pelo exército norte-americano à FEB. Logo abaixo do para-brisa ele tinha pintado a palavra “Aterrado do Desemboque”. No capô dava para ver o número 27071951-S, e no para-choque “FEB – 313 ER”. As letras “ER”, disse na carta, era a identificação de sua unidade: “Esquadrão de Reconhecimento”. Na manga esquerda de sua jaqueta se destacava o escudo da FEB, desenhada sobre um fundo amarelo, uma cobra verde fumando um cachimbo. Aquele distintivo, conforme havia informado numa carta anterior, era uma resposta bem-humorada àqueles que cinicamente diziam que seria “mais fácil ensinar

uma cobra a fumar” do que o Brasil conseguir mandar uma força expedicionária para lutar na guerra.

A foto havia sido tirada numa praça de uma cidade antiga italiana, com construções, muros e calçamentos feitos de pedras. Ao fundo aparecia uma igreja imponente, enegrecida pelo tempo, com um enorme campanário no alto da torre. No verso da foto, escrita com caneta tinteiro azul, estava registrado que a foto havia sido tirada no dia do seu 21º aniversário, 29 de dezembro de 1944.

Naquela última carta, que foi se desbotando com o tempo, pois a minha mãe a lia todos os dias, ele dizia que as tropas brasileiras estavam sofrendo com os efeitos do clima, na medida em que avançavam para dentro do território italiano. Relatou que o inverno e a neve naquele ano tinham chegado para valer, junto com ele o vento constante, que tornava o clima na região dos Montes Apeninos quase insuportável. A única coisa que não o incomodava era caminhar naquele relevo montanhoso, pois era muito parecido com o da nossa região.

Contou que nos últimos dias a movimentação de tropas e armas havia se intensificado no quartel onde estavam instalados. Já estava circulando entre os soldados da FEB a informação de que, em breve, a “cobra ia fumar”. Isso significava que o seu regimento de infantaria logo estaria na linha de frente, no esforço para desalojar os alemães de um lugar chamado Monte Castelo. Terminava a carta dizendo que amava muito a mãe, e mandava a benção para mim. Numa anotação feita no pé da folha para os meus avós, como se fosse uma premonição, pedia que, caso ele não voltasse da Guerra, eles cuidassem de minha mãe e de mim.

Capítulo 5

Depois que a minha mãe foi embora

Numa manhã fria do início do mês de junho de 1945, cerca de cinco meses depois da última carta enviada pelo meu pai, minha avó Carlota me contou que chegou na fazenda um Jeep militar verde com capota de lona, sujo de lama, do qual desceu um jovem tenente do exército. Assim que saiu da viatura, procurou ajustar a calça na cintura, e procurando evitar pisar no barro do curral com o seu coturno preto reluzente, caminhou em direção à porta da casa. Levava um envelope pardo grande na mão direita, com o timbre do Ministério da Guerra, endereçado à senhora Laura Alves. A minha mãe, que estava na cozinha ajudando a minha avó a fazer o almoço, ao ser informada pelo meu avô da presença do visitante, retirou o avental, e apressou o passo em direção a sala.

O meu avô já havia convidado o jovem oficial a entrar. Quando ela chegou à sala o tenente já estava sentado no banco grande de madeira que ficava à esquerda da entrada da sala, encostado na parede. Ao vê-la se aproximar, ele ficou de pé, perfilando-se. Segundo contava a minha avó, que vinha logo atrás dela, quando a minha mãe chegou à sala, deu uma parada brusca, e ficou olhando fixamente para o rosto do visitante, como se estivesse pressentindo que ele era portador de notícias ruins sobre o seu marido.

Ao perceber que ela havia ficado estática, o oficial se aproximou dela, esticou a mão para entregar-lhe o envelope. Quando ela pegou o envelope, num gesto quase mecânico, ele disse:

– Lamento muito, senhora Laura Alves, mas tenho o doloroso dever de comunicar-lhe, em nome do Exército brasileiro, que o seu marido faleceu em combate no teatro de operações, na Itália.

Fez-se um longo silêncio no ambiente. A minha avó contou que naquele momento teve que amparar a minha mãe, que ficou lívida, para evitar que

ela caísse. O jovem oficial, com um semblante sério, e demonstrando estar se sentindo desconfortável, voltou a manifestar a todos presentes os seus sentimentos. Em seguida bateu novamente os calcanhares de sua bota com força no piso de tábuas corridas, se despediu do meu avô com um forte aperto de mãos, e se retirou da sala, pisando firme. Pouco tempo depois, o barulho do motor do Jeep foi ficando abafado, se distanciando, em direção a Ibiraci.

A minha mãe Laura, depois de ficar um longo tempo com o envelope na mão, como se recusasse a acreditar na notícia que havia recebido, entregou-o para minha avó Carlota abrir. A minha avó me disse que ainda se lembrava do aperto que sentiu no peito quando abriu o envelope entregue pelo jovem oficial. O ofício, com o brasão do Ministério da Guerra, carimbado e assinado por um oficial de alta patente do Departamento Geral de Pessoal, comunicava, de forma sucinta, que o Cabo da Força Expedicionária Brasileira, Moisés Rufino, do 10º Regimento de Infantaria (Juiz de Fora) da 4ª Região Militar, havia falecido no teatro de operações da Itália, no dia 19 de fevereiro de 1945, e que seu corpo havia sido sepultado no cemitério de Pistoia, naquele país¹.

O segundo parágrafo do expediente declarava que Laura Alves Rufino fazia jus, a partir de 19 de fevereiro de 1945, ao recebimento de uma pensão especial vitalícia, equivalente aos proventos de segundo-sargento das Forças Armadas. Informava, por fim, que os dependentes do ex-combatente, para fins de recebimento da pensão especial eram a viúva; filhos solteiros, menores de 21 anos ou inválidos. Em anexo encaminhava o diploma com timbre do Ministério da Guerra, e a medalha de campanha do cabo Moisés Rufino, pelo relevante serviço prestado ao país no teatro de operações da Itália.

Somente depois que fiquei mais velho foi que a minha avó me contou que após o recebimento da notícia da morte do meu pai a minha mãe Laura nunca mais voltou a ser a mesma. Passava horas absorta, sentada num banco de madeira debaixo de uma mangueira frondosa, que ficava um pouco abaixo do

1 N.A. Os restos mortais dos soldados da FEB sepultados no cemitério de Pistoia, na Itália, foram transferidos para o Monumento Nacional aos Mortos na II Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, em 1960. O Monumento foi inaugurado pelo Presidente da República Juscelino Kubitschek, no dia 05 de agosto de 1960.

monjolo, fingindo que estava fazendo crochê. Naquele lugar, dizia a minha avó, era onde ela e o meu pai conversavam desde quando eram namorados. Foi ali que os dois se abraçaram pela última vez, no dia que meu pai partiu, no começo de 1944, para se incorporar ao 12º Regimento de Infantaria em Belo Horizonte, sendo posteriormente transferido para o 10º Regimento de Infantaria de Juiz de Fora.

Em meados de novembro de 1948, num fim de tarde nublado de novembro, a minha mãe deixou um bilhete de despedida na penteadeira de minha avó, no qual dizia: *“D. Carlota: não tenho mais forças para lutar contra a dor que sinto na alma pela perda do meu marido Moisés. Cuide de Pedro para mim, e diga-lhe que a sua mãe o amava muito. Espero que Deus me perdoe pelo que vou fazer. Reze por minha alma. Laura Alves Rufino”*. Depois foi até o barracão do curral, pegou um laço de couro, passou em frente a colônia dos trabalhadores, entrou na mata grande nos fundos da fazenda e nunca mais foi vista.

Até os meus sete anos a minha avó relutou em me contar o que realmente havia acontecido com a minha mãe. Assim, todos os dias, antes de dormir, depois que ela lia uma história da literatura infantil, repleta de aventuras e com um final feliz, eu lhe perguntava para onde a minha mãe tinha ido. Nessas ocasiões ela me engabelava, mesmo sentido um aperto na garganta e com lágrimas nos olhos, dizendo que minha mãe tinha viajado para se encontrar com o meu pai.

Como toda criança naquela idade, eu ficava imaginando os dois juntos, passeando de mãos dadas por um imenso campo verde, que se estendia até o horizonte, iluminado pelos raios do sol da tarde. Mesmo com o passar do tempo, nunca consegui apagar da minha memória o sorriso meigo de minha mãe, quando lia histórias infantis, e me abraçava e beijava antes de dormir. Por diversas vezes, embora nunca tenha falado sobre isso com a minha avó, eu rezava pedindo a Deus que também me levasse para o céu, para que eu pudesse me reencontrar com os meus pais.

Me recordo que ao completar dez anos, além da minha obrigação de ir para a escola na parte da manhã, de segunda-feira a sexta-feira, e de ajudá-lo na organização dos rolos de fumo no depósito, o meu avô Luigi meu deu mais duas obrigações diárias: cuidar do cultivo da horta de verduras e legumes e

alimentar os porcos confinados no chiqueiro, de segunda-feira a domingo. Apesar de sentir os efeitos do trabalho nos primeiros dias, não reclamei. Cerca de um mês depois, já acostumado com as tarefas, não sentia mais cansaço, nem dor no corpo. Descobri, com o tempo, que aquelas atividades me faziam muito bem, pois evitavam que eu ficasse pensando em coisas ruins.

Eu me lembrava que nas noites em que eu tinha pesadelos, e gritava chamando a minha mãe, a minha avó corria até o meu quarto, me abraçava e ficava me dizendo baixinho no meu ouvido que tudo estava bem. Eu agora tinha consciência de que a sua atenção e carinho foram essenciais para eu superar as perdas de meus pais, em especial, de minha mãe, e afastar de minha mente o desejo de ir ao encontro deles.

Essas manifestações de amor vinham em diversas formas, abraços, beijos, sorrisos, palavras doces e gestos meigos e acolhedores. Recordo-me, em particular, das carícias que recebia de minha avó, ainda pequeno, quando me colocava no colo e me embalava, antes de dormir. O meu avô, por sua vez, me levava todos os dias para passear na garupa de sua égua pipoca, e nos finais de tarde, depois do jantar, ficava me balançando nas suas pernas.

Esses carinhos ficaram gravados na minha mente como mensagens de amor, de aceitação e reconhecimento. Era uma forma intensa de dizerem que me amavam, sem precisar dizer uma única palavra. A recíproca desse amor também era verdadeira. Era indescritível ver a expressão a felicidade de minha avó quando, ao lhe pedir a benção, lhe dava um forte abraço e beijava o seu rosto, todas as manhãs, antes de tomar o café.

Foi nesse ambiente acolhedor, apesar dos meus infortúnios familiares, que comecei a descobrir o mundo. A minha vida, observado por alguém de fora, era como se fosse uma cantiga de grilo: ia para a escola de segunda-feira a sexta-feira, cuidava da horta e alimentava os porcos todos os dias da semana. Isso não era verdade. Essa rotina era quebrada pelas viagens que eu fazia, por lugares fantásticos, ao mergulhar de cabeça nos romances que lia diariamente. Em diversas ocasiões, em especial, nas férias, eu também acompanhava o meu avô nas suas comitivas para entregar as encomendas de fumo de rolo para os comerciantes da região.

A leitura veio preencher um vazio e uma enorme tristeza que eu sentia na alma. Me lembro que, após completar 10 anos, comecei a ler, de forma quase compulsiva, tudo o que passava na minha frente, desde livros de história até romances. Foi dessa forma que descobri que existia um vasto mundo além das montanhas que cercavam a nossa região. Às vezes ficava pensando, se esse meu desejo de ler e de buscar conhecimento tinha alguma relação com o fato de ser uma pessoa arredia, notadamente, nos períodos em que a tristeza e o vazio na alma tomavam conta de mim.

Essa curiosidade sem fim, mesmo sem orientação, me levou a viajar mentalmente para lugares que jamais poderia imaginar que existissem. Depois que iniciei o curso ginásial, com a ajuda da minha professora D. Anita, comecei a fazer incursões por outras áreas do conhecimento humano, como economia, política, direito, filosofia e literatura. Estimulada por ela, comecei a ler os clássicos da filosofia, história, ciências políticas e sociologia, como **Política e A Ética, de Aristóteles; A República, de Platão; Leviatã, de Thomas Hobbes; O Príncipe, de Maquiavel; Da Democracia na América, de Alexis de Tocqueville; O Manifesto Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels; O Estrangeiro, de Albert Camus.**

Descobri que o Brasil não era apenas um país gigante, repleto de riquezas e belezas naturais, mas que tinha uma grande parte da população pobre e analfabeta, com enormes desigualdades econômica e social, e que vinha sendo governado por dirigentes e políticos, que em sua maioria, não tinham nenhum interesse em mudar essa realidade. Eles sabiam que um indivíduo sem educação é mais fácil de manipular. Descobri, assim, que sem educar o povo o Brasil continuaria sendo um país subdesenvolvido.

Aprendi com o “pai” do liberalismo clássico, o filósofo inglês John Locke (que viveu de 1632 e 1704), na sua obra de “Filosofia Política”, de que os direitos inalienáveis do homem à vida, à liberdade e à propriedade constituem o cerne da sociedade civil, e a necessidade de se estabelecer uma rigorosa separação entre os poderes laico e espiritual que resultem numa ampla tolerância religiosa e ideológica.

Dos pensamentos e frases de Locke, eu tinha preferência por uma: “A leitura fornece conhecimento à mente. O pensamento incorpora o que lemos”.

A mente de uma pessoa ao nascer, afirmava, era uma *tabula rasa*, ou seja, uma espécie de folha em branco. As experiências que esta pessoa vai acumulando ao longo da vida é que vão formando seus conhecimentos e personalidade. Por também entender que todos os seres humanos nascem bons, iguais e independentes, sustentava que a sociedade é responsável pela formação do indivíduo.

Passei a compreender o significado de “guerra fria”, e a discernir as motivações ideológicas contidas nos discursos dos líderes mundiais envolvidos nesse conflito. Procurei entender como funcionava a democracia e a economia capitalista adotada pelos Estados Unidos; e o autoritarismo e o papel do Estado onipresente no regime comunista, adotado pela União Soviética e por seus países satélites. Me convenci de que a democracia, com todas as suas deficiências, ainda é o melhor regime que existe, por ser um conjunto de princípios e práticas que protegem a liberdade humana. Aprendi que, na sua essência, a democracia é a institucionalização da liberdade.

Compreendi que o comunismo moderno se exprime num primeiro momento como uma doutrina através do marxismo, depois no marxismo-leninismo e, em parte, também no maoísmo marxista. Entendi que, em última instância, era uma doutrina destinada à igualdade compulsiva da maioria. Comecei a perceber, também, que os movimentos revolucionários em curso na América Latina, financiados pelos soviéticos, não acabariam bem para os seus habitantes.

Comecei a perceber que a recente a revolução cubana, conduzida por líderes autoritários e cruéis, como Fidel Castro e Che Guevara, não seria benéfica para o povo cubano. Estavam fazendo uma revolução violenta, em nome da liberdade, mas que no fim, por ser autoritária e personalista, terminaria fazendo de Cuba um campo de concentração para o seu próprio povo. Esperava que estivesse errado nas minhas análises, mas confesso que não nutria nenhuma simpatia pelo modelo comunista adotado pela União Soviética, que estava sendo adotado pelo novo ditador cubano, que tinha como base a opressão. Para mim, nenhuma ditadura, de esquerda e direita, era aceitável, pois entendia que a liberdade era o maior bem que um ser humano tinha na vida.

Depois que completei 16 anos comecei a dedicar uma grande parte do meu tempo para fazer uma viagem para o interior da minha mente. Comecei a refletir sobre o sentido da vida, e o que realmente era importante para mim. Descobri que a forte ligação que eu tinha com a natureza selvagem que me cercava me ajudava a sentir, na maioria das vezes, vindos de detalhes aparentemente insignificantes, essa sensação agradável de felicidade. A brisa suave batendo no meu rosto num dia quente, o canto de um pássaro, o cheiro de uma rosa do campo, o sabor de uma fruta do cerrado, faziam parte dessas sensações gratificantes que a natureza dá aos homens, sem nada cobrar.

Conclui que as adversidades e as tragédias que uniram a minha vida com as dos meus avós, especialmente após as mortes prematuras dos meus pais, foi sendo sedimentada com o passar do tempo, fortalecendo a nossa amizade e aumentando a nossa cumplicidade. A forma carinhosa e meiga de minha avó Carlota me tratar, desde pequeno, no qual o seu sentimento materno aflorou com intensidade, disposta a proteger o órfão do seu filho Moisés, consolidou essa ligação de afeição.

Nos últimos meses, talvez porque a maturidade estivesse chegando, sentia que precisava começar a lidar melhor com aqueles pensamentos ruins que tomavam conta de minha mente quando ficava triste. Mas sentia que isso ainda era uma coisa muito difícil, por isso procurava evitar de ficar me lembrando de minha mãe. Por mais que tentasse, não conseguia superar a dor e a tristeza de sua perda. Esperava que um dia, pudesse encontrar uma forma de resolver aqueles angustiantes sentimentos que me atormentavam naqueles momentos difíceis.

O som das batidas fortes na porta do meu quarto, e a voz doce de minha avó Carlota, me chamando para tomar o café, como se estivesse zangada, me perguntando se havia perdido a hora, me trouxeram de volta à realidade. Dei um pulo da cama, e enquanto esticava os braços para pegar a minha calça que ficava dobrada na cadeira ao lado da cama, respondi-lhe que já estava me levantando, e que, em alguns minutos, iria para a cozinha tomar o café da manhã.

Enquanto colocava dentifrício na minha escova de dentes, fiquei olhando para a minha imagem refletida no espelho do banheiro. Dava para perceber que a expressão do meu rosto e o brilho estampado nos olhos revelava a ima-

gem de uma pessoa que estava feliz naquele momento. Sorrindo, me preparei para chegar na cozinha com um ar de cansado, e dizer para minha avó que não tinha pregado os olhos naquela noite. Gostava de dar sustos e pregar pequenas peças na minha avó, no dia a dia. Me divertia muito em contar e ouvir piadas, e fazer brincadeiras com os meus primos e colegas de escola. A minha brincadeira predileta era colocar “mutuca” naqueles que dormiam na sala de aula, durante os intervalos.

Sentia, exceto durante as minhas fases depressivas, que o fato de ser uma pessoa bem-humorada tornava a minha vida mais leve. A única pessoa da minha família com quem eu não tinha coragem de brincar era com meu avô Luigi, que estava sempre sério e compenetrado, alisando as pontas do seu bigode e com o seu cachimbo nas mãos.

Comecei a rir, quando me lembrei da bronca que havia levado de minha avó Carlota, há três anos, quando ela me pegou sentado na cadeira da mesa do escritório do meu avô, fumando no seu cachimbo. Me deu um forte puxão de orelha, que além de dolorido, deixou-a em brasas, e disse que se me pegasse de novo fumando, contaria para o meu avô. Na ocasião ela falou uma coisa que chamou a minha atenção:

– Tal avô, tal neto. Será que vamos ter dois Luigi Rufino nesta casa?

Foi depois daquele puxão de orelha e do comentário da minha avó que comecei a perceber, talvez pela perda precoce de meu pai, que eu tinha elegido o meu avô como a minha referência masculina. A sua presença me transmitia segurança e confiança. Ficava imaginando que quando ficasse adulto, gostaria de ficar parecido com ele. Admirava a sua habilidade nos negócios de tabaco e da fazenda, a sua acuidade e inteligência para analisar os fatos históricos, políticos e econômicos da nossa região e do país, bem como a sua coragem, disciplina, firmeza do seu modo de agir, andar, e sua elegância ao conversar com as pessoas e de fumar o seu cachimbo.

Capítulo 6

Memórias da guerra

Das inúmeras histórias que a minha avó Carlota havia me contado sobre o meu pai, uma se tornou emblemática. Alguns dias depois que completei 12 anos ela me chamou para deitar no seu colo, no banco grande da sala, pois tinha algo importante para falar comigo. A história estava relacionada ao dia que receberam a visita do Luiz Ferrari, amigo de infância e companheiro do meu pai na campanha da FEB na Itália. Visita essa que aconteceu alguns meses depois que ele voltou da Guerra. Ela disse que estava conversando de manhã com o meu avô, debruçados no parapeito da janela do quarto do casal, olhando para a estrada, quando viram duas pessoas a pé, descendo pela estrada, em direção a sede da fazenda.

Era uma manhã de sábado, no final de março de 1946. Quando eles se aproximaram mais da sede o meu avô o identificou, dizendo que se tratavam do Luiz Ferrari e do Jonas Pereira, companheiros de FEB do Moisés. Pelo horário ela sabia que eles tinham vindo na primeira Jardineira, que saía bem cedo do Ibiraci para o Peixoto diariamente. O céu estava encoberto, e eles caminhavam com dificuldade na estrada cheia de barro, ambos abrigados debaixo do mesmo guarda-chuva, tentando se protegerem da garoa fria que caía naquela hora. De longe pareciam soldados, pois estavam vestidos com capotes impermeáveis meio amarelado, o mesmo modelo usado pelo exército norte-americano. Logo que eles se aproximaram mais, a minha avó percebeu que o Luiz Ferrari trazia na mão um objeto fino e longo, embrulhado num papel amarelo desbotado, amarrado com barbante.

O primo de sua mãe, o Jonas Pereira, era uma pessoa de estatura mediana, olhos castanhos, cabelos pretos lisos, nariz reto, rosto oval, muito magro e sorridente. O seu padrinho, Luiz Ferrari, descreveu a minha avó, era um rapaz alto, magro, cabelos amarelos, olhos verdes claros, e um sorriso triste. Ele

tinha contraído pneumonia alguns dias depois que a FEB tinha desalojado os alemães de Monte Castelo. Quando terminou a guerra na Europa, após a rendição da Alemanha e da Itália, ele retornou ao Brasil, mais ainda ficou cerca de três meses se recuperando num hospital militar no Rio de Janeiro, antes de voltar para casa.

Eles foram recebidos de forma carinhosa pelos meus avós na porta da casa grande da fazenda, que os convidaram a entrar. Assim que eles entraram, ambos apertaram a mão do meu avô e deram um abraço forte na minha avó. Os três ficaram abraçados, consternados, por alguns minutos, balbuciando, bem baixinho, palavras de conforto recíprocos, como se estivessem orando. O meu avô ficou observando a cena, em silêncio. A minha avó me disse que o meu padrinho, o Luiz Ferrari, olhou para mim, se agachou, esticando os braços em minha direção, disse:

– Como vai, Pedro? Venha aqui me dar um abraço no seu padrinho! Ela me disse que eu recuei e fiquei olhando para ele desconfiado. Só me aproximei depois que o meu avô Luigi Rufino sorriu para mim, balançou a cabeça, e disse que poderia abraçá-lo. Ele me pegou e me deu um abraço apertado. Disse que os olhos dele ficaram marejados de lágrimas quando me colocou de volta ao chão. Olhando com ternura no meu rosto, disse que eu era parecido com o meu pai.

– Me lembro como se fosse hoje, disse Luiz Ferrari, quando fui ser o padrinho de batismo do Pedro, um pouco antes da nossa convocação. Naquela ocasião ele era um bebezinho de colo, e agora já está um rapazinho. Quando o padre Teodoro jogou a água fria colhida na pia de batismo, que ficava logo na entrada da Igreja Matriz do Ibiraci, ele não gostou nem pouco. Chorou sentido. Depois de uma pequena pausa, o Luiz Ferrari complementou:

– Durante todo o tempo em que estivemos juntos, tanto no tempo do quartel como na Guerra, ele se lembrava todos os dias de vocês. Me falava das coisas que pretendia fazer depois que voltasse para casa. Sonhava em abraçar vocês, brincar com o Pedro, beber café e comer as roscas quentinhas feitas por sua mãe, levar a sua mulher Laura e o filho para conhecer o mar.

O meu avô convidou os dois para se sentarem numa cadeira do lado direito, na ponta da grande mesa de jantar, que ficava no centro na sala. Os meus

avós se acomodaram nas cadeiras que ficavam do seu lado esquerdo, olhando de frente para os visitantes. Depois de alguns minutos falando de amenidades, entre as quais, o grande volume de chuvas que estava ocorrendo naquele ano, o Luiz Ferrari olhou para o Jonas Pereira, balançou a cabeça, como se tivessem combinado antes, fez uma pausa, olhou em direção a um ponto indefinido do teto, limpou a garganta com um leve pigarro, disse que gostaria de tratar do assunto que o tinha motivado a sua visita naquele dia:

– Nós prometemos ao Moisés que viríamos visitá-los, quando a gente voltasse para casa, para lhes contar como foi a nossa vida na frente de combate e como foi que ele morreu. A expressão do seu rosto demonstrava que aquelas lembranças lhe causavam muito sofrimento. Olhou em fixamente direção aos meus avós e começou a contar, de forma detalhada, o que ambos haviam passado juntos. Começou falando do momento em que ficaram sabendo, por meio do locutor do alto-falante instalado na praça do Ibiraci, que os jovens da classe de 1923 tinham sido convocados no 12º Regimento de Infantaria de Belo Horizonte, da 4ª Região Militar. Disse que pouco tempo depois, foram transferidos para o 10º Regimento de Infantaria de Juiz de Fora, no começo de 1944, e de lá embarcados para a Itália. Em seguida, começou a relatar os percalços da viagem de navio para a Itália e o período que antecedeu os inícios dos combates.

– Para todos nós, que fomos convocados para servir no Exército, e incorporados na FEB, tudo era motivo de brincadeira e de diversão. Inexperientes, e mal treinados aqui no Brasil, não tínhamos noção dos horrores que iríamos encontrar na Guerra. Logo que chegamos à Itália, fomos informados que a FEB iria se unir às tropas do V Exército norte-americano, integrante do X Grupo de Exércitos Aliados.

– Foi naquela ocasião que, num comunicado do comandante brasileiro da FEB, General Mascarenhas de Moraes, ficamos sabendo que o objetivo das tropas aliadas ali sediadas, era impedir o deslocamento alemão para a França. No comunicado ele destacou que estava em curso naquele país a ofensiva final aliada, iniciada no dia “D”, com o desembarque na Normandia, no dia 6 de junho de 1944. Destacou, ainda, que tinha certeza de que os soldados brasileiros contribuiriam decisivamente para o sucesso dos objetivos almejados pelos

exércitos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Canadá, com o desembarque na Normandia: a libertação da Europa do domínio nazista.

Depois de uma breve pausa, o Luiz Ferrari pediu ao Jonas Pereira que continuasse a contar a história. Ele balançou a cabeça, concordando:

– A campanha da FEB na Itália, lembrou Jonas Pereira, teve início no dia 15 de setembro de 1944, no vale do rio Serchio, na região da Toscana, ao norte da cidade de Lucca. As nossas primeiras vitórias ocorreram naquele mesmo mês de setembro, com as tomadas de Massarosa, Camaione e Monte Prano. Algumas semanas depois, no final de outubro, já na região de Barga, encontramos fortes resistências dos nazistas. Ali sofremos os primeiros reveses.

Terminada essa fase, continuou, o nosso Regimento se instalou no Quartel General de Porreta-Terme, local onde estava sendo organizada a nova frente de batalha, que seria deflagrada na região do rio Reno, ao norte de Pistoia, na cordilheira dos Apeninos. Para que os Aliados pudessem alcançar Bolonha, era preciso romper a Linha Gótica, um complexo defensivo dos alemães, formado por fortificações nos montes Apeninos. Sem romper a Linha Gótica os exércitos aliados não poderiam utilizar uma estrada estratégica, conhecida como Rota 64.

As informações que circulava entre os soldados era que as tropas da FEB seriam designadas para conquistar a região de Monte Castelo. Essa notícia se confirmou, no final de novembro de 1944. Apesar de ser apenas uma divisão, a FEB foi incumbida dessa difícil missão pelo comando do V exército americano de tomar o complexo formado pelos montes Castelo, Belvedere e seus arredores, no espaço de alguns dias.

– Essa decisão adotada pelo comando do V exército norte-americano foi um grande equívoco estratégico, pois os alemães estavam muito bem entrencheados. Naquele confronto também ficou claro o contraste que existia entre os soldados alemães, combatentes profissionais, e os pracinhas brasileiros, que na sua maioria estavam completamente despreparados para lutarem numa Guerra como aquela.

– É importante ressaltar que, bem equipados com armas e munições, e ocupando uma posição privilegiada os alemães estavam em vantagem. Contavam com inúmeros pontos de fortificação, ninhos de metralhadoras, casa-

matas, *bunkers*, postos de observação e artilharia. Dessa posição defensiva, no alto do Monte Castelo, os alemães podiam controlar os movimentos das forças inimigas. Com a devastação da vegetação feita pelos alemães para deixar o campo de visão livre, os soldados brasileiros eram alvos fáceis para os atiradores alemães. Os estragos feitos pelos tiros das metralhadoras alemãs MG42, apelidadas pelos brasileiros de “lurdinhas” eram grandes. Isso explica porque as nossas baixas naquelas batalhas foram tão elevadas.

– Mas as vantagens do exército alemão naquela região não paravam por aí. O comandante dos grupos de exército alemães, marechal Kesselring, contava com vinte divisões de soldados, sendo que, pelo menos a metade delas, eram compostas por soldados com muita experiência em combate, especialmente aqueles que já haviam lutado na frente russa e na África.

Logo que parou de falar, olhou para o Luiz Ferrari, esperando que ele continuasse o relato:

– Ficou muito claro, prosseguiu Luiz Ferrari, que fomos enviados para aquela Guerra completamente despreparados, para enfrentar um inimigo bem treinado, composto em grande parte por soldados profissionais, com experiências em outras frentes de combate. Não houve um treinamento militar adequado de nossas tropas no Brasil, especialmente para lutar em regiões montanhosas, com armamento moderno. Era evidente o despreparo de parte dos nossos oficiais, especialmente os tenentes e capitães, em sua maioria oriundos dos cursos de formação de oficiais da reserva. O mesmo ocorria com os suboficiais e sargentos, que não estavam prontos para comandar soldados numa frente de combate. No caso dos soldados, essa deficiência era ainda mais gritante, pois grande parte dos jovens que foram recrutados para integrar a FEB eram oriundos das áreas rurais, sendo uma boa parte fisicamente frágeis, e em sua maioria, analfabetos ou semianalfabetos.

– Outra coisa que só descobrimos alguns meses depois, e que nos deixou muito tristes foi quando ficamos sabendo que nós, os recrutas da FEB, exceto os voluntários, éramos uma espécie de bucha de canhão naquela Guerra. Grande parte dos jovens da nossa geração, cujas famílias tinham algum prestígio político ou econômico, conseguiram escapar do recrutamento, evitando assim, serem mandados para a Guerra.

Depois de abaixar a cabeça, e tossir várias vezes, o que demonstrava que ainda estava se recuperando da pneumonia, ele voltou a olhar para o Jonas Pereira, e depois para os meus avós, e disse:

– Mas vamos voltar ao assunto sobre os primeiros ataques que a FEB fez a Monte Castelo. O quartel-general da FEB tinha sido instalado em Porreta Terme, desde 6 de novembro de 1944. As nossas tropas vieram substituir a 1ª Divisão Blindada norte-americana. A nossa frente, a partir daquela posição, estava Monte Castelo, um pouco a esquerda Belvedere, e mais adiante Della Toraccia. A conquista de Monte Castelo abriria o caminho para os aliados chegarem a Bologna.

– Tentar avançar, com forças reduzidas e as péssimas condições decorrentes da chegada do inverno, sobre a bem estruturada Linha Gótica de defesa alemã, linha defensiva que se estendia do Mar Tirreno ao Mar Adriático, com cerca de 250 quilômetros de extensão, era suicídio. Ficou comprovado, pela quantidade de mortos e feridos, que o preço da decisão equivocada do alto-comando do V exército norte-americano de enviar os combatentes brasileiros para tentar tomá-la a qualquer custo foi muito elevado.

– Tratava-se de uma missão impossível de ser executada apenas por pequenas e médias unidades brasileiras e americanas, conforme já havia alertado o comandante brasileiro ao comando do V exército estadunidense. Me lembro bem, que esse alerta só foi levado em consideração, após o fracasso das tentativas de desalojar os alemães, efetuadas pelos soldados brasileiros, realizadas nos dias 24, 25 e 26 de novembro. Outra tentativa realizada em dezembro de 1944 também fracassou. Assim, o sistema de defesa dos alemães em torno de Monte Castelo, Belvedere, Della Toraccia, Castelnuovo, Torre di Nerone, La Serra, Soprassasso e Castel D'Aiano, ao final daquele ano, se mantinha intacto.

– Além da falta de treinamento para combater em montanhas, disse Luiz Ferrari, cada pracinha carregava, cerca de 25 quilos de equipamento. Vale recordar, também, que em dezembro daquele ano, as nevascas e o intenso frio do inverno europeu tornaram as condições do terreno ainda mais desfavoráveis aos brasileiros.

– Com a decisão do comando do V Exército americano de que a nova ofensiva só ria ocorrer depois do fim do inverno, recebemos a ordem de manter as posições já conquistadas, a qualquer custo. Assim, a nossa vida ficou muito difícil no período que ficamos estacionados naquela região de Monte Castelo. Para sobreviver durante esse período dos combates, era preciso que os soldados ficassem enfiados dentro das apertadas trincheiras, os “buracos de raposas”, que eram cavadas nos solos pedregosos. A denominação “buracos de raposas” tinha sido traduzida da denominação *fox holes* usada pelos soldados americanos.

– Os franco-atiradores alemães eram uma ameaça real, um pesadelo para todos nós. A solução que encontramos para dificultar a visão deles foi produzir uma cortina de fumaça, no local onde estávamos, queimando óleo diesel. A artilharia comandada pelo general Cordeiro de Farias e os ataques feitos pela aviação davam, de vez em quando, um certo frescor para nós.

– Mas as dificuldades não terminavam no pesadelo dos atiradores alemães. As temperaturas extremamente baixas era uma ameaça constante, por isso tínhamos que evitar que os nossos pés ficassem congelados. Esse descuido poderia custar muito caro, pois causaria gangrena no pé, o que tornaria necessária à sua amputação.

– A saudade da família doía forte no peito. Eu me lembro que essa tristeza aumentava ainda mais quando, no final da tarde, como se fosse um toque de recolher, costumávamos ouvir no rádio do regimento a música *Lili Marlene*. Era uma bela e triste canção nazista, interpretada por uma cantora alemã de voz suave, de nome Lale Andersen. Ela falava da despedida de um jovem soldado de sua namorada e uma amiga, respectivamente Lili e Marleen. Essa música acabou contagiando os soldados de todas as nações envolvidas naquele conflito, inclusive nós, os brasileiros. Depois que a música terminava, e ficava aquele silêncio profundo, dava uma dor quase insuportável no coração e na alma.

– Somente com o fim do inverno europeu foi possível lançar uma nova ofensiva contra Monte Castelo. No dia 21 de fevereiro de 1945, num esforço conjunto com a 10ª Divisão de Montanha do Exército Americano, após doze horas de combate, finalmente conseguimos conquistar Monte Castelo.

– Em 5 de março de 1945, conquistamos Soprassosso e Castelnuovo. Antes que os Aliados pudessem chegar ao vale do rio Pó, os alemães ainda resistiam numa última cadeia montanhosa: a linha Gêngis Khan, que passava pela cidade de Montese e pelos montes Serreto, Possessione e Montello. Por tudo o que vi, não tenho dúvidas de que foi em Montese onde travamos a mais sangrenta batalha na Itália. Conquistamos aquele local no dia 15 de abril. Seis dias depois, em 21 de abril, tomamos Zocca.

– Me recordo que naquele mesmo dia, 21 de abril, os Aliados entraram em Bolonha. Alguns dias depois, no dia 29 de abril, véspera do suicídio de Hitler, a FEB capturou, na cidade de Fornovo di Taro, a 148ª Divisão Alemã, que contava com mais de quinze mil alemães, entre os quais, dois oficiais generais. A captura daquela importante divisão alemã elevou muito a moral das nossas tropas.

– No dia seguinte, dia 30 de abril, ocupamos Alessandria, a 60 quilômetros de Turim. Mas seguimos em frente ao lado dos soldados norte-americanos, também participamos da libertação de Turim. Foi um alívio para todos nós, quando no dia 2 de maio de 1945, o general americano Mark Clark deu por encerrada a campanha dos Aliados na Itália. Para nós, combatentes brasileiros, a guerra havia terminava naquela data.

– Vou confessar uma coisa para vocês, e o Jonas Pereira pode confirmar isso, os sofrimentos, dificuldades e as atrocidades que vivenciamos naquela guerra são indescritíveis. É muito doloroso, por isso que todos nós que estivemos lá procuramos evitar de ficar lembrando do que vimos e passamos naquela Guerra.

– Acredito, conforme já disse antes, que a fase mais difícil para todos nós, que lá estivemos, na passagem de 1944 e 1945, foram os efeitos do inverno rigoroso que enfrentamos na região dos Apeninos. As temperaturas caíam até vinte graus negativos, e a sensação térmica dobrava esse frio, o que tornava a nossa vida um sofrimento sem fim.

– Além de ter que conviver com muita neve e a umidade elevada, sofríamos ataques sistemáticos dos alemães, o que aumentava ainda mais o nosso estresse. A possibilidade de ser atingido por um franco-atirador, uma rajada

de metralhadora ou ser dilacerado por uma granada, a qualquer momento, era o nosso maior pesadelo. A estratégia dos nazistas, ao realizar de forma sistemática pequenas escaramuças, estava dando resultado. Essas incursões do inimigo estavam incomodando e afetando a nossa resistência física e psicológica.

– É preciso lembrar, disse Luiz Ferrari, que além das condições climáticas adversas e o permanente medo de morrer, estávamos há mais de três meses de campanha ininterrupta, sem tempo para recuperação. Fez uma nova pausa, e concluiu:

– A soma de todos esses fatores tinha deixado todos os combatentes brasileiros nos seus limites físicos e psicológicos.

Capítulo 7

A baioneta e o poema

Depois que o Luiz Ferrari e o Jonas Pereira concluíram aquela parte dos percalços vividos durante a Guerra, a minha avó Carlota disse que a sala ficou num profundo silêncio. O meu avô continuou olhando para os dois, com uma expressão impassível, alisando de vez em quando, as pontas do seu longo bigode. Naquela altura da conversa, a minha avó falou que já estava bastante aflita. A sua cabeça girava, sentido tonturas e com o coração disparado. Ela percebeu, durante essa pausa, que os visitantes também davam sinais de estarem muito desgastados.

Assim, na tentativa de encurtar aquele sofrimento, a minha avó pediu-lhes que contassem como o Moisés tinha falecido, e se ele tinha sofrido muito antes de morrer. O Luiz Ferrari, depois de olhar para o Jonas Pereira, fez um sinal com a cabeça, concordando com o seu pedido. Em seguida, após passar a mão direita no rosto, como se estivesse tentando refrescar a memória, começou a contar, com detalhes, que havia acontecido naquele dia fatídico.

– O Moisés, disse o seu padrinho Luiz Ferrari, pelas suas características não demorou muito a se adaptar a Guerra. Além do fato de ser uma pessoa inteligente e corajosa, ele também tinha um excelente preparo físico e muita experiência em andar em regiões montanhosas, pois foi criado acompanhando o senhor Luigi Rufino nas suas viagens em comitivas pelas estradas da região do Desemboque do Rio Grande. Em pouco tempo o primeiro-sargento Olavo Dutra, que comandava o nosso pelotão, percebeu isso. A partir daí, quando tinha que escolher alguém para cumprir alguma missão arriscada, especialmente as de reconhecimento de terreno, ele era sempre o escolhido. E ele, por sua vez, nos escolhia para acompanhá-lo nessas patrulhas de reconhecimento.

– No dia em que o Moisés faleceu, 19 de fevereiro de 1945, estávamos cumprindo uma missão de reconhecimento numa das encostas do acesso ao Monte Castelo. Naquele dia, saímos ainda de madrugada, com um tempo encoberto e com muita neblina. A vegetação da região, com o fim do inverno, dava os primeiros sinais de que em algumas semanas tudo voltaria a ficar verde por ali. Apesar de ter parado de nevar, lama nas trilhas grudavam nas solas de nossas botas, dificultando a nossa caminhada em direção as colinas de Bombiana, que ficava no flanco direito de Monte Castelo.

– As missões das patrulhas do Esquadrão de Reconhecimento, naquela área que circundavam o Monte Castelo, eram muito arriscadas. Na semana anterior escapamos por pouco quando estávamos mapeando o flanco esquerdo de Monte Castelo, nas áreas de Monte della Torrancianca e Mazancana. Os comandos das tropas brasileiras e estadunidenses tinham consciência, depois dos fracassos anteriores, que a tomada de Monte Castelo somente seria possível pelos flancos. Sabíamos, apesar dos riscos, da importância do trabalho que era executado pelo nosso Esquadrão de Reconhecimento para identificar as fragilidades das defesas alemãs.

– Por volta das 9:00 horas atingimos a área que deveria ser mapeada. O dia já estava ficando mais claro e já dava para ver todo o entorno de Bombiana. O Moisés estava um pouco a nossa frente, enquanto fazia um desenho da área, as anotações e os cálculos das distâncias entre os obstáculos naturais ali existentes. Eu e o Jonas Pereira, estávamos de vigias, sentados numa rocha imensa e congelada, circundada de arbustos desfolhados.

– Tudo parecia tranquilo. Já começava a ouvir o som de alguns passarinhos piando perto do local onde estávamos. De repente ouvimos vozes, e logo em seguida surgiu do nada, numa elevação a nossa frente, uma patrulha alemã, com três soldados. Num primeiro momento eles ficaram surpresos quando nos avistaram, pois certamente não esperavam encontrar inimigos naquelas bandas. Por serem soldados profissionais, a capacidade de reação deles foi quase imediata. Em poucos segundos começaram a atirar na direção do Moisés, que estava bem mais próximo deles.

Em seguida ouvi o assóvio aterrador das balas alemãs passando sob minha cabeça. Mesmo sob fogo intenso de metralhadoras, vi quando o Moisés

deu um salto para o lado esquerdo, tentando sair da linha de tiro dos alemães. Depois do salto ele ficou fora do meu campo de visão. Tanto o Jonas quanto eu procuramos nos entrincheirar atrás da rocha onde estávamos sentados. Em seguida começamos a revidar os tiros. A nossa posição não era boa. Os alemães tinham se deslocado para uma elevação a nossa esquerda, se abrigando atrás das árvores.

De repente ouvimos um estampido de tiro de fuzil, vindo do lado onde estava o Moisés. No mesmo instante vimos que um soldado alemão saiu de trás da árvore onde estava, deu uns passos trôpegos para frente, como se estivesse bêbado, e desabou no chão. Com medo de também serem alvejados, os outros dois saíram de trás das árvores, atirando na direção de onde tinha vindo o tiro. Vi quando eles saíram correndo em campo aberto, em direções opostas, com o objetivo de nos flanquear. O Jonas também já havia percebido a intenção deles. Eu atirei no da direita, e ele concentrou os seus tiros no soldado da esquerda. Vi quando um dos tiros dados pelo Jonas atingiu o alvo. Talvez pelo fato de estar correndo, quando a bala o acertou, ele deu um rodopio, e desabou pesadamente com o rosto virado para o solo.

O terceiro soldado, ao se sentir em desvantagem numérica, voltou a se esconder atrás de uma árvore e começou a recuar rapidamente. Em poucos segundos ele sumiu do nosso campo de visão. Terminado o tiroteio, fez-se um silêncio profundo no local. Esperamos alguns segundos, e de forma cautelosa, subimos até a colina onde os soldados alemães tinham caído. Nos aproximamos dos corpos dos soldados caídos, com os fuzis engatilhados, e constatamos que ambos estavam mortos. Fiz um sinal com a mão para o Jonas, e começamos a recuar com cuidado. Alguns metros abaixo, e não vendo o Moisés, gritamos o seu nome, mas ele não respondeu.

Passados alguns segundos, escutamos um gemido vindo da nossa direita. Corremos em direção ao local onde ele estava. Observei, pelo rastro de sangue que havia na trilha por onde ele tinha se arrastado, para se posicionar melhor antes de atirar contra os três soldados nazistas, que o seu ferimento era grave. Apesar de ter sido atingido mortalmente, e da dor que certamente estaria sentido, ele foi em frente para nos proteger. Essa era a sua natureza, proteger os companheiros de armas.

Me acomodei ao seu lado, no chão coberto de neve, e coloquei a sua cabeça no meu colo. Foi naquele momento que vi que ele tinha recebido um tiro no lado direito do peito, que havia perfurado o seu pulmão. Nas suas costas, no local onde o projétil havia saído, havia um enorme buraco. Sabia que ele estava ferido mortalmente, mas lhe disse para aguentar firme, pois iríamos levá-lo de volta, para o hospital do quartel. Ele olhou para mim, pediu que eu aproximasse a minha cabeça da sua boca, e disse-me baixinho, com muita dificuldade de falar:

– Estou no fim, Ferrari. Sinto que a minha vida está se esvaindo. Parece uma ironia do destino que eu tenha voltado para morrer na Itália, aqui na Toscana, perto da região de onde os meus avós paternos nasceram. Fez uma pausa, e continuou:

– Quero que me prometam que vão entregar pessoalmente as cartas que estão guardadas na minha mochila no quartel, que escrevi para os meus pais, para a minha mulher e para o meu filho Pedro. E quando forem visitar a minha família, quero que contem a eles o que aconteceu comigo, e digam-lhes que diante da morte, os meus pensamentos estavam voltados para eles, e que eu os amo muito.

Ele fez uma longa pausa, e logo em seguida teve um acesso de tosse, e naquele momento eu vi que estava saindo muito sangue de sua boca. Ele fez um sinal leve com a mão direita, e eu voltei a abaixar a minha cabeça, para ouvir o que ele estava tentando me dizer.

– Me prometa, Ferrari, que também que vai entregar a baioneta do meu fuzil para o meu filho, para ele nunca se esquecer de mim. Quero que entregue junto, também, aquele retrato de nanquim com o poema de Konstantin Simonov, que distribuíram para nós na semana passada, durante a missa campal. Ele está dobrado aqui no bolso da minha jaqueta. Diga-lhe que o seu pai espera que ele nunca tenha que lutar em nenhuma guerra.

Depois de uma pausa, Luiz Ferrari continuou o seu relato.

– Logo depois que prometi ao Moisés que faria o que ele estava me pedindo, vi que ele abriu a boca, como se estivesse procurando ar para respirar, olhou para mim com um olhar triste, e em seguida senti a sua cabeça

cair de lado. Naquele momento ouvi a voz desesperada de Jonas, em pé ao meu lado, gritando comigo:

– Vamos sair logo daqui, Ferrari! Os soldados alemães podem voltar a qualquer momento!

Ainda meio atordoado, abanei a cabeça, concordando com ele. Me levantei e entreguei-lhe o meu fuzil. Ele também já havia recolhido o fuzil do Moisés e a sua caderneta de anotações. Coloquei o Moisés nas minhas costas, e voltamos devagar, pois o caminho estava muito escorregadio, colina abaixo, em direção as nossas posições. Infelizmente não pudemos ir ao enterro do Moisés. No dia seguinte a nossa divisão, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, começou a avançar em direção a Monte Castelo, num esforço conjunto com a 10ª Divisão de Montanha do Exército Americano.

– A tomada de Monte Castelo, que aconteceu no dia 21 de fevereiro de 1945, executado pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, foi um dia memorável para todos nós combatentes. Ficamos todos muito emocionados. Eu disse ao Jonas, enquanto nos abraçávamos, que era uma pena que o Moisés não estivesse ali junto com a gente naquele final de dia, quando a bandeira brasileira passou a tremular no alto daquela elevação. Tínhamos a sensação do dever cumprido, por saber que aquela conquista era fundamental para o avanço das tropas aliadas para libertar a Europa. Ali começava a consecução da 1ª fase do Plano Encore do IV Corpo-de-Exército e do V Exército norte-americano, na busca de romper a Linha Gótica inimiga.

Alguns dias depois o comandante do nosso pelotão, primeiro-sargento Olavo Dutra, me disse que tinha sido informado que o corpo do Cabo Rufino havia sido enterrado no cemitério de Pistoia.

– Em meados de maio de 1945, alguns dias antes do médico americano diagnosticar que eu estava com pneumonia, e me mandar internar no hospital de campanha do V Exército americano, eu fui ao cemitério de Pistoia visitar o túmulo do Moisés. Rezei para que Deus lhe desse um bom lugar, e voltei a lamentar por ele não ter tido a oportunidade de comemorar junto

as nossas tropas o fim da Guerra na Itália, no dia 2 de maio de 1945, quando o exército alemão assinou a sua capitulação, e logo em seguida, no dia 8 de maio, o fim da Guerra na Europa, quando houve a rendição definitiva da Alemanha para os aliados.

Fez uma longa pausa, como se estivesse muito cansado, e disse:

– Essa é a conversa mais difícil de minha vida, pois sei que os pais nunca estão preparados para enterrar os seus filhos.

Em seguida, olhando para os olhos cheios de lágrimas de minha avó e minha mãe, ele disse que tanto ele como o Jonas Pereira se sentiam aliviados por cumprir a promessa que haviam feito para o Moisés, momentos antes dele falecer.

Depois de alguns segundos, continuou:

– Os sacrifícios que fizemos em defesa da liberdade, foi importante também, para que pudéssemos avaliar as diferenças que existia entre os Estados Unidos, um país moderno e democrático, e o Brasil, um país atrasado, governado por uma ditadura parecida com as que enfrentamos na Europa.

– Percebemos isso com mais clareza quando o presidente Getúlio Vargas, com medo dos ventos democráticos que começavam a soprar em direção ao Brasil, com o fim dos regimes autoritários na Europa, resolveu dissolver a FEB. Foi um enorme desrespeito com todos nós, pracinhas, pois a maior parte do nosso contingente ainda estava na Itália.

– Também fomos surpreendidos com as medidas que vieram depois. Após o desfile para comemorar a vitória dos aliados na Guerra, realizado na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, no dia 18 de julho de 1945, fomos informados que os expedicionários, além de não poderem das entrevistas ou declarações públicas, estavam proibidos de andar uniformizados pelas ruas ou de portarem medalhas e condecorações. Segundo ouvi de um alto oficial da FEB, a manchete e as notícias publicadas pelo jornal “O Globo”, daquele dia, destacando a “Triunfal a chegada do 1º. Escalão da FEB”, teria incomodado muito o presidente Getúlio Vargas.

– Felizmente para os brasileiros, essas medidas autoritárias não impediram o fim do Estado Novo. Fiquei muito contente, e acredito que se o Moisés tivesse vivo também estaria, quando as tropas lideradas pelo general Góis Monteiro cercaram o Palácio do Governo e forçassem Getúlio a renunciar, no dia 29 de outubro de 1945. O nosso sistema político está exaurido. Precisamos redigir uma nova Constituição, e a partir dela, construir um país mais democrático e mais justo, concluiu. O meu avô Luigi abanou a cabeça, concordando com ele.

Depois de tomarem café, eles se despediram, e foram embora em direção ao povoado do Aterrado. Dava para ver que, apesar de a garoa ter dado uma trégua, eles ainda estavam tendo dificuldades para caminhar com o barro grudando nos solados dos seus sapatos.

Depois que a minha avó terminou de contar a história, disse-me para sentar direito no banco, pois iria buscar no seu quarto um embrulho que me pertencia. Logo depois, ela retornou e me entregou o embrulho que o meu pai tinha me enviado da Itália como lembrança. Peguei o embrulho e fiquei olhando para ele durante muito tempo. Nunca havia passado pela minha cabeça que um dia eu receberia algum presente ou lembrança do meu pai. Num primeiro momento senti medo e um arrepio na nuca, como se estivesse vendo um fantasma. A minha avó, que percebeu a minha emoção, encheu os olhos de lágrimas e se afastou em direção a cozinha.

Resolvi abrir o pacote no meu quarto. Sentei na cama, e depois de desfazer o laço, abri com cuidado o pacote que o meu pai havia me enviado da Itália. Dentro estava a carta que me escreveu, a baioneta do fuzil que ele usou na guerra, e o desenho de nanquim, dobrado, desgastado pelo tempo, com uma mancha escura na parte central.

O desenho tinha sido feito por um artista chamado A. C. Motta, e nele aparecia uma mulher jovem, de cabelos pretos fartos, muito bonita, que eu achei parecida com a minha mãe, olhando com uma expressão de tristeza para um soldado de capacete. E logo abaixo do desenho estava um poema cujo título era “*Espera por mim*”, escrito por um poeta russo de nome Konstantin Simonov, datado de 1943.

*Espera por mim...
Espera por mim que voltarei!
Mas é preciso que espera com fé
e de todo o coração!
Espera por mim
na tristeza infundável dos dias de chuva.
Espera por mim
nas horas uivantes em que a neve cai.
Espera por mim
na ânsia sufocante que vem do calor.
Espera por mim
mesmo que todas as outras
que esperam por outros
já tenham cessado de esperar...
Espera por mim.
Espera, sim,
que hei de enfrentar a morte...
mas voltarei!
Konstantin Simonov*

As lágrimas corriam pelo meu rosto quando terminei de ler a carta que o meu pai me escreveu e aquele belo e triste poema. Fiquei imaginando que ao me presentear com sua baioneta e aquele poema de Konstantin Simonov meu pai estaria me mandando uma mensagem, antes de morrer, me pedindo para não se esquecer dele. Naquele momento, ainda soluçando baixinho, lhe prometi que jamais iria esquecê-lo. O sentimento de orgulho que sentia por tudo o que ele havia feito na guerra ajudou a amenizar a profunda tristeza que estava sentido naquele momento. Prometi, também, que um dia iria a Itália para visitar as cidades por onde ele tinha passado, e em especial, o lugar onde ele foi morto em combate.

Capítulo 8

Caixeiro viajante do desemboque

O meu avô Luigi Rufino era reconhecido como um negociante habilidoso e destemido. Um misto de tropeiro-caixeiro viajante, ele percorria regularmente as perigosas estradas que ligavam São Paulo, Minas Gerais e Goiás nas décadas de 1920 e 30. Naquela época ele levava sal e ferramentas agrícolas, que adquiria em Ribeirão Preto, para revender em Goiás. Essas mercadorias, como enxadas, enxadões, pás, machados, facões e bateias, bem como o sal, eram transportadas em carros de boi, e em algumas ocasiões, em lombos de burros.

Na volta, trazia fumo de rolo, que era produzido na antiga região de mineração conhecida como Bonfim e Santa Cruz. O local onde ele comprava o fumo se chamava Patrimônio das Araras ou Sussuapara, e que depois se transformou no município de Bela Vista de Goiás. Era naquele local que os tropeiros e carreiros que transportavam mercadorias de Minas Gerais para Goiás faziam os seus pousos.

Essas constantes viagens fizeram do meu avô um profundo conhecedor dos caminhos que ligavam os três estados, que se conectavam na tríplice fronteira conhecida como Desemboque do Rio Grande. Além de percorrer essas trilhas, ele também dedicou parte do seu tempo em ouvir os relatos dos moradores por onde andou, sobre a história não escrita do processo de ocupação da região. Nas suas passagens pelos povoados e pousos, procurava ouvir os relatos das pessoas mais velhas que moravam naquelas localidades isoladas, em particular, sobre os conflitos e as tragédias que ali tinham ocorridos. Nas suas prosas com esses pioneiros, sempre que possível, anotava os fatos mais interessantes que contavam sobre a epopeia dos desbravadores daquela região.

Os detalhes contidos nesses relatos, dizia o meu avô, deixava evidente que a violência sempre esteve presente no processo de ocupação da região

do Aterrado do Desemboque. No embalo dessas histórias, que me deixavam fascinado, eu me transportava para os lugares e as cenas de extrema violência que ele relatava. Foi o meu avô que me deu a melhor aula de história sobre o avanço dos interesses coloniais para o interior do Brasil, e em especial, para a região sul-sudoeste de Minas Gerais.

Assim, fiquei muito orgulhoso do meu avô, quando ele recebeu a visita, numa manhã de sábado, dia 12 de abril de 1958, vários professores, pesquisadores e historiadores, vindos de São Paulo, para ouvir os seus relatos sobre o processo de ocupação da região do Aterrado do Desemboque. O meu avô já estava esperando por eles, pois tinha sido recomendado pelo ex-presidente da câmara de vereadores e ex-prefeito de Ibiraci, Coronel Temóteo de Andrade.

Depois das apresentações, a comitiva foi convidada pela minha avó para irem tomar o café da manhã na cozinha. Meia hora depois todos voltaram para a sala, onde se acomodaram na mesa grande. O meu avô se sentou na cabeceira e a sua direita ficou o historiador Paulo Duarte Neves, professor catedrático da Universidade de Lisboa, e que estava passando uma temporada como professor-visitante da Universidade de São Paulo. Ele era um homem de estatura média, magro, branco, rosto afilado, lábios finos, cabelos fartos e brancos, um bigode preto, bem aparado, olhos castanhos e usava óculos de lentes grossas. Por ser a pessoa que falava em nome dos visitantes, presumi que era o chefe da delegação.

Antes que o meu avô começasse a falar, ele perguntou se poderia gravar a conversa, pois tinha interesse que, posteriormente, os seus colegas e alunos em Portugal também pudessem ouvir o relato. O meu avô fez um aceno com a cabeça, concordando com o pedido.

Uma mulher jovem, que estava sentada ao lado do professor Paulo Duarte Neves, que presumi ser a sua assistente, abaixou-se para pegar debaixo da cadeira uma espécie de maleta, colocando-a em seguida sobre a mesa. Destravou os trincos e abriu a maleta, expondo um moderno gravador de rolo americano, modelo Philips Maestro 304. Logo em seguida ela apertou uma tecla, e o enorme gravador começou a funcionar.

Houve um silêncio na sala, enquanto todos aguardavam o início do depoimento do meu avô Luigi Rufino. Mas eu sabia que ainda ia demorar alguns

segundos mais. Como se fosse um ritual, o meu avô quando ia abordar um assunto mais sério, tirava o cachimbo da boca, jogava fora o fumo em brasa do seu interior; pigarreava levemente e dava uma cuspada imperceptível de lado, como se estivesse limpando os resíduos de fumo da língua, para em seguida torcer as longas pontas do seu bigode loiro.

Esse comportamento, especialmente quando permanecia calado, com uma expressão séria, servia para alertar as pessoas em sua volta, de que estava se sentindo incomodado com a conversa. Esse não era o caso naquele momento. Dava para notar no seu semblante, que estava bastante satisfeito em discorrer sobre aquele assunto. Ato contínuo, depois desse ritual, o meu avô, olhando para todos os presentes, começou a fazer o seu depoimento:

– Em primeiro lugar quero registrar a minha satisfação pela visita de vocês aqui na nossa região, em particular, aqui na minha casa, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre a história do Aterrado do Desemboque, que permanece cheia de lacunas, para não dizer, nebulosa.

– Quero dizer que sou apenas o mensageiro das histórias que ouvi. O que me coloca numa posição um pouco mais confortável, ao falar da nossa história é fato de ter vivido grande parte de minha vida viajando pelas trilhas dessa extensa região, nas minhas atividades de comerciante de tabaco. E durante esse tempo, tive a oportunidade de conversar com muitas pessoas que tinham vivido ou conheciam um pouco como ocorreu o processo de ocupação da região. Peço-lhes que tenham paciência, pois quando se tratar de datas de eventos, irei recorrer às minhas fichas de anotações. É possível que muita coisa que vou relatar possa coincidir, e em alguns casos, conflitar com estudos feitos por alguns dos historiadores que aqui estão presentes.

– Feitas essas explicações, vamos começar voltando alguns séculos no tempo. Vocês sabem bem que toda e qualquer via terrestre aberta na época do Brasil Colônia era chamada de Estrada Real. O objetivo era controlar o escoamento da produção do interior para o litoral, ou seja, fiscalizar a circulação das riquezas. A ideia desde aquele tempo, vejam vocês, era obrigar as pessoas a pagarem impostos sobre as mercadorias transportadas. Portanto, a Estrada Real era o caminho oficial imposto pela Coroa Portuguesa.

– Quem abrisse outros caminhos ou buscasse rotas alternativas tentando burlar a majestade cometia um crime, daí nasceu o termo “descaminho”. Vale registrar, a título de curiosidade, que a expressão “descaminho” foi inserida no nosso Código Penal, de 1940, artigo 334, onde é definido como “iludir, no todo ou em parte, o pagamento de direito ou imposto devido pela entrada, pela saída ou pelo consumo de mercadoria”.

– O caminho velho foi a primeira Estrada Real aberta oficialmente pela Coroa Portuguesa ligando Paraty, no litoral fluminense à região produtora de ouro no interior de Minas Gerais. Na época em que começou a funcionar, no século XVII, o percurso de 710 quilômetros levava 60 dias para ser feito pelos tropeiros a cavalo. Ela passava pela Serra da Mantiqueira até chegar em Vila Rica, que depois virou Ouro Preto. A estrada foi construída pelos escravos entre os séculos XVII e XIX, a partir de trilhas dos índios Guaianazes. No chamado “Ciclo do Ouro”, Paraty exercia a função de Entrepasto Comercial e também por sua posição geográfica, porto escoadouro da produção de ouro de Minas para Portugal. Foi uma das mais importantes cidades portuárias do século XVIII.

– É relevante ressaltar que o termo “Estrada Real” aplica-se a outras vias, como o Caminho da Bahia, Caminho dos Diamantes, Caminho do Proença, entre outros, podendo ser usado em relação a “qualquer caminho oficial que permitisse a interiorização e exploração de riquezas no Período Colonial”. Sua designação de “Estrada Real” era consequência do interesse direto da Coroa que controlava tais caminhos de forma severa, já que por eles passavam pessoas e riquezas, colocando ao longo das rotas postos de controle, denominados Registros, que tinham a incumbência de “vigiar, garantir, cuidar e tributar o transporte de riquezas”.

– Os Registros eram sempre colocados em pontos estratégicos, contando inclusive com uma porteira que fechava a estrada. Nele havia o pessoal administrativo e soldados, que faziam cumprir a legislação “a ferro e fogo”. Eram vários os tipos de Registro que incluía o “Do Ouro”, que tributava o transporte do metal em um quinto do valor total, o de “Demarcação Diamantina”, que policiava com severidade tráfego de pedras preciosas, e o de “Entrada”, que cuidava do tráfego de pessoas, mercadorias, inclusive escravos e animais.

– É preciso observar que tais riquezas não eram apenas os frutos da mineração, mas incluíam mercadorias gerais, escravos, animais, e até mesmo os meios de transporte da região. Era considerado crime de “*lesa-majestade*” a abertura ou utilização de qualquer outro caminho, sendo as punições extremamente severas, podendo chegar à forca. O termo “descaminho”, ou seja, tomar outro caminho, sinônimo de contrabando hoje em dia, tem origem nessa época. A Estrada Real ou Caminho Real, era a via oficial, obrigatória, por onde deveria transitar tudo e todos.

– Com a descoberta de ouro na região das Minas Gerais, no final do Século XVII, em algum momento entre 1693 e 1698, na região que viria a ser Vila Rica, depois batizada de Ouro Preto, a coroa portuguesa buscou criar um caminho que permitisse o tráfego da riqueza até ao mar, de onde partiria para Portugal. A forma mais lógica e fácil foi seguir o caminho já trilhado pelos *bandeirantes* desde São Paulo, que, atingindo o Vale do Paraíba, cruzaram a Serra da Mantiqueira em direção à Minas Gerais. Os bandeirantes paulistas foram os precursores nesse tipo de “aventura”.

– É importante lembrar que a descoberta do ouro em Minas Gerais foi feita pela expedição comandada por Duarte Lopes, que foi realizada entre 1693 e 1698. Vale lembrar que Duarte Lopes e diversos outros bandeirantes, estimulados pelas narrativas dos índios, vagavam pelo sertão à procura da lendária Serra do Sabarabuçu, um tipo de *Eldorado*.

– No início dos anos 1700, para resolver problemas de segurança e para reduzir as distâncias, foi dada a ordem de se encontrar uma nova rota, um novo caminho. A cidade de Paraty, no Rio de Janeiro, lugar onde ficava o porto de embarque das riquezas minerais extraídas no interior da colônia para a Europa, além de ser uma área exposta a ataques de piratas, também ficava muito longe de Ouro Preto. Nesse trecho alguns carregamentos chegavam a demorar 90 dias para chegar ao destino.

– A incumbência de criar uma rota, mais curta e segura, para o transporte das riquezas coube ao sertanista Garcia Rodrigues Paes, filho do bandeirante Fernão Dias. Esse novo caminho ficou conhecida por vários nomes: Estrada Real da Corte, Caminho Novo dos Campos Gerais, Caminho do Rei e outros menos conhecidos.

– Vale lembrar que a criação da nova estrada não foi bem-aceita pelos tropeiros, pela inexistência de lugares de pousos e de apoio, pois cruzava áreas abertas, ou seja, o sertão. Apesar dessa resistência inicial, a Coroa não cedeu e proibiu que qualquer caminho alternativo fosse aberto ou usado. Procedeu a uma política de ocupação emitindo “Cartas de Sesmarias”, doando terras ao longo da via para a criação de postos de apoio. Aumentou o efetivo militar em todo o trajeto tornando a estrada extremamente segura. Nas décadas seguintes estradas vicinais foram abertas permitindo a ocupação de um território maior. Muitas cidades da região surgiram nessa época.

– É possível afirmar que, de certa forma, o Sul de Minas deve à Estrada Real a sua formação. Foi por ela que, quando a produção de riquezas diminuiu na região de Ouro Preto, aconteceu a migração para o sul do estado. Também foi basicamente por seu caminho que o povo de São Paulo atravessou a Serra da Mantiqueira e atingiu a Região do Rio Verde, e na procura de riquezas semeou muitos arraiais que se tornariam cidades.

– Existem registros que indicam que foi o paulista Pedro Franco Quaresma quem primeiro devassou a região e quem na verdade fundou o arraial de Jacuí, em 1755, antes, assim, da viagem de Luís Diogo Lobo da Silva a Jacuí, em 1764, quando se determinou a posse desse território à província de Minas Gerais. Posteriormente o mateiro João Pimenta de Abreu também investiu no devassamento do território de Jacuí, passando por Passos, em direção a Cássia, para a conquista de terras.

– É importante fazer um adendo nessa conversa, para lembrar que os limites dos Sertões do Jacuí é a soma das bacias de três importantes rios. A bacia do Rio Pardo, que ficava do lado paulista, a oeste, o rio Sapucaí, do lado mineiro, a leste; o rio Grande, do lado dos sertões goianos, ao norte; e os contrafortes da serra da Mantiqueira e a bacia do rio das Mortes, ao sul. Na parte central destas bacias, o rio São João e todos os seus afluentes. É por isso que, durante longo tempo, os documentos e registros coloniais denominaram essa imensa região do Jacuí de sertões do Rio São João.

– Em meados do século XVIII começaram a surgir os sinais da decadência aurífera com o esgotamento de muitas minas de ouro. A Comarca do Rio das Mortes, uma das mais importantes regiões mineradoras, começa a sentir os

efeitos do controle implacável imposto pelo governo português, por meio do Marques de Pombal, em vilas e arraiais mineradores.

– Vale lembrar que o aperto na cobrança de impostos foi a forma que a metrópole encontrou para continuar extraíndo as riquezas da colônia brasileira. O dízimo foi uma das formas adotadas por Portugal, em geral, cobrado por um contratador, que era obrigado a recolher uma determinada quantia aos cofres do rei, em troca do que conseguisse arrecadar. Foi a partir dessas imposições que surge na Comarca do Rio das Mortes, em 1789, o movimento revolucionário mais emblemático da colônia, a Inconfidência Mineira, cujo mártir todos nós reverenciamos, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

– Os registros mostram que depois da Inconfidência Mineira as populações que viviam nas regiões auríferas se espalharam em migrações internas para outras áreas da Capitania. Foi assim que, no século XIX, ocorreu uma transformação econômica significativa na nossa região. Essas mudanças fomentaram os desmembramentos de distritos, com a criação de novos municípios e comarcas.

– Dessa forma toda a zona limítrofe a São Paulo foi ocupada por fazendas de criação, nos vales dos rios Grande, das Mortes, Sapucaí e Verde. A expansão da bovinocultura, de forma intensiva, começa a se consolidar, devido às grandes extensões de terras disponíveis. Dessa forma, o gado veio substituir o ouro, passando a ser a principal atividade econômica dos pequenos povoados daquelas redondezas.

– A economia do sul de Minas Gerais, é necessário ressaltar, não ficou restrita às atividades agropecuárias destinadas ao abastecimento de mercados específicos, entre eles, a Corte. Além da agropecuária, as atividades comerciais e a produção do tabaco foram atividades muito significativas. No mercado onde atuo, vale a pena lembrar que a região de Baependi ocupava um lugar de destaque na produção de tabaco. Essas atividades formavam a base econômica da economia da nossa região. Nelas estavam envolvidos um grande número de escravos e trabalhadores livres, o que contribuiu para o crescimento acelerado da região sul, que necessitava de um elevado contingente de mão de obra.

– A rota de carro de bois que ligava Bom Jesus dos Passos, atual Passos, a Dolores do Aterrado, hoje Ibiraci, situada no vale do rio Grande, foi uma dessas áreas, onde nasceram vários povoados. A partir de Passos foram se formando diversos povoados, que depois se transformaram em municípios, como por exemplo, Alpinópolis, Bom Jesus da Penha, Capetinga, Capitólio, Cássia, Claraval, Delfinópolis, Fortaleza de Minas, Ibiraci, Itaú de Minas, Passos, Pratápolis, São João Batista do Glória, São José da Barra.

– Me permitam fazer uma referência especial a Cássia, município de minha família, e onde nasci. Com o passar dos anos, o antigo “pouso de tropeiros” foi aos poucos recebendo à sua volta moradores fixos até se transformar em pequeno arraial. E a região de Cássia, outrora uma paragem coberta por matas virgens, seculares, que formavam uma vasta floresta, foi aos poucos sendo substituída por grandes pastos para a criação de gado. Na “praia”, local do antigo pouso, em pouco tempo se realizariam vultuosos negócios de gado, e o pequeno arraial se transformaria em um dos mais importantes mercados de gado do sul de Minas.

– A construção da capela em homenagem a Santa Rita, em 1846, contribuiu bastante para a consolidação do lugar. De 1840 a 1870, houve uma intensa corrente migratória para toda aquela área circunvizinha a Cássia. Em 1844, quatro fazendeiros da região, Manuel Lourenço da Cunha, José Diogo Carrijo da Cunha, João Batista da Cunha e Roque Portes Vieira, que doaram uma gleba de 18 hectares de terras para a formação do patrimônio de Santa Rita de Cássia. Foi assim que nasceu Cássia, de pouso de tropeiros, depois um pequeno arraial, até se consolidar como um município.

– Não poderia deixar de registrar, também, em homenagem a minha esposa Carlota Carrijo, que um dos fazendeiros que doaram as terras para a formação do patrimônio de Santa Rita de Cássia, José Diogo Carrijo da Cunha foi um de seus importantes antepassados!

Nesse momento a minha avó Carlota fez uma intervenção, e pediu para fazerem uma pausa na reunião, pois o almoço já estava servido na mesa da cozinha. Todos se levantaram, e foram novamente em direção a cozinha.

Capítulo 9

Portal do inferno

“O processo de ocupação e de estruturação socioeconômica e política do Brasil, com destaque para a província das Minas Gerais, na qual se insere a região do Aterrado do Desemboque, é resultado da ganância, da crueldade e da violência”.

Luigi Rufino, 1958.

Terminado o almoço, logo no início da tarde, os visitantes foram convidados pelo professor Paulo Duarte Neves, com a aquiescência do meu avô, para voltarem para a sala, para dar continuidade a reunião. Assim que todos se acomodaram, e o gravador de fita foi religado, o meu avô disse que, naquela segunda parte do seu depoimento, iria se ater à história do Aterrado do Desemboque.

Ele começou dizendo que por tudo o que já havia visto e ouvido nas suas andanças conversando com os mais velhos, sobre os extermínios e as crueldades que foram praticadas naquela região, podia afirmar que o Desemboque, entre os séculos XVII até as primeiras décadas do século XX, foi um dos lugares mais perigosos de se viver no Brasil, e quiçá, no mundo.

– Pude constatar que nos relatos feitos nos registros coloniais e pela Igreja os seus redatores tentam, de todas as formas, abrandar a violência no processo de ocupação do Brasil. Essa prática também não foi diferente aqui na nossa região do Desemboque do Rio Grande. Todas as histórias que ouvi durante as minhas andanças, envolvendo violência, se constata que a lei e a Justiça nunca estiveram presentes nesse período. Nas tragédias relatadas pelas pessoas com quem conversei, ficava sempre evidente que nesses conflitos a lei dos mais fortes é que prevaleciam.

– Por ser uma região de difícil acesso, passou a ser ocupada nos séculos XVII, XVIII, e nas primeiras décadas do século XIX, por pessoas desesperadas, em sua maioria fugitivos da justiça portuguesa, assassinos, ladrões, bugres e quilombolas, que ali se instalavam para fugir da escravidão. Os registros históricos revelam, que, pelo seu enorme potencial aurífero e de diamantes, esse ponto de confluência das fronteiras de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, denominado Desemboque, foi objeto de uma longa disputa entre os presidentes das províncias de São Paulo e Minas Gerais, no período colonial. Essas disputas resultaram em diversos enfrentamentos entre as forças militares dessas duas províncias, em especial no povoado de Aterrado, que ficava à margem esquerda do Rio Grande, que surgiu no século XVIII como local de pouso da estrada que ligava Jacuí ao Desemboque.

– Aqui na região do Desemboque a única coisa que prosperou, especialmente no período colonial, foi a ganância pelo ouro e diamante, tanto por parte dos garimpeiros, ladrões e, especialmente, pelos arrecadadores de impostos do governo colonial português.

– A ganância, o ódio e a maldade, nessa época, andavam sempre juntas, de mãos dadas. Não existiam limites para os malfeitores, garimpeiros, quilombolas, fazendeiros, nem para os soldados do exército colonial. Para atingirem os seus objetivos, ou seja, se apropriar do ouro e diamante, a vida humana não tinha nenhum valor para eles.

– Essa expressão “aterrado”, cujo sentido é de “aterrorizado”, “amedrontado” ou “apavorado”, era usado para denominar as pessoas expulsas de suas jazidas pelos garimpeiros. É importante dizer que os riscos faziam parte da vida dos habitantes nesta região selvagem do Brasil colonial, mas a violência que aqui predominava ia muito além dos garimpeiros, que expulsavam os posseiros das áreas de mineração.

– Essa violência também estava presente nos ataques dos índios, denominados bugres, que procuravam defender as suas terras; pelos quilombolas que ali se instalavam, fugindo da escravidão; nas pilhagens dos ladrões de estradas; e em especial, nas ações violentas dos grandes fazendeiros contra os ocupantes de pequenas posses, em busca de ampliar os seus domínios, feitas, em geral, por jagunços ou assassinos contratados.

– Esse caldeirão de conflitos tinha outro elemento que agravava esse cenário de violência: as guarnições militares das províncias de São Paulo e Minas Gerais que aqui atuavam, reprimindo com extrema violência os garimpos ilegais, que desviavam o ouro e o diamante que era minerado na região, que prejudicava os interesses econômicos da metrópole.

Depois de fazer uma pausa, arrematou:

– Se existia inferno na terra naquele período, ele estava localizado na região do Desemboque do Rio Grande.

– A cartografia mais antiga, que detalha o que hoje é a região do Aterrado do Desemboque, foi produzida a partir de 1748 com a criação da Capitania de Goiás, separando-a da de São Paulo pelo Rio Grande e da de Minas Gerais pelo Desemboque. Neste ponto único em todo o percurso do rio, este se estreitava numa pequena garganta com pouco mais de quinze metros e a partir daí percorria cerca de 10 léguas, sendo que na época cada légua media 6.600 metros, entre paredões rochosos com 300 metros de altura.

– Este lugar tornou-se uma referência segura para todas as expedições que abriam as “picadas militares” quase sempre sobre as trilhas indígenas que teciam uma rede de comunicação no entorno da bacia do rio Grande, oferecendo a esta época possibilidades de exploração dos garimpos goianos, dos novos descobertos do Desemboque e de descaminho e fuga das rotas dos registros da região.

– Segundo consta nos registros, a posse mineira da região se efetivou apenas em 1764 com a expedição do Governador mineiro Luis Diogo Lobo da Silva, que anexou à Capitania de Minas, de Jacuí até o sítio chamado Desemboque. A partir daí várias expedições de “limpeza” foram enviadas à região para expulsar e dizimar garimpeiros “vadios” e quilombolas. Grandes expedições, como as de Inácio Correa de Pamplona, enviavam agrupamentos menores em missões pontuais para dizimar povoados e arraiais que se formavam nas faisqueiras recém-descobertas.

– No ponto denominado Desemboque, à margem esquerda do rio Grande, onde hoje está a Usina Peixoto, existia um povoado que é referido em mapas e documentos, até o seu último registro num mapa de 1782. Tudo indica que ele foi destruído por uma ação de extermínio ou “limpeza”.

– Quando observamos o que ocorreu neste último século por aqui, podemos constatar que as mudanças foram lentas. É importante lembrar que a declaração da independência do Brasil, por D. Pedro I, em 7 de setembro de 1822, deu partida a um novo cenário no país. Em meados de 1824, o Brasil estava envolto em fortes turbulências políticas e sociais, em decorrência da outorga da primeira Constituição Brasileira, que apesar de delinear no seu texto uma visão liberal, tinha um caráter absolutista. Ao mesmo tempo, no interior de Minas Gerais, um povoado denominado “Dores do Aterrado” dava os primeiros sinais de emancipação territorial.

– O povoado de Aterrado surge nesse cenário, servindo de local de pouso dos viajantes. Mas em seguida passou a ser considerado um local estratégico para a Coroa portuguesa, pois servia de entroncamento para ligar as províncias de São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Nas suas imediações ficava o quartel das tropas da Província de São Paulo, e posteriormente, de Minas Gerais, que tinham a função de reprimir os garimpos ilegais, e dessa forma, evitar que o ouro e o diamante extraído na região fossem desviados.

– O Quartel do Aterrado, situado uma légua a leste do povoado ficou posicionado exatamente sobre uma linha imaginária que liga o Morro Selado ao Desemboque no rio Grande, conforme a divisa que prevalecia então. Os mineiros, dois anos depois, também fizeram um aquartelamento de homens a menos de um quilômetro de distância e ambos ficaram durante 9 anos em vertentes opostas com controle visual um do outro, no local chamado Fazenda Quartéis.

– Em 12 de janeiro de 1816, contudo, forças mineiras “deitaram abaixo” o Quartel paulista do Aterrado e avançaram 5 léguas dentro da Capitania de São Paulo, colocando os marcos na margem do rio Canoas. A ação, atribuída à Câmara de Jacuí, tinha o claro respaldo do Governador mineiro, Dom Manuel de Portugal e Castro, ainda que este não o admitisse na época.

– Esse respaldo também vinha do próprio Rei D. João VI, como fica explícito nos termos da Carta Patente do Capitão Felizardo Antunes Cintra, Capitão de Ordenanças, firmada por Dom Manuel de Portugal e Castro, go-

vernador de Província de Minas Gerais, que comandou um pequeno exército de 60 soldados, além de seus oficiais, com a missão de ocupar o Distrito do Aterrado. Ele aqui permaneceu, até sua morte em 1842, com uma credencial especial.

– É relevante destacar que a Freguesia de Dores do Aterrado, agora rebatizada de Ibiraci, era para ter sido erguida aqui no Aterrado. Isso não aconteceu devido as dificuldades para canalizar água para a construção da igreja que se pretendia erguer no povoado. Conforme os antigos contavam, confirmados pelos registros da época, a mudança de local foi viabilizada com a doação de uma parte da área, feita por D. Faustina Maria das Neves, e a outra parte por Francisco de Freitas Pedroso, em 1819.

– O Capitão Felizardo Antunes Cintra, a partir da ocupação em 12 de janeiro de 1816, se empenhou em erigir a Capela do Aterrado, para cumprir as ordens de ocupação. Permaneceu 26 anos no comando do local, até sua morte. Durante esse período empenhou-se em povoar a região, em especial, com sua família, os Cintra. Pela relevância do seu papel nessa transferência da sede ele é considerado o fundador da cidade que hoje conhecemos como Ibiraci².

– Em 28 de junho de 1850, com a mudança da padroeira, de Santa Maria Magdalena para Nossa Senhora das Dores, acontece a elevação à Freguesia. Foi elevado a município com o nome de Ibiraci, que na língua tupi, quer dizer “mãe da árvore”, em 7 de setembro de 1923. No dia 9 de agosto de 1936 foi instalado o primeiro governo municipal de Ibiraci. Naquela data se oficializou o Coronel Temóteo Joaquim de Andrade como primeiro prefeito para o período de 1936 a 1946.

– É importante destacar que o Coronel Temóteo de Andrade foi, nessas últimas décadas, a principal liderança política aqui na nossa região do Ibiraci. Posso dizer que, na prática, mesmo depois de ter deixado a prefeitura em 1946, ele continuou mantendo sua influência na política local, com seu estilo firme e paternal. Tenho muito orgulho de ser seu amigo, concluiu o meu avô Luigi Rufino.

2 O Distrito de Dores do Aterrado foi criado pela lei provincial nº 497, de 28-06-1850, e por lei estadual nº 2, de 14-09-1891, ficou subordinado ao município de Santa Rita de Cássia.

No fim da tarde, um pouco antes dos visitantes se despedirem, o professor Paulo Duarte Neves se levantou, bateu palmas para chamar atenção de todos os presentes, e se dirigindo ao meu avô, disse que não poderia partir sem fazer três perguntas que entendia ser muito relevante naquele debate.

– A deficiência de dados e estudos sobre essa região é algo que preocupa a todos nós. Assim, lhe pergunto: das transformações que houve na região, qual a que mais lhe incomodou? Na sua visão o que se deveria fazer para preservar a memória da região do Aterrado do Desemboque? E por fim, o senhor poderia nos relatar uma história de violência na qual esteve envolvido ou foi testemunha, nessas trilhas do sertão por onde andou?

Eu sabia que o meu avô Luigi Rufino tinha uma visão muito cética em relação às transformações que estavam em curso na região do Aterrado do Desemboque, especialmente em relação a construção de grandes hidroelétricas. Para ele não havia nada mais agressivo, da parte dos governantes e empresários, que ao mesmo tempo que falam em desenvolvimento, se dispõem a depredar e destruir, sem dó nem piedade, a natureza. Ele sempre foi um opositor ferrenho da construção do lago no Rio Grande para alimentar a hidroelétrica do Peixoto.

Como eu havia previsto, depois de uma pequena pausa, o meu avô começou a responder as perguntas, iniciando pela sua discordância em relação aquele tipo de “progresso” que os interesses econômicos tinham impostos à região.

– Em relação à primeira pergunta, tenho que confessar que nesses tempos ditos de modernidade, o que mais me incomodou foi a construção do lago da hidroelétrica do Peixoto, por ter inundado as terras mais férteis da nossa região, as que estavam próximas ao leito do Rio. E nessa tragédia, inundaram também o cânion onde ficava a “Garganta do Diabo”, e dessa forma, calaram o Rio Grande.

– É preciso recordar que o barulho estrondoso que o Rio fazia era uma referência para todos os viajantes que passavam por essa região, desde o início do processo de ocupação, no século XVII. Até hoje, quando estou em comitiva, e faço parada para dormir naquela parte onde ficava o desemboque, ainda

ouço, nos meus sonhos, o barulho ensurdecedor e inesquecível das águas do rio passando espremidas pelos cânions. Essa violência que fizeram com o rio e com a natureza, para mim, foi uma coisa imperdoável.

– No que se refere a segunda pergunta, vou precisar fazer algumas reflexões antes. Conforme destaquei no meu depoimento, para mim a história do Aterrado do Desemboque é muito nebulosa. O nosso processo de ocupação, notadamente no período colonial e no Império, foi feito por meio da violência e derramamento de muito sangue. E isso não é contado na história que é ensinada nas escolas.

– Nesse sentido, entendo que é preciso estimular a realização de pesquisas consistentes, apoiadas em dados e registros da época, para sistematizá-la. A nossa história é uma história fatiada, estanque e cheia de espaços vazios. Acho que as instituições interessadas no tema, especialmente os institutos históricos e geográficos, os centros de pesquisas em história, as universidades, os estados e as prefeituras da região, deveriam desenvolver um projeto de pesquisa para preencher essas lacunas.

– A realização dessas pesquisas vão contribuir para deixar claro a importância de se implantar aqui na região do Aterrado uma espécie de museu a céu aberto do “Aterrado do Desemboque”, começando pela reconstrução dos dois quartéis, dos monumentos e das trilhas que aqui existiram no período colonial e no Império. O potencial turístico dessa região, caso seja bem conduzido um projeto com essa magnitude, é bastante promissor.

– Quanto a última pergunta, lamento dizer, mas não vou poder responder, pois acredito que dificilmente vocês iriam entender o nível de violência e maldade presentes no cotidiano das pessoas que viviam ou passavam por essas estradas. As motivações desses confrontos eram os mais variados, que tinham nas suas essências a ganância, ódio ou pura maldade. Coube aos que sobreviveram contar a história, a sua maneira, que nem sempre correspondia aos fatos. Tudo o que aconteceu nessa região, nesses últimos três séculos, nela foi sepultada. As pessoas que estavam envolvidas nesses enfrentamentos ou fatos, em especial, os garimpeiros, os quilombolas, os soldados da colônia e os fazendeiros, não possuíam limites ou regras nos seus comportamentos que lembrassem que eram humanos.

Quando o meu avô terminou de falar, todos o aplaudiram de pé. Percebi que ele tinha ficado emocionado pela homenagem recebida dos visitantes. Logo em seguida, o professor Paulo Castro Neves, falando em nomes de todos, agradeceu a recepção, e aproveitou para ressaltar a importância do depoimento do meu avô.

– O depoimento do senhor Luigi Rufino coloca um pouco mais de luz na história da região do Desemboque do Rio Grande. Queria aproveitar para agradecer, também, a D. Carlota pelo acolhimento e o excelente almoço que nos ofereceu.

Logo em seguida a delegação embarcou na jardineira, partindo em direção ao Ibiraci, onde iriam pernoitar, para seguir no dia seguinte de volta para São Paulo.

Naquela noite demorei bastante tempo para começar a dormir. Fiquei me lembrando de cada detalhe do depoimento do meu avô. A forma como ele apresentou os fatos, com equilíbrio e acuidade, tinha impressionado todos os presentes à reunião. Percebi, quando disse que esse “progresso”, que silenciou o rio, deixou um vazio e uma frustração irrecuperável na memória dos que viviam ou por aqui passaram, tinha calado fundo entre eles. A sua frase: “Ninguém tinha o direito de calar o Rio Grande”, ficou ecoando na minha mente.

Capítulo 10

Brincadeira no paiol

A visita dos professores de São Paulo logo caiu no esquecimento, e a vida voltou ao seu ritmo normal na fazenda. Voltei a me dedicar com afinco nas minhas atividades na escola, e depois de cumprir as minhas tarefas na fazenda, continuava lendo muito. Eu estava gostando das matérias do 3º ano do ginásio, em especial de história, pois estávamos aprofundando os debates sobre os problemas políticos e econômicos do Brasil. Os meses foram passando lentamente e o final do ano de 1958 foi se aproximando.

Nas festas de fim de ano, que era muito aguardada por todos, praticamente todos os meus tios e tias e primos vinham para a fazenda. A tia Divina e o tio Geraldo Siqueira Plácido, que até pouco tempo atrás moravam em Cássia, agora tinham se mudado para o Ibiraci, costumavam ser os primeiros a chegarem. Eu tinha um carinho especial pela tia Divina, pois ela sempre foi muito carinhosa comigo. O tio Geraldo era empresário no ramo de café. Além de comprador de café para um grande exportador de Santos, ele também tinha uma máquina de beneficiamento do produto. Corria uma notícia na família de que ele estaria se preparando para entrar para a política. O meu avô achava que, caso ele se candidatasse, seria eleito, por ser uma pessoa muito querida e respeitada pela comunidade.

O tio Geraldo e a tia Divina eram os pais do Júlio Rodrigues Plácido, Aída, Alice e Anísia. Eles eram os meus primos mais velhos. O Geraldinho, a rapa do tacho, nasceu bem depois. Nos últimos dois anos o Júlio, tinha deixado de vir para as festas de fim de ano, pois tinha se mudado para Belo Horizonte, para estudar medicina. Eu sentia a ausência dele, pois ele era o primo com quem eu tinha mais afinidades. Além de ser uma pessoa determinada e gostar de estudar, o Júlio também gostava de cavalos e de futebol. A tia Albertina, cujo apelido era China, era casada com o tio Antônio Cândido. Eles eram os pais do José Rufino, Luiz e da Rosa Maria, que era chamada pelos primos de Rosinha.

Os filhos do tio Antônio Plácido, o Negrinho, o Tônico e o João Preto, que moravam numa fazenda perto dali, vinham para a casa dos meus avós somente nos dias de comemoração do Natal e na passagem de ano. Esse também era o caso dos filhos do tio Balduino e da tia Vitalina, o José Carrijo, Antônio e a Maria, que moravam lá para o lado da Laje, localidade não muito distante do Aterrado.

De Franca vinham os meus tios José Rufino e Maria Terezinha, com os meus primos Mirian, Sebastião e o José Matias, o caçula. O meu tio José Rufino tinha caminhão de transporte. A minha avó havia me contado que, assim como o meu pai, o meu tio José Rufino também havia sido convocado em 1944 para servir ao exército. Estava sendo treinado para ir lutar na Itália, mas alguns dias antes dele embarcar para a Europa, a guerra acabou.

Da última vez que ele veio visitar os meus avós, ele me contou que nos últimos dois anos estava transportando cerveja de Ribeirão Preto para Londrina, no Paraná. De lá ele voltava com o caminhão carregado de madeira de pinho para entregar em Brasília. Eleitor convicto de JK, falou com entusiasmo que, depois que ficasse pronta, a nova capital do Brasil seria a mais bela e moderna cidade do mundo. Ele acreditava que aquela cidade iria abrir muitas oportunidades para os brasileiros que lá fossem morar.

Com a chegada das festas de passagem de ano, as minhas preocupações com o futuro praticamente desapareceriam. Naquele ano, junto com a família do tio Geraldo, veio uma amiga de escola da minha prima Anísia. Ela se chamava Sabrina, era morena, cabelos pretos longos, olhos castanhos e de estatura média. Apesar dos seus dentes da frente serem um pouco tortos, ela tinha um sorriso bonito. E quando sorria, surgia uma covinha em cada lado do seu rosto. Numa avaliação rápida, vi que o seu corpo se enquadrava dentro dos meus padrões de beleza feminina. O sorriso, as ancas, a cintura fina e os seios eram as partes que mais me atraíam quando olhava para uma mulher. No caso dela, o que mais despertou o meu interesse foi os seus seios fartos e as ancas.

Assim que fomos apresentados, percebi que a Sabrina tinha ficado de olhos compridos para o meu lado. Apesar das nossas trocas de olhares, os dias foram passando, e ainda não havia surgido nenhuma oportunidade de conversar a sós com ela. A minha prima Anísia era a que mais atrapalhava, parecia a sombra da Sabrina.

Mas três dias após o Natal, a minha sorte começou a mudar. A oportunidade de encontrá-la sozinha surgiu quando, no começo da noite, estava voltando da colônia, onde tinha passado a tarde jogando futebol no campinho de terra improvisado. Enquanto caminhava devagar, sentia a brisa acariciando o meu rosto. O anoitecer deixava o ambiente na roça muito calmo. Naquele momento eu estava ouvindo apenas o coaxar das rãs, pererecas e sapos que habitavam o brejal.

Depois de mais alguns passos, para a minha alegria, avistei a Sabrina, sentada num banquinho de madeira, sozinha, lavando suas roupas íntimas, na bica do rego que movimentava o monjolo. Distraída com o seu afazer, ela não me viu chegar. Ao me aproximar por trás, encostei o meu rosto perto de sua nuca, dei um sussurro alto, como se fosse uma alma penada. Ela levantou-se de forma abrupta, jogando a bacia com as suas roupas dentro do curso d'água. Ato contínuo, a bacia e as roupas começaram a rodar correnteza abaixo. Esse incidente me obrigou a pular dentro do rego para apanhá-las.

Depois que lhe devolvi as peças íntimas e recuperei a bacia, vi que ela me olhou com um olhar zangado. Pedi desculpas, e disse-lhe com uma expressão marota no rosto que, se ela quisesse, lhe daria um beijinho para compensar o susto. Como já imaginava qual seria reposta, virei as costas e comecei a andar em direção a escada da porta da cozinha. Para mim foi uma surpresa quando ouvi o som de sua voz me dizendo:

– Se tem coragem, então venha me beijar, assombração.

Ato contínuo parei, e caminhei na direção de Sabrina. Acho que hoje Deus se lembrou de mim, pensei. Me aproximei dela novamente, e sorrindo lhe disse:

– Aqui no monjolo não tenho coragem para lhe beijar, pois a minha avó ou as minhas primas podem aparecer a qualquer momento, e nos pegar agarrados. Vamos para o paiol, para a “assombração” poder cumprir a sua promessa. Ato contínuo, e de forma resoluta, peguei sua mão esquerda, e a levei para dentro do paiol de milho, longe de olhares indiscretos. Ela aproveitou, enquanto eu abria a tramela da porta do paiol, para me dar um beliscão na bunda.

Pela desenvoltura de Sabrina, me abraçando apertado, o sorriso de contentamento e o brilho de satisfação no seu olhar, me deixou desconfiado que aquela não era a primeira vez que ela se escondia com um rapaz num lugar escuro. A porta da esperança, pensei, estava se abrindo para mim naquela noite. A minha coragem com as meninas, de certa forma, compensava a minha inexperiência. Continuamos agarradinhos. Com as duas mãos segurando nas suas nádegas, dei-lhe vários beijos no rosto, e uns selinhos na boca, pois ainda não sabia beijar de língua.

Quando a beijei de forma carinhosa no pescoço, senti que os cabelos de sua nuca tinham ficado completamente arrepiados. As suas pernas amoleceram, e ela dava sinais de que iria desfalecer nos meus braços. Naquele estado de torpor, não tive dificuldades para levantar o seu vestido e apalpar os seus peitos. O contorno daqueles dois belos melões diante dos meus olhos me deixou muito excitado. Sentia que o meu membro queria pular para fora da calça. Em seguida abaixei a cabeça, e comecei a tutar nos bicos dos seus seios fartos e macios.

Ela dava gritinhos como se estivesse sentindo cócegas, mas quando eu parava de chupar, ela apertava a minha cabeça de encontro a eles. Dava para perceber que ela estava sentindo prazer. Em seguida abri o meu cinto e desabotoei a calça, que foi escorregando de devagar, pernas abaixo, até parar nas minhas botinas. Senti um certo alívio quando o meu membro duro ficou em liberdade. Quando tentei tirar a sua calcinha, ela me disse que não, e nesse instante ficou com o corpo retesado, como se estivesse assustada com aquela atitude ousada minha. Quando lhe perguntei porque não, disse-me:

– A minha mãe me avisou que para ficar grávida só basta o bilau do rapaz encostar na porta da perereca. Diante da recusa dela, e apesar da frustração momentânea, continuei abraçado e conversando com ela de forma carinhosa. Depois que percebi que ela estava relaxada novamente, descii a minha mão direita e passei a alisar a suas partes íntimas, enfiando a minha mão direita dentro de sua calcinha. Logo em seguida puxei a sua mão esquerda para baixo, e lhe pedi que segurasse e alisasse o meu membro.

Com a troca de carícias continuadas e frenéticas, ela começou a gemer baixinho, e em seguida senti que a sua vulva estava ficando bastante molhada.

A minha excitação aumentou quando Sabrina parou de me agarrar, sorriu para mim, e cuspiu na palma de sua mão e passou de forma carinhosa no meu membro duro, para lubrificá-lo. A sua mão parecia ser de veludo. Ela demonstrava ter muita habilidade nas suas carícias. No embalo continuado de sua mão macia, não demorei a gozar.

Notei quando ela me olhou espantada, após sentir o calor do meu esperma, que saía em grande quantidade, escorrendo pelo seu ventre, passando pela calcinha, indo em direção as coxas. Logo em seguida, talvez se lembrando das recomendações de sua mãe, pegou a barra do próprio vestido e se limpou com cuidado. Depois de alisar o vestido, se recompondo, ela deu um leve sorriso para mim, abriu com cuidado a porta do paiol, olhou em volta e saiu de fininho. Depois dos “amassos” cada um voltou para os seus afazeres, como se nada tivesse acontecido.

Apesar da minha expectativa, o ano novo chegou, e eu não tive mais oportunidade de levar a Sabrina para o paiol. No dia em que a família do tio Geraldo estava indo embora, no final da primeira semana de janeiro de 1959, um pouco antes da despedida, eu voltei a falar a sós com ela na sala. Com um olhar cheio de malícia, e sorrindo, ela me disse:

– Pedro, você ainda é muito bobinho para fazer “saliências”. Tem muitas coisas gostosas que podemos fazer, sem precisar enfiar o bilau na perereca. Se você tivesse me pedido, assim como você mamou nos meus seios, eu teria mamado no seu bilau. Tenho certeza de que você iria subir pelas paredes do paiol de prazer. Ao ver a minha expressão de desencanto, ela deu uma gargalhada, e disse:

– Não fique triste, assombração! Prometo que vou voltar com a Anísia no final do ano. E quando eu voltar, se prepare para a gente continuar as nossas brincadeiras no paiol!

Tivemos que encerrar a nossa conversa, pois as minhas primas já estavam chegando na sala, carregando as suas malas. Um pouco antes do tio Geraldo partir, disse-lhe que iria pegar no meu quarto um envelope para ele entregar ao Júlio, quando fosse visitá-lo em Belo Horizonte. Ao entregar o envelope, que estava aberto, ele ficou curioso, e me perguntou se podia olhar o que esta-

va dentro. Abanei a cabeça concordando. O meu tio abriu o envelope e olhou o desenho de um peixe lambari, fumando um enorme cachimbo. Como não havia entendido o que aquele desenho significava, me perguntou se eu queria mandar algum recado sobre o desenho para o Júlio.

– Acredito que não é necessário, tio Geraldo. O desenho é uma alusão ao símbolo da FEB, que tem uma cobra fumando. No governo Vargas, no período da II Guerra, os opositores do governo diziam que era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil participar da guerra. Quando uma pessoa daqui da região disse que era mais fácil o cavalo dele, de nome “Lambari”, se formar em medicina do que o Júlio, faz o caso dele ser parecido com o da FEB. O Brasil participou, com a FEB, da II Guerra Mundial, e o Júlio também vai se tornar médico em breve.

O meu tio Geraldo deu uma risada satisfeito, e disse-me que também tinha gostado da comparação. Deu partida na camionete, levando junto a minha tia Divina, as minhas primas, a Sabrina e o desenho de um lambari fumando cachimbo.

Naquela noite demorei a pegar no sono, pois fiquei me lembrando das promessas explícitas pela Sabrina, na conversa picante que tivemos na sala. O que Sabrina me disse, apesar de ter me chamado de “bobinho”, tinha me deixado muito excitado, e não saía da minha cabeça. Fiquei sonhando que o fim do ano já tinha chegado, e que ela estava me chamando para ir brincar no paiol.

No meio desses pensamentos eróticos, imaginando que a boca de Sabrina começava a sugar o meu membro, a minha mão direita escorregou para dentro da calça do pijama. Diante do meu estado de excitação, bastou alguns segundos para eu sentir que já estava gozando, o que ajudou a aliviar os meus desejos. Alguns meses depois, fiquei sabendo por intermédio da Anísia, o que me deixou bastante frustrado, que a ferosa Sabrina tinha se “perdido” com um primo, e que já estava com a data do casamento marcada.

Mas apesar de minha tristeza, por saber que a Sabrina não viria mais no final do ano, ela logo caiu no esquecimento, pois outras preocupações passaram a ocupar a minha mente. Em meados de fevereiro começaram as minhas aulas na escola. No início de junho daquele ano a seleção brasileira de futebol

embarcou para a Europa para disputar a Copa na Suécia, que seria realizada entre os dias 8 e 29 daquele mês.

Durante os jogos, eu, o meu avô, o velho Benedito e o Ambrósio ficávamos com os ouvidos colados no rádio da sala, sintonizado na Rádio Nacional, para ouvir a transmissão dos jogos. Fiquei emocionado quando, no dia 29 de junho de 1958, um domingo, o time do Brasil venceu, na partida final, a Suécia pelo placar de 5 a 2, conquistando a sua primeira Copa do Mundo. Aquela era a única Copa, até então disputada na Europa, que não tinha sido vencida por uma seleção europeia.

Ao narrar os segundos finais do jogo, quando, num lançamento feito por Zagalo o Pelé fez o 5º gol de cabeça, o narrador da Rádio Nacional, Edson Leite, emocionado disse: *“Brasil campeão mundial de futebol pela primeira vez, dois gols de Vavá, dois gols de Pelé e um de Zagalo. Uma vitória de marca do esporte brasileiro”*. Logo em seguida ouvimos a voz de um comentarista dizendo que: *“A sensacional vitória na finalíssima contra a Suécia, neste domingo por 5 a 2, placar jamais antes visto numa decisão de Copa do Mundo, lavou a alma dos brasileiros e tirou um monstruoso peso das costas dos ídolos da seleção. Afinal, todos ainda carregavam as duras lembranças da inacreditável derrota para os uruguaiois, oito anos antes, no Mundial realizado no Brasil”*.

Naquela noite demorei a dormir, pois a alegria e a emoção de saber que o Brasil era pela primeira vez campeão mundial de futebol tinha sido muito forte. A seleção canarinho, que jogou a última partida com o seu uniforme azul, tinha encantado o mundo com o seu belo futebol. Achei que eram merecidos os elogios rasgados que os comentaristas fizeram logo após o jogo aos nossos jogadores, em especial, a Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zito, Didi, Vavá, Zagalo, Garrincha e Pelé. Por tudo o que o jovem Pelé, com apenas 17 anos, havia jogado que naquela Copa, acreditava que estava surgindo um novo mito no futebol mundial.

Capítulo 11

Formatura do ginásio

Naquela manhã do dia 4 de dezembro de 1959, uma sexta-feira, eu me levantei um pouco mais tarde do que era o meu costume, por se tratar de uma data especial. Era o dia da minha formatura no curso ginásial na escola rural do povoado. Não sabia explicar, mas o fato de levantar mais tarde estava me dando um sentimento de culpa. Aquela sensação talvez fosse decorrente do hábito de sempre estar de pé, quando começavam as rotinas na fazenda, que começavam bem cedo, antes do amanhecer.

Parei para escutar o barulho que vinha do lado de fora, para saber que hora era aquela. Ouvi o canário-da-terra, com a sua cabeça de fogo e plumagem amarela, cantando de forma estralada, lá para o lado da velha paineira-rosa que ficava próxima da porteira de saída do curral. Nos períodos de reprodução o *canário-da-terra* vive em casais. Os machos são muito fiéis a um território, que é escolhido pela fêmea, o qual defendem com determinação contra aproximação de outros indivíduos da espécie. Eu já tinha percebido que ele estava chocando numa cabeça de boi que o velho Benedito tinha pendurado no canto do barracão do curral, para espantar os maus espíritos.

O canto do enorme galo carijó, que dormia perto da minha janela, também ecoava naquele momento, vindo do terreiro, perto do monjolo. Como os bezerros não estavam mais reclamando, avalei que os vaqueiros já tinham tirado o leite, e levado as vacas paridas de volta para o pasto. Apesar de ter desistido de querer saber a hora, tinha certeza que já passava das 08:00 horas.

Voltei meus pensamentos no tempo, para tentar recordar quando foi que comecei a levantar tão cedo. Não me lembrava, mas sabia que tinha sido desde de muito pequeno. Gostava de tomar o café da madrugada-manhã junto com os meus avós Luigi Rufino e Carlota, sentido no corpo o calor que vinha

do fogão a lenha na enorme cozinha da fazenda. O cheiro do café coado, que se espalhava pela cozinha e chegava até o meu quarto, e as deliciosas roscas e biscoitos de goma que estavam à minha espera sob a mesa, perto do fogão, que a minha avó assava diariamente no forno, contribuíam muito para aumentar a minha motivação para levantar-me cedo.

O rádio que ficava na parede da esquerda na entrada da sala estava ligado, e ouvi quando o locutor, lendo as principais notícias do Jornal Folha da Manhã, de São Paulo, informava que “*Movimento de rebeldia na FAB, o governo controla a situação*”. Fiquei imaginando que o presidente Juscelino Kubistchek, com o fim da rebelião, dificilmente iria punir os culpados. Pelo seu espírito conciliador, achava que o presidente acabaria anistiando os militares revoltosos.

Logo em seguida o locutor começou a fazer um balanço da revolução cubana. Disse que “*desde a chegada ao poder de Fidel Castro e de seus companheiros revolucionários, em janeiro último, muitas mudanças estavam ocorrendo na ilha. Fidel Castro, à frente do governo de Cuba, já havia anunciado a adoção de inúmeras medidas para melhorar a condição social da população, entre elas, a nacionalização de bancos e empresas, reforma agrária, e reformas nos sistemas de educação e saúde. Disse que, a partir da revolução, Cuba havia se tornado uma nação socialista, o que significava que o partido comunista, doravante, não iria permitir qualquer tipo de oposição*”.

Desde que comecei a me interessar por política passei a acompanhar de perto os desdobramentos da revolução cubana. Naquelas alturas já sabia que Cuba era uma ilha situada no mar do Caribe, próxima dos Estados Unidos, e que até pouco tempo tinha sido governada por um ditador corrupto chamado Fulgêncio Batista. Fiquei pensando como deveria ser difícil para as pessoas comuns, fazendeiros como nós, que estariam vivendo no meio daqueles conflitos sangrentos. Me lembrei do meu avô, que sempre dizia que as mudanças políticas e tecnológicas trazidas pelos ventos da Segunda Guerra Mundial tinham virado o mundo de cabeça para baixo. Algumas boas, outras nem tanto, arrematava. Ele tinha uma visão cética em relação aos movimentos revolucionários da América Latina, na sua maioria financiados pela União Soviética e China. Achava que estava em curso, como no caso cubano, a troca de seis por meia dúzia. Estavam trocando um ditador de direita, por um de esquerda. Dizia que a democracia não tinha espaço nesses regimes.

Logo que cheguei na cozinha, vi que a minha avó Carlota já havia começado a fazer o almoço, e que o meu avô não estava em casa. A minha avó era uma mulher de baixa estatura, cerca de 1,55 cm, de cabelos pretos compridos, enrolados num coque, olhos castanhos e muito agitada, um comportamento típico dos espanhóis. Apesar de já ter passado dos cinquenta anos ainda era uma mulher bonita. Os seus olhos continuavam brilhando como de uma adolescente. Me encantava ver como ela conseguia fazer várias coisas ao mesmo tempo. Naquele momento, enquanto estava mexendo, com a mão esquerda uma enorme colher de pau, o arroz na enorme panela de ferro, com a mão direita colocava mais lenha debaixo da trempe, para aumentar o fogo, e com uma expressão séria, dava ordens para sua ajudante descascar o chuchu.

Quando me aproximei, pedindo-lhe a benção, ela deu um sorriso para mim, com o seu olhar meigo, me deu um abraço forte e os parabéns pela minha formatura no ginásial. Em seguida pediu que eu ficasse parado na sua frente, e me examinou detidamente, de cima em baixo, para conferir se estava bem-arrumado e com a roupa bem passada.

– Você já está ficando um belo rapaz, Pedro! Cada dia que passa fica mais parecido com o seu avô! Não vai demorar para as sirigaitas das redondezas começaram a crescer os olhos para você!

Dei uma risada, pois achei engraçado os comentários de minha avó, e aproveitei para perguntar-lhe onde estava o meu avô Luigi Rufino. Respondeu-me que ele tinha saído bem cedo, tinha ido receber os pagamentos das vendas de tabaco dos comerciantes que ficavam lá para os lados da Usina do Peixoto. E antes que perguntasse, ela complementou: Ele só volta no final da tarde!

Fui até o fogão de lenha, peguei um dos bules de alumínio e uma xícara branca esmaltada. Ao tomar o primeiro gole constatei que o café, além de estar muito forte, não tinha açúcar. Descobri que tinha pegado o bule errado. A minha avó coava dois tipos de café, o forte para ela e o meu avô, e o ralo para mim. Fiz uma careta e engoli o líquido com dificuldade. Ela estava olhando para mim, e deu uma gargalhada com aquela cena. A sua risada também me contagiou, e ambos ficamos rindo durante algum tempo do acontecido.

Dei um beijo na face de minha avó, e comecei a subir a escada em direção a sala, mastigando um biscoito comprido de goma. Antes de chegar na sala ainda ouvi a minha avó dizendo para a D. Benedita e a sua filha Marilda, as suas ajudantes nas lidas da cozinha, que começassem a providenciar as frutas e os ingredientes para fazer doces, pois o Natal estava chegando, e logo os seus filhos, genros e noras, estariam chegando para as festas de fim de ano.

Ninguém fazia doces melhor do que a minha avó Carlota. Os doces de figo, abóbora e goiabada com queijo Minas eram os meus preferidos. Enquanto passava pelo curral, comecei a pensar no tumulto generalizado que seria após a chegada dos meus tios e primos. Já estava imaginando as confusões, brigas e o barulho que os meus primos iriam fazer naqueles dias. Para mim era sempre agradável revê-los.

Para a minha avó Carlota não havia nada melhor do que reunir a família. Eu sentia que o meu avô Luigi também gostava, mas tinha pouca tolerância com barulho. Assim, quando ele chegava em casa a ordem da minha avó era para a meninada fazer silêncio, o que era um verdadeiro suplício para os meus primos.

Percebi que o sol já estava bastante alto. Apressei os passos pela estrada molhada e escorregadia, cheia de costelas, pois não queria chegar atrasado na solenidade de entrega dos boletins com as notas, que tinha sido marcada por D. Anita para as 10:00 horas. No trajeto, do nada, surgiu novamente em minha mente, as dúvidas que vinham me atormentando nos últimos meses, sobre o que o futuro estaria reservando para mim. Essas inquietações passaram a ser recorrentes, especialmente depois que tinha completado 16 anos, idade que eu havia acabado de ultrapassar no final do mês anterior. E como todo adolescente na minha idade, tinha poucas certezas e um turbilhão de dúvidas. Uma dessas certezas, pensei, é que gosto muito da minha vida na fazenda.

Já avistando o movimento em frente à escola, me lembrei de minha mãe Laura. Queria muito que ela estivesse viva, para poder assistir a minha formatura do curso ginásial. Apesar de o tempo amenizar a nossa dor, de vez em quando, especialmente nas ocasiões de comemorações, me dava uma enorme melancolia, motivada pela saudade de minha mãe.

Por outro lado, quando essa tristeza não queria ir embora, eu me lembrava que Deus, que havia tirado os meus pais de mim, também tinha me dado os meus avós paternos, para me darem proteção e carinho. Se no quesito segurança o meu avô Luigi era o campeão, no campo do carinho, a minha avó Carlota era imbatível, pensei.

Capítulo 12

Fim de um ciclo

O final do ano de 1959 foi um período que marcou definitivamente a minha vida. Eu tinha completado 16 anos, a caminho dos 17 anos. Comecei a perceber que um ciclo importante dela estava se encerrando. Essa percepção veio à tona com mais intensidade no dia do encerramento das aulas, quando a minha professora Anita Conti, depois de me entregar o boletim com as notas, me deu os parabéns. Disse-me que eu tinha sido um aluno especial, dedicado, e que agora começava uma nova etapa de minha vida. Agora vai começar a fase decisiva de sua vida, disse-me, na qual a construção do seu futuro vai depender única e exclusivamente de suas escolhas, e do preço que estará disposto a pagar para atingi-las.

Não pude deixar registrar na minha mente, como se fosse um alarme disparando, a entonação que D. Anita deu na sua voz quando disse “vai começar a fase decisiva de sua vida”. Apesar ter ficado com essa sensação, não pude deixar de ficar contente com os elogios recebidos, e aproveitei para agradecer-lhe a sua ajuda e ensinamentos. Eu sabia bem o quanto D. Anita tinha se dedicado à nossa turma nos últimos quatro anos.

Para ela também havia se encerrado um ciclo, pensei, visto que o seu contrato como professora naquela escola tinha chegado ao fim. O meu avô me disse que a criação de nossa turma foi um arranjo político, ainda na fase da construção da hidroelétrica do Peixoto. Naquela época havia bem mais moradores no povoado, o que gerou uma demanda maior de alunos que iriam cursar o ginásio. Isso evitou que os jovens que moravam no povoado do Aterradinho e adjacências tivessem que se deslocar diariamente de jardineira, para ir estudar no ginásio do Ibiraci. Com a nossa formatura, a escola iria voltar a funcionar no modelo antigo, apenas com alunos das primeiras quatro séries do curso primário.

Por se tratar de uma escola rural, o modelo de “grupo escolar”, iniciado na Reforma João Pinheiro em Minas Gerais, em 1906, que veio favorecer o trabalho do professor, e influenciando positivamente o ensino, nunca chegou a nossa escola. Assim, o padrão de ensino que era empregado ali continuava o mesmo adotado no tempo de Império, e que se prolongou pela República, onde se ensinava em aulas heterogêneas as crianças das quatro classes do primário. Isso impactava negativamente na eficiência a aula.

Se o trabalho de minha professora do ginásio era difícil, as atividades da professora dos alunos do primário, me parecia ainda mais desgastante, pois a obrigava a se desdobrar para manter em atividade todos os alunos. Talvez fosse por isso, pensava, que quase todos os anos havia substituição de professor naquela turma.

Foi somente naquele último ano do ginásio que avalei a importância da dedicação e a generosidade de D. Anita, e o quanto ela tinha ajudado aos alunos de nossa turma, e em especial, a mim. O fato dela ter me escolhido para ser o monitor da turma me estimulou a estudar e a ler cada vez mais. Foi ela que me apresentou aos grandes escritores brasileiros e estrangeiros, especialmente os franceses. Ao longo dos últimos quatro anos, além de fazer sugestões de leituras, me emprestava os livros, que retirava das bibliotecas públicas de Ibiraci e de Franca.

Quando D. Anita encontrava os meus avós, era comum ouvir ela fazendo elogios sobre o meu desempenho na escola, ressaltando que, se eu continuasse os estudos, teria um futuro promissor pela frente. Aquelas manifestações de reconhecimento, vindas da parte dela, me deixava contente, mas até meados daquele ano eu imaginava que, após terminar o curso ginásial, iria me dedicar, em tempo integral, a ajudar o meu avô no comércio de tabaco.

Nos meus momentos de divagações, me via em comitiva, conduzindo a tropa de burros carregados de rolo de fumo pelas estradas empoeiradas, apertando a espora na virilha do meu baio. Nesses sonhos eu sempre estava ao lado do meu avô, atento para evitar acidentes, e apertando o passo dos animais para entregar no prazo as mercadorias encomendadas pelos comerciantes dos povoados da região do Desemboque do Rio Grande.

Nesses enlevos, sentia uma estranha sensação de liberdade, cavalgando nas trilhas perigosas nas montanhas. Com o corpo moído, depois de ter andado o dia inteiro no lombo de um cavalo, arrastando as mulas carregadas de mercadoria, chegava cansado, mas feliz, ao local do pouso no final do dia. A melhor parte desses sonhos era o fato de saber que, dali em diante, eu passaria a conviver diariamente com o meu avô, ouvindo seus conselhos e aprendendo a negociar.

Quando voltei à realidade, vi os seus belos olhos azuis me fitando, como se estivesse achando engraçado a minha atitude. Pedi-lhe que me desculpasse, pois estava com a mente em outro lugar, e ela apenas sorriu. Me senti um pouco abobalhado, e fiquei pensando o que ela iria pensar de mim.

Junto com o boletim, ela entregou-me também um bilhete endereçado ao meu avô Luigi. Como o envelope não estava lacrado, perguntei-lhe se poderia ler o seu conteúdo, ela deu um sorriso, talvez pela minha curiosidade, e abanou a cabeça concordando. No bilhete pedia que o meu avô a procurasse na escola, no final da próxima semana, para buscar o meu diploma de conclusão do curso ginásial, com as notas das disciplinas que cursei. Terminava a missiva lembrando que esses documentos seriam necessários, caso eu fosse continuar os meus estudos.

Ao terminar de ler o bilhete, me lembrei do meu primo Júlio Plácido, filho da tia Divina e do tio Geraldo, que estava estudando medicina em Belo Horizonte. Da última vez que estivemos juntos, ele havia me aconselhado a continuar os estudos. Disse-me que, apesar da enorme saudade que sentia da família, estava certo de que o sacrifício valia a pena. Tinha que confessar que a ideia de afastar-me dos meus avós, e daquele mundo onde vivia, me deixava desconfortável e inseguro.

Antes de sair, tentando impressioná-la, mostrando que eu estava superando a minha timidez, voltei a agradecer-lhe pela sua dedicação e generosidade, e concluí, dizendo que ela era a professora mais linda que eu conhecia! Pude perceber, pelo seu sorriso, que ela tinha gostado dos elogios. Levantou-se da mesa, e pegou na minha mão:

– Pedro, obrigado pelo seu reconhecimento. Procurei fazer o melhor, dentro de minhas limitações. Acredito que ainda vamos voltar a nos encontrar

nos próximos dias. Desde o primeiro dia de aula, fiquei encantada com o seu interesse pelo conhecimento, pois sei que isso vai fazer uma enorme diferença na sua vida pessoal e profissional. O seu nível de maturidade, apesar de sua juventude, é surpreendente. É por isso que tenho aconselhado o seu avô a mandá-lo estudar fora, pois estou certa de que esse mundo aqui, apesar de ser um lugar maravilhoso, ficou muito pequeno para você.

– Sou grata a Deus por ter sido a sua professora. O seu crescimento pessoal e intelectual, durante esses quatro anos, aumentou as minhas convicções sobre a importância da educação, como um meio para o indivíduo alcançar a liberdade.

– E por fim, o seu elogio de que sou a professora mais bonita que você conhece, me deixa muito feliz. A recíproca também é verdadeira, você é o rapaz mais bonito que eu conheço! O seu caráter e comportamento, e em especial, o seu jeito especial de me olhar, voltou a abrir uma janela na minha alma que eu achava que tinha se fechado para sempre!

Apesar de estar confuso com muitas coisas que ela estava dizendo, como por exemplo, “*abrir uma janela na minha alma*”, senti uma energia estranha e gostosa percorrendo o meu corpo naquele momento. Apesar de não ser o namorado de D. Anita, achei que deveria ser daquela maneira, por meio de metáforas, que as pessoas enamoradas expunham os seus sentimentos. Aquele declaração de D. Anita me deixou muito feliz, especialmente quando disse, com os olhos brilhando, que assim que surgisse uma oportunidade, iria me convidar para eu visitá-la, pois queria me “dar um presente” para que eu lembrasse dela para o resto de minha vida.

Com uma expressão de felicidade estampada no rosto, agradeceu novamente e me retirei da sala. Aproveitei para me despedir de alguns colegas, que estavam no pátio da escola. Eles estavam encostados na parede perto da saída, assim que me viram, começaram a rir, como se estivessem falando de mim. No grupo estavam o Juarez, o Eduardo, o Calixto e o Fábio. Antes que eu pudesse perguntar o motivo dos risos, o Juarez falou:

– Pedro, conta aí para o pessoal aquela “piada” do bêbado que você adaptou para homenagear o Padre Teodoro!

Dei um sorriso, concordando. Contar piadas era uma das coisas que eu mais gostava de fazer. Aquele “causo”, comecei, segundo as más-línguas, teria acontecido recentemente no Ibiraci:

– Um conhecido “pé de cana” da cidade, atraído pelo som de uma música, adentrou-se num ambiente cheio de gente. Cambaleando, e falando com dificuldade, pois estava com soluço, dirigiu-se a uma senhora de preto e pediu:

A madame...hic, me dá o prazer dessa dança?

Logo em seguida ouviu a seguinte resposta:

Não, por quatro motivos:

Primeiro, o senhor está bêbado!

Segundo, isto é um velório!

Terceiro, não se dança o Pai Nosso!

E quarto porque eu sou o padre,

E “madame”! É a puta que o pariu!

De forma sincronizada, no momento em que terminei de contar a piada, todos começaram a rir, inclusive eu. O Fábio, o último a parar de rir, pediu para que eu contasse mais uma piada do bêbado. Após fazer uma pausa, para me lembrar de uma piada mais recente, comecei a contar:

– O bêbado chegou em casa de madrugada todo amarrotado, com marcas de batom na camisa e no pescoço. A sua mulher, uma senhora grande e gorda, estava atrás da porta, esperando por ele, com um rolo de fazer massa de pastel na mão. Assim que entrou, ela o segurou pelo braço e perguntou-lhe por onde ele tinha andado.

– Com uma cara deslavada, o marido disse que era melhor não contar, pois ela não iria acreditar mesmo no que havia acontecido com ele. Em tom ameaçador ela mandou ele contar. Foi então que ele explicou:

– Não é nada disso que você está pensando, estou assim desarrumado e cheio de batom, porque briguei com um palhaço na praça do Ibiraci, quando estava vindo para casa!

Depois das risadas generalizadas, me despedi dos meus colegas, dizendo que tinha que ir tratar dos porcos. Prometi ao pessoal que, na primeira oport-

tunidade, contaria algumas piadas novas que tinha ouvido no rádio. A minha pressa, na verdade, era em decorrência da fome que estava sentindo, pois não tinha comido nada depois do café da manhã.

Assim que peguei o caminho para casa comecei a pensar no que D. Anita havia me falado. Talvez por nunca ter me relacionado com uma mulher, pois nunca tive uma namorada, eu não consegui captar o que ela estava tentando me dizer. Mas uma coisa eu tinha certeza, pela expressão do seu rosto e pelo brilho diferente que vi no seu olhar, percebi que ela não olhava mais para mim como se eu fosse seu aluno. Podia estar enganado, mas o seu olhar era de uma mulher olhando para um homem.

Caminhando e olhando para a estrada batida, cheia de costelas e poças d'água, voltei a pensar na minha formatura, pois num país onde o analfabetismo era a regra, terminar o curso ginásial era um grande feito. Estava contente, me sentindo quase um doutor, por ter concluído o ginásio. Pela posição do sol, que já estava quase a pino, percebi que já passava das 11:30 horas. Devia ser por isso que eu estava com tanta fome. A minha avó já devia ter servido o almoço há bastante tempo, pensei.

Logo depois atravessei a porteira da entrada da fazenda me veio à mente três inquietantes perguntas:

– O que vai mudar na minha vida daqui para frente? Se vou continuar os estudos, para onde irei? O que vou estudar?

A possibilidade de estudar fora, especialmente depois que conversei com o meu primo Júlio, já não me assustava tanto. O que me incomodava era o sentimento de perda que me assolava. Era por isso que, no íntimo, desejava continuar perto de meus avós, pois eles me davam segurança. Foram eles que cuidaram e continuavam cuidando de mim. Eram o meu porto seguro. Quando ficassem mais velhos e cansados, pensei, iria cuidar deles, dando continuidade aos negócios de comércio de tabaco e das outras atividades da fazenda do meu avô.

Da posição onde eu estava já podia avistar a copa florida da velha paineira-rosa, que ficava perto da porteira da entrada do curral da fazenda. No verão e no outono, quando dava flores, a maior parte de suas folhas caíam. Dava

para ver que as suas flores eram pintalgadas de vermelho, e apresentava uma tonalidade de rosa esbranquiçada. Seu tronco é cinzento-esverdeado e recoberto de acúleos grandes e piramidais. A sua madeira é bastante leve, mole e pouco resistente, além de não ter boa durabilidade. Mas servia para “fazer um caixão”, como dizia o poeta. Eu sabia que o seu fruto grande se abre quando maduro, liberando boa quantidade de paina-sedosa, entremeada com as sementes que são carregadas pelo vento. A minha avó usava a sua fibra fina e sedosa para encher os nossos travesseiros. Desde pequeno eu sempre gostei de ficar debaixo de sua sombra.

Deixando de lado a história da paineira velha, voltei a matutar sobre aquelas três perguntas que ainda permaneciam sem respostas. Ao conectar aquelas inquietações com a frase de D. Anita: “vai começar a fase decisiva de sua vida”, descobri o sentido exato e o peso da palavra “*responsabilidade*”.

Capítulo 13

Despertar da paixão

Antes de entregar o bilhete para o meu avô, li o seu teor novamente, e fiquei admirando a bela caligrafia de D. Anita Conti. Os traços perfeitos das letras levaram os meus pensamentos em outra direção. Sentia um carinho especial por ela. Nos últimos tempos, ela aparecia com frequência nos meus sonhos, dormindo ou acordado. Foi a partir desses enlevos eróticos que comecei a descobrir que estava apaixonado por ela.

Comecei a relembrar como D. Anita tinha entrado na minha vida. Na sua primeira aula, quando se apresentou para a turma, ela disse que era pedagoga, formada pela Universidade Católica de Campinas, cidade onde nasceu. Seus pais eram engenheiros, filhos de italianos, de uma pequena comuna da província de Roma, na região do Lácio. Depois desse dia nunca mais voltou a falar sobre a sua vida pessoal. Além de discreta, era muito dedicada à sua tarefa. Em pouco tempo conquistou a admiração dos alunos, de suas famílias e da comunidade, pois era uma professora competente e generosa.

Ao mesmo tempo em que ensinava, D. Anita também estimulava os seus alunos a participarem e refletirem sobre os assuntos tratados em sala de aula, o que contribuía para o crescimento intelectual de todos. No segundo semestre do primeiro ano do ginásio, em decorrência do meu desempenho escolar, ela me escolheu para ser o monitor da turma. Fiquei muito lisonjeado com o convite. Assim, ficou sob a minha responsabilidade, escrever com giz no quadro-negro, a matéria que seria ministrada no dia, fazer a chamada e tirar pequenas dúvidas dos meus colegas depois da aula.

Para mim, a D. Anita era ela a mulher mais bonita e inteligente que eu conhecia. Ela era jovem e tinha a pele muito branca e macia, e algumas sardas no rosto. Era de estatura mediana, cabelos loiros, compridos, olhos azuis, da cor do mar, lábios carnudos, e uma dentição perfeita, que ressaltava ainda mais

a sua beleza quando sorria. Eu sabia que no dia 12 de setembro de 1959 ela tinha completado 23 anos. Ultimamente quando falava comigo, para explicar ou tirar alguma dúvida em sala de aula, com o seu jeito sensual e o sorriso meigo e cativante, eu me sentia flutuando nas nuvens. Os seus atributos me levaram a compará-la com a deusa da beleza Freya, presente na mitologia nórdica.

Há alguns meses, deitado no banco de madeira na sala da fazenda, quase dormindo, com a cabeça no colo de minha avó, ouvi a esposa do farmacêutico do povoado, a fofoqueira D. Filó, falando sobre a vida de D. Anita. Ela disse que finalmente tinha ficado sabendo os motivos que tinham levado a minha professora, uma moça linda e inteligente, a se isolar naquele fim de mundo: uma decepção amorosa.

Segundo D. Filó, ela tinha sido noviça num convento que ficava lá para os lados de Mogi das Cruzes. Teria sido desligada da ordem religiosa depois que a Madre Superiora do Convento tomou conhecimento de que ela estava enamorada de um padre jovem, que ajudava o pároco a rezar as missas no Convento aos domingos. Depois que voltou para a casa de seus pais em Campinas, ela ficou esperando notícias do jovem padre, que havia lhe prometido também largar a batina para se casarem. Mas isso não aconteceu. O jovem, após pediu perdão ao bispo da região por ter pecado, decidiu continuar como sacerdote. Isso a teria deixado muito magoada e decepcionada, concluiu D. Filó.

Depois desse dia, passei a ver a minha professora de maneira diferente: como mulher. Esperava que já tivesse superado a sua desilusão amorosa. Fiquei pensando que a frustração sofrida por D. Anita tinha sido benéfica para os alunos de nossa turma do ginásio, pois ganhamos uma excelente professora. Isso aumentou a minha convicção sobre os desígnios do destino.

Tinha que concordar com o padre Teodoro, que sempre dizia nas suas pregações nas missas, de que “nada ocorria por acaso nas nossas vidas”. Me sentia uma pessoa de sorte por ter convivido com ela nesses últimos anos. Os fatos mostravam que D. Anita era uma mulher corajosa, pois apesar da sua desilusão, não tinha se deixado abater. Enxergar a minha professora como uma mulher bela e sensual, foi uma das melhores descobertas que fiz naquele último ano do curso ginásial.

Apesar de D. Anita ser uma pessoa recatada, e de usar roupas discretas, passei a perceber, especialmente nos meses mais quentes daquele ano, quando ela vinha dar aulas vestida com roupas mais leves, como o seu corpo era escultural. Da posição onde eu ficava sentado na sala de aula, na primeira carteira, próxima da porta, podia admirar de perto os seus belos seios, as curvas do seu corpo, nos seus glúteos firmes e as pernas bem torneadas, enquanto assistia as suas aulas. Ultimamente eu tinha que fazer um esforço enorme para me concentrar nas matérias que estava ministrando.

Fui apanhado por ela algumas vezes, com o meu olhar cheio de desejos, especialmente quando ela se sentava na cadeira e cruzava as pernas. E toda vez que isso acontecia, e ela dava um leve sorriso para mim, como se dissesse “te peguei”, e eu sentia o calor do rubor subindo pelo meu rosto. Mesmo depois das aulas, tanto a sua imagem como o seu jeito especial de falar e sorrir, continuavam povoando a minha mente.

Essa forte atração que sentia pela minha professora, que tinham se agudizado nos últimos meses, era guardada a sete chaves. Às vezes, ficava imaginando que talvez D. Anita já tivesse percebido isso, mas diante da minha inexperiência com as mulheres, não podia afirmar que isso fosse verdade. Certa vez quase confessei esse pecado para o padre Teodoro, no confessionário da Capela do Aterrado, logo depois da missa que rezava ali todo final de mês. Ao dizer que estava tendo pensamentos impuros e me masturbava com frequência, ele me perguntou com quem eram esses pensamentos.

No último instante, quando a minha língua já estava começando a coçar para contar o meu pecado, me contive. Disse-lhe que pensava numa moça seminua que estava num cartão-postal de 1900. Tive que lhe explicar que tinha achado o postal numa caixa de papelão com papéis antigos guardados pelo meu avô no seu escritório na fazenda. Ele me disse para jogar fora a foto, pois eu estava pecando por luxúria. E nessa ocasião me aplicou uma dura penitência: rezar trinta “Padre Nosso” e sessenta “Ave-Maria”. Fiquei imaginando depois, quantas orações eu teria que fazer, caso tivesse confessado para o padre Teodoro que a minha atração era pela minha professora.

Assim, nos últimos meses os meus pensamentos foram ocupados pela imagem de minha bela e meiga professora, vestida numa camisola transparente,

vindo em minha direção, e me beijando de forma lânguida na boca. Tinha que confessar que gostava de ter esses enlevos eróticos frequentes com D. Anita.

Apesar das reprimendas do padre Teodoro, que afirmava ser pecado ter pensamentos impuros, eu não me sentia culpado, nem aceitava a ideia de que estava pecando. Já tinha idade suficiente para saber que tudo aquilo estava acontecendo comigo estava relacionado ao fato de já ter chegado a idade adulta, e junto com ela a maturidade sexual.

Eu sabia que o amadurecimento psicosssexual é uma convergência progressiva de tendências sexuais e eróticas no amor. Esse foco sexual dirige-se exclusivamente àquela pessoa única que a tendência erótica lhe inspirou, no meu caso a D. Anita. Eu tinha consciência que o ser humano realmente amadurecido só pode desejar sexualmente a pessoa que ama. Esses meus desejos incontidos por D. Anita eram liberados todos os dias, de forma solitária, quando eu estava debaixo do chuveiro tomando banho.

Capítulo 14

Decidindo o meu futuro

Alguns dias depois da minha formatura no ginásio, o meu avô Luigi Rufino me chamou para ir com ele até o povoado do Aterradinho. Além de comprar alguns mantimentos na venda do Zé Carrijo, e aproveitar para pegar as roupas de cama e toalhas de banho, que a minha avó havia encomendado na Loja da Bacima, no Ibiraci. A lojista havia mandado um recado no dia anterior, confirmando que enviaria as encomendas pela jardineira daquela manhã. Logo depois que o Ambrósio, filho do velho Benedito, arriou o cavalo na carroça, subimos e nos acomodamos no banco de madeira. O meu avô pegou as rédeas, e partimos devagar, sacolejando na carroça, na estrada cheia de costelas, em direção ao povoado.

Cerca de 15 minutos depois chegamos ao nosso destino. Vindo da nossa fazenda em direção ao povoado, a venda do Zé Carrijo ficava logo no início da única rua do povoado. A rua era de terra vermelha batida, um pouco inclinada para a esquerda, cheia de costelas, com cerca de 30 metros de largura e 800 metros de comprimento. Ela tinha casas em ambos os lados, e no final da reta, a esquerda, numa posição mais elevada, ficava o cruzeiro e a Capela do povoado. Naquele local ela fazia uma curva de 90 graus para a direita, começando a decida, indo em direção a estrada que ligava Ibiraci a Usina do Peixoto. Na decida também existiam algumas casas do lado esquerdo, entre as quais a do dentista prático “Dr. Nano”, e um pouco mais abaixo, a da minha professora D. Anita, e logo após duas datas vazias, ficava o moinho de pedra do Valdomiro, que ficava sob o ribeirão.

A venda do Zé Carrijo era um ponto de encontro obrigatório para quem ia fazer alguma coisa ali no povoado, especialmente comprar alguma mercadoria, tomar uma pinga ou apenas conversar. Ele tinha quatro filhos, a Vitalina, o Otaviano, o Dermeral, o Genário e o Itaci, que o ajudava no atendimento aos clientes.

Além de ser uma pessoa muito agradável, ele era um comerciante hábil, que sabia cativar a sua clientela. Fornecia alimentos e ferramentas, na base da confiança, que eram anotados numa caderneta, para um grande número de pequenos sítiantes e trabalhadores rurais da região. Grande parte deles só pagavam as suas dívidas anualmente, depois da colheita de café.

Nem era preciso dizer que o meu avô gostava muito do Zé Carrijo. Eles tinham por hábito se encontrarem quase todo os dias no final da tarde. Depois que o meu tio Balduino se casou com a filha mais velha dele, a tia Vitalina, o meu avô passou a considerá-lo uma pessoa da família. Costumavam falar de política e economia, e um pouco mais tarde, faziam uma pausa, para ouvir no rádio os programas que transmitiam músicas caipiras de raiz. O programa predileto deles era o do Zé Betio, na Rádio Record de São Paulo, que começava logo depois da Hora do Brasil. Ele sempre dizia que o Zé Carrijo, apesar de ter nascido cego, enxergava mais do que a maioria das pessoas que conhecia.

Depois que acomodamos as mercadorias e as encomendas de minha avó dentro do baú da carroça, o meu avô me disse que tinha marcado um dedo de prosa com a minha professora, D. Anita. Quando ele me deu essa informação, me recordei do bilhete que ela havia lhe enviado no dia da minha formatura. Assim, tivemos apenas que atravessar a rua de terra batida, pois a escola ficava em frente ao armazém, num terreno amplo, protegida por uma cerca viva de trepadeiras.

Para ter acesso ao pátio da escola era preciso passar por um portão de madeira duplo que se abria para a rua. Depois da entrada, do lado direito do pátio, ficava as três salas de aulas da escola, uma servia de almoxarifado, a outra era para os alunos do primeiro e a última era da turma do ginásio. A que eu tinha estudado era a primeira, que ficava mais próxima do portão. A esquerda do pátio ficava a sala da secretaria.

Logo que atravessamos o portão, fomos em direção a sala da secretaria, cuja porta estava semiaberta. O meu avô bateu, e logo em seguida ouvimos a voz de D. Anita, dizendo para ele entrar. A sinalizar que iria acompanhá-lo, ele pediu-me que o aguardasse do lado de fora, pois queria conversar em particular com a minha professora.

Sentei-me num banco de madeira grossa, que ficava bem no centro do pátio da escola, onde ficava o mastro da bandeira nacional, e fiquei esperando. Não demorou muito para um casal de sabiá laranjeira, que estavam alimentando os seus três famintos e barulhentos filhotes no ninho feito numa bananeira plantada ao lado da secretaria, chamar a minha atenção. Observei que os filhotes, já bem empenados, quase escanhotavam os bicos para receber a comida trazidas pelos pais.

O ninho tinha sido feito num cacho da bananeira marmelo enorme. Observei que o ninho tinha sido feito na curvatura da primeira penca, que já estava começando a ficar amarelada. Se as bananas amadurecerem logo, pensei, alguém vai cortar o cacho e os filhotes serão expulsos do ninho antes de poderem voar com segurança. Esperava que isso não ocorresse, pois caso contrário, iriam servir de banquete para alguma ave de rapina ou um gato da redondeza. A curiosidade de ver os filhotes de perto me fez levantar do banco, e fui em direção a bananeira.

Enquanto apreciava aquela cena da natureza, que sempre me encantava, ouvi sem querer, uma parte do diálogo entre a minha professora e o meu avô Luigi. Ela estava fazendo elogios ao meu desempenho escolar, ressaltando a minha facilidade no aprendizado, em especial de português, matemática e história. Ressaltou o meu interesse pela literatura e a facilidade que tinha para escrever redação.

Depois de fazer uma pausa, D. Anita complementou que seria uma pena que eu parasse de estudar. Achava que eu tinha um bom perfil para me tornar um advogado, pois sabia argumentar e defender bem as minhas convicções, além de ter facilidade para escrever e de gostar de ler. Por fim, pediu ao meu avô que considerasse a possibilidade de enviar-me para um bom Colégio ou Seminário para continuar os estudos. Caso seja um colégio, ela recomendava o Colégio Marista Pio XII, em Campinas. Nesse caso, ressaltou ela, seria interessante que o senhor pedisse ao padre Teodoro uma carta de recomendação para o diretor do Colégio. De qualquer forma é importante lembrar que o Pedro vai ter que fazer um teste de seleção de português e matemática. Mas pelo nível dele, sei que não terá dificuldade para ser aprovado.

Ouvi quando o meu avô respondeu que o mais adequado é que fosse um colégio:

– Mandar o Pedro para um seminário não vai dar certo, pois já percebi que ele não tem perfil para a vida sacerdotal. Pelo jeito como ele olha para as ancas das moças, dá para ver que ele não tem vocação para o celibato!

Deu para ouvir que depois que ele terminou de falar, ambos começaram a rir. Não consegui entender o que D. Anita havia respondido, pois naquele momento ouvi o cantado de um carro de boi que estava se aproximando, vinda da direção da nossa fazenda. Levantei-me do banco e fui para o lado de fora da escola, ver o carro de boi passar.

O carro de boi estava equipado com cinco juntas, e vinha carregado de milho. Como eu gostava de fazer cálculos, observei que ele era de tamanho tradicional, puxado por dez animais, o que significava que estava carregando cerca de 1,2 tonelada de carga, que correspondia a 44 balaios de milho, que depois de debulhado daria 16 sacas de 50 quilos.

Aproveitei para dar uma olhada no seu estado de conservação do carro de boi. Comecei pelas cangas, e fui em frente, canzil, arreia, cabeçalho, cantadeira, cheda, cocão, fueiro, mesa, recavém, tambueiro, brocha, rodas e as palmatórias. Avaliei que, no seu conjunto, o carro ainda estava em bom estado.

Em muitas comitivas do meu avô para entregar fumo de rolo, se utilizava o carro de boi. Esse tipo de atividade tinha me obrigado a conhecer bem como se utilizava aquele tipo de transporte. Eu tive um excelente instrutor, o meu tio Pedro Rufino, irmão do meu avô, que era carpinteiro e fabricava carros de boi. Ele me dizia que o carro de boi precisa ser forte e resistente, mas não podia ficar pesado, para não sacrificar os animais que vão puxá-lo. Assim, a madeira usada na sua construção tinha que ser a mais leve possível. Para ele a melhor madeira para fazer um carro de boi era o bálsamo. Me explicou que, para ficar proporcional, o fabricante do carro de boi deve usar a medida do raio da roda como referência. Dessa forma, o a largura do carro deve medir o dobro do raio da roda, e o seu comprimento deve ter seis vezes esse valor.

Os bois de cabeçalho são os animais que ficam amarrados ao cabeçalho do carro de boi. Estão mais próximos ao carreiro. São os responsáveis por

dar equilíbrio a toda a junta e uni-la ao carro de boi propriamente dito. Os bois de chaveia, em juntas formadas por dez bois, como era o caso daquele que estava passando, formam os três pares de animais que vêm logo atrás dos bois guias. São os bois mais fortes de toda a junta, o que denominamos de “marrucos”, pois eles é que fazem o maior esforço para puxar o carro. Os bois guias, os meus preferidos, são o par de animais que dão direção para os que vêm atrás. Eles precisam ser bem treinados para poder obedecer às ordens dadas pelo carreiro.

Pelo suor dos animais e do carreiro, dava para ver que ele estava vindo de longe. O carreiro era um homem negro, de meia idade, magro, de estatura média, vestido com uma camisa azul e uma calça de algodão branco encardido, amarada na cintura por uma corda fina, descalço, e estava com um chapéu cinza surrado atolado na cabeça. No seu pescoço tinha um lenço vermelho, com o qual enxugava seguidamente o suor do rosto. Caminhando ao lado da junta de bois de cabeçalho, ele levava na mão direita o ferrão, com o qual vinha cutucando com força as suas ancas. Dava para ver que a junta de bois de cabeçalho parecia cansada.

O gemido forte da cantadeira atraía a atenção dos moradores do povoado, que saíam nas portas e janelas para ver o carro de boi passar. A cantadeira é a parte do eixo que fica em contato com a parte inferior do chumaço, e era em decorrência do contato entre eles que se produzia aquele som característico do carro. Quase tive que tampar os meus ouvidos quando carro passou por mim, pois além dos gritos que o carreiro estava dando com os dois bois guias, apelidados por ele de Cangaceiro e Lampião, o rangido que a cantadeira fazia era quase insuportável.

Minutos depois, quando o carro de boi já havia se afastado, voltei para dentro da escola, fui para o mesmo lugar de onde havia saído, perto do ninho dos sabiás-laranjeira. De lá continuei ouvindo a conversa do meu avô com a minha professora. Vi na sua expressão que ele estava muito atento ao que ela estava falando. Algum tempo depois eles se despediram, e eu o acompanhei, atravessamos a rua e subimos na carroça, em seguida pegamos o caminho da fazenda.

De volta para casa notei que ele estava muito pensativo. Não tive coragem de lhe perguntar sobre o que havia conversado com a minha professora. A imagem que ficou registrada na minha mente, do meu avô balançando a cabeça, concordando com a D. Anita, de certa forma, indicava qual seria a decisão que ele iria tomar.

Alguns dias depois, levantei-me a noite para beber água, e caminhei descalço, em silêncio sobre o tablado de madeira corrida, em direção à cozinha, onde ficava o pote d'água, para não acordar os meus avós. O meu quarto ficava à direita do corredor, de quem vinha de fora, depois de passar sala da casa. A direita ficava os aposentos dos meus avós. Ouvi o som da conversa dos dois. Aquilo era um fato comum para mim, pois cresci ouvindo eles conversarem depois que estavam deitados. Naquela noite, porém, notei que havia algo diferente na conversa dos dois. A minha avó Carlota estava falando um pouco mais alto, como se estivesse apreensiva com alguma coisa.

Tinha aprendido desde cedo que as pessoas mais jovens não devem interferir nas conversas das pessoas mais velhas, e muito menos ficar ouvindo as suas conversas particulares. O que me fez parar foi o fato de minha avó Carlota ter pronunciado o meu nome num timbre diferente. Assim, me encostei na parede do corredor, e tentei entender o que eles falavam sobre mim.

– Luigi, eu também tenho refletido muito sobre o futuro de Pedro. A recomendação feita pela D. Anita, para que ele seja mandado para um colégio em Campinas, para continuar os seus estudos, não tem saído da minha cabeça. Ele tem pendor para as letras, e Deus ajudando, ele um dia poderá ser um doutor, quem sabe um advogado. Isso vai mudar o rumo da vida dele, concluiu a minha avó.

O meu avô ficou calado, e ouvi que ele estava pigarreando. Devia ficar contrariado com o rumo da conversa, imaginei. Alguns segundos depois a minha avó continuou o assunto.

– Preste atenção Luigi, e veja como o nosso neto Pedro, a cada dia passa, fica mais parecido com você. Quando o vejo falando, sorrindo ou caminhando é como se estivesse vendo você quando era rapaz, quando aqui chegou, há quarenta anos. Hoje de manhã fiquei observando o comportamento dele,

quando você o mandou atirar naquele bando de galhas que estavam comendo os ovos das galinhas no galinheiro. Você viu que ele não errou sequer um tiro. Ele tem a mesma aptidão sua para manejar armas de fogo, e não demonstra ter medo de nada. Você mesmo já me disse, nas nossas últimas conversas, que não gostaria que ele tivesse o mesmo destino seu, onde a violência se tornou sua companheira inseparável.

– Acho, Luigi, que o futuro dele está nos estudos. Achei muito interessante quando passamos recentemente na casa do Coronel Temóteo de Andrade, lá no Ibiraci, para cumprimentá-lo pelo seu aniversário, e você lhe disse que estava convencido que o Brasil atrasado, violento e sem lei, tinha ficado no passado. Sentia que os ventos das mudanças sociais e da redemocratização, que foram trazidos pelo fim da Segunda Guerra Mundial, exigiam que dali para frente, as pessoas para terem sucesso teriam que estudar mais. O Brasil do futuro seria conduzido por bons advogados, médicos, engenheiros, entre outras profissões. E que o mundo onde ambos haviam vivido, no qual sobrevivência dependia da violência, estava dando os seus últimos suspiros.

O silêncio voltou a tomar conta do ambiente. Já estava me preparando para seguir em direção à cozinha quando ouvi o meu avô falar:

– Você sabe que vou fazer o que for melhor para ele. Já decidi que vou mandá-lo estudar no colégio em Campinas. Mas agora vamos dormir, Carlotta, pois amanhã temos que levantar cedo. Ouvi o barulho dos dois se acomodando na cama, e depois o silêncio voltou a reinar na casa grande.

Capítulo 15

A chegada da modernidade

O mês de janeiro de 1960 rompeu célere, com a casa da fazenda cheia de visitas. Mas esse movimento durou pouco, pois logo no início da segunda semana do mês, todos os meus tios e primos retornaram para as suas casas, e tudo voltou ao normal na fazenda. Levantar cedo, cuidar da horta de verduras e legumes e alimentar os porcos no chiqueiro na parte da manhã. Na tarde estava aproveitando para ler os romances escritos por Jorge Amado, entre eles, “Gabriela”, que D. Anita havia me emprestado. Estava muito interessado em conhecer um pouco da realidade nordestina, em particular, da região cacauera da Bahia.

Em meados de janeiro, numa manhã nublada, eu estava conversando com a minha avó Carlota, perto do fogão de lenha na cozinha, quando ouvimos o barulho de um caminhão buzinando na entrada do curral. A minha avó olhou para mim e disse:

– Deve ser o FNM do Luiz do Militão, que veio fazer a entrega da compra de fumo de rolo que o seu avô fez no mês passado em Bela Vista de Goiás.

Ela tinha razão, pois da janela da sala avistamos um enorme caminhão FNM, com carroceria alongada e eixos duplos, cinza, com placa de Franca, fazendo manobras dentro do curral. Dava para perceber, pela altura da carga, que estava coberta por uma lona verde, um pouco desbotada pelo uso e o sol, que se travava de uma carga avantajada de fumo de rolo. O barro no curral estava dificultando as manobras. Com dificuldade o motorista conseguiu encostar o veículo de ré na porta do depósito de fumo, que ficava do lado direito da casa grande, um pouco abaixo do galpão do curral.

Logo que terminou a manobra, o motorista, um jovem de estatura baixa, de cabelos pretos e um bigodinho fino, que me pareceu ridículo, desceu do

caminhão e veio em nossa direção. Quando se aproximou, confesso que fiquei admirado de ver como uma pessoa tão pequena, conseguia dirigir um caminhão daquele tamanho.

A minha avó deu um sorriso ao reconhecê-lo, logo em seguida ela se virou para mim e disse:

– Faz tanto tempo que o Edgarzinho não aparece por aqui, que você certamente nem deve se lembrar mais dele. A minha avó tinha razão, pois eu não me lembrava dele.

– Vou lhe explicar a linhagem dele, Pedro. Do lado materno o Deguinho é neto do Elói Carrijo, que é o pai da sua mãe, a Benedita Alves. Do lado paterno ele é neto do Fortunato Carrijo, que é o pai do Jonas Carrijo, que é o pai dele. Ele trabalhou muito tempo com o seu tio José Rufino, no tempo da construção da hidroelétrica do Peixoto. É o tal motorista, de quem lhe falei, que corria demais, e que perdeu a tampa da carroceria do caminhão do seu tio na estrada do Peixoto.

Depois que ela terminou de contar as façanhas do baixinho, começamos a rir. Logo que ele se aproximou mais, ela abriu os braços, e foi na sua direção para abraçá-lo. Perguntou pelo Reginaldo Carrijo, mas que todo mundo chamava de Roxinho, pela esposa Maria e a filha Divete, bem como pelo seu irmão mais velho, o Iraci. Ele disse que todos estavam bem. A minha avó o convidou para ir tomar café na cozinha, ele deu um sorriso, e aceitou na hora. Caminhando logo atrás deles, ouvi quando ele disse que já fazia quase dois dias que não comia nada sólido.

Logo que ele sentou na mesa da cozinha, a minha avó colocou um bule de café e uma bandeja de biscoitos de goma na frente dele, e voltou a manifestar a sua satisfação por revê-lo:

– Quem é vivo sempre aparece! O meu filho José Rufino, me contou que vai se mudar com a família para Brasília. Ele me disse que a Maria Terezinha já pediu os documentos de transferência da escola dos meus netos, a Mirian, o Sebastião e o José Matias. Acho que vão embora em março deste ano, pois querem chegar antes da inauguração da nova capital do Brasil. Ele nos falou que você também está pensando em ir tentar a sorte por lá.

Ele já estava com a boca cheia de biscoito de goma, por isso fez um aceno com a cabeça, concordando. Pela disposição que estava comendo os biscoitos, a minha avó percebeu que ele já devia estar a bastante tempo sem comer. Com pena, ela o convidou para ficar para o almoço, que deveria estar pronto logo depois que descarregassem a carga de fumo. Os olhos do baixinho brilharam de alegria com o convite.

Como era de costume, logo que o caminhão chegou, boa parte dos empregados da fazenda que estavam nas imediações vieram para ajudar a descarregar. Eu também fui ajudar. O meu avô, que estava fiscalizando a limpeza do rego d'água que alimentava o monjolo, chegou logo em seguida para conferir a carga. Depois de cumprimentar Edgarzinho, ele lhe perguntou em quantos dias tinha gastado na viagem de Bela Vista de Goiás até o Aterrado.

Ele disse que tinha demorado 3 dias, porque havia pegado muito barro e atoleiros nas estradas de terra em Goiás. O meu avô deu um assovio e um sorriso, e comentou que no passado, uma carga como aquela, feita em lombo de burros ou em carros de boi, costumava ser feita em cerca de um mês, destacando que um carro de boi quando andava muito, percorria no máximo 40 quilômetros por dia. São os tempos de modernidade, concluiu o meu avô.

Capítulo 16

A última comitiva

Como eu havia avaliado, a carga de fumo de rolo que tinha chegado no caminhão era tão grande que lotou o depósito de fumo. O próximo passo agora era começar a fazer as entregas, disse o meu avô. Assim, era previsível que nos próximos dias o meu avô saísse em comitiva, para entregar as encomendas. No dia seguinte, durante o almoço, ele disse para a minha avó que iria viajar na semana seguinte. Iria começar as entregas pelos comerciantes da região do Peixoto e de Delfinópolis. As entregas para comerciantes de Claraval, a antiga Vila dos Garimpos das Canoas ficaria para o mês seguinte.

O meu avô fez uma pequena pausa, e logo em seguida me perguntou se eu estava com disposição de acompanhá-lo na comitiva.

– Talvez esta seja a última vez que você vai me acompanhar, Pietro. Agora que você vai estudar fora, vai ficar cada vez mais difícil você viajar comigo. Olhei para ele, com uma expressão alegre, e disse-lhe que enquanto eu fosse neto dele, iria acompanhá-lo nas comitivas. Ele deu um sorriso leve, demonstrando ter ficado satisfeito com a minha resposta. Eu sentia que ele gostava da minha companhia nas suas viagens. Logo em seguida reiterou a recomendação que sempre me fazia antes das viagens em comitiva:

– Pietro, quando a sua avó Carlota for arrumar o seu saco de viagem, não se esqueça de lembrá-la de colocar meias grossas e algumas ceroulas de dormir, pois vai fazer muito frio lá no alto da Serra, especialmente à noite. A viagem, considerando que os burros vão bastante carregados, vai durar pelo menos duas semanas, lembrou.

Nas comitivas do meu avô ele tinha uma preferência pelos burros. Gostava de ouvir os seus elogios sobre aqueles animais. Ele dizia que as suas longas orelhas captam muito mais sons que os cavalos e servem como radiador para

esfriar o sangue do animal. Seu forte sistema digestivo permite digerir raízes, troncos e coráceas que não podem ser digeridas por outros equinos. Comparando com cavalos, os burros precisam menos comida em relação ao seu peso. Mas sempre alertava que nas viagens mais longas não era conveniente sobrecarregá-los. O limite da carga ideal para um burro, dizia, é de 60 quilos, o que equivalente a cerca de 30% do peso do seu corpo.

Nessas ocasiões, sempre ressaltava que a resistência dos burros em regiões montanhosas é muito boa. Eles têm muita facilidade em se mover em terrenos acidentados e rochosos pois eles tendem a mover uma pata dianteira por vez, tornando a subida muito mais precisa e menos cansativa. Como desvantagem, os burros requerem muito mais atenção que um cavalo ou uma mula devido ao seu caráter, por serem animais muito mais teimosos e desobedientes.

O convite para acompanhar o meu avô na comitiva me deixou bastante animado. Apesar da dureza das estradas e trilhas, e gostava de participar daquelas viagens. Sentia uma sensação estranha de liberdade quando estava no caminho. Gostava de ver o pôr do sol, sentir o vento frio das tardes acariciando o meu rosto, e de ouvir o canto das seriemas ao longe. Era como se estivesse em comunhão com a natureza. O melhor momento, para mim, era quando a comitiva parava para descansar no final da tarde. Quando jantava, sentado à beira de uma fogueira, acessa para espantar os bichos e amenizar o frio que fazia à noite ali na Serra da Mantiqueira, a minha impressão era de que havia voltado no tempo. Para mim não existia nenhuma comida mais saborosa do que o arroz tropeiro preparado pelo velho Benedito.

O melhor vinha depois, quando ficava ouvindo as histórias contadas pelo meu avô sobre as suas andanças e aventuras pelas trilhas que cruzavam aquelas montanhas. As mais tenebrosas eram as que falavam das aparições de assombrações, almas penadas de pessoas que foram mortas naquelas paragens, e continuavam perambulando por lá. Quando eu era menor, sentia que os cabelos dos meus braços e da nuca ficavam arrepiados, quando ele relatava em detalhes esses casos. Quando o cansaço chegava, cada um procurava se acomodar para dormir.

Desde pequeno eu sempre me acomodava a esquerda do meu avô. Ele tinha me ensinado que, se houvesse algum imprevisto, ele me protegeria. As suas armas, observava, sempre ficavam do lado direito do seu corpo, no alcance de seu braço. Nada me parecia mais confortável do que a cama feita no chão, com o bacheiro de lã de ovelha e o meu coxonilho branco de lã de Negaio, amarrada em esteira, e trançada com fio de algodão, e tendo o arrieiro boiadeiro como travesseiro e a grossa capa de chuva como cobertor. Nas noites claras, antes de pegar no sono, olhando para o alto, tinha a impressão que se esticasse as mãos, poderia pegar algumas estrelas no céu.

Como se fosse um ritual, quando o meu avô ia viajar para fazer as entregas das encomendas de tabaco para os comerciantes da região, a minha avó sempre preparava uma comida mais forte, que ele chamava de “tirar o jejum”. Nessas ocasiões todos se levantavam bem mais cedo. Antes de ir para a cozinha se alimentar, ele ia até o galpão onde a tropa era arriada, anexo ao curral, para fiscalizar o carregamento das mulas. Arriar os burros e ajustar a carga de fumo de rolo era um trabalho que exigia muita atenção, para evitar acidentes, especialmente nas subidas e descidas das trilhas nas montanhas.

A tarefa de preparar a tropa era responsabilidade dos dois ajudantes de confiança do meu avô, o velho Benedito, que era viúvo, e o seu filho Ambrósio. O velho Benedito era um pouco mais velho do que o meu avô, já estava avançando para os setenta anos. Era um homem atarracado, estatura baixa e forte. Apesar da idade, era capaz de erguer sem dificuldade um rolo de fumo de 60 quilos. Ele tinha apenas dois dentes na boca. Um dente canino na parte superior e outro na parte inferior, ambos do lado esquerdo da boca, que se destacavam quando ele dava uma gargalhada. O meu avô me dizia sorrindo, quando estava longe dele, que aqueles dentes deviam ser de marfim, pois quebravam as rapaduras mais sólidas, sem dificuldade.

O seu filho Ambrósio, era um pouco mais alto do que o seu pai, magro, inteligente, dedicado e leal. Diferente da maioria dos trabalhadores da fazenda, ele sabia ler, escrever e fazer contas. O meu avô dizia que ele, desde pequeno, se mostrava uma pessoa inteligente. Foi por causa disso que o meu avô pediu ao velho Benedito que o colocasse na escola do povoado, onde fez o curso primário. Quando eu estava iniciando os meus estudos, foi ele que me ajudou no

aprendizado da cartilha e da tabuada. Isso acabou criando uma enorme empatia entre nós. Ele também gostava de jogar futebol, e torcíamos pelo mesmo time, o Cruzeiro de Belo Horizonte.

Apesar de estar chegando nos quarenta anos, aparentava ter bem menos. Era capaz de saltar sobre uma cerca sem dificuldade, e tinha se tornado um exímio amansador de burro xucro. Os empregados da fazenda diziam que ele era um homem corajoso, que não fugia de briga. Quando alguma pessoa lhe perguntava se não pretendia se casar, ele respondia, sorrindo, que ainda não tinha perdido a esperança.

– Quando encontrar uma cabocla ajeitada, junto os trapos com ela, na mesma hora, uai. Mas tem que ser donzela e bonita!

O velho Benedito e sua família eram descendentes de escravos. Tinham nascido naquela fazenda, e se tornaram agregados na casa do meu avô, desde que ele havia se casado com minha avó. Os dois eram tratados como membros da família, o que gerava ciúmes dos outros trabalhadores, pois eram os únicos empregados da fazenda, além das duas ajudantes de minha avó, que podiam transitar pela casa grande. Eles moravam numa casa pequena, caiada de azul, no começo da colônia da fazenda, que ficava numa encosta suave, um pouco distante da sede, do outro lado do ribeirão, nos fundos da propriedade.

O velho engenho de produção de açúcar da fazenda, movido a roda d'água, que estava desativado há bastante tempo, ficava do lado de cá do ribeirão. O velho Benedito e o filho, além de serem os ajudantes do meu avô nas comitivas para entregar as encomendas de fumo de rolo, também eram responsáveis pela sua manutenção do engenho de açúcar. O meu avô dizia que ele sabia tudo sobre funcionamento de engenhos. Fique pensando que, talvez, fosse pelos ensinamentos recebidos de seus antepassados escravos.

Eu me lembro bem que, ao encontrá-lo certa ocasião em que estava fazendo a manutenção do engenho, perguntei a ele porque existiam tantos tipos diferentes de engenhos para fabricar rapadura e açúcar. Ele parou o que estava fazendo, olhou para mim, fez uma pequena pausa, e disse:

– Nhozinho Pedro, quando estamos falando de engenho, temos que ter em mente que estamos tratando da forma como se usa a força motriz para fazer

girar as engrenagens das moendas. São elas que esmagam a cana, para produzir o caldo de cana, matéria-prima para o fabrico do açúcar, de aguardente e de rapadura. Ao longo do período colonial os portugueses usaram três tipos de engenho. Alçaprensa ou alçaprema é o engenho movido a força humana. Geralmente usado nas chamadas engenhocas, os pequenos engenhos, os quais fabricavam rapadura ou aguardente para consumo interno. Poderiam também fabricar pequenas quantidades de açúcar para uso caseiro. Almanjarra, trapiche, molinote, atafona ou de bois: engenho movido pela força de animais, geralmente bois, mas havia casos que se usava cavalos. Água ou real: engenho movido pela força da água, usando-se uma roda d'água. Foram considerados os mais eficientes, por longos séculos. No século XIX, na época do Império do Brasil, chegou a vez do Banguê: engenho movido a vapor.

No caso do Brasil, os engenhos de água proliferaram devido à grande disponibilidade de rios e riachos, além de também não haver inicialmente muito gado, embora que o uso de bois se requiere a existência de pastos mais vastos e currais maiores para mantê-los. O engenho de açúcar estava dividido basicamente em três partes: a casa da moenda, a casa das caldeiras e a casa de purgar. Cada uma destas etapas representavam as fases do fabrico do açúcar. No caso do fabrico da cachaça e da rapadura existem diferenças após a segunda etapa.

Nesse momento ele fez uma pausa, para me explicar a função de cada equipamento do engenho. Além dos tachos, paróis e caldeiras outras ferramentas e recipientes, disse o velho Benedito, usados nessa etapa eram a batedeira, caneca, cinzeiro, colher, concha, escumadeira, fôrma, passadeira, picadeira, pomba ou reminhol, e por fim, a resfriadeira, que é o tanque onde o melaço descansava e esfriava para depois ser depositado nas fôrmas. Após a fervura, o caldo antes inicialmente de coloração verde-claro ou amarelada, após ser fervido ele se torna o que se chama de mel-de-cana, mel-de-engenho, mel-de-furo ou melaço. Uma substância amarronzada rica em sacarose, carboidratos e ferro. O melaço além de ser usado para fazer açúcar também é usado para se fazer cachaça, rapadura, rum e caldos.

Foi depois das explicações que o velho Benedito me deu sobre os engenhos que passei a perceber o quanto aquela atividade tinha sido importante para o processo de ocupação do Brasil.

Voltando para a questão da localização da colônia da fazenda, me lembro que a minha avó me disse que, naquela distância, os barulhos que os moradores faziam não chegavam até a casa grande da fazenda. Na colônia também moravam os empregados responsáveis pelo gado e pela conservação das lavouras, colheita e secagem do café nos terreiros da fazenda. Os dois estavam sempre sorrindo. O meu avô tinha uma enorme consideração pelo velho Benedito. Ele sempre ouvia os seus conselhos, e era o único empregado da fazenda, às vezes, discordava do meu avô.

Nessas ocasiões que antecedia as viagens, eu costumava prestar muita atenção nas atitudes do meu avô, especialmente nos seus modos disciplinados, conferindo com atenção as mercadorias, se os arreios dos burros estavam bem ajustados e se não havia nenhum animal mancando. A última coisa que ele verificava eram as armas que levava na viagem. Ajustava com cuidado o cinturão cheio de balas, com dois coldres, na cintura. Depois olhava se tambor do revólver SW calibre .45 estava carregado, e em seguida da garrucha .380, e por fim colocava na parte de trás do cinto um punhal longo, de cabo de prata, com bainha de couro marrom.

A carabina de papo amarelo era a última a ser entregue para ele. Essa tarefa cabia a minha avó Carlota, que fazia isso depois que ele já estava montado na égua branca, chamada Pipoca. Por ser um animal inteligente, capaz de entender os seus todos os comandos, ela era o seu xodó. Ninguém na fazenda tinha autorização para montá-la. Depois de receber a arma, ele verificava se estava carregada, e com a bala na agulha, e finalmente a enfiava na capa do lado direito do arreio, no alcance de sua mão.

Capítulo 17

A ponte dos Peixoto

Naquela madrugada fria do dia 20 de janeiro de 1960, uma segunda-feira, como era de costume nas viagens de comitiva, acordamos ainda mais cedo, antes da Estrela Dalva sumir no céu. Assim que terminei de escovar os dentes e pentear os cabelos, fui para a cozinha para comer o desjejum junto com meus avós. Nessas ocasiões eu sempre ficava eufórico, pois acompanhá-lo nas entregas das encomendas me dava muito prazer, era sempre uma nova aventura. Nada me dava mais satisfação do que viajar ao lado do meu avô, no fim da fila indiana dos burros carregados de rolos de fumo, que andavam a passo lento, algumas vezes, muito próximos dos precipícios, nas trilhas traiçoeiras das encostas da Serra da Mantiqueira.

Nessas ocasiões sempre aproveitava para falar de um tema que ele conhecia muito bem. Assim, logo que saímos para fora, ainda no curral, ele apontou o dedo para a Estrela Dalva e disse que já era hora de partir, pois ela já estava alta, e o sol não iria demorar a aparecer. Antes de montar na sua égua branca Pipoca, ele se posicionou em relação ao norte e me disse:

– Para o norte fica Sacramento, a nordeste Delfinópolis, a sudeste está Cássia, lugar onde nasci, para o sul está Capetinga, em Minas, e Patrocínio Paulista, em São Paulo, a sudoeste está Franca, a oeste Claraval e a noroeste Pedregulho. Das três últimas, apenas Claraval fica do lado de Minas Gerais.

O dia ainda não tinha rompido, quando saímos da fazenda do meu avô, com destino a Delfinópolis. Na subida da porteira da fazenda já dava para avistar que algumas luzes que estavam sendo acesas no povoado do Aterradiño. Alguns quilômetros depois, com os primeiros raios do sol despontando no horizonte passamos pela vila do Jacarandá, seguindo em frente na estrada batida que margeia as divisas da fazenda do Elói Carrijo, para logo depois

chegar ao Alto do Iguatimi. Aquele nome não havia sido dado por acaso, pois ficava num dos lugares mais elevados da região, de onde se podia avistar a Serra da Canastra, que estava há quase quinze léguas, o equivalente a 100 quilômetros.

Depois da descida, percorremos um terreno plano até o povoado da **Laje**, que é cortado ao meio pela estrada, com um pequeno comércio e dezenas de residências. Um pouco mais adiante vimos as comunheiras da casa da fazenda do Antônio Ananias, e um pouco adiante cruzamos as terras da fazenda do João Saturno. Os cafezais cobriam uma grande parte das encostas da montanha, e o resto era de pastagens, que estava cheia de gado.

Logo após começou uma subida forte. Nesse ponto a paisagem se altera de forma abrupta, pois a trilha fica bastante sinuosa, tendo como cenários os morros elevados. A forte descida, em zigue-zague, é o inverso da subida. Dali dá para ver, à esquerda, a elevação onde foi construída, no estilo gótico, a Capela de Nossa Senhora de Lourdes da Piçarra. No final da descida passamos pelos hotéis das Águas Virtuosas da Piçarra, à esquerda, o Fagundes, à direita, e um pouco mais à frente, a esquerda, o Águas Claras.

Fizemos uma parada para almoçar, numa mangueira frondosa em frente ao Hotel Balneário das Águas Virtuosas. O meu avô me contou, que o balneário tinha sido construído em 1926, por três empresários de Franca, o Major Torquato Caleiro, Hygino Caleiro e Fulgêncio Gomes. Aquela capela que passamos antes de chegar aqui, construída sobre aquele morro de rocha avermelhada, uma formação Tatuí, também conhecida por “piçarra”, foi feita por eles, em 1927. Ele disse que se lembrava bem do engenheiro e arquiteto chamado J.E. Chauvière, com quem tinha conversado algumas vezes. Ele me disse que para agradar a minha avó Carlota, eles vieram para assistir a primeira missa foi rezada ali no dia 28 de junho de 1931.

Olhando para o balneário, que já dava sinais de decadência, o meu avô me falou:

– Pietro, tudo na vida tem um começo, um meio e um fim. Isto aqui já foi um lugar imponente, onde vinham se hospedar e se divertir as pessoas mais ricas da região. Era aqui que a alta sociedade de Franca recepcionava as

autoridades importantes, faziam reuniões políticas, passavam as férias, luas-de-mel e as festas suntuosas.

– Estive hospedado algumas vezes nesse Balneário, com a sua avó, nos seus dias de glória. Foi aqui que me deparei com a mulher mais bonita que conheci na minha vida, de nome Sylvie Laforêt. Era uma mulher encantadora, de estatura mediana, sardas no rosto, olhos azuis, cabelos ruivos e um sorriso estonteante. Além de ser muito bonita, tinha uma voz muito suave. O seu sotaque francês, quando conversava, fazendo biquinho com a boca, era muito sensual.

Enquanto ele fez uma pausa, e eu aproveitei para pedir que ele me contasse como tinha conhecido a cantora francesa.

– Nos conhecemos por acaso, num final de semana, no salão de festas, logo depois do jantar, em meados de novembro de 1935. Nessa ocasião a sua avó não estava comigo. Eu fui convidado para participar de uma reunião política, a convite do Coronel Temóteo de Andrade, na qual estaria presente um ministro do governo Getúlio Vargas.

– O cenário político no Brasil, desde o final da década de 1920, estava em turbulência. A crise política se agravou a partir de março de 1930, quando foram realizadas as eleições para presidente da República, na qual venceu o candidato governista Júlio Prestes. A Aliança Liberal, nome dado aos aliados mineiros, gaúchos e paraibanos, recusou-se a aceitar a validade das eleições, alegando que a vitória de Júlio Prestes era decorrente de fraude. No início de três de novembro daquele ano, Júlio Prestes foi deposto e fugiu junto com Washington Luís. Logo em seguida, o poder foi passado para Getúlio Vargas, pondo fim à República Velha.

– Dois anos depois, eclodiu a Revolução Constitucionalista de São Paulo. Com a tentativa de golpe comunista, que ficou conhecida como Plano Cohen, o presidente Getúlio Vargas anulou a Constituição de 1934 e dissolveu o Poder Legislativo. Assim, desde de 1934, Getúlio estava governando com amplos poderes. Aquele foi ponto de partida do chamado Estado Novo.

– A reunião política com o tal ministro tinha esse objetivo, falar sobre o que o presidente Getúlio Vargas pretendia fazer nos próximos anos. Embora

eu tenha dado apoio ao fim da política de “café com leite”, entre São Paulo e Minas Gerais, eu não tinha nenhuma simpatia por governos autoritários. Esperava que a normalidade democrática voltasse logo ao país, com a convocação de uma Assembleia Constituinte. O tempo mostrou, no entanto, que a minha expectativa não iria se realizar, pois a gana pelo poder e a vocação autoritária de Getúlio Vargas era quase incontrolável.

– Mas vamos voltar a história da cantora francesa. Quando Sylvie passou por mim, por acidente, imagino eu, ela me esbarrou, derramando o seu copo de champanhe na minha camisa. Ficou muito encabulada, pediu desculpas e disse-me para acompanhá-la até o seu quarto para limpar a minha camisa. Na ocasião eu lhe disse que não precisava se incomodar, pois já estava me preparando para ir para o meu quarto. Mesmo assim ela insistiu. Só quando saímos do salão em direção ao quarto dela é que prestei atenção na sua beleza. Até aquele momento eu não sabia que ela era cantora.

No trajeto ela me contou que aquela era a segunda vez que vinha ao Brasil. Tinha sido contratada para cantar nas festas do Balneário durante as festas daquele final de ano. Embora não tenha lhe perguntado, me pareceu que ela tinha a mesma idade minha, cerca de 35 anos. Foi um encontro efêmero, mais muito bonito. Ficaram boas lembranças. A sua avó andou desconfiada por algum tempo, depois que a D. Filó andou fazendo alguns fuxicos, mas eu sempre neguei que tenha havido alguma coisa entre nós.

Fiquei esperando que o meu avô continuasse contando a história da cantora francesa, pois eu estava muito interessado no que tinha havido depois. Mas ele apenas deu um longo suspiro, olhou para o horizonte, alisou as pontas do bigode, e não falou mais nada.

Um pouco mais adiante ele fez uma pequena parada, e olhando com pesar para a edificação do Balneário, falou:

– O tempo passou, as coisas foram mudando, e hoje já nem sei mais quem é o dono deste balneário. Ouvi dizer que a Prefeitura do Ibiraci está querendo desapropriá-lo. Acho que vão fazer uma bobagem, pois o papel do poder público não é ficar cuidando de hotel.

Depois do almoço, retomamos a nossa viagem. Cerca de meia légua adiante chegamos ao pátio da Usina do Peixoto. O meu avô me chamou para subir ao mirante, de onde enxergamos toda a barragem e a parte externa dos funilões e comportas. Naquele dia apenas uma delas estava aberta. Olhando aquela construção gigantesca, e o grande lago a nossa frente, perguntei ao meu avô se ele se lembrava como tinha sido a história da construção da Usina do Peixoto. Sem olhar para mim, mirando na paisagem à nossa frente, ele respondeu:

– Pelo que pude acompanhar ideia da construção da Usina do Peixoto começa em 1947, quando a Companhia Paulista de Força e Luz constatou que a sua capacidade de geração estava caminhando para se esgotar. É importante lembrar que a CPFL é uma poderosa empresa que se formou no interior de SP, em 1927, absorvendo dezenas de pequenas usinas e empresas de âmbito municipal; sua sede foi fixada em Campinas, e, na época da construção de Peixoto, era controlada pela norte-americana Amforp – American Foreign Power.

– Os estudos que realizaram numa bacia de drenagem, com cerca de 60 mil km², indicaram os benefícios da construção da barragem, permitindo, assim, a regularização das descargas do rio Grande. Em 1950, a CPFL conseguiu a concessão para construir a usina hidrelétrica neste local, situada logo abaixo do “desemboque”, o trecho de desfiladeiro rochoso conhecido como “Cachoeira do Inferno”. Nós acompanhamos de perto a sua construção, que terminou sete anos depois, quando entraram em operação as duas unidades, de 40 MW cada. Esta foi a primeira usina de grande porte construída no rio Grande³.

– Os estudos que foram realizados no Rio Grande também mostraram que a nossa região tem um potencial energético acima da média, consideradas as possibilidades de construção de diversas usinas hidrelétricas no seu entorno. Além da Usina do Peixoto, já estão falando na construção das usinas do Estreito, no município de Pedregulho, Igarapava, Volta Grande, em Miguelópolis e Jaguará, nos municípios de Sacramento e Rifaina.

3 N.A. A regularização das vazões do rio Grande, realizada pela Usina de Furnas, permitiu que mais unidades fossem instaladas e, em 1968, a então Usina de Peixoto alcançou sua capacidade final de 476 MW, com dez unidades geradoras.

– Vejo os políticos falando que, muito mais do que energia, as usinas hidrelétricas da região vão gerar crescimento econômico com mais empregos e surgimento de comunidades e empresas comerciais, de prestação de serviços e, em alguns casos, até industriais. E que os lagos formados pelas barragens das usinas vão estimular o turismo na região. Mas não vejo ninguém falar das desvantagens de suas construções, impactando sobre o meio ambiente, em especial, alagando grandes quantidades de terras férteis para formar os lagos das barragens. Esta usina aqui, além do alagamento, também silenciou o Rio Grande, pois cobriu a Garganta do Diabo.

Voltamos a montar, e retomamos o caminho, para chegar, logo depois, na “Ponte dos Peixoto”. O meu avô me disse que, ainda menino, ouvia o seu pai dizer que a família Peixoto, além de serem muito ricos, deveriam ser doidos, pois onde já se viu querer construir uma ponte sobre as corredeiras do Rio Grande, num local deveria ter uns 160 metros de largura. Lembrou que a ponte foi construída entre 1902 e 1913.

O principal objetivo daquela ponte, diziam os mais velhos, tinha sido o ligar as extensas terras da família, que ficavam em ambas as margens do Rio Grande. Naquele tempo, disse o meu avô, depois que a ponte ficou pronta, os seus proprietários passaram a cobrar pedágio de pessoas, carros de boi, carroças e veículos com cargas, que queriam passar sobre ela. O meu avô dizia que tinha uma enorme admiração pela coragem e a determinação do velho Peixoto e das pessoas que trabalharam na sua construção. Ela foi uma obra que trouxe muitos benefícios para a região, especialmente porque deu acesso ao município de Sacramento.

A ponte dos Peixoto entrou em operação no dia 18 de novembro de 1913. A ponte teria sido construída pelos irmãos Peixoto para interligar duas propriedades da família, cada uma localizada de um lado do rio. Ainda de acordo com documentos, a captação de recursos para a construção teria começado em 1902. Ela faz a ligação com Delfinópolis e Sacramento, a partir da Usina Mascarenhas de Moraes. Daqui da ponte estamos a cerca de 10 léguas da Serra da Canastra.

Capítulo 18

Violência como companheira

“Coragem é a resistência ao medo, domínio do medo, e não a ausência do medo”. Mark Twain (1835-1910)

Aquele era o final do segundo dia da nossa viagem com destino a Delfinópolis. Ansiava para chegar logo ao local do pouso da comitiva. Apesar do cansaço e da dor nas costas, provocadas pelos solavancos dados pelo cavalo na subida da serra, durante todo o dia, não pude deixar de admirar a beleza do pôr do sol. Observei, de cima do meu cavalo, que o tom avermelhado na linha do horizonte, naquele final de tarde do mês de julho de 1959 era muito intenso. Era um aviso da natureza, dizendo que o frio seria forte naquela noite, especialmente nos pontos mais elevados das montanhas que cercavam o Rio Grande, onde outrora existia a Cachoeira do Inferno, no desemboque do rio.

Um pouco mais adiante avistei o local onde o meu avô gostava de passar a noite. Era conhecido como o pouso do Pico do Gavião. Já tinha estado ali inúmeras vezes. Desde pequeno, quando estava de férias na escola, eu sempre o acompanhava nas suas comitivas. Cerca de 40 minutos depois, nos acomodamos numa área cerca de 200 metros da trilha, que ao longo das décadas vinha sendo usado pelos tropeiros como local para descansar. O pouso do Pico do Gavião ficava perto de uma restinga de mato, num pequeno vale, onde tinha uma nascente de água.

Logo que apeamos vi quando o velho Benedito foi até a mula dos mantimentos, e retirou a tralha. Assim como os carreiros, os tropeiros que viajam sobre o lombo de animais, também carregam sua tralha. Composta por panela, talheres e pratos rústicos e um tripé de madeira, que chamamos de mariquinha. É nele que pendura a panela sobre uma fogueira para preparar a

comida. Não demorou muito tempo e o velho Benedito bateu a colher de pau na panela de ferro, dando o aviso de que a boia estava pronta. Logo depois do jantar, em silêncio, o Ambrósio recolheu os utensílios sujos e foi caminhando lentamente em direção a mina para lavá-los.

O meu avô, como de costume, comeu pouco no jantar. Dizia que as pessoas depois de uma certa idade deveriam evitar de comer muito no jantar, pois caso contrário, teriam pesadelos. Assim que terminei de comer, ele me convidou para fazer uma caminhada para ajudar a comida descer mais depressa. Eu sabia, quando fazia esses convites, era porque queria ter um dedo de prosa em particular comigo.

Fomos caminhando juntos, em silêncio. Menos de 100 metros adiante, encontramos um tronco de uma árvore seca, da casaca grossa, retorcida, que tinha sido tombada pela força do vento. Apesar de ter caído há bastante tempo, as suas raízes continuavam firmes, fincadas no solo pedregoso. Quando passei a mão para limpar o lugar onde me sentaria, pude perceber, pela grande quantidade de pó na madeira, que o tronco em breve estaria totalmente corroído pelos cupins.

O meu avô se sentou numa pedra grande e chata, que estava perto da árvore tombada, certamente para poder ficar me olhando de frente. Depois que acendeu o seu cachimbo ele ficou olhando, em silêncio, para o horizonte, além da serra do funil e do leito do Rio Grande. Quando cansou de ficar admirando o cenário, ele se virou para mim, e sorriu. Ele estava com uma expressão calma no rosto. Como se estivesse me fazendo um pedido, falou que nunca se cansava de admirar toda aquela beleza, e que gostaria que as suas cinzas fossem espalhadas naquele local. Abanei a cabeça, concordando que o lugar era muito bonito, mas disse-lhe sorrindo, que não deveria se preocupar, pois ainda iria viver muito tempo. Ele voltou a sorrir e disse:

– Estou chegando ao ocaso de minha vida, Pietro. As engrenagens do tempo estão em movimento, pois não esperam ninguém. Quando nascemos, embarcamos no trem da vida, que segue em frente, sacolejando forte, rumo ao nosso destino. Um dia ouvimos o último apito do trem, e o bilheteiro nos avisa que vamos desembarcar na próxima estação. Essa é a regra da vida, e

para ela temos que estar preparados. Já vivi bastante, e não posso reclamar do que Deus reservou para mim. Cada dia que passa, mais me convenço de que Ele é justo, e sabe dosar o tamanho e o peso da carga que podemos suportar durante a nossa existência!

Depois de um breve silêncio, ele me disse queria falar comigo sobre um assunto importante. Conversar com o meu avô não era novidade para mim, pois desde cedo, especialmente nas ocasiões em que o acompanhava nas comitivas para fazer entrega de fumo de rolo. Nessas conversas ele sempre procurava me orientar sobre como eu deveria me comportar diante da natureza, e dos perigos das trilhas nas montanhas. Me veio à mente naquele momento, que talvez ele quisesse falar comigo, sobre o pedido que a minha avó havia feito para ele, há algumas semanas atrás, sobre a conveniência de me mandar estudar fora.

Tão logo se acomodou na pedra, olhou para mim, começou a falar:

– Pedro, já estive aqui neste lugar muitas vezes nesses últimos 40 anos. Olhando para trás, vejo que nesta década muita coisa mudou aqui na nossa região. Mas de todas elas, tem uma que me incomodou bastante. Você sabe do que eu estou falando?

Depois de uma pequena pausa, eu olhei nos seus olhos e disse:

– Vô, para mim muitas coisas mudaram na nossa região e no Brasil, nos últimos anos, mas a que mais me chama a atenção são os efeitos provocados pela construção da hidroelétrica do Peixoto, que levou ao represamento do Rio Grande. A formação do lago, que além de inundar uma grande extensão de terras localizadas nas partes mais baixas, também calou o rio, pois cobriu a “Garganta do Diabo”. Em alguns lugares, depois da formação do lago, a largura do rio é tão grande que parece até o mar, conclui.

O meu avô abanou a cabeça, deu uma leve risada, tirou o chapéu e passou a mão na cabeça e torceu as pontas do seu bigode, o que demonstrava que ele estava gostando do rumo da conversa. Logo em seguida, depois de limpar o cachimbo, batendo com cuidado na pedra, ele continuou:

– Você é inteligente e observador, Pietro. Durante mais de três décadas eu parei aqui para descansar. Durante às noites frias e estreladas, eu ficava es-

cutando o barulho ecoando na noite vindo da pressão descomunal das águas do rio passando espremidas pelas corredeiras do rio. Para mim não existia nada mais agradável do que dormir ouvindo o som da natureza que vinha da Garganta do Diabo. Nos meus sonhos ainda ouço o barulho do Rio Grande roncando. O silêncio que impuseram ao rio levou junto uma parte boa de minha vida.

Terminada a sua observação ele ficou em silêncio, olhando atentamente para o horizonte, como se quisesse acompanhar o último suspiro do sol. Em seguida, após limpar a garganta com um pigarro, se voltou para mim, e disse-me que assim como as engrenagens do tempo estavam em movimento para ele, também estavam para mim. Enquanto ele ficava velho, eu estava caminhando para a maturidade, por isso entendia que havia chegado a hora de termos aquela conversa.

– Quero lhe contar um pouco dos desafios que enfrentei na minha vida, Pietro. Nessa caminhada guardei sentimentos bons e outros ruins, que me atormentam. Sobre esses últimos nunca falei deles para ninguém, nem mesmo para a sua avó Carlota. Sempre achei que eles iriam para o túmulo comigo, pois estão relacionados aos momentos mais dramáticos e violentos de minha vida.

– Quando analiso as minhas experiências na vida, vejo que o uso da violência nos direciona para um caminho sem volta. Esse caminho nos conduz para o inferno em vida. O fruto dessa semente, depois que a plantamos, é sempre mais violência.

– Nessas ocasiões, quando tive que usar a violência, sentia que seus instintos mais ferozes afloravam de forma intensa, transformando-me numa fera impiedosa e cruel. O que importava naqueles momentos era sobreviver, a qualquer custo. O que mais me incomoda é que, terminado o confronto, me lembro que sentia prazer em ver os meus inimigos caídos e agonizando diante de mim.

Fez uma pequena pausa, e continuou o seu relato:

– As marcas que ficaram na minha mente e na minha alma dessas experiências ruins, entretanto, jamais cicatrizaram. Os sons dos gemidos e as ex-

pressões estampadas nos rostos dos homens que tive que matar para sobreviver, me perseguem todos os dias da minha vida. Os seus rostos surgem na minha mente, quando eu menos espero, em pequenos detalhes da natureza, como o chiado do vento, ou nos meus pesadelos quando estou dormindo. Você já deve ter percebido que nunca me agacho para beber água num córrego, pois toda vez que fazia isso, via as suas imagens, com os dedos apontados para mim, me acusando de assassino.

– Quando estava sozinho nessas trilhas, sentia arrepios quando ouvia os esturros da onça-pintada, e os piados tristes das corujas buraqueiras nas noites escuras, quando me deitava à noite para descansar. Parecia que os sons emitidos por esses animais estavam evocando os espíritos dos mortos.

Esse era um ritual constante, pois as longas jornadas que eu fazia, duas vezes por ano, entre o Desemboque e a região produtora de fumo de rolo em Goiás, faziam parte de minha vida. As minhas experiências nas estradas do sertão, continuou, me tornaram ainda mais precavido, pois o desejo de vingança dos parentes dessas pessoas, aos quais causei muitas dores, representam uma ameaça real. Nos meus sonhos, que se repetem, sempre vejo o cano de uma carabina apontado para o seu peito em cada curva do caminho.

Esse turbilhão de sentimentos, me disse, lhe causava muita dor. E na medida que estava ficando mais velho, eles estavam se tornando quase insupportáveis.

Quando lhe perguntei como se comportava, na hora de dormir, durante as suas viagens por lugares inóspitos, onde o perigo está sempre presente, o meu avô me disse:

– Acredito que cada pessoa tem uma forma de se comportar durante o sono. Num passado distante, fazer uma fogueira e alimentá-la durante toda a noite, para espantar os predadores foi a solução encontrada pelos nossos antepassados. Qualquer ruído estranho colocava todos em alerta. Depois que passamos a morar em casas seguras, onde todos os dias dormimos nas nossas camas confortáveis, esse pesadelo acabou. Mas todas as vezes que a pessoa precisa dormir em lugares estranhos, esse sistema que aguça o nosso instinto de preservação entra novamente em funcionamento.

Fez uma pequena pausa, e continuou:

– Aqui nas trilhas de nossa região do Desemboque, não era muito diferente do medo que os nossos antepassados sentiam nas noites escuras. A diferença aqui é que o predador do qual eu tinha que me prevenir era do próprio homem. E esse é o pior dos predadores, pois é ardiloso e cruel. Assim como alguns pássaros e mamíferos marítimos dormem com um dos hemisférios cerebrais acordados, por aqui as pessoas também precisam se comportar de maneira parecida. Dessa forma, cada pousada nova é muito difícil desligar o meu sistema de vigilância noturna. De qualquer forma, aprendi a dormir com um olho fechado e outro aberto, pois temos que nos adaptar a esse mundo. Caso contrário, ficamos debilitados e com os reflexos lentos, especialmente quando se não conseguimos dormir o mínimo necessário.

O meu primeiro enfrentamento, quando tive que defender-me para sobreviver, ocorreu quando eu tinha um pouco mais do que a sua idade. Eu me lembro que havia terminado de completar 19 anos de idade quando tudo aconteceu. Numa segunda-feira bem cedo, início de março de 1918, a minha mãe Lina, que era a sua nona, me pediu para ir ao armazém do Miguel Pereira, para buscar uns mantimentos que ela havia encomendando. A nossa fazenda ficava cerca de duas léguas da entrada da cidade de Santa Rita de Cássia, na saída para Ibiraci. Foi naquela região que grande parte da nossa família, os “Rufino” se instalaram, quando chegaram da Itália.

Parti bem cedo naquele dia, depois de arriar o cavalo e a mula, para buscar as encomendas da minha mãe. Por volta de 7:30 horas já estava me aproximando da venda do senhor Miguel Pereira, um português de meia idade, baixo, gordo e quase totalmente careca. A sua marca era o permanente sorriso estampado no rosto. Para ele parecia que não havia tempos difíceis. Ao me aproximar ouvi sons de gritos de dor e objetos sendo derrubados, vindo do interior do armazém. Logo que encostei o cavalo e a mula perto do tablado de madeira que cobria toa da frente do armazém, e gritei “oi de casa”, vi quando o senhor Miguel Pereira saiu correndo de dentro do armazém com uma expressão de pavor no rosto, sem conseguir falar, acenava para mim, apontando o dedo para a porta principal de entrada do estabelecimento.

Logo em seguida, surgiram na porta dois homens, o mais velho com cerca de 40 anos e o mais novo por volta dos 30 anos, de estaturas medianas, cabelos crespos, e peles morenas. Eles estavam com facas peixeiras nas mãos, e avançavam em direção ao Miguel Pereira, que recuava aos trambolhões, tentando sair de dentro do estabelecimento. Vi o medo estampando nos seus olhos, quando ele se voltou, e olhou para mim. Nessa hora ele balbuciou, com dificuldade:

– Me ajuda, Luiz Rufino, pois os baianos estão querendo me matar!

Diante daquela cena, ainda montado, dei um grito com eles, e pedi que eles não fizessem aquilo. Num primeiro momento eles pararam, pois ainda não haviam percebido a minha presença. Logo em seguida, o mais velho, que estava na frente, disse-me para não se meter, pois eles tinham um acerto a fazer com o dono do armazém. Pela forma rancorosa como ele falou, pude perceber que eles estavam decididos a matar o vendeiro.

Voltei a gritar com eles, dizendo que não poderia concordar com aquilo que eles estavam fazendo. Era uma covardia dois homens fortes e jovens quererem matar um homem velho e indefeso, e que além de tudo, era uma pessoa boa e honesta. Vi no olhar frio dos dois que não haveria acordo. O homem mais velho, que era o mais agressivo, deu um forte empurrão no velho Miguel Pereira, que despencou de costas de cima do tablado de madeira, batendo com força no chão. Ele caiu quase debaixo das patas do meu cavalo, que assustado deu um relincho e uma forte guinada de lado, quase me derrubando. Nesse momento vi que ambos não estavam mais com as facas na mão. O mais velho tinha sacado um revolver .38 da cintura e o mais jovem tinha entrado dentro do armazém e voltado rapidamente com uma espingarda cartucheira, que pela grossura dos dois canos, me pareceu ser calibre 12.

Sabia que seria apenas uma questão de tempo para eles começarem a abrir fogo em minha direção. Puxei a rédea do cavalo para ficar de lado, para evitar me tornar um alvo fácil. Logo em seguida ouvi o assovio da bala do revólver, como se fosse uma abelha zangada, passando perto do meu ouvido esquerdo. Naquele momento eu já tinha sacada da cintura com a mão direita a minha garrucha .380, de dois canos, enquanto controlava o meu cavalo, segurando

firme as rédeas com a mão esquerda. Atirei primeiro no mais velho, pois me pareceu o mais perigoso, e logo em seguida, no mais jovem. Ainda sentido o forte cheiro de pólvora queimada e um zunido nos tímpanos do barulho provocado pelos dois estampidos secos, eu continuava firme em cima do cavalo, que deu uma recuada forte para trás.

Mesmo nessa posição incomoda, eu vi quando o homem mais velho, e logo em seguida o mais jovem, foram jogados para trás com os impactos das balas. Eles desabaram pesadamente em cima dos balaios de bambu que estavam expostos do lado direito da porta da frente do armazém. Num ato instintivo, pois não sabia se havia mais alguém junto com eles, enfiei a mão direita no embornal amarrado na sela, onde ficava a munição, carreguei novamente a garrucha, deixando-a engatilhada.

Nesse momento, sentido a adrenalina invadindo o meu coração, ouvi uma voz do outro lado da rua, vinda do alpendre da casa que ficava em frente ao armazém. Girei o cavalo naquela direção, com a minha garrucha pronta para atirar. Enxerguei um indivíduo de chapéu, com o braço levantado, vindo em minha direção. No momento que atirei, ouvi ele dizendo: “que serviço bem-feito, Luiz Rufino”. Deu para ver que o tiro acertou no meio de sua testa, pois a bala deixou um furo no chapéu. Controlando o cavalo, que ficou ainda mais assustado com o barulho do novo estampido, vi quando o homem do chapéu foi andando de fasto, para em seguida desabar no chão, próximo da entrada do alpendre da casa de onde havia saído.

Logo em seguida fez um silêncio profundo. Dei uma rodopiada completa com o cavalo na rua, olhando em volta para verificar se havia mais alguém disposto a atirar em mim. Nesse meio tempo pude perceber que algumas pessoas começavam a pôr os rostos para fora de suas janelas para ver o que estava acontecendo. Vendo que o vendeiro Miguel Pereira começava a se levantar do chão, virei o meu cavalo em direção a estrada de terra que levava a saída da cidade, e apertei as esporas no cavalo, voltando a galope para a fazenda.

A minha mãe Lina estava na janela quando abri a porteira, e entrei apressado no curral. Dei um salto de cima do cavalo e entrei correndo pela porta adentro. Pela expressão do meu rosto e o fato de estar bastante suado fez com que minha

mãe sentisse que alguma fatalidade tinha acontecido. Ela mandou chamar o meu pai, que estava no fundo do quintal, no mangueiro, tratando dos porcos. Ele veio correndo e pediu que lhe contasse o que tinha ocorrido. Fui até a moringa de água, no canto da sala, bebi uma caneca de água, me sentei no banco comprido de madeira que ficava encostado na parede de frente com a entrada da casa. Já um pouco mais calmo, contei de forma detalhada o que tinha ocorrido na cidade.

– Não tenho certeza se os dois baianos estavam tentando matar o vendeiro Miguel Pereira estão vivas! Mas posso garantir que atirei para matar! Quando eles começaram a atirar em minha direção eu sabia que era eu ou eles! Se eu tivesse errado, certamente que não estaria aqui contando essa história para vocês, conclui o relato.

Me lembro bem que o meu pai, olhando para mim, com uma expressão de preocupação no rosto, recomendou:

– Não tenho dúvidas de que, daqui a pouco, o delegado de Cássia e os seus meganhas vão rabiá-lo aqui. Assim, acho mais conveniente que você fuja do flagrante. Fique escondido uns dois dias, e volte para se apresentar ao delegado de Cássia. Quando sair daqui, siga pela trilha que margeia o rio abaixo, e vá direto para a fazenda do seu tio Domiciano Rufino Pereira, no Córrego da Onça. Fique por lá até receber uma mensagem minha.

Enquanto a minha mãe Lina e a minha Maria foram para o meu quarto arrumar as roupas que levaria na fuga, o meu pai mandou os meus irmãos João e Francisco irem no pastinho ao lado da casa pegar um cavalo descansado e deixá-lo arriado. Logo em seguida ele mandou o meu irmão caçula Pedro ficar de vigia no alto da colina, que ficava perto da entrada da fazenda. Caso ele visse algum movimento vindo da cidade, deveria voltar correndo para avisar.

Minutos depois, eu já estava saindo novamente da fazenda, desta vez em direção a fazenda do tio Domiciano, no Córrego da Onça. Cheguei lá por volta das dez horas da noite. Logo depois de tomar banho na bica do monjolo, e contar para eles, enquanto jantava, o que tinha acontecido, a minha tia me acomodou no quarto das visitas. Naquela noite não consegui dormir. As cenas do confronto vinham a todo instante na minha mente. Me lembrava, também, da fala do meu pai, quando se despediu de mim, quando disse:

– Não se preocupe, filho, pois vamos resolver esse assunto juntos. A família vem sempre em primeiro lugar. Tenho certeza de que não foi você que provocou essa tragédia. Sei que você apenas seguiu os meus ensinamentos, e lutou com coragem para ficar vivo. A vida, como tenho falado desde quando vocês eram pequenos, é uma dádiva de Deus, e temos que fazer o que for necessário para preservá-la. Vá com Deus!

Dois dias depois chegou a mensagem do meu pai para que eu voltasse para casa. Logo que cheguei em casa o meu pai me deu em detalhes as notícias do resultado do confronto. Foi quando fiquei sabendo que os dois agressores do vendeiro, conhecidos como João Baiano, o homem mais velho, e o seu irmão Joelson Baiano, o mais jovem, tinham morrido na hora. O primeiro tiro tinha entrado no olho esquerdo do mais velho, e o segundo, no olho direito do mais jovem. O terceiro homem, João Fagundes, um sitiante que morava ali perto, e que estava passando no local na hora do tiroteio, e que nada tinha a ver com a briga, tinha ficado apenas ferido no couro cabeludo. A bala tinha pegado no alto da testa, e percorrido todo o alto do seu couro cabeludo. As pessoas que o socorreram disseram que tinha sido um milagre ele não ter morrido. Eu me senti aliviado por ele estar vivo.

Naquele mesmo dia me apresentei ao delegado de Cássia, acompanhado pelo rábula Inácio Pires, que foi contratado pelo meu pai para me defender. Depois de prestar o depoimento, no qual expliquei o que tinha ocorrido, o delegado me liberou, dizendo que eu não poderia me afastar do município, pois o meu caso, conforme previsto no Código de Processo Penal, iria a júri popular, por se tratar de crime contra a vida.

Cerca de oito meses depois recebi uma intimação, para me apresentar na sala de julgamento do fórum da cidade. O meu julgamento começou no começo da tarde de uma sexta-feira. Fui conduzido pelo delegado, e sentei-me no banco dos réus, e logo em seguida entraram os jurados e por fim o juiz de direito da comarca de Passos. Devido a minha pouca idade e falta de experiência, eu acreditava que aquilo era apenas uma formalidade, e no final da tarde, eu iria embora para casa.

O promotor, na sua fala de acusação, olhando de frente para os jurados descreveu, a maneira dele, os fatos que tinham culminado na morte dos dois

irmãos baianos, e no ferimento do couro cabeludo do João Fagundes. Falou da minha perícia em atirar, se concentrando no fato de que eu havia atirado dentro dos olhos dos meus agressores, além de ter tentado assassinar uma pessoa que nada tinha a ver com o confronto. Nas alegações finais pediu aos jurados que me condenassem, pois eu merecia a pena máxima, por ser um assassino frio e cruel. Me lembro que o meu defensor convocou os testemunhos do vendeiro Miguel Pereira e do João Fagundes. O primeiro deu um depoimento emocionado, com os olhos cheios de lágrimas foi até a aonde eu estava, me deu um abraço, e olhando para o juiz e os jurados disse:

– Eu nasci de novo, naquele dia, disse Miguel Pereira. Todos os dias eu ajoelho à noite, antes de dormir, e agradeço a Deus por ele ter enviado o Luiz Rufino para me salvar das mãos daqueles dois desalmados. O fato de ter negado a continuar a dar crédito para eles comprarem no meu armazém, depois de dois anos sem pagar nada, não justifica o desejo deles de me matarem a sangue frio. Peço encarecidamente a todos vocês que não condenem o Luiz Rufino!

No depoimento do João Fagundes ele disse que me conhecia desde pequeno, conhecia toda a minha família e era amigo do meu tio Domiciano Rufino Pereira, e que sabia que tinha errado ao ter se manifestado, mesmo que tenha sido concordando com o que eu tinha feito, naquela hora e que eu estava com o sangue quente, logo após o tiroteio com os irmãos baianos. Terminou dizendo que nada tinha contra mim, e que o tiro que tinha recebido tinha sido uma fatalidade!

Depois disso os jurados se recolheram em outra sala, e eu fiquei sentado no banco dos réus, esperando o resultado para poder ir embora para casa. Cerca de meia hora depois eles voltaram, e entregaram o resultado do júri para o juiz de direito. Ele pediu que eu me levantasse, e pronunciou a sentença:

– Pelas mortes dos irmãos João e Joelson Silva, o júri o declarou inocente. Pela tentativa de assassinato do senhor João Fagundes, o júri o declarou culpado. Assim, solicito ao delegado que recolha o réu a cadeia do município. A sentença será dada nos autos. Está encerrado o julgamento.

Dessa forma fui recolhido a cadeia da cidade, que ficava na Rua da Coreia. Pelo fato de ser réu primário e a minha pouca idade foram atenuantes para reduzir a minha pena. Ainda, assim, fiquei preso longos oito meses.

– Você é resultado desse confronto, Pietro, pois nesse período o meu pai e o meu tio Domiciano vieram até aqui ao Aterrado do Desemboque para conversar com o seu bisavô Balduíno Carrijo, para acertar o meu casamento com o a sua avó Carlota. Ela tinha ficado viúva muito jovem. Tinha tido três filhos no seu primeiro casamento: as suas tias Anézia e Divina, e o seu tio Antônio Plácido. Eles queriam que eu me mudasse de Cássia para evitar novos confrontos, pois a família dos irmãos baianos tinha jurado que se vingariam, quando eu saísse da cadeia. Umas duas semanas depois que saí da cadeia, viajei para conhecer a sua avó. Não foi difícil me encantar por ela, pois ela era uma mulher muito bonita e decidida. Assim, no dia 6 de janeiro de 1921, nas festas de Santos Reis, eu me casei com a sua avó Carlota na capela do Aterrado. Nos anos seguintes nasceram o Moisés, o Balduíno, o José Rufino e a Albertina.

Foi assim que me estabeleci aqui nessa região, onde comecei a me dedicar ao comércio de fumo de rolo. Logo em seguida deu uma esticada nos braços, deu uma bocejada e olhou para o céu estrelado, e me disse que os fatos de violência em sua vida não paravam por ali.

Capítulo 19

O cheiro da morte

Agora vou lhe contar uma história de violência que ocorreu dentro da casa grande na fazenda, no final de maio de 1926. Eu me lembro bem da data, pois foi logo depois do primeiro aniversário de sua tia Albertina. Cerca de dois meses antes, fui procurado por um corretor de café, conhecido como Valdivino, que além de comprar os cafés de qualidade produzidos na região de Cássia e Ibiraci, ocasionalmente também negociava a compra de açúcar, para uma empresa exportadora de Santos. Ele perguntou-me se eu tinha interesse de fornecer com uma parte do açúcar que ele iria comprar dos produtores da nossa área. Como estava num período de calma na fazenda, e tendo plantado muita cana no ano anterior, confirmei que iria colocar o engenho de cana parra funcionar e produzir a minha parte.

Com isso tive necessidade de contratar um número grande de trabalhadores rurais, que agora estão sendo chamados de boias-frias. Nessa época o velho Benedito e o seu filho já estavam trabalhando na fazenda. Passei para a ele a responsabilidade de contratar e de acomodar o pessoal. Nesse contingente de trabalhadores, uma boa parte deles eram de fora, em geral, nordestinos, que tinham migrado daquela região para trabalhar nas lavouras de café da nossa região. Eles ficaram acomodados nos galpões do curral e no paiol. No começo de março começamos a cortar e moer a cana. As coisas começaram a caminhar bem, e o melado começou a ser batido nas tachas quentes.

A minha expectativa era de terminar no fim de abril, começo de maio. Nesse meio tempo começou a chover muito, o que impactou na produção. Comecei a perceber que naquele ritmo, devido à grande quantidade de açúcar que tínhamos que fazer para atender a encomenda feita por uma empresa de São Paulo, não iríamos terminar o prazo acordado. Assim, passamos a levantar mais cedo na fase final da produção. Dessa forma, todos os dias, incluindo

os domingos, por volta das 04:00 horas da madrugada, o engenho já estava em funcionamento.

Devo dizer que um desses trabalhadores havia chamado a minha atenção. Era um caboclo de estatura mediana, forte e dos cabelos avermelhados, cujo apelido era Fogoió. Eu vinho observando o seu comportamento há alguns dias, pois dava para ver que ele não era acostumado com o batente duro. Só agarra para valer quando o velho Benedito ou o seu filho estavam por perto. Por outro lado, quando eu passando por perto, ele sempre ficava me medindo, me olhando por baixo, ou de rabo de olho. Em certa ocasião, perguntei ao velho Benedito de onde era aquele rapaz, e ele me disse que ele havia chegado a pouco tempo na região, e que ninguém o conhecia. Recomendei que ficassem de olho nele, e se fosse necessário, que o mandasse embora, pois não tinha me causado uma boa impressão.

Naquele dia fatídico, por volta das 10:00 horas, quando a sua vó Carlota me mandou chamar para almoçar, coloquei o chapéu na cabeça, vim caminhando no sol quente, na trilha que ligava o engenho de cana a casa grande. O barulho de gravetos se quebrando atrás de mim, indicava que uma pessoa com pressa vinha logo atrás de mim. Os cabelos da minha nuca ficaram arrepiados. Os meus instintos de preservação, colocados em alerta pela dose elevada de adrenalina que foi jogada na minha corrente sanguínea, me fez olhar se soslaio, para ver quem era e a que distância ele estava. Nesse momento vi que era o tal Fogoió estava me acompanhado.

Fazendo de conta que não havia notado que ele estava atrás de mim, apressei o passo. Ouvi quando ele também apressou o passo. Nessas alturas, depois de passar pela pinguela do rego d'água que movimentava o monjolo, cheguei finalmente na escada alta que dava acesso à porta da cozinha da casa grande da fazenda. Foi nesse momento que virei para trás, e vi ele vindo em minha direção, com uma peixeira que reluzia no sol. Em seguida ouvi a sua voz rouca, me dizendo:

– Me recomendaram que usasse uma arma quando fosse te matar, mas no seu caso nem vou precisar gastar balas. E pulando para cima de mim, com um olhar frio de um matador profissional, que me lembrou do olhar de uma cobra cascavel quando atacava, gritou:

– Te prepara, Luigi Rufino, para se encontrar com o capeta, pois vou te sangrar agora, cabra da peste!

Quando ele pulou em cima de mim, para me furar, soltei meu corpo para trás, cai sentado na escada da cozinha, e imediatamente rolei de lado, para a esquerda, e cai rolando no chão. Ele não esperava que eu fosse capaz de fazer aquele movimento rápido e abrupto, que o deixou desconcertado por alguns segundos. Esse tempo que ele ficou pensando me permitiu pegar um pedaço de madeira roliço, com cerca de um metro de comprimento, que estava no chão. Quando ele se preparou para me atacar de novo, acertei a paulada na sua cabeça, e vi quando ele recuou cerca de três metros, em direção a um fogão de lenha improvisado, feito para fritar as peles dos porcos que tinham sido abatidos no dia anterior.

Vi quando o fogão e a tacha desabaram no chão, esparramando as pelas e a gordura quente. Pela sua expressão de dor e o gemido forte que deu, eu sabia que ele tinha se queimado quando foi de encontro à tacha quente. A faca que tinha na mão havia no chão. O tempo que ficou, meio atordoado, tentando se recompor foi o suficiente para eu subir os oito lances da escada da cozinha com dois pulos. Vi de relance que o Fogoió tinha abandonado a faca, e agora estava vindo atrás de mim com um revólver na mão, que pelo tamanho devia ser calibre .38. Entrei pela cozinha em disparada, em direção a sala. Eu sabia que tinha chegar na porta que ficava logo depois da escada, com três degraus, que ligava a cozinha ao corredor que ia para a sala. Era ali que eu deixava uma carabina, com a bala na agulha, para qualquer emergência. Quando ouvi o zunido da bala e o barulho do primeiro tiro que o Fogoió deu, eu mergulhei em cima das tábuas do corredor, rolei para a minha direita e estiquei a mão em direção a arma que estava encostada no canto da porta.

Senti uma sensação boa quando a minha mão direita se fechou em torno da coronha da minha carabina. Rolei novamente, mudei a minha posição, ficando de bruços, em posição de tiro. Quando firmei a vista em direção da cozinha vi que o Fogoió, que também era muito arisco, já estava chegando próximo da escada, com a arma apontada para a minha cabeça.

Meu avô fez uma pequena pausa, como se estivesse tentando buscar na sua memória os detalhes que tinham ocorridos, a seguir.

– Mas ele não teve tempo de atirar novamente. Com a carabina já pontada na sua direção, tive apenas que firmar os meus cotovelos no chão e apertar o gatilho. Ouvi o estampido forte do tiro ressoando nos meus ouvidos. O impacto da bala calibre .44 no meu peito foi tão forte que o empurrou com violência para trás. Ele ainda tentou ficar de pé, mais em seguida cambaleou, e caiu de costas na escada da cozinha. Naquele momento eu não estava pensando em nada. Me levantei com um salto, engatilhei a arma novamente e caminhei em sua direção, para terminar o que havia começado.

– Quando cheguei perto dele, ouvi quando ele deu o seu último suspiro. Os seus olhos escuros estavam sem brilho, olhando para o infinito. Vendo o seu corpo retorcido, de cabeça para baixo naquela escada, e começando a sair sangue de sua boca, voltei a sentir aquela mesma sensação agradável que havia sentido quando derrubei os dois irmãos baianos, lá em Cássia.

Me lembro também, que logo em seguida, a imagem de minha mãe Lina veio à minha mente:

– A vida, Luigi Rufino, é uma dádiva de Deus, e você deve lutar por ela enquanto tiver força. Era o que eu tinha acabada do fazer, pensei.

O barulho da briga, em especial os tiros tinham atraído a atenção dos trabalhadores do engenho e dos vaqueiros, que foram se aproximando devagar do lugar onde o Fogoio estava morto. Em seguida me virei e caminhei para dentro da cozinha, para ver se a sua avó Carlota estava bem. Como ela não estava na cozinha, fui para a sala e virei em direção ao nosso quarto. A encontrei encolhida no canto direito do quarto, assustada, com um terço na mão, rezando baixinho. Vi que o seu olhar brilhou de alegria quando me viu vivo. Segurei a sua mão, levantei-a e pedi que se deitasse na cama. Nesse momento a sua ajudante, a Rosalva já vinha chegando com um copo de água com açúcar para ela beber para se acalmar.

Logo depois mandei o filho do velho Benedito pegar um cavalo e ir até o Ibiraci para comunicar ao delegado o que havia ocorrido, e perguntar-lhe o que deveria ser feito com o corpo. Naquele meio tempo pedi ao velho Benedito que retirasse o corpo de onde estava, e o colocasse perto do paiol, coberto com uma lona. Quase no fim da tarde o mensageiro retornou da cidade, com um bilhete do delegado, dizendo que ele viria na fazenda no dia seguinte, pela

manhã, para ver o corpo e ouvir as testemunhas. Foi o que ocorreu. Alguns meses, por questão de formalidade legal, fui julgado e absolvido por ter agido em legítima defesa.

Nesse momento eu lhe perguntei se ele tinha ficado sabendo quem havia contratado o tal Fogoió para matá-lo. Ele olhou para mim, ficou alguns segundos em silêncio, e respondeu:

– Essa também foi a minha preocupação, a partir daquele dia. Pois eu sabia que quem mandava um matador, mandava o segundo e se fosse preciso o terceiro.

Cerca de dois meses depois, um novo fato voltou a me deixar em alerta. Conforme você sabe, praticamente todos os dias no fim da tarde vou visitar o compadre Zé Carrijo no lá seu armazém, no Aterrado. Numa determinada tarde logo que peguei a estrada em direção ao povoado, montado na minha égua Pipoca, ouvi um barulho de asas e vi um casal de inhambu chororó levantar voo daquela matinha que fica no alto da colina, cerca de oitocentos metros da nossa porteira. Como não houve mais nenhum movimento segui em frente. Quando eu atravessasse a porteira ouvi um relinchado de cavalo vindo daquela direção. Eu sabia que os cavalos da fazenda não pastavam ali. Isso me deixou em alerta, mas eu não voltei para verificar.

Quando terminou a minha visita ao Zé Carrijo, me despedi e me preparei para voltar para casa. Montei na minha égua, apertei a espora de leve na sua virilha, e peguei a estrada em direção da fazenda. Aquela seria uma noite clara, pois a lua regalada já estava aparecendo no horizonte. Um pouco mais adiante a Pipoca levantou a cabeça e deu um rinchado. Os cabelos de minha nuca voltaram a arrepiar, quando liguei dois fatos aparentemente desconectados um do outro: noite de lua cheia facilitava uma emboscada, e o relinchado que eu tinha ouvido quando saí de casa, vindo da matinha na colina. Virei a minha égua em direção contrária, e fiz uma volta mais longa, e fui para casa pela estrada dos fundos da fazenda.

No dia seguinte o velho Benedito veio me avisar, que o motorista do caminhão de leite havia encontrado, quando estava vindo para a nossa fazenda, o corpo do meu vizinho, o Tônico Fortunato, no pé da porteira da minha fazenda.

da. Aquilo não era nenhuma coincidência, pois o sitiante morto, além de ser uma pessoa com as mesmas características minhas, também estava montado num cavalo branco. A morte do João Fortunato causou uma grande comoção na região. Somente quem encomendou e eu sabíamos que o segundo matador também tinha falhado. A partir dali passei a ter mais cuidado e a evitar me expor, pois eu sabia que o terceiro matador talvez já estivesse em campana.

Nesse meio tempo o seu avô Balduino Carrijo ficou doente, e pouco tempo depois ele morreu. A sua avó ficou muito abalada com a morte do pai, pois ela tinha uma verdadeira adoração por ele. E ela sempre tinha sido a sua filha predileta, por quem seria capaz de fazer qualquer coisa. Os meses foram se passando e tudo voltou à calma novamente. Foi ligando esses dois fatos – morte do velho Balduino Carrijo e a calmaria – que me fez refletir que os jagunços que foram me matar tinham sido contratados por ele. Mas peço-lhe que nunca fale esse assunto com a sua avó Carlota, para evitar aborrecimentos. Para ela o seu pai jamais seria capaz de encomendar a morte de uma pessoa, muito menos a minha.

Foi nesse momento que lhe perguntei:

– Mas qual seria, vô Luigi, o motivo do meu avô Balduino Carrijo querer mandar lhe matar?

– Aí é que está a questão. Recentemente eu fiquei sabendo que ele tinha ficado muito aborrecido comigo, depois que lhe contaram que eu havia dado uma surra de cabresto na sua avó Carlota. Se ele tivesse me procurado para conversar, eu teria lhe explicado que aquela informação não era verdadeira.

– O desencontro começou numa tarde alguns meses depois que a sua tia Albertina nasceu. Eu estava no apiário no fundo do quintal da fazenda, no laranjal, perto do brejal, com o protetor no rosto, e jogando fumaça nos caixotes, para colher os favos de mel das nossas colmeias de abelhas “oropa” e jataí, quando ela se aproximou para ver como eu lidava com as abelhas. Em princípio eu não me preocupei, pois sabia que as abelhas daquelas espécies eram mansas.

O que eu não sabia é que num dos caixotes havia se instalado uma colmeia de abelhas-africanas. Elas tinham vindo daquele continente trazidas pelos navios cargueiros. E naquele dia, quando atacaram a sua avó, é que eu fiquei sa-

bendo que elas já tinham chegado a nossa região. Os gritos de sua avó sendo picada por abelhas ferozes, e eu jogando fumaça e batendo um chapéu nela, tentando espantar as abelhas, deve ter chamado a atenção de alguém aqui da fazenda, que interpretou aquela cena como se eu a estivesse agredindo.

Você sabe que eu jamais faria uma coisa dessa, pois não vejo nenhuma vantagem num homem levantar uma mão para agredir uma mulher, que é muito mais frágil. Acho que o fato de sua avó, por vaidade, ter ficado recolhida no quarto por quase duas semanas, esperando que o seu rosto ficasse desinchado das picadas das abelhas. De uma conversa truncada, e a decisão do seu avô Balduíno mandar um jagunço para me matar, pode ter sido um pulo.

– Mas isso são apenas suposições, Pietro. Pois quem podia confirmar o fato, o velho Balduíno Carrijo, pai de sua avó, levou esse segredo com ele para o túmulo. Assim, tive que seguir em frente com a minha vida, concluiu.

Capítulo 20

O padre já foi embora

Não preciso nem lhe dizer que a história da morte do Fogoió, pela quantidade de pessoas que assistiram a luta, ganhou pernas e voou para longe daqui. A partir desse caso a minha fama de matador frio e cruel ultrapassou as fronteiras de Minas Gerais. Cada vez que alguém contava a tal história acrescentava mais detalhes inverídicos ao caso. Infelizmente o ser humano prefere acreditar sempre no pior. Alguns meses depois eu fiquei sabendo que alguém tinha comentado numa conversa em Franca, que eu tinha parte com o diabo, e que naquela luta tinha matado cinco jagunços, três deles a tiros de carabina e dois a punhalada, depois que acabaram as balas de minha arma.

Outro fato que me obrigou a usar a violência foi a desfeita que o padre Ricardo, capelão da paróquia do Ibiraci fez com a sua avó Carlota, num domingo, em meados de outubro de 1927, quando ela o procurou, logo depois da missa, para marcar a data do batismo de sua tia Albertina. Ele disse que não faria o batismo da Albertina pois o pai da criança era um homem que vivia em pecado, um assassino cruel. No final da tarde, quando a sua avó chegou em casa, perguntei se tinha marcado o batismo, e ela começou a chorar, eu percebi que alguma coisa estava errada.

Depois de muita insistência, pois ela não queria falar no assunto, terminou por me contar o que havia acontecido. Disse para ela não se preocupar, pois se fosse necessário poderíamos fazer o batismo da Albertina na Igreja de Cássia ou Franca. Não falamos mais naquele assunto. No domingo seguinte, ainda de madrugada, arriei o meu cavalo e parti em direção ao Ibiraci. Cheguei lá por volta das 09:30 horas. Passei no Posto do Margoso, no bairro do Ipiranga, na saída para Franca, para tomar um café e esperar o fim da segunda missa, que terminava perto do meio dia. Um pouco antes do sol ficar a pino, montei no cavalo e fui em direção ao centro da cidade.

Quando cheguei na porta da Igreja Matriz percebi, pela movimentação das pessoas, que a missa estava terminando. Desci do meu cavalo, e o puxei pelas rédeas, para amarrá-lo numa árvore de copa que ficava atrás da Igreja. Quando todos saíram da Igreja, inclusive os dois coroinhas, entrei pela porta lateral, que dava direto no altar. O padre Ricardo estava terminando de recolher o cálice com as hóstias que haviam sobrado da missa. Ele levou um pequeno susto quando me viu, pois não estava esperando companhia.

Dei a volta no altar e fiquei bem próximo dele. Em seguida lhe perguntei se ele me conhecia, e ele respondeu que não. Então lhe perguntei se ele conhecia uma senhora chamada Carlota Rufino, que o havia procurado para marcar o batismo da filha. Ele abanou a cabeça dizendo que sim. Sem olhar para mim, ele continuou a sua tarefa, e logo em seguida completou:

– Lamento, pois imagino que o senhor deve ser parente dela, mas não adianta insistir, pois não vou voltar atrás na minha decisão. Não posso batizar uma criança cujo pai, segundo fui informado, vive em pecado, um assassino frio e cruel.

– Numa coisa o senhor tem razão, Padre Ricardo. Eu sou parente dela e da criança. Eu sou o pecador, o assassino frio e cruel! Talvez por ter falado muito alto, ouvi a minha voz ecoando dentro da igreja.

Naquele momento, demonstrando surpresa e medo, ele parou o que estava fazendo, olhou para mim, e em seguida deixou o cálice cair no chão, que ao bater no piso, fez um barulho estridente. Ao ver a expressão dura e fria do meu rosto, o medo dele aumentou. O seu rosto ficou muito pálido, bambeou o corpo, revelando estava a ponto de desmaiar.

Nessas alturas eu já estava do lado dele, com o meu punhal longo na mão direita. Segurei firme na sua batina, o arrastei para junto de mim, e olhando dentro dos seus olhos, com a ponta do meu punhal encostado na sua garganta, lhe perguntei:

– Me diga, Padre, em nome de qual Deus você se recusou a batizar a minha filha, humilhando a minha mulher? Fiz uma pausa e continuei:

– Se vocês padres, nas suas pregações dizem que Deus é misericordioso, como é possível você se recusar, invocando o nome Dele, a batizar uma criança inocente?

Talvez pela raiva que sentia, não estava vendo que o sangue já estava começando a esguichar no local onde o punhal estava encostado no seu pescoço. Nesse momento, talvez sentido a presença da morte que o rondava, ele deu um gemido forte, juntou as duas mãos como se estivesse rezando, e caindo ajoelhado, me implorou:

– Pelo amor de Deus, não me mate. Eu prometo que farei o batizado de sua filha no dia que o senhor quiser!

Tive que puxar o punhal com muita rapidez para trás, pois caso contrário eu o teria sangrado, quando caiu de joelhos. Me curvei, olhando fixo nos seus olhos, e lhe disse:

– Não quero mais que você faça o batismo de minha filha, padre Ricardo. O que eu quero é que suma daqui do Ibiraci. Nunca mais quero vê-lo na minha vida. Se isso vier a acontecer, pode ter certeza que nesse dia você irá se encontrar com o seu Deus!

Saí da Igreja por onde tinha entrado. Montei no meu cavalo, e peguei o rumo do Aterrado. Nunca mais voltei a falar com o padre Ricardo. Cerca de 15 dias depois recebi um mensageiro dele na fazenda, que trazia um bilhete, dizendo que já estava se deixando a paróquia do Ibiraci. No bilhete me perguntava se eu tinha alguma restrição se ele fosse transferido para Claraval. Disse ao mensageiro que o local onde ele fosse ficar não me interessava, desde que fosse embora da cidade.

No final de dezembro daquele ano ficamos sabendo que o Padre Teodoro Fernandez havia sido transferido da paróquia de Machado para a Matriz do Ibiraci. Com a sua chegada tudo voltou aos eixos.

– O Padre Teodoro é uma pessoa excepcional e generosa, disse o meu avô. Desde que chegou aqui melhorou muito o relacionamento da população do município com a Igreja. Tem demonstrado isso nas suas atividades na comunidade. A sua atuação como inspetor escolar, médico-parteiro, orientador e moderador em eventos políticos tem sido exemplar. A reforma da igreja Matriz, que começou no ano seguinte a sua chegada aqui, e terminou em 1934, só foi possível pela sua habilidade como administrador. De sua tia Albertina para cá, todos vocês foram batizados por ele, concluiu.

Aqueles elogios sinceros que o meu avô tinha acabado de fazer, mostrava o quanto ele admirava o Padre Teodoro.

Capítulo 21

Os carneiros dos turcos

No final do dia seguinte, depois de tomar banho num córrego ali perto do local do pouso, e em seguida jantar, voltei a conversar com o meu avô sobre os enfrentamentos. Logo que nos acomodamos numa pedra grande perto da trilha, e iniciamos conversa, eu perguntei:

– Vô Luigi, o caso da desfeita que o Padre Ricardo fez com a minha avó Carlota, o senhor não teve mais problemas com ninguém?

Ele olhou fixamente nos meus olhos, e disse:

– Bem que eu gostaria que isso tivesse acontecido, Pietro. Mas infelizmente nós vivemos num mundo onde algumas pessoas se comportam de forma errada, e mesmo sabendo que está prejudicando os outros, se negam a corrigir o erro!

– Logo depois da crise na economia americana, que começou em 1929, e que teve um reflexo muito forte na nossa economia, especialmente nos dois anos seguintes, 1930 e 1931. Com a quebra da economia dos Estados Unidos, o nosso principal comprador de café entrou em depressão, ficamos com uma mercadoria na mão que não tinha comprador, ou seja, não valia nada. Nessa fase a situação ficou difícil todos nós. Cada um procurou se ajustar as dificuldades como pode.

– Foi nesse período, em meados de 1931, chegou aqui na nossa região do Aterrado, vindos da região de Franca, várias famílias de turcos. Fiquei sabendo que eles tinham comprado a fazenda velha do defunto Miguelão Suarez. Essas terras faziam divisa com a cabeceira da nossa fazenda. O problema é que esses turcos não eram criadores de vacas. Eles trouxeram para as suas terras um rebanho enorme de carneiros. Segundo eu fiquei sabendo, esse costume de criar carneiros faz parte da cultura do país deles, que nunca fiquei sabendo bem, se era a Síria ou o Líbano.

Ele fez uma pausa, olhou para o horizonte, onde ainda brilhava os últimos raios do sol, e continuou:

– Eu logo desconfie, quando fiquei sabendo dessa novidade, que aquilo não ia acabar bem. Não existe cerca que consegue segurar carneiros. Alguns dias depois mandei o filho do velho Benedito dar uma olhada em nossas divisas que confrontavam com os turcos. A notícia que ele trouxe não foi boa. Disse que os todos os carneiros estavam nas nossas pastagens. Ele disse que tocou eles de volta e pediu aos turcos que evitassem que os carneiros voltassem a passar para o nosso lado.

– O problema dos carneiros é que eles comem a pastagens, arrancado o capim. Não demorou muito tempo, cerca de uma semana depois, o filho do velho Benedito voltou lá pela manhã, e tudo estava do mesmo jeito, os carneiros tinham voltado a passar para o nosso lado. Nesse dia perdi a paciência, mandei arriar o meu cavalo, e fui fazer uma visita para os turcos.

Cerca de meia hora depois cheguei na fazenda dos turcos. Entrei no curral em ruínas, parei o cavalo perto da porta de entrada da casa velha, bati palmas, em ao mesmo tempo gritei “oi de casa”. Logo em seguida foi aparecendo gente nas janelas e dos lados da casa. Conteí mais de trinta pessoas, entre homens e mulheres e crianças. O primeiro que apareceu na porta foi um homem de meia idade, com uma barba de muitos dias por fazer, meio careca, e sorridente. Dei bom dia, e perguntei quem era o responsável pela fazenda. Ele respondeu que era ele mesmo, e que se chamava Jamil. Convidou-me a apear do cavalo, e em seguida perguntou se eu estava precisando de alguma coisa.

Eu agradei, e disse que não ria descer do cavalo, pois a prosa era curta. Disse-lhe que estava precisando sim. Precisava que eles não deixassem mais os carneiros entrarem nas minhas terras, pois estavam estragando as minhas pastagens. Ele abanou a cabeça, concordando, e disse-me que aquilo não iria mais ocorrer. Antes de voltar para casa, e olhando bem nos olhos dele, disse que não sabia como eles resolviam essas questões nos países deles, mais que eu tinha o remédio, caso os carneiros entrassem de novo nas minhas terras.

Três dias depois, no começo da tarde, o velho Benedito me comunicou que os carneiros dos turcos tinham entrado novamente nas terras da fazenda.

Depois de mandar preparar o meu cavalo, fui até o meu quarto, peguei a carabina e um embornal cheio de balas. Assim que montei no cavalo, assobie para o meu cachorro Batuta, um fila-tigrado imenso, e subimos em direção a fazenda velha, para fazer uma nova visita aos turcos. Logo que cheguei na divisa, desci do cavalo com calma, amarrei as rédeas num galho de uma árvore de goiabeira do mato, peguei a carabina e as balas, e me acomodei debaixo de sua sombra. Mirando sempre nos carneiros machos e maiores, comecei a atirar nos carneiros. Quando os carneiros começaram a se movimentar assustados, estumei o Batuta para cima deles.

O rebanho de carneiros, que presumi fosse mais de quinhentos animais, com o Batuta atrás, corria de um lado para outro, desnorteados. Enquanto isso eu continuei atirando. Cerca de meia hora depois algumas dezenas de carneiros estavam mortos. Eu fiz a maior parte do estrago e o Batuta havia feito o resto. Nesse meio tempo, os turcos que tinham ouvido os tiros e os latidos do meu cachorro, não reagiram. Ficaram de longe observando eu resolver o problema que eles tinham se recusado a solucionar. Sentido o calor do cano da carabina na minha mão, subi novamente no meu cavalo, chamei o Batuta e me aproximei da cerca, de onde gritei que queria falar com o chefe deles. Os turcos, escondidos atrás de algumas árvores, do outro lado da cerca, ficaram mudos. Como nenhum deles saiu da toca, para vir falar comigo, eu voltei a bradar de cima do cavalo:

– Turcos, conforme eu avisei, o problema já está resolvido. Retirem esses carneiros mortos da minha propriedade, pois não quero ver urubus voando por aqui. Vou dar um último aviso, sumam daqui do Aterrado. Fiquem certos de uma coisa, se eu tiver que voltar aqui, não vou mais atirar em carneiros!

Dei uma guinada nas rédeas, andei uns 100 metros com o cavalo de lado, olhando para o local onde os turcos estavam amoitados, e dali virei o cavalo, apertei a espora na sua virilha, e voltei para a sede da nossa fazenda. Fiquei sabendo que uma semana depois os turcos tinham se mudado para Sacramento. Antes de partirem, disseram para o Zé Carrijo que tinham fugido do país deles com medo da guerra, e que estavam indo embora, pois não queriam confusão com ninguém.

Capítulo 22

Bandoleiros do sertão

Depois que terminou de contar o caso dos turcos, ele tirou a latinha de rapé do bolso, pegou uma boa porção, levou ao nariz e cheirou o pó de fumo. Em seguida ele passou a latinha de rapé para mim. Como se tivéssemos combinado, espirramos no mesmo momento. Rimos da coincidência. Logo em seguida ele me perguntou:

– Você está com sono, Pedro? Caso não esteja cansado, vou lhe contar uma das mais terríveis histórias de violência e crueldade que me envolvi na vida. Esses fatos ocorreram lá para as bandas da Serra da Canastra, alguns dias antes da minha comitiva chegar ao município de Delfinópolis.

Disse-lhe que não estava cansado, que podia contar a história. Ele olhou para mim, deu um sorriso, e começou a contar a história:

– Os primeiros anos da década de 1930, com a crise financeira nos Estados Unidos, nosso principal comprador de café, a situação por aqui ficou muito difícil. E junto com a crise voltaram a aparecer os bandoleiros das estradas, parecidos com os cangaceiros que proliferavam no Nordeste, nas décadas de 1920 e 1930.

– Parti do estado de Goiás na primeira semana de abril de 1931, numa comitiva com dois carros de boi carregados, com cerca de 1,5 tonelada de fumo de rolo cada um, em direção a Delfinópolis. Por aquela estrada eu teria que passar ao sul da Serra da Canastra. Naquele tempo o velho Benedito e o seu filho Ambrósio, que já estava bem taludo, já me acompanhavam nas viagens. Eles eram os meus carreiros de confiança. Nessas viagens, por precaução, eu sempre à frente, cerca de 500 metros, montado no meu cavalo, para ver se existiam obstáculos ou atoleiros nas estradas.

– Vale lembrar que, nas estradas boiadeiras de antigamente, um carro de boi andava cerca de 40 km por dia, em 10 horas de viagem. Na maioria dessas

estradas já havia pousos específicos para receber as comitivas, com piquetes de pastos para os animais. Ali naquela região da Serra da Canastra não existiam muitos lugares de pousos. Assim, quando ia dando a hora de parar, eu tinha que ficar atento, para poder escolher um local adequado para acomodar os animais e pousar.

– A viagem estava transcorrendo sem problemas, até então. Pelos meus cálculos, logo que eu terminasse de passar pela estrada que margeava o sul da Serra da Canastra, já não estaria tão distante do meu objetivo, que era Delfinópolis. Eu tinha calculado bem, pois já estávamos no final de abril, e as chuvas já tinham ido embora. A minha preocupação em evitar o período chuvoso, que ocorre entre novembro a março, se devia ao fato de que as chuvas tornavam aquelas trilhas quase intransitáveis para a passagem de carros de boi carregados. A cidade de Delfinópolis, para você ter uma ideia, está localizada entre a represa de Peixoto e a Serra Preta ao sudoeste do Estado de Minas Gerais.

– A minha ideia, ao voltar por ali, era aproveitar para fazer uma entrega grande da mercadoria que estava levando, que havia sido encomendada por um grande comerciante de tabaco da região de Cássia e Passos. Além disso, eu gostava de passar por aquela estrada, pois a beleza da região da Serra da Canastra era deslumbrante. Ali existem um grande número de cachoeiras, corredeiras, formações rochosas e uma rica fauna e flora. Na parte norte da serra ficam os municípios de Vargem Bonita e São Roque de Minas, e como eu disse, Delfinópolis fica ao sul.

– Nunca tive oportunidade levá-lo a São Roque de Minas, mas quando for possível, vamos visitar aquela região. É lá que fica a maior parte do Parque da Serra da Canastra, e onde está a nascente do Rio São Francisco e a maior cachoeira que já vi na vida, chamada Casca D’Anta, cuja queda livre passa de 160 metros. Dizem que ela é uma das maiores do Brasil.

– Mas vamos voltar ao assunto da viagem. Eu sabia que em mais alguns dias chegaríamos a Delfinópolis, pois já tínhamos atingido o sul da Serra da Canastra, que estava a nossa esquerda. Aquela região era bastante perigosa, pois existiam muitas furnas para os bandidos se esconderem. O velho Benedito já vinha observando, há alguns dias, o brilho das fogueiras à noite e os sinais de fumaça, o que indicava alguma comitiva ou pessoas estavam vindo na mesma direção nossa.

– No dia anterior, no meio da tarde, logo que chegamos no topo de um monte, um pouco antes do local do nosso pouso, eu mandei o Ambrósio subir no topo de uma árvore alta, para ver quem estava nos seguindo. Lá do alto ele me disse que as pessoas que estavam logo atrás não estavam muito longe da gente, e estavam montadas em cavalos. Aquilo não me cheirou bem, pois se quisessem, já poderiam ter nos ultrapassado há vários dias. Naquela noite combinei com o velho Benedito que, doravante, iramos fazer guarda, para evitar surpresas. O Ambrósio, que tinha a responsabilidade de levantar mais cedo para fazer o café, poderia dormir, pois ainda não tinha aprendido a atirar com a carabina.

– Eu fiz o primeiro turno da primeira guarda e o velho Benedito ficou com o segundo. A noite transcorreu em paz, e no outro dia levantamos cedo, arriamos os animais e seguimos em frente. No começo da tarde, logo depois da parada para o almoço, avistei ao longe dois cavaleiros, arrastando uma mula, vindo em nossa direção. Aquilo aguçou o meu instinto de preservação. Voltei até os carros de boi e avisei ao velho Benedito e ao seu filho que ficasses atentos, pois estava vindo gente à nossa frente.

Cerca de duas horas depois, logo depois de uma curva da estrada, eu avistei os dois cavaleiros, sendo que um deles estava puxando um burro de carga. Me chamou a atenção a beleza dos dois cavalos pintados, de pelagens nevado da raça americana Appaloosa. Mesma a uma distância de 800 metros, observei que o cavaleiro que vinha na frente era um homem, e o outro uma mulher, pois estava sentado de lado na sela. Por força do hábito, verifiquei se as duas cartucheiras .380 que estavam na minha cintura e a carabina estavam carregadas. Em alguns minutos eles se aproximaram de mim. Ouvei a voz do homem me cumprimentado, e perguntando quem vem lá. Respondi que estava em comitiva e que os meus carros de boi estavam um pouco atrás.

O homem, que já estava com o chapéu na mão, deveria ter uns 40 anos, magro, alto, branco, olhos azuis e cabelos amarelados ralos. Ao seu lado estava uma mulher jovem, com cerca de 18 anos, de olhos esverdeados, cabelos compridos enrolados em forma de coque. Ela tinha um belo sorriso. Ele me disse se chamava Eduardo Moreira e a moça, que era sua filha, era Raquel. Me contou que estavam vindo de Delfinópolis, contornando o sul da serra, em direção a Sacramento, onde moravam.

Ele me perguntou se as estradas estavam ruins dali para frente, e eu lhe disse que não. Mas lhe alertei que deveriam ter cautela, pois há vários dias algumas pessoas a cavalo estavam nos seguindo a distância. Disse-lhe que talvez fosse melhor ele e sua filha retornarem junto com a minha comitiva, pois corriam notícias de que diversas pessoas e comitivas já tinham sido assaltadas naquela região. Ele me disse que estavam com pressa, deu um sorriso confiante, e se despediu de mim, agradecendo as informações. Deu um puxão firme na corda do cabresto do burro de carga, que dava sinais de cansaço. Antes de seguir em frente, entretanto, bateu a mão direita na coronha de sua carabina que estava presa à sela do lado direito, e me disse que estava preparado, caso fossem atacados. Disse que a sua filha também sabia manejar uma arma. Abanou a mão se despedindo, e eu lhes desejei boa viagem. Seguimos em rumos opostos.

Cerca de duas horas depois, no meio da tarde, escutei os estampidos vindos da minha retaguarda. Presumi que o pai e a filha estavam sendo atacados. O tiroteio durou vários 15 minutos, e dava para ouvir que estavam usando armas de diferentes calibres. Os tiros mais secos eram de carabina, e os outros eram de espingardas de chumbo e de armas menores. Quando os tiros de carabina cessaram tudo ficou em silêncio. Eu sabia, por experiência própria, que os bandidos tinham atingido o confiante Eduardo. Fiquei com pena da filha dele, pois esse tipo de gente não tem limites nas suas crueldades. Certamente seria abusada e depois morta, pois era sabido que esse tipo de gente não costumava deixar testemunhas.

Quando paramos, quase no fim da tarde, para o pouso, chamei o velho Benedito e o Ambrósio, e lhes disse que a nossa comitiva seria a próxima a ser atacada pelos bandidos. Naquelas alturas, depois do tiroteio, os bandidos já tinham certeza de que nós já sabíamos da presença deles. Assim, tinha certeza de que, no máximo em dois dias, eles estariam sobre nós. O velho Benedito balançou a cabeça concordando, e me perguntou o que eu estava pensando em fazer. Disse-lhe que logo após o jantar, iríamos falar daquele assunto.

No dia seguinte fui para a retaguarda da comitiva, para evitar surpresas. Quando o vento estava batendo em nossa direção dava para ouvir o som de suas conversas e risadas. Logo depois do meio dia eu pude perceber, olhando de cima da montanha, que eles estavam a menos de três quilômetros da nossa

comitiva. Eu sabia que aqueles bandidos de estradas não gostavam de atacar a noite, com medo de caírem em armadilhas, pois os tropeiros costumavam fazer uma fogueira, colocar um volume debaixo de uma coberta, para parecer que estavam dormindo, e ficavam à espreita escondidos no mato. Assim, deveriam estar se preparando para nos atacar no dia seguinte, provavelmente na primeira hora da manhã, quando estivéssemos arriando os animais para partir.

Descemos o morro e seguimos em frente, procurando um lugar descampado para parar. Cerca de 3 quilômetros depois chegamos a um descampado, com uma colina no meio. Ficamos do outro lado da colina, pois além de ficar fora da vista dos bandidos, ali perto também passava um córrego. Apeei do cavalo, tirei a luneta do alforje e subi a pé em direção a uma pedreira que tinha a esquerda da trilha. De lá fiquei observando a aproximação dos bandidos e onde pretendiam acampar.

Não demorou muito tempo, e os bandoleiros perceberam que a nossa comitiva estava se preparando para o pouso. Vi quando o cavaleiro que estava à frente do bando, um negro alto e forte, com um chapéu de palha de abas largas, levantar o braço esquerdo e mandar o grupo parar. Em seguida ele apontou com a mão para uma restinga de mato que estava à direita da estrada. Vi quando todos os seis cavaleiros foram naquela direção. O último da fila estava arrastando um burro de carga. Deu para ver que os dois cavalos-pintados estavam com eles.

Logo que o velho Benedito e o Ambrósio retornaram com animais do córrego, onde foram beber água, chamei os dois e expliquei o meu plano. Disse-lhes que teríamos que atacar os bandidos naquela noite. O fator surpresa seria a nossa única chance, pois estávamos em desvantagem numérica. Assim, mandei o velho Benedito amarrar dois garrafões de cachaça forte, no lombo de um dos burros que viajavam atrelados aos carros de boi. Aquela pinga era usada durante a viagem para abrir o apetite no final do dia e, em algumas ocasiões, para lavar ferimentos. Aquele seria o primeiro “presente” que os bandidos iriam ganhar naquela noite.

Assim que escureceu, e após amarrar um chocalho no pescoço do animal, para fazer barulho, mandei o Ambrósio levar o animal até na curva da estrada, próximo de onde estavam os bandidos, e dar-lhe uma chicotada para que

fosse na direção deles. Disse que deveria deixar a corda amarada no cabresto, para pensarem que o burro havia fugido da nossa comitiva. E assim foi feito. Das pedras vi quando um vulto foi até a estrada e pegou o cabresto do burro, levando-o para a restinga.

Cerca de meia hora depois começamos a ouvir os bandidos falando alto e dando risadas. Orientei o velho Benedito e o Ambrósio que ficassem atentos, pois iria me aproximar dos bandidos e ficar esperando a hora de agir. Caso eu não voltasse até o começo do dia, eles deveriam cobrir os carros de boi com as lonas, soltar os animais e seguirem a pé, fora da estrada, em direção a Delfinópolis, para pedir ajuda. E ocorrendo tal fatalidade, quero que diga aos meus irmãos que tomem conta da Carlota e dos meus filhos. O velho Benedito concordou com a cabeça, e falou que iria orar por mim.

Coloquei o embornal cheio de balas no ombro, coloquei as duas garruchas na cintura, e sai carregando a carabina na mão direita. A noite estava escura, caminhei em silêncio, ouvindo apenas os piados das corujas-buraqueiras. Cerca de 30 minutos depois, me arrastando em silêncio no meio do mato, cheguei ao local onde os bandidos estavam. Tinha demorado um pouco, pois tive que dar uma volta na restinga, para poder chegar por trás do bando.

Escondido no meio de uma moita de arbustos, de frente para eles, comecei a mapear o cenário a minha frente. Pude ver que todos eles já estavam bastante embriagados, pois falavam alto e estavam muito alegres. Quatro deles estavam sentados num tronco perto da fogueira. Eram três brancos e um mulato sarará. Todos aparentavam ter pouco mais de trinta anos, estaturas medianas e estavam barbudos e sujos. Vi que eles enchiam uma caneca grande de alumínio amassada de pinga, e em seguida cada um bebia um pouco do líquido, passando para o próximo. De onde estava não conseguia os outros dois. Mas não demorou comecei a ouvir vozes vindo da direção de um enorme cupinzeiro que localizado há poucos metros atrás bandidos que estavam sentados perto da fogueira.

Pelo som da voz, suplicando que ele parasse, vi que era uma mulher que estava sendo violentada. Apesar dos fortes gemidos de dor que dava, ele continuava se movimentando sobre ela, estuprando-a. Alguns minutos depois, quando terminou o ato, o indivíduo ficou de pé e subiu as calças. Vi que se

tratava do homem negro, de meia idade, muito forte, o mesmo que estava à frente do bando naquela tarde.

Quando a mulher se levantou, apesar de estar suja e desalinhada, pude ver que se tratava da Raquel, filha do confiante Eduardo, os viajantes que tinham cruzado comigo no dia anterior. Eu sabia que os bandidos tinham poupado a vida dela, por enquanto, para poder seviciá-la por mais tempo.

Antes de se juntar ao resto do bando, o crápula segurou com violência o queixo da moça, olhou dentro dos seus olhos, e deu uma gargalhada, demonstrando estar feliz com o sofrimento dela. Ela continuava chorando e gemendo de dor baixinho, quase sem força. Ao sorrir vi quando o dente revestido de ouro na sua arcada superior cintilou. Em seguida ele caminhou em direção aos seus companheiros, e perguntou quem seria o próximo. Ouvi quando mulato sarará disse que ninguém estava interessado, e deu uma gargalhada. Em seguida completou a sua resposta.

– Perereca onde o Valdão enfia a sua chibata, fica arrombada! Em seguida todos começaram a rir do comentário feito pelo sarará.

Me acomodei na moita pois sabia que ainda teria que esperar um bom tempo para poder agir. Os cinco continuaram bebendo e conversando sobre os detalhes do ataque que fariam no dia seguinte contra a minha comitiva.

– Primeiro vamos matar o chefe da comitiva, disse o Valdão, pois deve ser o mais perigoso, e depois liquidamos os dois negros. Vamos levar o que der, e depois vamos queimar tudo, inclusive os carros de boi com as mercadorias. Não é para sobrar nada!

Cerca de duas horas depois, vi que os quatro que estavam no tronco foram escorregando lentamente, e se acomodaram no chão, perto da fogueira. O barulho dos seus roncos indicava que já estavam dormindo profundamente. Apenas o chefe do bando continuou sentado no tronco, bebendo a pinga na boca do garrafão. Engatilhei a carabina em silêncio e mirei bem no meio do seu peito. Naqueles momentos que antecediam o confronto eu sentia uma calma enorme. Sabia que em alguns segundos aquele local iria se transformar num inferno. Quando apertei o gatilho me lembro de ter dito baixinho: aí vai o segundo “presente”!

Quando o tiro acertou o peito do Valdão ele deu um grito de dor, vi o garraão caindo de suas mãos, se espatifando no chão, e ele sendo empurrado para trás, como se tivesse levado um coice de um cavalo xucro, deixando apenas parte de suas pernas sobre o tronco. Com o barulho do tiro os outros quatro se levantaram assustados, gritando o que estava acontecendo e quem estava atirando.

O próximo que acertei foi o mulato sarará, que apesar de estar meio tonto, já se levantou com uma garrucha na mão. Quando a bala o atingiu um pouco abaixo de sua axila esquerda, atravessando o seu corpo de um lado para outro, ele rodopiou e caiu sobre a fogueira, espalhando brasas e faíscas para todos os lados. O terceiro, o mais branquelo tentou fugir engatinhando para o lado esquerdo da fogueira, mas não teve sorte. A bala pegou na sua cabeça e ele arriou no solo, como se estivesse voltado a dormir. Os outros dois, que nessas alturas já estavam bem despertos, levantaram as mãos, e pediram pelo amor de Deus para eu não atirar neles.

Levantei-me de onde estava e caminhei na direção dos dois. Perguntei quem eram eles e de onde vieram. O que me pareceu ser o mais velho me disse que a quadrilha tinha vindo das bandas do sertão da Farinha Podre, na região de Uberlândia, para fugir dos meganhas de lá. Apontando a carabina para os dois, disse-lhe que se ajoelhassem.

Assim que se ajoelharam na minha frente, tirei da cintura a garrucha .380, e após engatilhá-la, num gesto automático, dei um tiro na nuca de cada um. Eles caíram para a frente, com os rostos muito próximos da fogueira. Ambos estavam com os olhos esbugalhados, como se estivessem com medo do que estava esperando por eles no mundo dos mortos. Vê-los ali na minha frente, mortos, me fez sentir novamente aquela estranha sensação de prazer, por ter dado fim a vida daqueles dois criminosos, que se revelaram desprovidos de escrúpulos e de respeito pela vida humana.

Enquanto recarregava a garrucha, ouvi um barulho vindo do lado da fogueira, e constatei que as pernas do Valdão estavam se debatendo sobre o tronco. Me aproximei e vi que ele ainda respirava. Ele devia ser um indivíduo muito forte, pois o tiro que levou no peito, um pouco a direita, tinha aberto um buraco enorme nas suas costas. Ele estava sangrando muito e tinha dificuldade para

respirar. Com um olhar embaçado, ele pediu-me que o ajudasse, que tivesse piedade dele.

A Raquel que continuava agachada no mesmo lugar onde tinha sido violentada pela última vez, ao ouvir a voz do seu algoz pedindo piedade, se levantou com dificuldade e veio andando cambaleando em minha direção. Somente quando ela chegou perto de mim é que vi a expressão de ódio estampada no seu rosto, revelando o quanto ela desejava se vingar pelos sofrimentos que tinha passado nas mãos daquelas bestas humanas.

Sem dizer uma palavra, ela apenas esticou a mão direita em minha direção. Nem foi preciso perguntar o que ele pretendia fazer. Assim que lhe entreguei a garrucha .380, ela se aproximou lentamente de Valdão, engatilhou a arma, encostando-a na sua testa. O bandoleiro, com um olhar de espanto, olhou para ela pela última vez. Quando os dois estampidos ecoaram ao mesmo tempo, vi a cabeça dele se partindo em diversas partes, espalhando pedaços do seu cérebro em várias direções.

Voltei para o lugar do nosso pouso caminhando lentamente pela estrada, amparado a Raquel. Um pouco antes de chegar, pois não queria levar um tiro, gritei avisando ao velho Benedito que estava chegando. Ouvi quando ele disse para o Ambrósio: Graças da Deus! Logo que ele se aproximou de mim, pedi que levasse a Raquel para tomar um banho no córrego. Depois de observar a situação deplorável das roupas de Raquel, o velho Benedito pediu que o Ambrósio emprestasse uma muda de roupa limpa, uma calça e uma camisa, para ela vestir.

Meia hora depois o velho Bendito voltou carregando a Raquel nos braços. Ela tinha desmaiado quando estava tentando tirar a roupa para tomar banho. O velho Benedito me disse que teve que lhe dar banho e vesti-la. Me falou, também, que ela estava muito machucada, e que sua perereca estava sagrando muito. Disse-me que que era preciso costurar o local, e estancar o sangue. Falei que fizesse o que fosse preciso, para tentar salvar a vida daquela pobre moça.

Logo em seguida ele mandou o Ambrósio pegar a caixa de suturar ferimentos dos animais, e trazer um pouco da pinga no garrafão que não tinha sido entregue aos bandidos, para desinfetar as agulhas e o lugar lesionado. Cerca de uma hora

depois ele terminou de costurar a pomba de Raquel, e por fim, colocou açúcar refinado no local, para conter a hemorragia. Nessas alturas o Ambrósio já tinha terminado de preparar o jantar. Ele também fez uma sopa de fubá, com farofa de carne para alimentar a Raquel logo que ela acordasse. Naquela noite fomos dormir bem tarde, após o velho Benedito dar a sopa na boca da Raquel.

No dia seguinte levantamos bem cedo, pois tínhamos diversas coisas para fazer, a começar pela limpeza do local onde os bandoleiros estavam mortos. A Raquel ficou dormindo, pois estava muito debilitada. Logo que chegamos ao local não foi necessário dizer nada ao velho Benedito e ao Ambrósio, pois eles já sabiam como proceder naqueles casos. Assim que chegaram ao acampamento, tiraram os cabrestos e soltaram os cavalos, menos os dois cavalos-pintados que pertenciam ao pai de Raquel, e o burro que foi usado para levar o primeiro “presente” que mandei para os bandidos.

Logo em seguida começaram a cuidar dos corpos, que foram arrastados até um descampando ali perto da restinga de mato, e amontoados em forma de pilha. Em seguida foram reunimos e carregando todos os pertences dos facínoras, incluindo roupas e arreios dos cavalos, e depositando sobre os cadáveres. Em seguida, arrastaram alguns troncos e galhos de uma enorme árvore seca que estava caída ali perto, formando uma grande fogueira. Em seguida pediu a binga do meu avô, pegou um tufo de capim seco, e acendeu a fogueira. O fogo não demorou a ficar alto, e a começar a queimar os cadáveres.

Voltamos para o nosso local de pouso, acomodamos a Raquel no carro de boi que era conduzido pelo velho Benedito, e seguimos em frente. No meio da tarde, quando passamos por um local elevado, olhei para trás e avistei a fumaça da fogueira subindo para o céu. Se tivessem pegado outro rumo, pensei, certamente que ainda estariam vivos. Mexeram com a pessoa errada. Era assim que as coisas funcionavam nas trilhas do sertão. O que acontece aqui, por aqui é enterrado. Mais alguns dias de marcha e nos aproximamos de Delfinópolis.

Na manhã do dia da nossa chegada, antes de entregar Raquel para os seus parentes que moravam na cidade, ela me chamou para conversar em particular, e me pediu que não falasse nada para o delegado da cidade sobre o que havia acontecido com ela, em especial, sobre os abusos que sofreu nas mãos dos bandoleiros de estrada, pois aquilo iria arruinar a sua vida e de sua família.

Assim, no dia seguinte quando o delegado da cidade foi até a casa dos parentes dela, para colher os nossos depoimentos, eu disse-lhe que tinha pouco a acrescentar ao caso. Ao passar pelo local onde Raquel e o pai foram atacados pelos bandidos de estradas, eu a encontrei desmaiada e bastante ferida à beira da estrada. Ela por sua vez, conforme havia combinado, disse ao delegado que tinha caído do cavalo e desmaiado, e que não se lembrava de nada.

Raquel disse que achava que os bandidos talvez tivessem pensado que ela estava morta. Tudo indicava que os bandidos, depois matarem o meu pai, teriam se assustado com a chegada da comitiva, fugindo do local, levando apenas o burro com os nossos mantimentos. Pelos rastros dos cavalos, o senhor Luigi Rufino acredita que se esconderam nas grotas na parte alta da Serra da Canastra. O delegado após anotar os nossos depoimentos, agradeceu a minha colaboração. E antes de sair, olhou para a Raquel e disse-lhe que ela teve muita sorte, pois a crueldade desses bandidos de estrada não tinha limites.

Apesar do que Raquel havia passado nas mãos dos bandoleiros ela se revelou uma mulher forte. Na hora que se despediu de mim, me deu um abraço forte e me agradeceu por ter salvado a sua vida. Disse que iria orar muito por mim. Naquele mesmo dia fiz a entrega das mercadorias e retornamos para a fazenda. Somente alguns anos depois é que voltei a ter notícias dela. Ela tinha se recuperado dos traumas, e se casado com um primo. Me disseram que, talvez pelas sequelas decorrentes da queda do cavalo, ela não podia ter filhos.

Naquela ocasião me veio à mente a figura do facínora Valdão abusando de Raquel, e de seus gemidos de dor, pedindo que ele parasse de penetrá-la. Logo em seguida me lembrei do seu crânio sendo estilhaçado e seu cérebro se espalhando em várias direções, quando ela apertou de forma simultânea, os dois gatilhos de minha garrucha .380. Assim como eu, a Raquel, depois do que havia passado nas mãos daqueles bandidos, também havia se tornado uma sobrevivente.

Quando o meu avô terminou de contar aquela última história, ele ficou em silêncio por um longo tempo, como se tivesse se recuperando da dor e das sensações ruins que tinha revivido naquela noite. Logo depois olhou para mim, deu um sorriso leve, e disse:

– Você entende agora, porque no dia que dei o depoimento aos professores de São Paulo, eu disse a eles que não poderia relatar nenhum caso de violência em que estive envolvido, ou que fui testemunha, pois eles não iriam conseguir entender as regras e os códigos que regem a vida e a morte nessas estradas esquecidas por Deus. O que acontecia aqui, ficava sepultado aqui!

Logo em seguida, me fez um pedido:

– Quem sabe um dia você não resolve escrever um livro, para contar a minha história, Pietro. Esse mundo no qual eu vivi já não existe mais, faz parte do passado, mas acho que não deveria ser esquecido. Em seguida disse:

– Agora vamos dormir, pois amanhã vamos levantar cedo, e vamos ter um dia longo pela frente!

Naquela noite, deitado do lado esquerdo do meu avô, demorei a pegar no sono, ouvindo os barulhos da noite, olhando para o céu estrelado, e me lembrando de cada detalhe das histórias que ele tinha me contado. Dormi pensando no dia em que iria visitá-lo, quando ele e a minha avó já estivessem bem velhinhos, para entregar-lhe um exemplar do livro que eu havia escrito sobre a vida dele.

Capítulo 23

Matrícula no colégio em Campinas

Sentia que o meu temor em relação ao futuro havia se reduzido muito. Eu estava mais confiante, especialmente depois que voltei da viagem em comitiva que fiz a Delfinópolis com o meu avô Luigi. Naquela viagem tive a oportunidade de conhecer em profundidade a sua história da vida. Ao tratar das suas preocupações sobre as mudanças que estavam em curso no Brasil e na nossa região, entendi porque ele e a minha avó estavam cuidando do meu futuro. Aquelas inquietações em relação a estudar fora, motivadas pelo medo do desconhecido, já faziam parte do passado. Comecei a ver com clareza o quanto os meus avós estavam sendo generosos comigo, me estimulando que eu continuasse os meus estudos. O que eles queriam, na verdade, era o melhor para mim.

Após o meu retorno da viagem em comitiva, comecei a fazer os preparativos para me mudar para Campinas, para continuar os meus estudos. O meu avô, por recomendação de D. Anita, havia decidido me matricular no Colégio Marista Pio XII de Campinas. Depois descobri que ela fez o ginásio e o curso normal naquele Colégio, e logo em seguida, fez o curso de pedagogia na Universidade Católica. Depois que se formou foi que decidiu ir para o Convento.

No final de janeiro viajei com o meu avô para Campinas, onde faria o teste de seleção no colégio marista. Aquela era uma exigência da escola para que o candidato pudesse fazer a matrícula no primeiro ano do curso científico. O meu avô me disse que iria aproveitar a viagem para fazer alguns exames médicos, pois ultimamente andava tendo cansaço e fraqueza. Quando chegamos a Campinas quase no final da manhã, descemos no centro, próximo à praça Carlos Gomes. Nos instalamos num hotel próximo dali, e depois de deixarmos as malas no quarto, fomos almoçar.

Para mim tudo aquilo era novidade, pois nunca tinha estado em uma cidade grande. E além de grande, percebi que ela também era uma cidade muito ba-

rulhenta, com rangido de rodas de bondes e carros de passeios buzinando nas ruas. Daquele ponto pegamos um taxi, que nos levou até a Rua Boaventura do Amaral, 354, no Bosque, onde ficava o Colégio Marista Pio XII. O meu teste de seleção estava marcado para o início da tarde. O prédio enorme, cercado de paredes altas, pintado de marrom, parecia um quartel.

Assim que chegamos ao colégio Pio XII, a secretaria me explicou que o teste de seleção tinha o objetivo de avaliar nível de conhecimento do candidato em português e matemática. Ela pediu que o meu avô ficasse me esperando no hall da entrada, e que o teste tinha uma duração de duas horas. Fui conduzido por ela para um auditório, que ficava ao lado da secretaria, onde já estavam sentados cerca de trinta jovens, que também iriam fazer o teste de seleção. Logo em seguida entrou um padre, de meia idade, baixinho e de óculos, com uma expressão séria. Depois de pedir silêncio, começou a distribuir a prova, com diversas questões das duas matérias. Disse-nos, antes do início do teste, que o resultado sairia no dia seguinte, pela manhã. Logo que terminei o teste, voltei com o meu avô para o hotel.

No dia seguinte retornamos para o colégio, onde a secretaria informou ao meu avô que o meu desempenho na prova tinha sido excelente. Ele olhou para mim, e deu um sorriso de satisfação. Logo depois que fizemos a matrícula, o meu avô perguntou a secretária, se havia alguma pensão ali por perto, onde eu pudesse morar. Ela informou que haviam terminado de construir um prédio na rua Duque de Caxias, próximo dali, com apartamentos pequenos para alugar para estudantes vindos de fora.

Explicou-nos que saindo do colégio, virar à direita, pois a rua onde ficava o prédio era logo depois do Bosque dos Jequitibás. No caminho o meu avô me disse que, morar perto do colégio iria facilitar a minha vida, pois evitaria de pegar bondes e ônibus. Ele gostou do lugar e do preço do aluguel, assim, reservou um apartamento para mim, no primeiro andar, deixando doze meses pagos adiantado. Voltamos caminhando para o centro da cidade, para procurar o hospital onde atendia o médico que o Dr. Vicente, do Ibiraci, tinha lhe recomendado.

Cerca de meia hora depois chegamos ao hospital. Logo que chegamos a ala dos consultórios, observei na placa fixada na porta da sala do médico que esta-

va atendendo o meu avô, o Dr. Antunes Seixas, que a sua especialidade era oncologista. Fiquei sentado numa cadeira perto da recepção, observando o movimento das pessoas. Depois de uma consulta bastante demorada, o médico saiu junto com o meu avô, e ouvi quando ele lhe recomendou que fizesse os exames de sangue na manhã do dia seguinte, e logo que ficassem prontos, retornasse para ele ver os resultados.

Voltamos para o nosso hotel conversando sobre a barulheira da cidade. No dia seguinte o meu avô foi fazer os exames bem cedo, em jejum, e na parte da tarde, após pegar os resultados, voltou ao hospital para uma nova consulta com o Dr. Seixas. No dia seguinte, bem cedo, pegamos o primeiro ônibus da Cometa de volta para Franca, e de lá para o Ibiraci.

O calendário que recebi por ocasião da minha matrícula, informava que as aulas do colégio iriam começar no início de março de 1960. Me lembrei de D. Anita, que na nossa última conversa havia me recomendado que chegasse a Campinas alguns dias antes do início das aulas. Assim, teria tempo de me acomodar no meu pequeno apartamento, conhecer o Colégio e comprar o material escolar, especialmente os livros textos das dez matérias que iria estudar naquele ano. Os uniformes do Colégio, incluindo o de educação física, já tínhamos comprado.

Nesse intervalo estava aproveitando para pescar e tomar banho durante a tarde, no poço fundo do ribeirão, que ficava próximo do brejal. Na parte da manhã ia todos os dias conversar com a minha ex-professora, D. Anita, na sala de reunião da escola do povoado. Suas orientações estavam sendo valiosas para aumentar a minha autoconfiança e a reduzir as minhas inquietações e temores em relação as mudanças que estavam em curso nessa nova fase de minha vida. Me dava dicas, e me alertava sobre as vantagens e desvantagens de morar numa cidade grande, e estudar num colégio religioso e grande, que tinha mais de duas dezenas de turmas de alunos dos cursos científico e clássico. Foi nessas conversas com D. Anita, que me defini sobre o curso que iria fazer quando fosse para uma faculdade. Logo que concluísse o curso científico iria fazer o vestibular para o curso de direito.

Ao falar de sua experiência naquele Colégio, ela me alertou para a importância de priorizar todas as disciplinas. A minha dedicação no científico evi-

taria que eu tivesse que fazer cursinho preparatório para passar no vestibular na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Essa sua generosidade e preocupação comigo nos últimos dias tinha feito a minha empatia por ela aumentar ainda mais.

Naquela sexta-feira, dia 21 de fevereiro, os meus avós tinham levantado muito cedo, para pegar a jardineira no povoado, que vinha do Peixoto para o Ibiraci. O meu avô estava indo para ter uma prosa sobre política com o coronel Temóteo Andrade. Nesse intervalo, a minha avó tinha programado de ir ao armazém da Bacima, para comprar a minha mala de viagem, e algumas peças de roupas que ainda estavam faltando no meu enxoval.

Eu também havia me levantado cedo, pois como era de costume, sempre que viajavam eu ia até a porta para me despedir deles. Assim que se acomodou no banco da carroça ao lado de minha avó, ele voltou a me lembrar que no começo da tarde eu deveria levar um saco de milho para triturar no moinho de pedra do Sr. Valdomiro. Acenei com a cabeça concordando. Gostava muito de ir ao moinho de pedra, para apreciar as suas engrenagens em funcionamento. A engenhosidade de sua estrutura, com suas pedras achatadas para esmagar cereais, que se movimentavam num ritmo lento, tocadas pela força da correnteza do ribeirão, me encantava.

Os moinhos de água, me explicou certa vez o Valdomiro, também podem ser chamados de azenhas ou atafonas. Este mecanismo foi o primeiro a explorar a energia mecânica com a exclusão total da força de animais e do homem. Eles funcionavam a partir de uma roda com degraus, colocada na vertical, que girava com a queda d'água. Duas pedras redondas que ficavam ligadas a esta roda, giravam junto a ela, moendo grãos e vegetais.

Nos estados de Goiás, Minas, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo, predominavam os moinhos de roda horizontal, com no máximo 4 metros de altura. A água dos rios bate em uma roda horizontal de madeira, que aciona um eixo vertical, ao qual está encaixado um dos discos de pedra. A pedra gira sobre outro disco de pedra, fixo, triturando os grãos colocados entre eles.

Instalados no Brasil pelos colonizadores europeus, os moinhos de pedra movidos a água eram comuns no centro-sul do país. O registro mais antigo

sugere que os primeiros moinhos foram construídos entre 1614 e 1616 em São Paulo. Os maiores eram utilizados para moer trigo, enquanto os menores, espalhados também por estados vizinhos a partir do século XVIII, serviam para triturar milho, usado para alimentação de pessoas e de animais domésticos.

No começo da tarde, sentindo muito calor, arriei o cavalo, dividi a carga de milho em dois sacos, coloquei na garupa, montei e segui em direção ao moinho. Em alguns minutos estava passando em frente à minha escola. Para a minha satisfação vi que a D. Anita estava saindo da escola, de sobrinha e com uma sacola bem fornida, cheia de material escolar no ombro. Após lhe dar boa tarde, perguntei se queria que eu levasse a sacola para ela. A casa onde morava ficava na descida da rua, um pouco antes do moinho.

Ela deu um sorriso e disse que ficaria grata se eu levasse a sacola, pois estava pesada. Virou a sobrinha para o lado, e se aproximou do cavalo, me entregando a sacola. Quando me preparei para dar uma cutucada com a espora na virilha do cavalo, que afetado pelo calor e pela preguiça, estava quase dormindo, ela sinalizou com a mão direita, pedindo que eu esperasse.

– Em quanto tempo você calcula que o fubá ficará pronto?

– Acredito que se tiver outros pedidos na frente, cerca de três horas, respondi-lhe.

– Muito bem. Não precisa deixar a sacola lá no alpendre lá de casa. Com uma expressão enigmática no rosto, um sorriso maroto e os olhos brilhando, me disse para deixar primeiro o milho no moinho primeiro, e depois ir para a casa dela para lhe entregar a sacola.

– Assim aproveito para lhe entregar o presente que prometi que iria lhe dar antes de você viajar. Depois vamos tomar café da tarde juntos. Fiz bolo de fubá e biscoitos de goma hoje pela manhã!

Em seguida, me fez uma recomendação:

– Ao sair do moinho, vá pela trilha dos fundos, pois a fechadura da porta da frente está emperrada.

Concordei com a cabeça, sorri de nova para ela e dei uma cutucada leve com a espora na virilha do cavalo, e segui em frente. Estava feliz por rever a minha

professora. O convite para ir tomar café com ela me fez esquecer do calor que estava fazendo naquela tarde. Era uma pessoa de sorte, pensei, pois nunca soube que ela tivesse convidado algum aluno para tomar café na sua casa. Talvez o fato de que pretendia me entregar o tal presente tenha sido o motivo do convite, deduzi.

Não demorei muito tempo para chegar ao moinho. Desci do cavalo, retirei a carga de milho da sua garupa, e entrei debaixo da cobertura do moinho, para cumprimentar o Sr. Valdomiro. Ele era um homem simpático, sorriso largo, de meia idade, um pouco gordo, olhos castanhos, cabelos pretos e fartos. Era também o dono, o técnico e o roupeiro do time de futebol do povoado. Os jogos de futebol nas pequenas cidades e nos povoados, naquela época, era um dos poucos meios de diversão, tanto dos jogadores como da população. Três coisas sagradas que as pessoas faziam no último domingo do mês no nosso povoado, ir à missa rezada pelo padre Teodoro, conversar com os amigos e conhecidos na venda do Zé Carrijo, e participar ou assistir à partida de futebol do time local.

Assim que o Valdomiro me viu, veio em minha direção, com sorrindo, com a mão direita estendida. Depois que nos cumprimentamos, ele me disse:

– Pedro, no próximo domingo vamos ter um jogo duro. O time do Ibiraci está vindo jogar contra o nosso time. O jogo está marcado para as 10:30 horas, logo depois da missa. Leve a sua chuteira, pois você vai jogar no time titular. Tem um jogador deles que é muito bom, chamado Timóteo Cintra. Dizem que é um craque. Já me avisaram que se deixar ele jogar solto, vamos perder o jogo. Assim, já escalei você para fazer uma marcação homem a homem sobre ele. Fungue no cangote dele, e se for preciso, baixe a lenha, pois o juiz que vai apitar o jogo, o Geraldinho, é nosso.

Alguns meses depois de ter completado 15 anos, comecei a jogar no time dos adultos do Aterrado. A minha avó, quando ficou sabendo, não concordou de jeito nenhum, pois disse que iriam me deixar aleijado. Foi o meu avô que intercedeu por mim, mas tive que prometer-lhe que jamais iria dividir jogadas perigosas. Para evitar aborrecimentos, eu sempre procurava esconder as marcas das travas de chuteiras nas minhas canelas. Quando desloquei a minha clavícula numa disputa de bola, combinei com o meu avô, para ele dizer que eu tinha caído de um cavalo xucro.

O Valdomiro, que gostava da forma dura como eu jogava, dizia para o meu avô que em dois ou três anos eu estaria sendo sondado por um time grande, pois eu tinha tamanho, rapidez, folego, disciplina tática e força física. Eu ficava sorrindo, pois nunca me passou pela cabeça ser jogador de futebol.

Olhei para ele, balancei a cabeça, e confirmei que iria.

Logo em seguida o Valdomiro pegou um carrinho de mão, colocou os dois meios sacos de milho dentro, e foi empurrando-o em direção ao local da moagem de grãos. Perguntei-lhe que hora o fubá ficaria pronto. Ele enfiou a mão na algibeira, pegou o relógio de bolso, e depois de conferir a hora, me disse que no máximo até as 16:30 horas o fubá estaria pronto. Pedi que desse uma olhada, de vez em quando, no meu cavalo, pois eu iria deixá-lo amarrado na sombra da mangueira velha ao lado do moinho. Disse-lhe que iria entregar uma encomenda, e em seguida, dar uma volta para passar o tempo. Ele acenou com a mão, concordando.

Capítulo 24

Presente inesquecível

Depois de acomodar o cavalo baio na sombra, e com a sacola pesada de D. Anita no ombro, caminhei em direção a trilha que passava nos fundos dos lotes e das casas construídas na subida da entrada do povoado. Mesmo caminhando lentamente, não demorei a chegar no portão de madeira, no fundo da casa da minha professora. Depois de caminhar mais uns cinquenta metros e cheguei na porta da cozinha. Nem foi preciso bater palmas para avisar que já havia chegado, pois ela já estava na porta da cozinha, me esperando. Sorri para mim, e me convidou para entrar.

A casa de D. Anita era pequena, se comparada com a casa da fazenda. Pegou na minha mão e levou-me para a sala. Tirei a sacola do ombro e a deposei sobre a mesa. Apesar de minha timidez, pois era a primeira vez que entrava na casa de D. Anita, a sensação de sentir a sua mão macia na minha era muito agradável. Logo que me sentei no banco de madeira estofado com um tecido esverdeado, de três lugares, que estava encostado na parede de frente a porta da sala, tirei o chapéu e passei a mão na testa, que estava bastante suada. Disse-lhe que a caminhada no sol escaldante tinha me deixado com sede.

Enquanto ela foi até a cozinha pegar um copo de água para mim, me acomodei no banco, e comecei a observar a decoração da sala. Dava para ver que ela era uma pessoa muito organizada e de bom gosto. Havia alguns quadros com paisagens e fotografias penduradas na parede. As cortinas das três janelas de venezianas da sala eram brancas, e tinham duas camadas de tecidos, o foro externo era fino e transparente, e o forro interno grosso e opaco, que não deixava passar qualquer claridade. Ela havia aberto apenas a janela lateral, que dava para o pomar do seu quintal, para permitir a entrada de claridade e deixar que o vento entrasse no ambiente para amenizar um pouco o mormaço que fazia naquela tarde. Tudo indicava que iria chover mais tarde, pensei.

Voltei a me mexer no banco, para poder cruzar as pernas. Esperava que ela retornasse logo com a água pois estava com bastante sede. Olhei para a porta de entrada, e pude perceber que ela havia chegado em casa e tirado os seus sapatos de salto altos. Se havia entrando por ali, pensei, ou ela tinha conseguido fazer a fechadura funcionar, logo que voltou da escola, ou então ela não queria que eu entrasse pela porta da frente. Como dizia o meu avô, não procure entender as mulheres, pois elas não são do mesmo planeta dos homens. Esse pensamento passou rápido, pois a minha preocupação era de outra ordem. Apesar da afinidade que tinha com D. Anita tinha que confessar estava bastante encabulado por estar a sós com ela.

Tinha notado que, no caminho da cozinha, D. Anita havia entrado no primeiro cômodo à direita do corredor, que imaginei fosse o seu quarto. Pelo som que estava fazendo, dava para perceber que estava abrindo gavetas. Talvez estivesse pegando alguma peça de roupa para trocar, pensei. Ouvi também quando ela abriu uma torneira, que ficou ligada durante algum tempo. Alguns minutos depois ela voltou para a sala, sorrindo e com uma expressão de felicidade no rosto, com um vestido branco, quase transparente, que revelava os contornos de seu belo corpo. Embora ainda estivesse um pouco assustado, por estar passando por uma situação inusitada para mim, tinha que reconhecer que era muito agradável ver uma mulher bela e sensual como a D. Anita, na sua intimidade.

Ela trouxe uma bandeja de alumínio, coberta com forro azul-claro, bordado de flores, com uma jarra cheia de suco, que pela cor amarelada, presumi ser de laranja, e dois copos. Depositou a bandeja sobre a mesa, encheu os dois copos, e me entregou o copo sob o pires. O suco é de laranja lima do meu quintal, disse sorrindo. Antes de vir sentar-se ao meu lado no banco, pegou na cristaleira, no canto esquerdo da sala, um objeto retangular pequeno, que estava embrulhado com papel de presente, amarrado com fita vermelha.

– Pedro, conforme lhe prometi, eis o seu primeiro presente, disse D. Anita com uma expressão meiga.

Recebi o pacote e lhe agradei pela gentileza. Pelo seu tamanho retangular e peso percebi que era um livro. Fiquei com o pacote na mão, olhando para ela, imóvel, sem saber o que fazer. Ela achou graça da minha timidez e disse-me para abri-lo:

– Quando ganhamos um presente, disse-me, faz parte da boa educação abrir o embrulho na frente de quem nos presenteou.

Dei um sorriso meio sem graça, rasguei o embrulho, e constatei que se tratava de dois livros. O título do primeiro era “Os miseráveis”, de Victor Hugo. Sabia que se tratava de um romancista e poeta francês, que viveu no século XIX, pois D. Anita já havia me emprestado um clássico da literatura mundial também escrito por ele: “O corcunda de Notre Dame”. Eu tinha ficado muito impressionado com a sua capacidade de retratar com profundidade a condição humana e todos os níveis da sociedade, dos nobres aos excluídos.

O segundo livro era de um autor brasileiro chamado João Guimarães Rosa, cujo título era “Grande sertão: Veredas”. Observei que a sua primeira edição era recente, de 1956. D. Anita me disse que a trama do livro girava em gira em torno do jagunço Riobaldo, também conhecido como Tatarana ou Urutu-Branco, que era o narrador-protagonista do livro. Conta a sua história à procura de respostas para questionamentos universais como a existência ou não do diabo.

Logo em seguida, concluí, dizendo que tinha certeza de que eu iria gostar daqueles livros!

Para minha surpresa, pois já estava me preparando para voltar a sentar no banco estofado, quando ela estendeu os dois braços em minha direção e segurou as minhas mãos com delicadeza. Olhando dentro dos meus olhos sorriu para mim de forma sensual. Os cabelos da minha nuca ficaram arrepiados, e senti um forte rubor na minha face. Mas não era uma reação de medo, pois também estava em sintonia, olhando fixamente dentro dos belos olhos dela. Percebi que ela havia gostado da minha reação.

Falando baixinho e de maneira sedutora, ela perguntou-me se merecia receber um abraço e um beijo de agradecimento pelo presente. Balancei a cabeça, concordando. No íntimo estava com medo de que a sua proximidade me deixasse paralisado. Sentia que as minhas pernas estavam pesadas e tremendo. Ela me puxou em sua direção, encostando o meu corpo no dela. O fato dela estar usando sapatos de saltos altos deixava o seu rosto próximo do meu queixo. Me aproximei um pouco mais, coloquei com um certo temor os meus braços em

volta dela, e fui apertando suavemente. Olhando para os seus olhos, e sem saber até onde podia ir, abaixei a minha cabeça um pouco e dei-lhe um beijo da face.

– Como lhe prometi, vou dar-lhe o segundo presente. E este é para você se lembrar de mim, para o resto de sua vida, falou sorrindo.

Foi só naquele momento que consegui entender a profundidade de sua promessa. A minha inexperiência no jogo de sedução não permitiu que eu fosse capaz de captar o que ela estava me prometendo naquela ocasião. Era muito agradável sentir os seus belos olhos azuis olhando dentro dos meus olhos. O turbilhão de sensações de ter o seu corpo macio e cheiroso, grudado ao meu, estava mexendo comigo, e fazendo o meu sangue correr nas veias de maneira acelerada.

Imaginei que deveria estar ruborizado, pois sentia o calor se espalhando pelo meu rosto. O meu comportamento, pautado pela timidez, deixava evidente para ela que eu nunca tinha estado com uma mulher antes. Era visível que o fato de ser a mulher que estava me iniciando na vida sexual, e que iria tirar a minha virgindade, estava lhe causando uma enorme excitação. Dava para perceber que a respiração dela estava ficando cada vez mais ofegante.

Para mim tudo aquilo que estava acontecendo era novo e maravilhoso. Havia perdido a conta de quantas vezes havia me masturbado pensando numa cena maravilhosa como aquela cena. Estava flutuando no ar. Sentir o perfume suave de Anita, vendo os seus olhos brilhando, a sua linda boca tão próxima da minha, era como se estivesse num sonho, no qual Deus estivesse mandando abrir as portas do paraíso para mim. Ouvir as batidas aceleradas do meu coração e a respiração ofegante dela era como se estivesse embalado por uma música celestial, e mostrava que nos dois estávamos entrando em sintonia.

Ela disse-me sussurrando no meu ouvido:

– Não tenha medo Pedro, prometo-lhe que vou levá-lo ao paraíso.

A partir daquele momento os meus temores, dúvidas e timidez ficaram para trás. Olhando para mim, com expressão meiga e sensual, aproximou a sua boca da minha, como se fosse um convite para beijá-la. Abaixei o meu rosto e encostei os meus lábios nos dela. Pediu-me baixinho que abrisse um pouco a minha boca, para que ela pudesse introduzir a sua língua. Fiz o que ela mandou, e senti um enorme prazer quando a sua língua ficou se entrelaçando com a minha.

Ela pegou a minha mão esquerda, subiu o vestido e colocou-a sobre os seus seios, em seguida arrastou-a para baixo, deslizando-a sobre o seu ventre macio e liso, para finalmente chegar na sua parte íntima. Quando ela colocou de forma suave a minha mão dentro de sua calcinha, eu pude então sentir que ela estava bastante úmida. Quando acariciei a sua zona erógena, ouvi o seu gemido de prazer, e pela primeira vez vi a expressão de uma mulher tendo um orgasmo prolongado. Aquela cena me deixou ainda mais excitado.

Ainda com os olhos fechados, senti a mão de Anita destravando a fivela do meu cinto e abrindo o zíper de minha calça. Enfiou a sua mão pequena e macia dentro de minha cueca, e segurou de forma carinhosa o meu membro, que latejava de tanta excitação. Vi quando abriu os olhos, olhou com espanto para ele, e sorrindo de forma marota, disse-me que eu já estava “enorme” para a minha idade. O elogio me deixou ainda mais confortável. As carícias que ele fez, de maneira continuada, também me levou ao clímax.

Senti que estava voando para outra dimensão, quando o meu membro explodiu, como uma se fosse um jato de lança-perfume, jogando esperma em profusão no ventre dela. Ela ficou olhando a cena extasiada, com um leve sorriso no rosto. Depois de tirar o seu vestido, limpou o seu corpo, e logo em seguida, de forma carinhosa, fez o mesmo com o meu pênis. Me abraçando pela cintura, me conduziu em direção ao seu quarto.

O quarto de Anita era um lugar acolhedor. Estava muito limpo e perfumado. Havia no centro uma cama de casal, coberta com uma colcha branca, com uma enorme circunferência vermelha bordada no centro, que me fez lembrar da bandeira do Japão. Um guarda-roupa e uma penteadeira e uma banquetta de madeira envernizada, do lado esquerdo. Do lado direito ficava o aposento de banho do quarto. Ela me empurrou suavemente na frente e pediu-me que tirasse a roupa, e entrasse na banheira, pois a água poderia esfriar.

A banheira era grande, antiga, de ferro, esmaltada por dentro. Entrei na banheira de mansinho, do lado onde ficavam as torneiras, pois a água ainda estava um pouco quente. Anita havia colocado sais de banho na água, e eles exalavam um perfume de rosas muito agradável. Estiquei as minhas pernas compridas, fechei os olhos e comecei a sentir que o meu corpo começava a relaxar.

Minutos depois vi quando Anita voltou ao quarto de banho. Ela havia vestido uma camisola transparente, e ainda estava de calcinha e de sapatos altos. Se aproximou da banheira, tirou a camisola, a calcinha lentamente e por último os seus sapatos altos, olhando para ver a minha expressão, enquanto sorria para mim. Ver o seu belo corpo desnudo entrando suavemente na banheira foi uma visão maravilhosa.

Ela sentou do lado oposto ao meu, e logo em seguida esticou as suas pernas, misturando-as com as minhas. Pude sentir pelo seu sorriso, que o seu pé direito tinha um objetivo bem definido. Quando alcançou o seu alvo, senti um arrepio, e percebi que o meu desejo por ela estava aflorando novamente, com muita intensidade. Ela deu uma gargalhada, virou de lado, e sentou-se no meu colo, e disse-me baixinho, mordiscando a minha orelha direita, que o melhor da festa ainda estava por vir.

Depois da troca de beijos na boca e de carícias intensas, ela levantou-se, e caminhando lentamente e com elegância, foi até a cômoda que estava próxima da banheira, pegou uma toalha para se enxugar e entregou-me a outra. Logo em seguida pegou na minha mão, e me conduziu em direção a sua cama. Pediu-me que eu sentasse na beira da cama. Logo em seguida ela sentou-se em meu colo, e disse-me baixinho, com sua voz sensual: agora chegou a hora de você me possuir por completa. Quero que você me trate com muito, muito carinho, quero beijar o seu corpo e quero que você beije o meu, e quando for me penetrar, faça isso suavemente e sem pressa.

– É assim, que nós mulheres gostamos de fazer amor, disse sorrindo, com uma expressão de quem estava implorando. E logo após me perguntou:

– Você vai conseguir se conter, Pedro?

Balancei a cabeça concordando. Ela voltou a olhar de forma meiga dentro dos meus olhos, pediu que eu continuasse sentado na beira da cama. Foi até a cômoda novamente, abriu a primeira gaveta, pegou um disco de vinil, tirou-o da capa, e em seguida o colocou do prato da pequena vitrola, que já estava rodando. Com suavidade pegou o braço da vitrola, no qual ficava a agulha, e o encostou no disco. Logo em seguida ouvi uma voz agradável e inconfundível de mulher, cantando em francês. Percebi que Anita também estava cantando,

como se estivesse fazendo um dueto com a cantora. De onde estava fiquei embevecido, vendo-a completamente nua, sem nenhum pudor, como se estivesse querendo me ensinar que no amor não existe pecado.

– Quem está cantando é a Edith Piaf. Esta canção é a minha preferida, se chama “*Non, je ne regrette rien*”. Ao ver a expressão de felicidade estampada no rosto de Anita, acompanhando a letra, senti que aquela canção tocava na sua alma. Continuei olhando embevecido para a Anita, completamente nua e sorrindo para mim. Aquela imagem maravilhosa, eu não tinha dúvidas, ficaria marcada como um dos momentos inesquecíveis de minha vida.

Non! Rien de rien

Non! Je ne regrette rien

Ni le bien, qu'on m'a fait

Ni le mal, tout ça m'est bien égal!

Em seguida Anita veio andando em minha direção, lentamente, e ficou de pé na minha frente, me abraçou com suavidade, e ficou olhando dentro dos meus olhos, de maneira sensual, sem dizer nada. A diferença das nossas estaturas, depois que havia tirado os sapatos altos, fez com que a sua cabeça ficasse apenas alguns centímetros acima do meu rosto. Sorrindo, olhei para ela e perguntei-lhe o que dizia a canção. Senti o calor do seu corpo colando ao meu, quando ela me apertou um pouco mais em seus braços, encostou a sua boca no meu ouvido direito e começou a traduzir, com sua voz de veludo, o que dizia a canção.

Não! Eu não lamento nada

Não! Absolutamente nada

Não! Não lamento nada

Nem o bem que me fizeram

Nem o mal, isso tudo me é bem indiferente!

Não! Absolutamente nada

Não! Não lamento nada

Está pago, varrido, esquecido

Que se dane o passado! (2)

Com minhas lembranças
Acendi o fogo (3)
Minhas mágoas, meus prazeres
Não preciso mais deles!
Varridos os amores
E todos os seus tremores (4)
Varridos para sempre
Recomeço do zero

Não! Absolutamente nada
Não! Não lamento nada
Nem o bem que me fizeram
Nem o mal, isso tudo me é bem indiferente!

Não! Absolutamente nada
Não! Não lamento nada
Pois, minha vida, pois, minhas alegrias
Hoje, começam com você!

Quando a música terminou, o quarto ficou em silêncio. Parecia que o tempo tinha parado. Ficamos ouvindo apenas as nossas respirações ofegantes e o som dos nossos corações batendo acelerados. Logo em seguida ela voltou a olhar para mim, perguntou se eu tinha gostado da canção e da cantora, acenei com a cabeça, concordando. Ela me deu um beijo suave na boca, e disse-me:

– Quero que você se lembre de mim, quando ouvir essa canção em algum outro momento da sua vida.

Logo em seguida, demonstrando estar muito excitada, me beijou na boca com sofreguidão, para em seguida começar a morder as minhas orelhas. Aquelas carícias aumentaram o meu nível de excitação. Já não sabia até quando iria aguentar sem explodir novamente. Depois de me beijar novamente, Anita pegou uma almofada na cama, jogou no chão e ajoelhou-se sobre ela. Nessa posição começou a sugar e a passar a língua nos meus mamilos, lambeu a minha barriga, e foi aproximando lentamente a sua boca carnuda e macia do meu falo, que estava tão rijo que latejava.

Antes de continuar, olhou para mim de forma marota, com os seus olhos brilhando. Em seguida senti a sua boca de veludo envolvendo o meu membro. Dei um gemido de prazer e fechei os olhos. Aquela sensação gostosa e inigualável levou-me ao paraíso. O ritmo constante como estava me sugando, apesar de achar delicioso, me fez perceber que já estava próximo do meu limite de resistência. Em alguns segundos eu sabia que iria explodir novamente. Assim, peguei o seu rosto com as duas mãos, e puxei o seu corpo de forma carinhosa para que ficasse de pé novamente. Dei-lhe um beijo prolongado na boca, e logo a seguir, pedi-lhe que deitasse na cama. Ela deu um sorriso, esticou-se na cama, estendendo os braços para mim.

Ela se encaixou de costas no meu copo em forma de concha. Naquela posição comecei a beijar a sua nuca. Comecei a perceber que o corpo de Anita estava ficando completamente arrepiado, o que me deu a certeza de que ela estava gostando dos carinhos. Logo em seguida Anita virou-se novamente em minha direção. Pelo seu olhar lânguido pude perceber que dali para a frente caberia a mim lhe dar prazer.

Deitei-me sob o seu corpo, com cuidado, e comecei lhe fazer carícias com os lábios e as mãos. Ela começou a dar uns gritinhos de satisfação, na medida em que fui beijando todo o seu corpo, começando pelos olhos, a boca e o queixo. A minha boca continuou escorregando, chegando aos seus mamilos, que comecei a sugar de forma alternada. Os seus gemidos de prazer aumentaram. Avancei a minha boca, beijando o seu ventre liso e macio, e percebi que ela empurrava a minha cabeça para baixo, como se desejasse que a minha boca chegasse logo a gruta do prazer. Quando a minha língua tocou no seu ponto mais sensível, o clitóris, ele começou a ter leves tremores no corpo, e nesse momento percebi que ela estava tendo orgasmos múltiplos. Ver que estava dando prazer a Anita, e que ela também estava voando para outra dimensão, me deixou muito feliz.

Depois de alguns minutos, ainda com a respiração ofegante, ela pediu-me que voltasse a ficar com a cabeça no travesseiro. Nessa posição ela deitou-se sobre mim, me beijando intensamente, de forma lânguida e demorada. Em seguida, com os olhos fechados, pediu-me baixinho, que a penetrasse suavemente, pois fazia muito tempo que não fazia sexo. Deitei-me sobre o seu corpo suado, ela abriu as pernas e eu procurei acomodar o meu corpo no dela. De

forma delicada, ela pegou o meu membro ereto e o conduziu com cuidado para a entrada de sua vagina. Pude sentir que ela estava bastante úmida.

Apesar da cabeça do meu membro já ter se acomodado na porta de sua gruta do amor, ao sentir que havia uma pequena resistência, hesitei e fiquei imóvel, pois não queria ser rude. Nesse momento ela deslizou para baixo as suas mãos nas minhas costas, segurou com firmeza nas minhas nádegas, e me puxou para dentro dela. Quando a cabeça entumecida do meu membro passou pela entrada da sua vagina, e começou a deslizar para dentro dela, senti uma sensação muito agradável. Ela deu um gemido de prazer e pediu que eu continuasse, com cuidado. Assim, fui empurrando lentamente o meu pênis até que ele chegou ao final.

As contrações feitas pela vagina de Anita, apertando e aliviando a pressão no meu falo, estava me dando muito prazer. Tive que me conter, pois não queria ejacular precocemente novamente. Ao perceber que estava quieto, ela falou baixinho no meu ouvido para eu pensar em outras coisas, e não gozar ainda. Em seguida pediu-me para continuar fazendo um movimento lento e constante com o meu membro, tirando e empurrando com suavidade na sua gruta de mel. Na medida em que nossos corpos e os movimentos entraram em sintonia, ela começou a falar palavras desconexas, como “gostosura”, “delícia” e “pos-sua-me inteirinha”, ao mesmo tempo em que dava gemidos incontidos prazer. Entendi, com clareza, que eu devia aumentar o ritmo dos meus movimentos, pois ela estava chegando ao orgasmo mais uma vez.

Pouco tempo depois, por mais que tentasse me conter, percebi que havia chegado ao meu limite. Relaxei o meu corpo, e uma fração de segundos antes de explodir, vi que estava saindo de mim, sentindo ao mesmo tempo um forte arrepio no corpo e uma sensação gostosa, como se fosse uma corrente elétrica suave, percorrendo a minha espinha. Olhar para o rosto de Anita em êxtase, e sentir que estava ejaculando em profusão dentro de sua vagina, aumentou ainda mais o meu prazer. Como se estivesse nas nuvens, e ainda meio zozzo, fiquei imaginando que não havia nada mais gostoso no mundo do que fazer amor com a Anita. Alguns minutos depois comecei a me restabelecer, e vi que o mesmo estava acontecendo com Anita. O seu olhar embevecido e fixo no meu rosto me dizia que havíamos chegados juntos ao clímax.

Cansado, rolei em seguida para o canto da cama. Em seguida Anita voltou a colar o seu corpo ao meu, e deitou sua cabeça sobre o meu braço esquerdo. Vi pela expressão do seu rosto, que ela ainda estava em estado de êxtase. Fiquei contente por vê-la feliz. Naquele turbilhão de novas descobertas, senti que o fato do homem gozar ao mesmo tempo que a sua parceira, aumentava ainda mais o prazer do sexo para ambos. Comecei a fechar os meus olhos, pois me sentia exausto e com muito sono. Antes de começar a dormir vi quando Anita passou a sua mão no meu rosto, e sorrindo, me falou que tinha que confessar uma coisa, tinha sido muito prazeroso para ela fazer amor comigo. Me levou às nuvens várias vezes. E com um olhar malicioso, disse-me:

– Já estou sentindo inveja da mulher com quem você vai se casar, Pedro. Dei um sorriso leve, feliz com o elogio, vi o rosto de Anita distante, e comecei a dormir.

Alguns minutos depois, ainda meio zozzo, acordei com a Anita passando a sua mão suavemente no meu rosto.

– Acorda, Pedro, pois está ficando tarde. Murmurei concordando com ela, nos levantamos da cama e fomos nus abraçados em direção ao banheiro. Olhando para o relógio sob a penteadeira, vi que o tempo havia passado muito rápido. Já fazia mais de três horas que estávamos fazendo amor.

Pouco tempo depois eu já estava vestido novamente, sentado na cozinha da casa de Anita, tomando o café que ela havia me prometido. Sorrindo para mim, Anita me disse que estava feliz, por tudo o que havia acontecido entre nós naquela tarde. Colocando o dedo sobre a minha boca, pediu-me que lhe promettesse que tudo aquilo havíamos vivido seria mantido em segredo, para o resto da vida. Concordei com ela, lhe dando um leve beijo na boca.

Durante todo o tempo que passei tomando leite com café, comendo bolo e queijo, pois estava com muita fome, fiquei olhando para os belos olhos de Anita. Aquilo ainda parecia um sonho para mim. As cinco batidas do relógio da Igreja do povoado, que o dentista Nano havia construído de madeira, me lembrou que eu já estava atrasado para pegar o fubá no moinho do Sr. Valdomiro. Levantei-me para despedir. Ela foi até na sala, pegou os dois livros que havia me dado de presente, e depois de entregar-me, desejou-me uma boa leitura.

Antes de abrir a porta da cozinha para eu sair, ela passou os seus braços em volta do meu pescoço, ficou nas pontas dos pés e me deu um beijo suave na boca. Sem eu esperar, deu uma pequena mordida na minha orelha direita, e me perguntou, de forma sensual:

– Agora já sabe qual é era o verdadeiro presente que eu disse que ia lhe dar, para você se lembrar de mim para o resto de sua vida?

Olhei para os seus olhos de forma intensa, e disse-lhe que sim. Aquele tinha sido o melhor presente que eu já tinha recebido na vida. Você foi e sempre será uma pessoa especial para mim: a minha bela e generosa professorinha. Jamais vou esquecê-la, para o resto de minha vida. De agora em diante vou me lembrar de você como a mulher mais linda e sensual do mundo.

A minha manifestação a deixou sensibilizada, e vi que os seus belos olhos azuis estavam se enchendo de lágrimas. Beijei-lhe os olhos, e pedi que não chorasse, pois iria me lembrar daquele dia como o dia mais feliz e inesquecível de minha vida: o dia em que eu havia me tornado homem. Ela sorriu feliz, abriu a porta, me empurrou com carinho para fora, e disse-me para ir com Deus. Quando cheguei ao portão, no fundo do quintal, voltei-me e ela ainda estava parada na porta, olhando para mim. Acenei com a mão para ela e desci em direção ao moinho.

O brilho mais fraco do sol e as nuvens avermelhadas colorindo as escarpas das montanhas no horizonte, sinalizam que dia estava chegando ao fim. Apressei o passo, e em alguns minutos cheguei ao moinho. O vapor da água que subia do ribeirão do Aterrado quando a sua correnteza batia nas pedras, na base do moinho, aumentava a umidade do local. Encontrei o Valdomiro sentado num banco do lado de fora da cobertura do moinho, pitando um cigarro de palha. Perguntei-lhe se a minha encomenda estava pronta, ele deu um sorriso largo, e levantou o dedo polegar de sua mão direita, num gesto “afirmativo”, que havia aprendido com os americanos, quando trabalhou na construção da hidroelétrica do Peixoto, que tinham batizado de Marechal Mascarenhas de Morais.

Tudo indicava que, após terminar os seus afazeres no moinho, o Valdomiro tinha ficado me aguardando. Deve estar ansioso para ir embora para sua casa,

pensei. Busquei o meu cavalo, o arrastei para perto da carga de fubá, dividida em dois volumes, sob uma pedra enorme, do lado de fora do moinho. O Valdomiro levantou-se do banco e veio me ajudou a amarrar a carga de fubá na garupa do cavalo. Depois de montar, lhe agradei, dei um até amanhã, e cutuquei de forma suave a espora na virilha do baio, que subiu a estrada marchando em direção ao povoado.

Por uma estranha coincidência, no meio da subida, quando passamos frente a casa de Anita o baio relinchou forte. O barulho fez com ela abrisse a porta e olhasse em minha direção. Acenei para ela. Quando ela retribuiu o aceno e sorriu para mim, senti o meu coração batendo acelerado novamente. Segui em frente, com um sorriso no rosto, feliz em vê-la novamente.

Quando cheguei na fazenda já estava anoitecendo. Pelas frestas das janelas vi que as luzes na casa grande já estavam acessas. Isso era sinal que os meus avós já tinham voltado da viagem. A minha avó veio me receber na porta da casa. Depois de me perguntar se estava tudo bem, disse que já estava ficando preocupada com a minha demora. A moagem do milho para fazer fubá tinha demorado um pouco pois do previsto, respondi-lhe, pois havia outras encomendas na frente da nossa.

O Ambrósio retirou a carga de fubá do cavalo e a levou para a cozinha. Em seguida entreguei-lhe o cabresto do cavalo. Enquanto limpava a sola da minha botina, no rapador que ficava de fora, do lado esquerdo da entrada porta, vi quando ele retirou rapidamente a cela do cavalo e a pendurou no varal do barracão próximo do curral. Logo depois passou pelo lado da casa, arrastando o cavalo em direção ao rego de água nos fundos, que movimentava o monjolo, para dar-lhe um banho. Os empregados da fazenda sabiam que o meu avô não gostava que os animais de trabalho da fazenda – cavalos, burros e mulas – dormissem suados.

Logo que entrei na sala cruzei com o meu avô, que estava sentado na sua cadeira de balanço, no canto esquerdo da sala, perto da janela que dava para fora, fumando o seu cachimbo. Ele certamente já tinha me visto a bastante tempo, pois daquela posição dava para ver quando alguém se aproximava da sede, a uma distância de quase um quilômetro. Perguntei-lhe se a viagem tinha sido boa, ele sorriu e acenou com a cabeça, e continuou torcendo as pontas do bigode, refletindo.

Aquela era a hora que o meu avô, após o jantar, fazia uma pausa para pensar na vida. Era quando fazia um balanço dos negócios que havia feito naquele dia, e se preparar mentalmente, para as atividades que teria que realizar no dia seguinte. Naquele período de tempo não gostava de ser incomodado por ninguém. Todas as pessoas que conviviam com ele sabiam disso.

Fui em frente, andando em direção a cozinha, para falar com a minha avó Carlota estava. Dei-lhe um beijo suave na cabeça, e disse-lhe que ela podia mandar a sua ajudante recolher as panelas, pois não iria jantar. Aleguei que estava enfasiado desde o almoço, e que achava que as costelas gordurosas de porco que havia comido me fizeram mal. Ela olhou para mim preocupada, pois na minha idade, o fato de não querer jantar era um acontecimento muito raro. Perguntou-me se eu queria tomar um copo de boldo, e eu respondi que não. Disse-lhe que ia para o meu quarto dormir pois estava cansado. O que era verdade. Quando estava subindo os degraus da cozinha, ouvi quando ela falou:

– Pietro, você está largando um rastro cheiroso por onde passa. Como é possível que uma pessoa que está andando a cavalo a tarde inteira volte para casa perfumado? Parei e olhei de volta para ela, sorrindo, e vi que ela estava com as mãos cintura, fingido que estava zangada. Nesse mato tem coelho, concluiu.

Olhei para ela uma expressão de inocência no rosto, lhe respondi:

– No caminho do moinho, no começo da tarde, perto da venda do Zé Carrijo, uma cigana me parou para tentar me vender um frasco de perfume. Para me convencer, ela passou o perfume no meu pescoço. Acho que passou demais, pois o cheiro forte do perfume me deixou enjoado o resto da tarde. Mas a cigana perdeu o seu tempo, falei sorrindo, pois não comprei o perfume.

Vi pela expressão de incredulidade no rosto de minha avó, que a minha resposta não tinha sido convincente. Ela deu uma risada forte, e virou as costas, voltando para os seus afazeres na cozinha. Ouvi quando disse num tom mais baixo:

– Esse menino pensa que a avó dele nasceu ontem. Me engana, que eu gosto! É claro que tem “periquita” nesse angu!

Podia me preparar, sorri mentalmente, pois nos próximos dias aquele assunto do “perfume” voltaria à baila nas nossas conversas.

Naquela noite, depois que me deitei, senti como se o meu corpo estivesse flutuando. Apesar do sono que estava chegando, consegui me lembrar de tudo o que havia acontecido naquele dia especial. Recordei-me de cada detalhe do meu encontro com a Anita, e nas horas maravilhosas que ficamos juntos, nos beijando e fazendo amor. Dormi como uma pedra naquela noite. Na manhã do dia seguinte, a minha vó me disse que foi ao meu quarto, antes dela ir dormir, pois ficou preocupada por eu ter ido dormir sem jantar. Disse que preparou uma bandeja com uma xícara de chá de erva cidreira quente, o meu preferido, e biscoitos de goma, mas eu já estava dormindo profundamente.

– Como um anjo, com um ar de felicidade estampando no rosto, sonhando com o “perfume” da cigana, disse sorrindo. Eu também dei uma risada, mas fiz de conta que a isca não era para mim. O segredo do meu encontro amoroso com Anita era uma coisa só nossa.

Capítulo 25

Visitas noturnas

Para evitar falatório, especialmente de D. Filó e suas filhas, nunca mais fui visitar a Anita durante o dia na casa dela. Apenas durante o dia. Mesmo sem ter combinado novo encontro com Anita, na noite seguinte, por volta das 22:00 horas, eu fui até a casa dela novamente, passando pela mesma trilha do fundo de sua casa. Antes havia acertado com o Ambrósio, que ele deixasse um cavalo arriado para mim, nos fundos da casa deles na Colônia. Pedi-lhe, também, que mantivesse o assunto em segredo. Ninguém poderia ficar sabendo que eu estava saindo naquela hora da noite, especialmente a minha avó.

A partir daquela noite, as minhas visitas noturnas a casa de Anita se tornaram uma rotina. Depois de ouvir o Programa do Zé Bettio junto com os maus avós, eu fingia que ia deitar-me. Por volta das 9:00 horas eu descia por uma escada que havia colocado debaixo da minha janela, e caminhava em silêncio até a Colônia, onde pegava o cavalo e partia em direção a casa de minha amada. Para evitar transtornos, saía da fazenda pela estrada dos fundos, que margeava o brejo, e depois pegava a estrada que ia para a Usina do Peixoto, passando na porta da venda do Valdomiro, 50 metros depois atravessava o ribeirão, passava do lado do moinho de pedra.

Descia do cavalo logo no início da subida da trilha dos fundos para não fazer barulho, e ia puxando o cavalo pelas rédeas, até chegar no portão da casa da Anita. Destrancava o portão, e depois de amarrar o cavalo num pé de laranja lima que ficava no meio do terreno, contornava a casa pela direita e batia levemente na janela do quarto de Anita. Quando ela abria a porta, era como se eu estivesse entrando no paraíso. Voltava para casa por volta das 3:00 horas da madrugada, quando alguns galos já estavam começando a cantar.

Três dias depois do início das minhas andanças noturnas resolvi procurar o meu avô Luigi Rufino para conversar com ele. Logo depois do almoço fui até o

seu escritório, e disse-lhe que precisava falar sobre um assunto pessoal. Como a minha avó tinha ido a Colônia visitar a mulher de um dos trabalhadores que tinha acabado de parir, o meu avô disse que poderíamos conversar ali mesmo. E olhando para mim, com sua expressão impassível, disse-me que era todo ouvidos.

Demorei um pouco antes de iniciar o assunto, pois me sentia um pouco constrangido para falar sobre o meu caso com Anita. Assim, num primeiro momento falei que iria sentir saudade das viagens em comitiva na companhia dele. Logo em seguida, olhando para ele, fui direto ao assunto:

– Vô, senti que não seria honesto de minha parte não dizer para o senhor que estou saindo toda noite, as escondidas, para encontrar uma moça que eu respeito muito, e por quem tenho um carinho especial. Tenho medo, no entanto, que minha vó fique contrariada com esse meu caso, por isso quero pedir que esse assunto fique somente entre nós dois.

O meu avô deu um sorriso de leve, e disse-me que ele já estava a par que eu agora estava frequentando aulas no horário noturno. Quando ele terminou de falar eu não me contive:

– Quando eu topar o Ambrósio ele pode se preparar para ouvir, pois lhe pedi que mantivesse o caso em segredo.

– Não foi o Ambrósio que me contou, Pietro. Foi o velho Benedito, pois ele ficou com medo de que alguma coisa pudesse acontecer com você, andando pelas madrugadas. O Ambrósio agora também está fazendo “serão” noturno. Recomendei-lhe que continue lhe acompanhando a distância nas suas escapadas à noite.

– Em relação a sua vó Carlota, pode ficar tranquilo, pois não vou falar nada para ela. Como você mesmo disse, se ela ficar sabendo do caso, com o seu sangue quente de espanhola, o caldo pode entornar.

– Em relação a moça com quem você está se encontrando, acho que não é novidade para mim, pois desde as festas em louvor a Nossa Senhora da Abadia e São Sebastião, no mês de agosto, quando vi como a D. Anita pegou na sua mão, e ficou olhando para você lá no salão Paroquial da Capela do Aterrado, eu sabia que essa aproximação entre vocês dois era apenas uma questão de tempo.

– O seu avô, Pietro, tem muito tempo de estrada, e posso lhe garantir uma coisa, quem escolhe o homem é a mulher. Ela lhe escolheu porque sabe que você tem qualidade. Ela também é uma pessoa especial, de boa família, inteligente e muito bonita. Assim, você tem a minha benção, e me comprometo a não deixar a sua avó ficar sabendo. Mas continue tendo cuidado, quando for visitar a Anita, para evitar que o seu caso com ela não caia nos ouvidos da D. Filó.

Dei um abraço no meu avô e agradei-lhe pelos aconselhamentos. Ele deu um sorriso, e disse que o meu caso com a Anita tinha feito ele se recordar do tempo de sua juventude. Assim como está acontecendo agora com você, naquela época eu também descobri que não existia nada melhor no mundo do que “chupar jabuticaba” subindo no pé.

Capítulo 26

Caminho para a liberdade

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.” John Dewey

Depois da formatura a escola encerrou as atividades. Assim, no período de férias a professora Anita, dava expediente todos os dias da semana na secretaria da escola todos os dias da semana, das 14:00 às 16:00 horas. Como eu sabia que naquele período ela quase sempre estava sozinha, eu aproveitava para visitá-la, quase todos os dias.

Naquela quinta-feira, com o tempo um pouco nublado, e um mormaço no ar, sai da fazenda no começo da tarde, e fui andando lentamente para o povoado. Cerca de 20 minutos depois eu cheguei a porta da escola. A rua do aterradinho estava deserta, exceto por um cachorro que estava deitado na calçada da venda do Zé Carrijo. Dava para ver que não havia nenhum cliente lá dentro naquela hora.

Passei pelo portão de entrada que estava aberto, e me aproximei da sala da secretaria, que estava fechada. Bati levemente na porta. Depois de algum tempo, e não havendo resposta, pensei que a Anita ainda não tivesse chegado. Voltei a bater, com mais força, e ouvi a sua voz, dizendo para eu entrar. Assim que entrei ela me pediu que fechasse a porta, sem trancá-la. Disse que havia algumas mães que ainda não tinham vindo buscar os boletins de notas dos filhos.

Ela estava sentada na mesa, com um livro aberto à sua frente. Me recebeu com um belo sorriso estampado na face. Logo em seguida, se levantou e ficou de pé em frente a sua mesa, esticando com delicadeza a sua minha pequena mão para me cumprimentar. Depois que apertamos as nossas mãos, ela me

pediu que sentasse na cadeira à sua frente. Em seguida, sorrindo, me perguntou como estava os preparativos para a viagem.

O seu belo sorriso sempre me deixava extasiado. Naquelas ocasiões, sentia a sensação de que estava olhando para ela com uma expressão abobada. Para disfarçar a minha expressão, fingi que estava me acomodando na cadeira, e respondi que a minha avó já tinha preparado o enxoval exigido pelo Seminário. Repeti de forma automática o que ela havia me dito:

– Duas unidades completas do uniforme, sapatos pretos, calção e calçado para prática de educação física! Ela me disse hoje de manhã que estava faltando apenas alguns detalhes para fechar a mala.

Ela deu um sorriso leve, e vi que os seus olhos estavam brilhando. Imagino que os meus olhos também estivessem brilhando. Reencontrá-la para mim era como se estivesse no paraíso. Olhar para o seu belo rosto, ver o seu olhar de menina marota, sentir o cheiro de seu perfume suave, faziam surgir na minha mente a sua beleza escultural, caminhando nua, de forma sensual, no seu quarto.

Quando retornei dos meus pensamentos vi pela expressão de seu rosto que ela tinha penetrando nos meus pensamentos mais íntimos. Ao ver o meu rosto ruborizando, deu uma bela gargalhada, e disse-me que eu nem precisava lhe contar no que está pensando.

Após marcar a página com uma fita vermelha, fechou o livro que estava lendo, e o guardou na primeira gaveta da mesa. Em seguida, olhando no meu rosto, me disse que tinha duas coisas importantes para me dizer.

– Por ser a mais velha e mais experiente na nossa relação tenho que chamar a sua atenção sobre algumas questões que me parecem importantes, se quisermos caminhar juntos no futuro. Apesar da enorme empatia que temos um pelo outro, não podemos deixar que esse encantamento que temos do ponto de vista pessoal e intelectual, e mais recentemente a nossa sintonia no campo sexual, coloque uma cortina de fumaça na nossa capacidade de ver as coisas de forma clara.

– Assim, não podemos ficar criando ilusões, pois a vida real é feita de obstáculos e desafios, que não são resolvidos num estalar de dedos. A diferença

de idade que existe entre nós, de quase sete anos, pode vir a incomodar muita gente, inclusive de sua família. Eu tenho 23 e você 16 anos. Esse é o lado bom nessa relação, pois se não der certo, nós dois ainda somos muito jovens, e teremos uma vida inteira pela frente.

– Outra informação importante é que, em breve, estarei me desligando desta escola, pois o meu contrato com a prefeitura de Ibiraci termina no final de janeiro deste ano. O motorista da jardineira me entregou hoje de manhã o expediente da inspetoria de ensino comunicando o encerramento do meu contrato, pois não será ofertada nova turma de ginásio aqui nesta escola. Assim, dentro de pouco tempo, vou retornar para a casa dos meus pais em São Paulo, onde ficarei lá algumas semanas.

Ao ver a minha expressão de contentamento por saber que ela iria morar bem próximo de Campinas, com um sorriso no rosto, ressaltou:

– Nem precisa ficar muito animadinho, Pedro. Acredito que no começo de março deverei estar embarcando para Roma, na Itália, onde irei morar na casa da minha tia Júlia, irmã do meu pai. Já enviei o meu requerimento para a Universidade Sapienza de Roma, com a minha documentação escolar, diplomas do científico e do superior em pedagogia, solicitando a minha matrícula no doutorado em literatura. Se tudo der certo, deverei voltar em três ou quatro anos para o Brasil, pois pretendo me dedicar a carreira acadêmica. Quero fazer concurso para professora de uma boa universidade, pois é isso que me faz feliz!

Em seguida, fazendo uma expressão séria, me perguntou, o que eu queria conversar com ela.

– Tenho refletido muito sobre as nossas conversas nas últimas semanas, em especial, sobre o que irie estudar depois do científico, e como deverei me comportar na convivência com os outros alunos. Quero evitar de me frustrar com a vida no colégio.

Ela olhou para mim, passou a mão nos cabelos, e com o seu jeito sensual, os jogou para trás, e me disse:

– De todos os rapazes que eu conheço, e não falo apenas dos meus alunos, você é o mais inteligente. Comecei a perceber que você tinha uma inteligência

privilegiada logo nas primeiras semanas que comecei a dar aula aqui na escola do Aterrado. Você estava começando o ginásio e já demonstrava o seu enorme interesse pelo conhecimento. Percebi que essa busca não se resumia apenas as matérias que eu dava em sala de aulas. Você sempre queria ir mais além.

– Foi assim que passei a lhe recomendar livros em diversas áreas do conhecimento. Você se lembra que eu sempre lhe pedia que me falasse do que tinha apreendido dessas leituras. Era uma forma de avaliá-lo, de ver se você estava progredindo. E você não me decepcionou. O seu desempenho mostrou que eu tinha na minha frente um aluno muito inteligente. Você se tornou um desafio para mim, como educadora. Como fazer você ir em frente, apesar das limitações da escola e do ambiente, onde o nível intelectual das pessoas é muito baixo. Isso se tornou uma tarefa instigante e desafiadora para mim.

– Eu me lembro, como se fosse hoje, quando fizemos um debate em sala de aula, logo nas primeiras semanas de aulas, sobre quem havia inventado o avião: Santos Dumont ou os irmãos Wright. Em vez de assumir uma postura ufanista e dizer que o inventor tinha sido o brasileiro, você foi pesquisar sobre os fatos que envolviam esse debate.

– Recordo-me que você falou do pedido de registro da patente feita pelos americanos em 1903, e que a mesma foi emitida em maio de 1906, seis meses antes de Santos Dumont ganhar prêmios com o 14 Bis. Você falou também, dos diversos registros de voos dos Wright antes do 14 Bis. Em 5 de outubro de 1905, Wilbur Wright voou com o Flyer 3 durante 39 minutos, percorrendo 38,9 quilômetros. Sessenta pessoas assistiram àquela e a outras demonstrações. Destacou, ainda, que um ano antes do 14 Bis voar 220 metros, a uma altura máxima de 6 metros, os Wright já negociavam a produção em série de aviões para o Exército americano.

– Falou das contribuições de Santos Dumont como aeronauta, esportista e inventor brasileiro. Destacou que coube a ele projetar, construir e voar nos primeiros balões dirigíveis com motor a gasolina. Ressaltou a sua importância no rol dos pioneiros da aviação, ao lado dos irmãos Wright. De forma equilibrada, terminou dizendo que não havia apenas um inventor do avião, pois muitas pessoas contribuíram para que essa façanha se tornasse realidade.

– Mas o que me deixou mais encantada, foi quando você disse que de uma coisa você tinha certeza, o “trem de pouso” tinha sido inventado por Santos Dumont, pois ninguém no mundo, a não ser um mineiro, iria batizar aquela parte do avião com o nome de “trem de pouso”.

Com uma expressão de alegria no rosto, disse que naquele dia, além de ter rido muito quando voltava para casa, também ficou convencida de que tinha na sua turma um aluno superdotado.

– É importante que você entenda, Pedro, que a inteligência é uma questão da genética da pessoa. Eu também tenho uma inteligência acima da média, e sei que você encontrará enormes barreiras pela frente, e muitos motivos para perder o seu foco. Ser inteligente não é uma escolha da pessoa, mas um dom da natureza.

– Procure sempre que se lembrar que o fato de uma pessoa ter nascido inteligente não quer dizer que ela terá sucesso na vida. O que faz a diferença é o esforço que ela se propõe a fazer, para alcançar os seus propósitos. Eu por exemplo, procuro sempre se lembrar da frase de Thomas Edison, que disse: “a genialidade é 1% inspiração e 99% transpiração”.

– Assim, Pedro, os conselhos que lhe dei até agora tem como objetivo de evitar que você se perca naquele novo mundo. Já lhe falei que certamente você terá dificuldades na socialização com os outros estudantes. O fato de você ser uma pessoa inteligente, e por natureza, arredia, vai provocar desconfortos nesses relacionamentos, pois muitos vão achá-lo esquisito. Você não deve se preocupar em ter um círculo social reduzido. Diversos estudos feitos no mundo mostram que o cérebro de uma pessoa com habilidades intelectuais elevadas funciona de forma diferente, e a sociabilidade está incluída nestas diferenças. Assim, não tente ser amigo de muitos, mas siga o seu instinto, e procure se juntar apenas aos melhores.

– Outra coisa importante, procure usar a maior parte do seu tempo tentando atingir metas a longo prazo. Eleja as suas prioridades, e vá em frente, em busca de alcançar esses resultados. Não aceite nenhum tipo de proposta ou imposição, que o leve a perder o foco na sua meta principal. Isso vai desestruturar sua harmonia interna e interferir na sua felicidade.

– Lembre-se que as circunstâncias e situações que faziam os membros de uma tribo ou clã, nos primórdios da espécie humana, se sentirem felizes são as mesmas que sentimos no mundo atual. A sensação de felicidade que sentimos hoje, quando sentamos em volta de uma fogueira a noite, para conversar e comer batata-doce assada, é a mesma que os nossos antepassados distantes sentiam quando ficavam juntos para sobreviver num ambiente hostil.

– O que é essencial, nos conselhos que tenho lhe dado depois que você decidiu ir estudar fora é que se lembre que uma pessoa inteligente nunca deve ficar dependente dos outros. Eles conduzem as suas vidas e fazem o seu destino. É dessa forma que conseguem manter o foco em suas metas individuais. O fato de estarem em harmonia com elas mesmas, reduz as suas necessidades de interagirem mais intimamente com os demais.

– E por fim, apesar de você não ter me perguntado, talvez por timidez, vou lhe confessar quando passei a olhar para você de forma diferente. O meu interesse por você como mulher começou a se aguçar quando comecei a observar como me olhava na sala de aula, especialmente quando eu me sentava e cruzava as pernas. A partir daí comecei a prestar mais atenção no seu comportamento, e em especial, na sua postura viril nos jogos de futebol nos domingos, quando disputava a bola com os seus adversários.

Muitas vezes o meu coração ficava apertado, com medo de você se machucar, jogando com aqueles brutamontes. Nessas ocasiões comecei a observar melhor o seu corpo, e comecei a achar interessante os contornos do seu corpo cheio de músculos, e em particular, a sua bunda bem desenhada! Foi ali que comecei a desejá-lo. Comecei a sonhar com você me beijando, abraçando e me amando. Eu sabia que você já tinha maturidade suficiente para conhecer de forma mais íntima uma mulher.

– Depois do nosso primeiro encontro, fiquei encantada com o seu desempenho na cama, a sua forma gentil de fazer sexo, o que me deu muito prazer, numa intensidade como nunca havia sentido na minha vida. A surpresa que você me fez na noite seguinte, voltou na minha casa, e de forma ousada, bateu na minha janela, e me disse que queria provar mais do meu mel.

– Foi assim que você tomou conta do meu coração, senhor Pedro Rufino!

– Ainda não lhe contei, Pedro, mas naquela noite, disse com uma expressão de menina sonsa, depois que você foi embora, fiquei muito preocupada com a possibilidade de ficar grávida. Você se lembra que, logo que entrou em casa, começamos a nos beijar e a tirar as nossas roupas ali mesmo na sala. Estávamos muito excitados. Logo em seguida você me pegou no colo, levou-me para o quarto, e me colocou sobre a cama. O tesão que sentíamos era tão grande que, em seguida, lhe pedi que me possuísse, e em pouco tempo já estávamos gozando juntos. Quando você explodiu dentro de mim, a quantidade de espermatozoides que você lançou foi tão grande que senti o seu calor adentrando no meu útero. Mas estava tão gostoso que, confesso, nem me lembrei de recolocar o dispositivo intrauterino que uso como anticoncepcivo!

Depois que ela terminou de falar, e apesar da consciência que tínhamos dos riscos de uma gravidez indesejada, caímos na gargalhada. Logo em seguida, e olhando antes para ver se a sua mãe continuava na cozinha, se aproximou de mim, me deu um beijo na boca e, com uma expressão sensual, falou baixinho no meu ouvido:

– Você acha que eu iria deixar que outra mulher levasse o meu pitéu?

Depois que ela terminou de falar, fiquei calado, olhando extasiado para o seu lindo rosto, e muito feliz por ela ter feito aquela confissão. Tive muita sorte de tê-la como minha professora, e agora como minha namorada, pensei.

Aproveitei para lhe confessar, também, que eu sempre tive uma enorme admiração por ela, pois reunia numa só pessoa a beleza física, inteligência, carisma, determinação, e o que mais me agradava, muita sensualidade. A forma singela e transparente como ela conversava comigo, mostrava que a sua expectativa de seguirmos juntos era muito grande. Foi naquele momento que senti a força do nosso amor, e que ela era a mulher que eu queria que envelhecesse junto comigo.

Capítulo 27

A arte de viver

Depois que mudei para Campinas, e Anita voltou para a casa dos seus pais na mesma cidade, eu ia buscá-la numa rua próxima de sua casa para passearmos nos finais de semana. Os pais dela moravam nas proximidades do Colégio Pio XII, ou seja, bem perto do local onde ficava o meu apartamento. Foi nesses passeios que fui descobrindo as belezas da cidade. Não era por acaso que Campinas era conhecida como a “Princesa D’Oeste”.

No mirante localizado no alto da Torre do Castelo, com a ajuda de Anita, pude visualizar e compreender Campinas de maneira mais profunda. Visitamos o Mercado Municipal, o Observatório e a Lagoa do Taquaral. Estivemos, também, na zona sudoeste da cidade, onde estão localizados dois bairros rurais de origem centenária: a antiga colônia alemã de Friburgo e uma parte da colônia suíça de Helvetia denominada “Bairro Fogueteiro”.

Num desses passeios Anita me contou que a antiga Vila de São Carlos, que se transformou em Campinas, fundada em 1774, surgiu da produção açucareira e pelas atividades de comércio. Na medida em que os cafezais substituíram as lavouras de cana, foi se ampliando a riqueza do município. A cidade se modernizou entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Nos anos de 1930, com a crise da economia cafeeira, foi se tornando mais industrial e prestadora de serviços.

Das nossas idas aos concertos nas praças foi que descobri o admirável talento de Antônio Carlos Gomes, o mais importante maestro e compositor brasileiro do século XIX. As suas obras musicais me deixaram embevecido, em especial, “O guarani” e “O escravo”. Considerado o principal compositor de ópera da história da música clássica brasileira, ele fez parte do período conhecido como Era Romântica da história da música.

Durante esses nossos passeios, para namorar, ouvir música e tomar sorvetes, Anita foi me contando aos poucos a história de sua família. Fiquei sabendo que seus pais, Arnaldo e Fabiana Conti, eram professores da Universidade de Católica de Campinas. Ambos eram engenheiros civis. Isso explicava porque Anita tinha pretensão de seguir a carreira acadêmica. Ela me disse que eu ainda iria demorar a conhecer o pai da Anita, pois ele estava no exterior, fazendo o pós-doutorado na Universidade de Sorbonne, em Paris.

Anita me disse que o seu pai era uma pessoa mais flexível, mas a sua mãe, no entanto, era o inverso, durona e intransigente. Católica fervorosa, não abria mão de seus valores recatados e pudicos. Para evitar que a sua mãe ficasse pegando no seu pé, fez-me um pedido inusitado. Pediu que deixasse a minha barba e o bigode crescer, para ficar parecendo um pouco mais velho. Assim, alguns dias depois, logo que a minha barba e o bigode cresceram, ela me convidou para ir a sua casa para me apresentar para a sua mãe.

Quando lhe perguntei depois, como tinha sido avaliado, Anita me disse rindo, que a primeira coisa que ela lhe perguntou foi quantos anos eu tinha, pois me achou muito jovem. Nessa ocasião, Anita teria dito a sua mãe que não via nenhum problema em namorar um rapaz mais jovem, pois ela também era mais velha do que o seu marido. Depois da minha segunda visita a casa de D. Fabiana, percebi que ela já estava me tratando de forma bem mais amável. O fato de ter declarado que era torcedor do time do Guarani, após uma sugestão sub-reptícia feita por Anita, que piscando par mim, disse que seus pais eram torcedores fanáticos do bugre, também contribuiu para aumentar a empatia dela por mim.

No domingo seguinte fui visitar Anita por volta das 14:30 horas. Apesar de ter sido convidado para o almoço, não aceitei, para não causar incomodo, pois sabia que a empregada deles estava de férias. A mãe de Anita me recebeu na porta do apartamento, que ficava no 3º andar. Apesar de já ter passado dos 40 anos, a D. Fabiana ainda era uma mulher muito bonita. Achei que a Anita era bem parecida com ela. Convidou-me para entrar, e disse-me para ficar à vontade. Logo que me sentei no sofá da sala, ele me falou que a Anita já tinha terminado de tomar banho, e estava no quarto se arrumando. Ao ver que eu estava com um livro na mão, recomendou-me que o colocasse sobre a mesa de centro da sala.

Cerca de 15 minutos Anita saiu do seu quarto e veio para a sala. Estava de cabelos soltos e com um vestido casual que permitia ver os contornos do seu belo corpo. Os seus olhos azuis brilhando e o seu sorriso faziam dela uma mulher deslumbrante. Levantei-me do sofá para cumprimentá-la. Ela deu uma piscada maliciosa para mim, e pediu-me que voltasse a sentar no sofá, sentando-se também na outra ponta. Em seguida começamos a falar de amenidades. Mas tão logo a sua mãe foi até a cozinha para preparar um suco, ela deslizou rapidamente pelo sofá, se jogando sobre mim. Olhando de forma sensual nos meus olhos, me deu um beijo na boca. Voltou em seguida, para o lugar onde estava antes. A sua mãe retornou pouco depois segurando uma bandeja, com uma jarra com suco de uva e três copos de cristal.

Depois que tomamos o suco, a mãe de Anita voltou para os seus afazeres na cozinha, e ficamos rememorando as histórias das nossas vidas. No meio dessa conversa aproveitei para perguntar-lhe se ela não ficaria magoada comigo se eu lhe fizesse uma pergunta pessoal e íntima. Ela disse que não, mas já sabia qual era a pergunta: porque ela tinha tomado a decisão de ir para o convento? Admirado com a sua capacidade de antever o que eu estava pensando, concordei com a cabeça, e complementei, dizendo que ela só deveria responder se aquele assunto não fosse deixá-la triste.

Ela olhou para mim, com uma expressão distante, fez uma pausa, talvez para refletir sobre a resposta, e em seguida começou a discorrer sobre os motivos:

– A precocidade faz parte da minha história de vida, Pedro. Fui para escola mais bem mais cedo do que as outras crianças da minha idade. Terminei os meus estudos, inclusive o curso superior de pedagogia, muito jovem. Sempre estudei em escolas católicas, e os meus pais são católicos praticantes. O fato de minha amiga de infância, a Letícia, que formou comigo, ter decidido ir para o convento, me levou a tomar a mesma decisão. A tudo isso se deve somar, também, a falta de maturidade.

Olhando para mim, voltou a fazer uma parada, e depois prosseguiu:

– Depois que me tornei a noviça, e passei a refletir sobre a vida religiosa, comecei a perceber que não era aquilo que eu queria para mim.

– A decisão de pedir o meu desligamento da ordem religiosa não foi uma decisão difícil. A minha decepção ocorreu numa fase seguinte, quando fiquei sabendo que o jovem padre, com quem eu estava namorando, após pedir perdão ao Bispo, havia recuado na sua decisão de deixar a batina para nos casarmos. Jamais lhe pedi que deixasse a batina. Foi ele que me prometeu que faria isso.

– Confesso que nesse período, fiquei bastante deprimida, e com raiva de mim mesmo, por ter me envolvido com uma pessoa de caráter dúbio. Assim, quando surgiu o convite, feito pelo padre Teodoro, por meio do meu pai, para eu ir trabalhar como professora do curso ginásial no Aterrado, aceitei na hora.

– Com o tempo, além de compreender e perdoar a atitude do jovem padre, comecei a perceber que qualquer pessoa, por maior que tenha sido a sua decepção amorosa, pode se reinventar. Descobri que cada indivíduo é o responsável pela construção do seu próprio destino.

– Foi um grande privilégio para mim ter tido a oportunidade de contribuir para o crescimento intelectual dos alunos de sua turma. Aprendi muito com vocês. Li muito, refleti muito e acima de tudo, amadureci muito.

– Foi refletindo sobre a minha vida e os equívocos que tinha cometido que descobri que queria muito mais da vida para mim. Descobri que não preciso agradar a todos, mas ser feliz. Descobri que tinha que fazer valer a minha personalidade, o meu carisma, a minha sensualidade, e acima de tudo, seguir o meu próprio estilo, me amando, me respeitando, me valorizando e me cuidando.

– Os tempos em que, mesmo me violentando, aceitava abrir mão de minhas características pessoais para ficar dentro do óbvio, foram deixadas no passado! Descobri, também, que a sensualidade aflora justamente quando aprendemos a usar aquilo que a natureza nos deu. E o mais gratificante é descobrir que para cada tipo de mulher, existe um homem de verdade que vai achá-la incrível, justamente por você ser você mesma!

– E você, Pedro, é esse homem! Como posso ficar reclamando do que sofri no passado, se foi em decorrência dessa decepção amorosa que encontrei

a minha alma gêmea! Alguém poderia desejar um presente melhor do que esse!, disse, sorrindo para mim.

Percebi, pela sua expressão, que ela estava se sentindo mais aliviada depois que me falou sobre aquele assunto. Aproveitei a oportunidade para lhe perguntar se poderia lhe contar uma piada de freiras. Ela balançou a cabeça concordando, e sorrindo, pediu-me que contasse, desde que não fosse uma piada “cabeluda”, pois era de uma família muito religiosa!

Dei uma risada, pois achei engraçada a expressão “cabeluda”, e comecei a contar a piada das Irmãs Lourdes e Clarissa:

– *Irmã Lourdes, já está escuro e estamos longe do convento.*

– *Sim, Irmã Clarissa, e eu percebi que um homem está nos seguindo, o que ele quer?*

– *Nos estuprar!*

– *O que nós fazemos?*

– *Você vai por ali e eu por aqui!*

O homem seguiu a Irmã Clarissa.

Irmã Lourdes chegou ao convento e depois de uma hora, lá vem a Irmã Clarissa.

– *O que aconteceu?*

– *Eu comecei a correr, e ele também.*

– *Então?*

– *Ele me alcançou!*

– *Oh! Meu Deus! E você o que fez?*

– *Eu levantei o vestido!*

– *Irmã! E o que ele fez?*

– *Baixou as calças!*

– *Então?*

– *O que é óbvio! Uma freira com o vestido levantado, consegue correr mais rápido do que um homem com as calças abaixadas!*

E antes que Anita pudesse se manifestar, olhei para ela com uma expressão séria e concluí a piada:

– *Se você pensou em outro final, reze 300 Ave-Marias e 150 pais nossos!*

Anita colocou a mão na boca, fazendo um gesto de menina recatada, e logo em seguida começamos a dar gargalhadas juntos.

Depois de algum tempo, com o ambiente já bastante descontraído depois da piada, entabulamos uma conversa sobre os preparativos de sua viagem para a Itália. Durante esse tempo eu apenas fiquei ouvindo ela me contar os detalhes da viagem. Depois disso, ficamos em silêncio por algum tempo.

Após a pausa, disse-lhe que tinha um assunto importante para conversar com ela. Ela deu um sorriso, piscou para mim com os olhos brilhando, e disse-me para desembuchar:

– Anita, eu não poderia deixar você viajar sem lhe agradecer pelos ensinamentos e estímulos que me deu nos últimos anos. Comecei a ver as coisas com mais clareza depois que conheci o pensamento de alguns filósofos da antiguidade. A recomendação que você me fez no ano passado, para ler “A arte de viver”, do filósofo Epicteto, por exemplo, foi decisiva para me ajudar a tomar a decisão de ir estudar fora. Levantei-me em seguida, e fui até a mesa de canto para pegar o meu livro.

– Dentre os livros que você me emprestou, este de Epicteto foi o que mais mexeu comigo, pela simplicidade e profundidade como ele expõe as suas ideias. Ao pregar a liberdade e a tranquilidade interiores, ele demonstra que virtude e felicidade são estados estreitamente relacionados

Anita olhou para mim, com uma expressão de admiração e contentamento, e me pediu que continuasse.

– O que mais me encantou foi perceber que Epicteto aborda alguns pontos que me parecem essenciais para uma pessoa viver melhor. De sua obra, guardei em especial a sua visão sobre as coisas que estão sob o nosso poder e outras não. Nesse sentido, gostaria de ler para você quatro parágrafos que achei muito interessantes:

“De todas as coisas existentes algumas estão sob o nosso poder e outras não. Debaixo do nosso poder estão o pensamento, o impulso, a vontade de adquirir e a vontade de evitar e, numa palavra, tudo que resulta das nossas ações. As

coisas que não estão sob nosso poder incluem o corpo, a propriedade, a reputação, o cargo e, numa palavra, tudo aquilo que não resulta das nossas ações. As coisas sob nosso poder são, por natureza, livres, não encontram obstáculos à sua frente, não são por nada limitadas: as coisas que não estão debaixo do nosso poder são fracas, servis, sujeitas a limitações, dependentes de outros fatores.

Lembre-se, que se você imagina que aquilo que é naturalmente escravo está livre e aquilo que naturalmente pertence a uma outra pessoa é propriedade sua, então você estará prejudicado, você irá lamentar e ser colocado em (um estado de) confusão, você irá culpar deuses e homens; mas se você pensa que somente aquilo que lhe próprio é que lhe pertence e aquilo que é próprio de outrem realmente pertence aquele outrem, ninguém jamais irá colocar imposições ou limitações sobre você, você não irá culpar a ninguém, não fará nada contra a sua própria vontade, não terá nenhum inimigo, pois nenhum mal pode alcançá-lo.

Objetivando, portanto, (alcançar) esses altos intuitos, você deve se recordar que adquiri-los exige mais do que um esforço ordinário; você terá de abandonar definitivamente certas coisas e outras apenas neste momento. E se você gostaria de também vir a possuir estes (elementos) – cargo e riqueza – pode ser que você não venha a alcançar os altos intentos, apenas pelo fato que o seu desejo está fixado nos primeiros e certamente falhará em alcançar aquelas coisas que trazem consigo a liberdade e a felicidade.

Faça seu o estudo, portanto, de confrontar toda a impressão grosseira com as palavras: “Nada mais és que uma impressão e não representas aquilo que pareces ser”. Então teste-a com aquelas regras que você já possui; e somente com isso – o mais importante de todos os testes – “Ela se preocupa com aquilo que está debaixo do nosso poder ou com aquilo que não está debaixo do nosso poder?”. Se ela estiver preocupada com aquilo que não está debaixo do nosso poder, esteja pronto com a resposta que ela nada representa para você”.

Empolgado com aquele assunto, continuei falando:

– A leitura da “A arte de viver” me levou a compreender porque Epicteto se encontra na galeria dos grandes filósofos da humanidade. Os seus ensinamentos, ressaltei, são como um roteiro admirável, sobre como viver melhor, com sabedoria, dignidade e tranquilidade.

– Tenho que confessar-lhe, Anita, que dos pensamentos de Epicteto, três se tornaram especiais para mim:

– O primeiro, quando nos ensina que: *“Só a educação liberta”*.

– O segundo, sobre a nossa escolha antes de partir: *“Primeiro, diga a si mesmo o que você quer ser; e então faça o que tem a fazer.”*

– E o terceiro, ao recomendar que: *“Quando você decidiu que uma coisa tem que ser feita, e a está fazendo, nunca evite de ser visto fazendo-a, mesmo que uma multidão possa provavelmente julgá-la inapropriada. Pois se você não está agindo corretamente, evite o ato em si; se estiver agindo corretamente, no entanto, porque temer a censura errada?”*

– É necessário dizer, também, o quanto foi importante para mim ter conhecido o pensamento da escola estoica. Para os autores dessa escola de pensamento, a virtude é o único bem da vida, e que viver de acordo com a virtude significa viver conforme a natureza, que se identifica com a razão, no sentido cósmico universal.

– Para eles o lado patológico da realidade humana é constituído pelos afetos e pelas inclinações, consistindo a virtude na liberdade diante deles, dominando-os. E sendo a virtude o único bem, o vício é também o único mal. Foi assim que consegui perceber que, no campo da ética, a contribuição dada pelos estoicos sobre a noção de dever, de viver segundo a razão, que significa o senso de responsabilidade, foi decisiva.

– O mais surpreendente é que vejo uma forte sintonia entre os ensinamentos que recebi do meu avô Luigi Rufino, e os pensamentos do filósofo Epicteto. Apesar de ter certeza de que meu avô nunca leu nenhuma obra dos filósofos dessa corrente de pensamento, percebo que sua forma de agir, valorizando a virtude, é muito parecida com o que eles pregavam.

Quando terminei, vi na expressão de Anita, que ela tinha ficado impressionada com a minha explanação sobre o pensamento daquele grande filósofo da antiguidade. Deu uma risada de contentamento, bateu palmas, me aplaudindo, e disse:

– Pedro, fico muito contente por sua explicação sobre esse tema tão complexo. Vou repetir novamente, continue se dedicando, pois isso vai levá-lo muito longe na sua vida pessoal e profissional.

Nesse momento a mãe de Anita no interrompeu, para dizer que iria à padaria da esquina para comprar leite e pão, para o café da tarde. Como eram quase 16:00 horas, ela disse que talvez demorasse cerca de quarenta minutos para voltar, pois o pão francês da tarde saia do forno por volta das 16:30 horas. A Anita foi com ela até a porta, e ouvi quando a sua mãe antes de sair disse para ela:

– Não vou demorar. Comporte-se!

– Como uma santa, respondeu Anita, e deu um adeus com a mão para a sua mãe.

Após trancar a porta veio em minha direção, com o seu andar sensual, e um sorriso sensual no rosto, e pediu que eu ficasse de pé. Quando me levantei, ela me deu um abraço afetuoso. O seu perfume suave, o calor do seu corpo, o brilho dos seus olhos, e os seus seios de encontro ao meu peito aguçou os meus instintos de homem. Senti um tesão incontrolável. O seu corpo também estremeceu quando sentiu o meu pênis duro encostando no seu ventre, querendo saltar para fora da calça.

Após apalpar o meu membro duro, o que me deixou ainda mais excitado, me empurrou suavemente, e sorrindo me disse:

– Pedro, você ouviu o que a minha mãe recomendou. Vou ter que me comportar. Nada de saliências! Quando viu a minha expressão de frustração, deu uma gargalhada, e me disse:

– Te peguei!

– Pedro, como a minha mãe deve voltar logo da padaria, vamos ter que dar uma trepada rapidinha! Você sabe como se faz isso?

Enquanto pensava numa resposta adequado, continuei plantado no meio da sala. Ela pegou na minha mão e me levou em direção ao seu quarto, que ficava no corredor, antes do quarto dos seus pais.

Assim que entramos, ela me pediu que tirasse as roupas e me sentasse na cama. Depois de trancar a porta do quarto, veio ao meu encontro, tirando o seu vestido e em seguida a calcinha, revelando uma enorme autoconfiança na sua linguagem corporal. Deixava explícito no andar, sua elevada autoestima e sensualidade, refinamento e elegância. Aquela cena aumentou ainda mais o meu desejo em possuí-la.

Logo que se aproximou de mim, colocou os dois braços em volta do meu pescoço, sentou-se nas minhas pernas, começamos a nos beijar com sofreguidão. Era delicioso ficar beijando-a naquela posição, sentido o meu membro encostado na sua gruta do amor, que já começava a ficar úmida.

Quando deslizei os meus lábios em direção ao seu pescoço, beijando-o com suavidade, enfiando em seguida a língua na sua orelha pequena e firme, como havia me ensinado no nosso primeiro encontro, senti os seus cabelos da nuca arrepiados e ouvi um longo gemido de prazer. Peguei-a nos braços, e em seguida a coloquei de bruços sobre a cama. Em seguida peguei uma almofada que estava sob a cama, e a coloquei debaixo do seu ventre, fazendo com que a sua linda bunda ficasse empinada.

Olhar para o belo corpo de Anita daquela perspectiva era muito excitante. Ver as suas nádegas arredondadas e macias, as pernas bem torneadas, e em especial, a sua vagina entumecida e bem desenhada, pronta para ser penetrada, era uma visão deslumbrante. Ela ficou me olhando de lado, extasiada, aprovando a minha iniciativa. Segurando com a mão direita o meu membro duro, esfreguei-o com suavidade, para baixo e para cima, na sua vulva, que já estava completamente molhada. Dava para sentir, vendo os pelos arrepiados de seus braços, que Anita também estava muito excitada.

A pressa para que eu a possuísse era evidente. Virada um pouco de lado, esticou o braço, para me puxar de encontro ao seu corpo. Resisti ao seu convite. Ajoelhe-me no piso, sentido o meu membro duro encostando na colcha que cobria a cama, aproximei lentamente a minha boca de sua parte mais sensível e comecei a massagear com a língua o seu clitóris.

Os seus gemidos de prazer se intensificaram, e percebi pelos tremores de seu corpo que ela estava tendo orgasmos múltiplos. Quando percebeu que

não iria suportar mais tempo as minhas carícias, ela esticou seu braço esquerdo, segurou com suavidade o meu membro rijo, e o direcionou para a entrada de sua vagina úmida.

Quando Anita me sentiu dentro dela, deu um gemido alto de prazer. A partir daí ela pedia apenas que eu não parasse pois dizia que estava muito gostoso. Alguns minutos depois, e apesar da tentativa de me conter, senti meu membro explodindo dentro dela, em profusão. O seu corpo também amoleceu, e com o meu membro duro ainda dentro de sua vagina, continuei deitado em cima dela. Logo em seguida eu rolei na cama e ela se deitou no meu braço direito. Olhou para mim de maneira sensual, com o rosto suado, e me beijando, falou que tinha sido muito bom. Como eu estava ainda tentando me recuperar do esforço, abanei a cabeça, e sorrindo, concordei com ela.

Logo em seguida, e temendo que a sua mãe retornasse da padaria, começamos a nos movimentar. Ela me disse rindo, para pegar o sabonete sob pia e lavar o meu bilau direitinho, no bidê do seu banheiro, antes de vestir a cueca, para evitar que sua mãe pudesse sentir “cheiro de sexo”. Dei uma gargalhada, e prometi que ia deixá-lo novinho em folha. Depois de me lavar, abotoei a cueca, subi a minha calça e me recompondo rapidamente. Ela também se vestiu, após ir ao banheiro. Em seguida voltamos para a sala. Olhou para mim com um olhar de menina safadinha, e me perguntou se eu tinha aprendido o que era uma trepada rapidinha. Voltei a dar outra risada feliz.

Menos de dez minutos depois ouvimos o barulho da chave de sua mãe destrancando a porta do apartamento. Ela nos encontrou no sofá da sala, conversando de forma animada, no mesmo lugar em que estávamos, quando ela saiu.

No começo da noite, quando me aproximei de Anita para me despedir, aproveitei para dizer-lhe baixinho no ouvido que a “rapidinha” tinha sido deliciosa. Ela sorriu, e segurando nas minhas mãos, voltou a repetir que “a mulher que casasse comigo seria uma felizarda”.

Segurando as suas mãos com firmeza, e olhando nos seus belos olhos azuis, disse-lhe com carinho e firmeza:

– Já encontrei a minha alma gêmea, a mulher da minha vida. Espero que ela tenha um pouco de paciência, pois, como todo jovem, ainda tenho alguns obstáculos a ultrapassar. Ela sorriu com satisfação.

Antes me despedir, agradei a D. Fabiana pela gentileza do café da tarde. Logo após sair do apartamento, senti vontade de dar um último adeus para Anita. Assim que voltei, vi que ela estava encostada na porta da sala, e que seus olhos estavam brilhando, cheios de lágrimas. Ao ver a minha expressão de surpresa, ela procurou se recompor rapidamente, enxugou os olhos com as mãos, e fingindo estar zangada, disse:

– Você nunca viu uma mulher chorar de felicidade? Em seguida, complementou:

– Mas trate de não ficar convencido, senhor Pedro! E colocando os dedos, em forma de “V” em direção aos seus próprios olhos, disse:

– Estou de olho em você! Em seguida deu uma risada.

Já do lado de fora do edifício, eu falei comigo mesmo:

– Eu também estou feliz, Anita, me sentindo nas nuvens!

Nunca me senti tão forte para enfrentar o mundo, como naquele momento.

Capítulo 28

A notícia da morte do meu avô

O dia estava nublado, e caía uma garoa fria, que fazia com que as pessoas e os animais andassem encolhidos. Era visível na expressão do rosto de meu avô, quando lhe abracei no meio da grande sala da fazenda, para me despedir, que o seu sorriso não conseguia disfarçar a tristeza que ele tinha na alma. Naquela distância pude ver, pela primeira vez, que o brilho nos seus olhos eram sinais de lágrimas contidas.

Atravessei a soleira da porta, carregando a minha mala de couro marrom nova, estilo baú, e caminhei atento sobre o tablado de madeira, para evitar pisar na lama que cobria todo o curral em dias de chuva. Apesar de minha pouca idade, tinha uma noção de que a minha vida estava mudando completamente naquela manhã. Essa sensação de perda, além da angustia e da dor que estava sentido no peito, fazia com que as minhas pernas ficassem pesadas, como se estivessem revestidas de chumbo, quase me impedindo de andar. O trecho entre a porta da casa grande da fazenda do meu avô e o automóvel que veio me buscar para levar para o seminário, que deveria ter cerca de 50 metros, foi o mais longo que já percorri em toda a minha vida. Jamais consegui me esquecer desses detalhes.

Antes de entrar no carro, olhei em direção a porta da casa da fazenda, e vi o meu avô, impoluto, vestido com o seu terno azul de riscos brancos, camisa azul, com o seu chapéu na mão esquerda, acenando para mim. Aquela foi a última imagem que eu tive de meu avô Luigi Rufino. Sentei-me no banco traseiro do automóvel, fechei a porta, e em seguida, abaixei um pouco o vidro com a manivela, para dar um último adeus para o meu avô. Mas ele já não estava mais no umbral da porta. Talvez tivesse sido obrigado a entrar, pois a chuva estava aumentando de intensidade. O motorista sentou-se ao volante, sorriu para mim, deu a partida, e saímos patinando em direção a estrada vici-

nal que me levaria embora para sempre do meu pequeno paraíso, onde meu avô Luigi Rufino era o rei, a minha avó, rainha, e eu tinha sido muito feliz desde a aurora da minha vida.

Demorei a me acostuma com a minha nova vida, no Colégio Pio XII, em Campinas. Nos primeiros meses tinha dificuldades para pegar no sono à noite, parecia que o tempo não passava. Sentia muita saudade dos meus avós, dos meus ex-colegas de escola, dos empregados da fazenda, dos sons da natureza, e até mesmo, da minha rotina de trabalho na horta de verduras e de tratar dos porcos. Tentava compensar isso escrevendo cartas para minha avó. Combinei que todos os domingos, depois da missa na capela do Aterrado, eu ligaria para o telefone da venda do Zé Carrijo, para conversar com ela.

Essas ligações, no entanto, não duraram muito tempo, pois fiquei sabendo pelo meu avô, que ela chegava aos prantos em casa depois de falar comigo. Para evitar esse sofrimento combinei com o meu avô que não iria mais ligar para ela. Disse-lhe que as ligações estavam ficando muito caras, e que no final do ano, com o encerramento das aulas, eu iria embora para passar as férias com eles.

Eu também sentia muita saudade da Anita. Durante algumas semanas, enquanto estava na casa de seus pais Arnaldo e Fabiana Conti, em Campinas, quase todos os finais de semana eu ia visitá-la. Mas ela viajou para Roma poucos dias depois que chegou a confirmação da sua aceitação como aluna do doutorado em literatura na Universidade de Sapienza de Roma. Ela me escreveu, logo que chegou lá, que tudo estava bem, e que seu curso só começaria no final de outubro. Contou-me que, mesmo tendo um bom domínio da língua do país, tinha se matriculado numa escola de italiano, para evitar surpresas quando começasse as aulas. Como escrevíamos muito um para o outro, eu sabia com detalhes tudo o que estava acontecendo com ela em Roma, e ela em relação a mim, no Colégio Pio XII, em Campinas. Mas tinha que confessar que sentia muito a falta dela. Sonhava todas as noites, antes de dormir, com o dia em que iria revê-la.

Na medida em que os meses foram passando, e o nível das exigências foram aumentando, fui me ajustando ao meu novo mundo. As únicas pessoas das quais eu me lembrava todos os dias eram os meus avós e a Anita. As recordações da fazenda aos poucos foi se apagando da minha mente.

Numa manhã ainda escura, perto da data de encerramento das aulas, num intervalo, eu fui até a capela do Colégio Pio XII para rezar e fazer reflexões sobre a vida. Alguns minutos depois chegou um mensageiro do gabinete do Diretor, pedindo que eu fosse até a sua sala, que ficava no prédio principal. Terminei de fazer as minhas orações, e logo em seguida, fui caminhando em direção a sala da diretoria.

A secretária logo que me viu, disse-me que poderia entrar, pois o diretor estava me aguardando. Depois de cumprimentá-lo, ele me pediu que sentasse numa cadeira à sua frente. Retirou da gaveta uma carta, que estava aberta, e me entregou. Foi a sua avó que me incumbiu de entregar-lhe esta carta, pois ela achou melhor evitar de falar deste assunto com você pelo telefone. Eu abri a carta, a pedido dela, para que eu pudesse entender a gravidade do caso.

Logo que abri a carta e li as primeiras linhas tomei conhecimento da notícia da morte do meu avô Luigi Rufino. O mundo parecia que estava desabando sobre mim. Senti uma dor muito forte no peito, e uma sensação estranha de falta de ar. Não consegui ler mais nada, pois meus olhos se encheram de lágrimas.

O diretor se levantou da sua mesa, veio em minha direção, apertou o meu ombro esquerdo, e disse:

– Pedro, sinto muito pela perda de seu avô. Imagino que você vai querer voltar para sua casa para assistir à missa de sétimo dia do falecimento dele, que conforme informa sua avó, será amanhã à noite. Como já fez todas as provas finais, vou avisar aos seus professores que por motivo de força maior, dispensei você de assistir a última semana de aulas. Assim, você está liberado, pode pegar os seus materiais e voltar para o seu apartamento.

Depois de agradecer-lhe a atenção, me despedi do diretor do Colégio. Levantei da cadeira e sai como um sonâmbulo de sua sala. As lágrimas incontidas continuavam caindo dos meus olhos. Depois de pegar a minha pasta com os meus materiais no escaninho dos alunos, sai do colégio e caminhei lentamente para o meu edifício, que ficava próximo do Colégio. Subi para o meu apartamento, no primeiro andar, e deitei-me na cama sem tirar o sapato. Depois de hesitar alguns segundos, tirei a carta do bolso, e comecei a ler.

A carta era de minha avó Carlota, que eu chamava de “Dindinha”, na qual dizia:

Aterrado, 11 de dezembro de 1960

“Querido neto Pedro Rufino,

Espero que tudo esteja bem com você. Estou escrevendo para lhe dar uma notícia muito triste: o seu avô Luigi Rufino morreu no dia 10 de dezembro último. A sua morte foi noticiada no Jornal da Serra, no dia seguinte, domingo, 11 de dezembro. Fiz o recorte da notícia, que juntei a esta carta.

“O fazendeiro Luigi Rufino foi morto numa emboscada ontem, sábado, dia 10 de dezembro deste ano de 1960, a duas léguas da Freguesia do Aterrado, quando retornava para a sua Fazenda, que está localizada próxima daquele povoado. O fazendeiro Luigi Rufino, conhecido na região por seu passado de violência, foi um dos mais importantes comerciantes de tabaco da região do Aterrado do Desemboque. Deixa a viúva Carlota Carrijo e dezesseis netos”.

Sei que essa notícia vai deixá-lo muito abalado. Procure ser forte, como sempre foi, pois você ainda tem uma longa vida pela frente. Nós dois sabemos o quanto o seu avô foi um homem honrado, de bons princípios, que procurava ser justo, e que acima de tudo, amava a família. Só eu sei o quanto ele sofreu com a sua falta, depois que você partiu para estudar no Colégio Pio XII, aí em Campinas.

O sonho dele era ver você se tornar um doutor da lei, pois ele, apesar de não falar, tinha muito medo de você também vir a se tornar um homem violento, pois achava que vocês eram muito parecidos. Pela ligação que existia entre vocês, especialmente pela amizade, respeito e admiração mútua, fico imaginando que em outra vida vocês certamente já foram irmãos. O seu avô Luigi Rufino era um sobrevivente, nasceu e cresceu numa terra onde a lei era a do mais forte. Viveu e terminou a sua existência aqui na terra cercada pela violência.

Quando não consigo dormir à noite, e fico me lembrando de nossa história de vida, agradeço a Deus por ter sido a sua esposa e companheira. Quero acreditar que ele não tenha sofrido muito no momento em que morreu. Ele estava sozinho quando foi baleado na semana passada, no começo da noite, numa emboscada, na encruzilhada da Fazenda Jacarandá. Ele estava voltando

da viagem que fez para receber o pagamento do tabaco que havia vendido para os donos dos armazéns no Grotão e nas Furnas.

Atiraram nele quando foi abrir a tramela da porteira. Imagino que deveria estar muito cansado, pois era um homem que tinha um forte instinto de sobrevivência. Tudo indica que o motivo foi vingança, pois não roubaram o dinheiro que havia recebido das vendas, que estava no embornal amarrado no arreio da Pipoca. Segundo delegado Geraldinho, de Ibiraci, que está investigando o crime, tudo indica, pelas pegadas dos cavalos, que ele foi morto por dois atiradores. Ele levou dois tiros de carabina no peito. Diante da gravidade dos ferimentos, não sei estaria em condições de revidar, mas se pudesse, também não o faria, pois não portava nenhuma arma.

Desde que ficou sabendo da gravidade da sua doença, não mais carregava armas quando saía de casa para fazer negócios. E estranhamente passou a dizer para as pessoas com quem conversava na região, que tinha deixado os tempos de violência para trás. O seu avô era uma pessoa muito inteligente, embora não tenha falado nada para mim, acho que ele estava mandando um recado para os seus inimigos, por meio dessas informações, de que não teria capacidade de revidar. Considerando o seu temperamento forte, e por não gostar de depender de ninguém, acredito que não queria se definir numa cama em casa, ou num hospital, sendo cuidado por outras pessoas. Mas essa informação ele levou para o túmulo.

Certamente nunca saberemos que foi que o matou, nem quem mandou mata-lo. Ele sempre me dizia que a violência fazia parte do seu destino, e que sabia que iria morrer de forma violenta. A sua profecia se consumou. Que Deus tenha piedade de sua alma. Procure guardar na sua mente a sua expressão alegre quando lhe dava a benção todos os dias de manhã.

A pedido da Albertina ele foi enterrado no cemitério do Ibiraci. Lembro que a missa de 7º Dia de seu avô Luigi Rufino está marcada para o dia 16 próximo, sexta-feira, às 20:00 horas, na Igreja Matriz do Ibiraci.

Beijos de sua avó,

Carlota Maria de Jesus Carrijo Rufino”.

Capítulo 29

Missa de sétimo dia

Mesmo depois de uma noite mal dormida, me levantei cedo naquela sexta-feira, dia 16 de dezembro de 1960, dia da missa de 7º dia da morte do meu avô Luigi Rufino. Assim que terminei de tomar banho e trocar de roupa, peguei a minha mala, e fui caminhando até o centro da cidade, onde ficava a estação rodoviária, próxima da praça Carlos Gomes.

A minha caminhada até o meu destino era curta, pois eu morava na Rua Duque de Caxias, nas proximidades do Bosque dos Jequitibás, o que representava menos de 1 quilômetro. Logo que saí de casa, apesar de não estar com fome, resolvi parar na padaria da esquina da minha rua para tomar uma xícara de café com leite. Logo depois cheguei a Rua Boaventura do Amaral, e de lá segui em direção a praça Carlos Gomes. Uma tristeza sem fim havia tomado conta de mim.

Quando cheguei ao meu destino o dia já estava claro, e senti que uma brisa leve começava a soprar naquele momento. Dava para ver que as copas das palmeiras imperiais plantadas ao redor da praça estavam balançando ao sabor do vento. Passei perto do coreto arredondado, com sua cobertura pontiaguda, e me lembrei das inúmeras vezes que ali já estive para assistir os concertos populares de bandas. A bilheteria e o local de partida do ônibus da Viação Cometa que ia para Franca estava deserta naquele horário da manhã. Ao me entregar a passagem, o vendedor de bilhetes me informou que o ônibus para Franca, que já estava estacionado na baia 3, sairia dentro de 20 minutos.

Praticamente não vi nada durante a viagem. Cerca de cinco horas depois desembarquei na rodoviária velha de Franca, no centro da cidade. Logo que peguei a minha mala, procurei o guichê para a comprar a passagem para o Ibiraci. O atendente me informou que única jardineira que ia para Ibiraci, na parte da tarde, saía às 16:00 horas. Eu sabia que a distância entre as duas

idades era de cerca de 45 quilômetros. Como a missa do meu avô era às 20:00 horas, imaginei que chegaria a tempo.

Como teria que ficar aguardando algumas horas até a minha partida, resolvi fazer uma visita para a tia Noêmia e o tio João Lima, que moravam muito próximo dali. Menos de cinco minutos depois já estava em frente à casa deles. Logo depois de bater palmas, pois o portão de ferro da entrada do alpendre estava trancado, ouvi a voz da tia Noêmia dizendo que já estava indo atender. Dava para perceber que eles estavam com visitas em casa pois ouvi o som de diversas pessoas conversando na varanda que ficava nos fundos da casa. Logo em seguida o tio João Lima também perguntou quem era.

Assim que ela me viu, gritou para o seu marido:

– João, é o Pedro, do Luiz Rufino. Deixe para moer esse café mais tarde, e venha aqui cumprimentá-lo! Diga para as visitas para ficarem à vontade!

Assim que entrei na sala, ambos me abraçaram e disseram que lamentavam muito a morte do meu avô. Eu sabia que era verdade, pois além do parentesco que unia as nossas famílias, eles eram pessoas muito próximas dos meus avós. O sítio deles ficava depois da fazenda do meu avô, e a estrada de acesso era a mesma que passava na frente da nossa casa. Me lembro, quando ainda moravam lá, que todos os últimos domingos de final de mês, passavam de carroça, no início da manhã, em direção ao povoado, para assistir à missa que era rezada pelo padre Teodoro, na Capela do Aterrado.

Quando cheguei na parte dos fundos da casa, para a minha surpresa, encontrei uma boa parte da família reunidos em volta de uma mesa redonda de madeira almoçando. Estavam comemorando o aniversário do tio João Lima. Pedi que ninguém se levantasse, e que continuassem comendo. Ninguém seguiu a minha recomendação. Todos se levantaram e vieram me abraçar, lamentando a morte do meu avô.

A primeira que me abraçou foi a tia Das Dores, que era irmã da minha avó Carlota, e em seguida o seu marido, o tio João Cândido. Também estavam lá os filhos deles, o Mário, o Edgar, com a sua esposa Fifia, o Elias e o caçula Antônio. Perguntei pelo Venceslau, e a tia Das Dores me disse que ele tinha se mudado com a Francisca para Brasília, no mês de setembro passado. Em

seguida o Expedito Barbosa veio me dar um abraço, depois foi a vez de sua esposa Imaculada, e por fim, o Serafim.

Apesar de não estar com fome, a tia Noêmia colocou um prato na minha mão, e praticamente me obrigou a almoçar junto com eles. Por volta das 15:30 horas eu me despedi e voltei para a rodoviária para pegar o ônibus que me levaria para casa. Assim que o cobrador terminou de acomodar as bagagens no teto da jardineira, partimos rumo ao Ibiraci. A estrada de terra batida, cheia e costelas, estava com diversos pontos de atoleiros. Logo na saída de Franca a chuva despejou forte. Apesar da perícia do motorista, a jardineira atolou três vezes no trajeto, duas delas na descida da Serra de São Roque.

Cerca de 2 quilômetros depois do sopé da serra entramos na cidade. Passamos em frente ao Posto de combustíveis do Margoso, que ainda estava funcionando. Um pouco antes do fim do bairro do Ipiranga, a jardineira virou à direita, e começou a descer a ladeira escorregadia em direção a ponte do ribeirão. Depois da ponte começava a subida, em linha reta, em direção ao centro da cidade. Aquela era a rua 6 de abril. Passamos em frente ao cinema do Dermeral Ramos, que estava completamente escuro. Chegamos na praça Raul Soares por volta das 19:30 horas. A praça estava iluminada, e caía uma garoa fina e fria naquele momento.

O vento batia forte nas copas das enormes palmeiras imperiais que circulavam a praça, fazendo um som estranho como se fosse um gemido. Os passageiros na medida em que iam descendo da jardineira atravessavam correndo a rua revestida de pedra. Apressadas, buscavam abrigo na marquise da loja da Bacima, que estava começando a fechar as portas. As demais lojas e armazéns da praça já estavam fechadas naquela hora, com exceção do bar e sorveteria do Marquinhos, que ficava aberto até mais tarde. Desci do ônibus encolhido, e fui até a parte traseira para pegar a minha mala. O cobrador já tinha subido no teto da jardineira e soltado as cordas que prendiam as malas. Avisou em seguida para o motorista que já ia começar a jogar as malas.

Logo que recebi a minha mala, atravessei a praça, passei em frente ao coreto, caminhei em direção a entrada da Igreja Matriz. Eu sabia que a minha avó Carlota já deveria estar me aguardando, pois em alguns minutos a missa em homenagem ao meu avô iria começar. Assim que cheguei ao pórtico da igreja

vi a minha avó, vestida de preto, conversando com o padre Teodoro. Assim que eles me viram, pararam de conversar e vieram em minha direção. Cumprimentei o padre Teodoro, com um aperto de mão, e logo em seguida dei um abraço forte a apertado na minha avó Carlota. Ficamos um longo tempo abraçados, chorando de forma copiosa, em silêncio.

Passado algum tempo, o coroinha veio ao encontro do padre Teodoro para dizer que o altar já estava preparado. Somente quando entrei na igreja, que estava toda iluminada, ao lado do padre Teodoro, e abraçado com a minha avó, foi que percebi o grande número de pessoas presentes. Na sua maioria eram pessoas da família. Nos sentamos nos bancos da frente, do lado direito da igreja. Próximos da minha avó ficaram os seus filhos e netos.

Me lembro muito pouco do que o padre Teodoro falou sobre o meu avô durante a missa. Mas ficou na minha memória quando ele disse que o meu avô tinha sido uma pessoa honrada, de princípios, e um bom marido, pai e avô. No que dizia respeito aos fatos de violência que permearam a sua vida, não cabia a ele, mas a Deus fazer o julgamento. Percebi que naquele momento a chuva caía torrencialmente do lado de fora, e que a ventania tinha aumentado.

Olhando para a minha tia Albertina, que estava sentada do lado direito de minha avó Carlota, me lembrei que a 33 anos atrás o meu avô esteve pela última vez naquela Igreja, para fazer um acerto com o padre que havia humilhado a minha avó, ao se recusar a batizá-la porque o meu avô era um assassino cruel.

Os riscados dos raios no céu e o barulho provocado pelos trovões, somado ao assovio e o gemido provocado pelas folhas das palmeiras da praça, me levou de volta ao passado. Vi a expressão dura estampada no rosto do meu avô, com um punhal na mão, encostado no pescoço de um padre assustado, perguntando-lhe onde estava naquele momento o Deus que conferiu a ele poder de julgá-lo e a humilhar uma mulher que passou toda a sua vida se dedicando a família e a própria Igreja, e que deseja apenas batizar a sua filha, uma criança inocente!

O chiado da queda de um raio próximo da igreja, que provocou um trovão muito forte, fez tremer a Igreja, me trazendo de volta a realidade. Não demorou muito tempo para o padre Teodoro terminar a missa. Assim que termi-

nou, fomos até o altar para agradecer-lhe pela homenagem e pelas orações feitas para o meu avô. Em seguida a minha avó se posicionou perto da saída da igreja, para receber as condolências dos presentes. Logo depois, e ainda caindo uma chuva fina, a minha avó se despediu dos familiares e nós dois fomos andando, debaixo da mesma sombrinha, para a casa da tia Divina e o tio Geraldo, que ficava próxima da praça, na Rua 6 de abril, ao lado do cinema do Dermeral.

Após o jantar, minha avó disse já estava pronta para voltar para a fazenda. Apesar dos apelos da tia Divina, que insistiu para que minha avó ficasse, mas ela não cedeu. Disse que tinha muitas coisas para fazer no dia seguinte. Assim, o tio Geraldo pediu ao meu primo Júlio que nos levasse de camionete, recomendando-lhe que fosse devagar, pois a estrada estava muito escorregadia. Meia hora depois avistamos as luzes acessas na sala da fazenda. O velho Benedito e o seu filho Ambrósio estavam esperando a minha avó na porta da sala. Senti um aperto no peito quando me lembrei que o esteio que sustentava aquela casa não estava mais ali. Tinha seguido o seu caminho, em direção a luz.

Capítulo 30

Os conselhos do meu avô

Alguns minutos depois o meu primo Júlio se despediu, dizendo que precisava retornar logo para o Ibiraci, para não deixar o seu pai preocupado. Logo que nos aproximamos da camionete ele me perguntou se eu já tinha me adaptado em Campinas, e como estava indo nos meus estudos no colégio. Fiz um sinal afirmativo com o dedo polegar, e disse-lhe que estava indo bem.

– No começo não foi fácil me acostumar, primo, pois o ensino no Colégio Pio XII, onde estudo, é muito puxado. Mas em pouco tempo me adaptei ao ritmo. Vou terminar o científico no final de 1962, ou seja, daqui a dois anos, e logo em seguida fazer o vestibular para o curso de direito. Estou pretendendo estudar direito na Universidade de São Paulo. Tudo correndo bem, e Deus me ajudando, no final de 1966 enviarei o convite da minha formatura para você!

Em seguida, lhe perguntei como ele estava indo no seu curso de medicina.

– Como você disse, quando fui para Belo Horizonte me preparar para o vestibular na Universidade Católica não foi nada fácil, especialmente no período em que meu pai estava atravessando uma fase de dificuldade financeira. Depois que entrei na faculdade de medicina as coisas entraram no eixo e agora estou indo bem. Já estou fazendo residência na Santa Casa de Misericórdia Belo Horizonte.

Logo em seguida, esticou a mão para mim, e nos abraçamos. Depois de apoiar o pé direito no estribo da porta da camionete, e deu um salto para dentro. Ele compensava a sua baixa estatura com muita agilidade, pensei. Ligou a chave na ignição, mas antes de engatar a marcha, deu um sorriso para mim, e falou que tinha gostado muito do desenho que havia lhe mandado no início do ano, por meio do seu pai.

– Aquele desenho de um peixe lambari fumando um cachimbo, numa alusão ao escudo da FEB, que tem uma cobra fumando, retrata bem a minha

história. Obrigado pela lembrança. O seu desenho está guardado lá em casa. Um dia vou mostrá-lo para os meus filhos!

Quando voltei para dentro da sala vi que a minha avó estava no seu quarto, provavelmente trocando de roupa. Fui até o escritório do meu avô, e fiquei encostado no portal, olhando para a sua mesa de trabalho vazia. No cabide pregado na parede, vi o seu chapéu de feltro preto, de aba curta, pendurado, e ao seu lado, a sua guaiaca marrom. Senti uma angustia profunda, por saber que, doravante, eu nunca mais o veria sentado ali. Logo em seguida ouvi os passos de minha avó, vindo se juntar a mim no escritório. Nos abraçamos e ficamos chorando em silêncio por vários minutos. Descobri, apesar da minha pouca idade, que chorar alivia a dor que sentimos na nossa alma.

Após aquele momento de luto, a minha avó me pegou pela mão e me levou para ir tomar café na cozinha. O café no bule sob a chapa estava quente. Pelo calor dava para sentir que as brasas cobertas de cinza ainda estavam acessas. Sentamos na mesa, e em seguida eu lhe perguntei como ela estava se sentido, e porque não tinha ficada na casa da tia Divina.

– Eu estava me sentindo muito desconfortável, especialmente na hora dos pêsames. Acho que esse tipo de protocolo social deveria ser abolido. Somente as pessoas que conviveram e amaram o falecido, ou seja, aqueles que fazem parte do núcleo familiar, é que tem uma dimensão exata da dor da perda. Esses dizem o que estão sentindo com os olhos e a expressão do rosto. Palavras são desnecessárias nessa hora.

– Pedi para voltar para a fazenda, porque, apesar do sofrimento que sinto vendo a presença do seu avô em todos os cantos desta casa, precisava respirar. E para isso, temos que ficar longe das pessoas, para poder pensar na vida e se recolher no luto. E também queria muito poder conversar com você a sós.

Abanei a cabeça, concordando com a minha avó Carlota, pois eu também queria ficar a sós com ela. Queria poder refletir junto com ela sobre o vazio que a morte do meu avô havia deixado em nossas vidas. Nenhuma pessoa, além de nós dois, poderia participar daquela conversa. Foi a soma de nossas alegrias, tristezas, sonhos, emolduradas pelas circunstâncias que nos cercavam, que consolidou a amizade, a empatia e a cumplicidade que existia entre nós três.

Assim, a perda do meu avô Luigi Rufino não era apenas a dor de quem perde alguém próximo. Essa perda ia muito além disso. Ao partir ele levou uma parte da minha vida. Essa é uma perda irreparável. Por outro lado, a sua imagem e os seus ensinamentos jamais se apagariam da minha mente, enquanto eu estivesse vivo.

Foi após aquela pausa, depois de olhar atentamente no rosto de minha avó é que consegui perceber o quanto a morte do meu avô a deixou abatida. Parecia ter envelhecido 20 anos em 7 dias de luto. Estava com uma expressão cansada e olheiras profundas. Mas o seu olhar não havia perdido o brilho. Mostrava mais uma vez, a sua forte personalidade, e que não iria desistir de seguir em frente.

Apesar de saber o quanto aquela pergunta iria fazê-la sofrer, não podia evitar de indagar-lhe:

– Vó Carlota, esta é a pergunta que eu jamais gostaria de ter que lhe fazer, mas não posso deixar de fazê-la:

– O que a senhora pretende fazer da sua vida agora que o meu avô partiu?

– Não fique angustiado, Pedro. Eu já estava esperando que você fizesse esta pergunta. Você conhecia bem o seu avô. Ele sempre foi uma pessoa muito organizada. Mas desde que você partiu, ele passou a dedicar a maior parte do seu tempo organizando os livros e a papelada das suas atividades de comerciante de tabaco e as da fazenda. Além de fazer um inventário detalhado do que tinha para receber e pagar, também deixou um testamento.

– Confesso que, até então, desconhecia os motivos que estava levando o seu avô a se preocupar tanto tomar essas providências na forma de gestão da fazenda, bem como em organizar a sua papelada. Cerca de uma semana antes dele morrer, ele me chamou para conversar, pois queria me colocar a par de tudo. Assim que ele sentou na sua mesa no escritório, tirou da gazeta uma pasta cheia de papéis e me entregou.

Após abrir a pasta, vi que se tratava de seus exames de sangue e de um laudo médico. O laudo, com timbre de um médico oncologista de Campinas, na sua parte final informava que o seu avô era portador de “leucemia mieloide

crônica”. Sem ter nenhuma noção da gravidade, pedi que ele me explicasse que doença era aquela, e como seria feito o seu tratamento.

– O médico que me atendeu me disse que a LMC é um tipo de câncer progressivo do sangue e da medula óssea. Segundo ele, essa doença, em geral, desenvolve-se muito lentamente e costuma ficar estável durante muito tempo, mesmo sem tratamento. Ele me disse que costuma haver sintomas durante esta fase da doença, mas muitas pessoas não apresentam sintomas e vivem uma vida normal. O que me levou a consultar o médico em Campinas foi o fato de estar sentido, especialmente depois da minha última comitiva, muita fadiga, transpiração excessiva e aperto no abdômen.

A minha avó fez uma pausa, olhou para mim com uma expressão triste, e continuou relatando a sua conversa com o meu avô:

– Quero terminar esta nossa conversa, Carlota, lhe pedido que esse segredo, por enquanto, fique só entre nós dois. O médico me falou que não terei muito tempo de vida!

– Mas vou pedir-lhe, encarecidamente, que não se desespere. É importante que você se mantenha firme. Isso que está acontecendo comigo faz parte dos problemas que temos que enfrentar durante a nossa trajetória aqui na terra. Você sabe que a hora de todos nós viventes, em algum momento, vai chegar.

– Vou lhe fazer uma recomendação importante: siga as orientações que estou deixando por escrito, que tudo dará certo. Já pedi aos nossos filhos e genros que não façam o inventário da fazenda. Enquanto você estiver viva, mantenha a fazenda intacta e funcionando, para evitar que você venha a passar por dificuldades financeiras no final de sua vida.

– Ele me comunicou que já tinha convidado o Ambrósio para começar a gerenciar a fazenda, pois ele era uma pessoa inteligente, honesto, leal e trabalhador. Ele me disse que já havia lhe recomendado que começasse a preparar o terreno para plantar mais lavouras de café nas terras planas da fazenda, priorizando as cultivares de café Mundo Novo e Catuaí Vermelho.

– Essas cultivares, no entendimento dele, eram mais vigorosas e mais aptas a produzir um café arábica de qualidade superior. Além disso elas já estavam

adaptadas as regiões de temperaturas amenas e altitude elevada como a nossa. Disse-me que era chegada a hora de se começar a utilizar as novas tecnologias que estavam chegando no campo, especialmente a mecanização e a adubação. O futuro do café arábica fino vai depender cada vez mais dessas novas tecnologias.

– Me informou, também, que estava encerrando as atividades de comércio de tabaco, pois não tinha ninguém na família que pudesse continuar tocando o negócio. Ele também acreditava que o comércio de tabaco estava entrando em declínio. As evidências científicas de que o fumo faz muito mal para a saúde, especialmente para os pulmões, irão desestimular, cada vez mais, que as pessoas a fumassem.

– Em relação a você, Pedro, ele me disse que já havia tomado as providências para emancipá-lo, pois não tinha dúvidas de que você tinha maturidade para se cuidar sozinho. A pensão do governo que você recebe pela morte de seu pai de agora em diante será depositada diretamente na sua conta no banco em Campinas. Ele também já transferiu para a sua conta a poupança que ele administrava para você. Ele deixou uma carta para você. Amanhã cedo lhe entrego.

– Quanto aos seus objetos pessoais, disse que gostaria que você ficasse com a carabina de papo amarelo e os seus dois punhais. Pediu que a carabina lhe fosse entregue descarregada, e que você saberia entender qual era a mensagem que ele estava lhe mandando.

– O que mais me chamou a atenção, foi a postura de coragem de seu avô, que mesmo diante da doença fatal que lhe acometeu, que sabia que o levaria a morte em pouco tempo, continuou tocando a vida normalmente, sem demonstrar angústia ou medo. Em seguida concluiu:

– Depois da prosa daquele dia, não voltei mais a conversar com o seu avô sobre o assunto da doença. Alguns dias depois ele foi assassinado.

Depois de um longo silêncio, que deixava evidente que tínhamos esgotado o nosso assunto naquela noite, fomos abraçados para os nossos quartos deitar.

No dia seguinte despertei um pouco mais tarde. Não tinha dormido bem durante a noite. A casa estava em silêncio. Talvez em respeito a morte do meu

avô, a minha avó não quis ligar o rádio naquela manhã. Do lado de fora da casa ouvi uma lereia de três seriemas, cujos acordes estridentes ecoavam nas imediações do curral. Como dizia o meu avô, estavam chamando chuva.

Gostava de observar o comportamento daquela ave típica do cerrado, que alcançava cerca de 90 centímetros de comprimento, e um peso médio de 1,4 quilo. Ela possui cauda longa, plumagem cinza-amarelada, com riscos finos escuros, um pouco mais claras na região do abdômen, bicos e pernas vermelhas. Os machos têm por característica um tom mais escuro de cinza, enquanto as fêmeas são um pouco mais amareladas. A crista é formada por um tufo de penas, com cerca de 10 centímetros, além de ser uma das poucas aves com pestanas. Os seus alimentos prediletos são insetos, lagartos, cobras, vermes e roedores. Ela não gosta de voar, prefere correr, e só alça voo em situações extremas. É uma bela e barulhenta ave, pensei.

Mesmo acordado, continuei por mais algum tempo na cama, pensando na vida. Assim que levantei, vi que a minha avó tinha passado no meu quarto e deixado a carta do meu avô sob a minha calça, na cadeira que ficava ao lado da cama. A carta estava lacrada. Não tive coragem de abri-la naquele momento. Iria deixar para lê-la quando estivesse me sentido melhor. Ao descer para a cozinha para tomar o café da manhã, vi que a minha avó já estava começando a fazer o almoço. Depois que lhe pedi a benção, ela sorriu e me deu um abraço, e continuou a sua tarefa.

Após terminar de tomar o café fui fazer uma visita ao pessoal da colônia, e aproveitei para conversar longamente com o Ambrósio, sobre as suas novas responsabilidades. Ele me disse que, em princípio, tinha recusado o convite do meu avô para ser o gerente da fazenda. Mas que ele teria dito que não era um convite, era uma ordem, pois ele era o único em quem confiava para cuidar da fazenda. Eu lhe disse que concordava com o meu avô, e aproveitei para lhe desejar boa sorte.

Voltei para casa perto da hora do almoço. No meio da tarde resolvi dar uma volta pela fazenda, para espairecer um pouco, e aproveitar para ler a carta que o meu avô me escreveu. Sem pressa de chegar, fui caminhando pela estrada batida, cheia de costelas e de pequenas poças de água. A estrada ainda estava bastante molhada pela chuva que havia caído na noite anterior. O sol

brilhava no céu, mas já dava os primeiros sinais no horizonte que em poucas horas iria começar a se recolher.

Alguns dias antes do final das férias voltei para Campinas, para continuar os meus estudos. Sabia que as engrenagens do tempo não iriam parar, e eu precisava seguir em frente, para construir o meu futuro, como o meu avô havia me recomendado. Antes de partir, aproveitei para fazer uma visita ao seu túmulo no cemitério do Ibiraci, para “conversar” com ele. Naquela ocasião lhe disse que tudo estava indo bem na fazenda, e que a minha avó estava se revelando uma mulher muito forte. Ao me despedir, lhe prometi que no décimo aniversário de sua morte eu iria levar as suas cinzas para espalhar no local onde ele havia me dito que gostaria de repousar para sempre, e que iria se esforçar para, de alguma forma, deixar registrada a história de sua vida.

Epílogo

“A violência não leva a nada. Deixa para trás apenas uma trilha vidas perdidas, dor, tristeza, destruição e feridas que não se cicatrizam”.

*Luigi Rufino (Fazenda do Aterrado, Dores do Aterrado,
sul de Minas Gerais, 27 de julho de 1959)*

Alguns dias antes de completar dez anos da morte de meu avô Luigi Rufino, retornei à fazenda, junto a Anita, para visitar a minha avó Carlota, e cumprir uma promessa que havia feito ao meu avô, na última viagem que fizemos juntos em comitiva para Delfinópolis. Com a concordância de minha avó, retirei os restos mortais de meu avô do seu túmulo no cemitério de Ibiraci, e os levei para o crematório em Franca.

Em silêncio, na madrugada do dia 10 de dezembro de 1970, fui até o barracão do curral, empurrei a motocicleta até a porta da casa grande, coloquei a urna com as cinzas do meu avô no baú atrás do banco, ajustei o capacete na cabeça, e parti cedo em direção a ponte dos Peixoto. O barulho do motor tomou conta do ambiente, logo que peguei a estrada cheia de poças de água e lama, pois havia chovido muito na noite anterior, em direção a represa do Peixoto. Apesar de estar pensativo, pude perceber que alguns bandos de aves, já começavam a levantar voo, indo na mesma direção minha, em busca de alimentos.

Naquele dia estava completando uma década da morte do meu avô Luigi Rufino. Havia escolhido aquela data para cumprir a minha promessa de que, um dia, espalharia suas cinzas no lugar onde ele me disse que gostaria de descansar para sempre: o pouso dos tropeiros do Pico do Gavião, na região do Desemboque. Uma hora depois, com o sol começando a nascer, cheguei ao meu objetivo. Estacionei a motocicleta perto da mina de água, e fui caminhando, com a urna na mão, em direção ao local onde meu avô me disse que queria ficar.

Senti a frescura da brisa batendo no meu rosto, e fiquei ouvindo seu gemido suave. Um enorme casal de pica-pau-do-campo, passou voando baixo e soltando o seu canto forte, do timbre do maçarico, tremulante, em direção a pequena mata da mina de água. Aquela espécie era inconfundível pelo formato e colorido, pois tinham os lados da cabeça e do pescoço amarelos, assim como o peito anterior. O manto e a barriga são barrados, baixo dorso branco, que fica bem visível quando voam. Eu sabia que se alimentavam de formigas e cupins, e que gostavam de viver em regiões campestres, especialmente no alto das serras.

Depois que os pica-paus se foram, o silêncio voltou a tomar conta do ambiente. Sentei-me na pedra grande, no mesmo lugar onde meu avô havia ficado, quando me contou o lado obscuro da história de sua vida. Observei que da árvore seca, tombada pelo vento, onde eu tinha me sentado, tinha restado apenas algumas raízes, que permaneciam fincadas no solo. Fiquei admirando por um bom tempo a beleza da região que se descortinava a minha frente, vendo ao longe o Rio Grande correndo em silêncio entre as montanhas.

Me recordei da expressão melancólica do meu avô, quando me falou que sentia falta do barulho estrondoso que o rio fazia quando passava pela “Garganta do Diabo”. Ele tinha a esperança de que, um dia, a represa fosse esvaziada e que as trombetas das corredeiras voltassem a ecoar naquela região do Desemboque. Subi na pedra, e espalhei as suas cinzas com cuidado, ao sabor do vento. Logo após me benzi, e rezei uma oração, o “Pai Nosso”, pedindo a Deus que desse ao meu avô um bom lugar no céu. Apesar de estar sentido um nó na garante e sentir que algumas lágrimas corriam pelos meus olhos, me senti feliz por estar ali naquele momento, me despendido do meu avô.

Depois de algum tempo, retornei à fazenda, onde cheguei perto do meio dia. A minha avó e a Anita estavam na porta da casa grande, preocupadas, me esperando. Logo em seguida o Ambrósio chegou, para me perguntar se eu precisava de alguma coisa. Pedi a ele que mandasse lavar a motocicleta e a guardasse no barracão. Fui direto para o banheiro tomar um banho, e trocar de roupas, pois estava coberto de lama da estrada. Fui cobrado de forma insistente pela minha avó e a Anita, enquanto almoçava, a contar os detalhes da viagem, e em particular, sobre a beleza do local onde havia espalhado as

cinzas do meu avô. Prometi a elas que um dia iria levá-las para visitar o pouso do Pico do Gavião.

Após almoçar, fui para o meu quarto com Anita, para descansar um pouco. Logo que o sol ficasse mais ameno eu pretendia fazer uma visita ao lugar predileto do meu avô na fazenda, a árvore-ancião. Anita me perguntou se eu queria que ela me acompanhasse. Agradei, mas disse-lhe que preferia ir sozinho, pois queria “conversar” com o meu avô. Ela concordou, abanando a cabeça.

Sai de casa logo que o sol esfriou. Levava em minhas mãos um baú de madeira marrom, que tinha pertencido a minha mãe, no qual ela guardava as cartas que recebeu do meu pai. Eu tinha guardado dentro dele, também, a carta de despedida que ele deixou para a minha avó Carlota, pedindo que ela cuidasse de mim, bem como a carta que o meu avô escreveu para mim, antes de morrer.

Depois de caminhar cerca de meio quilômetro pela estrada acima, virei para a esquerda, e fui em direção ao velho pé de jequitibá-rosa, a árvore predileta do meu avô Luigi Rufino. A sua copa frondosa, sustentada por um tronco grosso e muito alto, mostravam que, apesar de seus muitos séculos de vida, continuava imponente. Aquela bela árvore, pensei, era uma espécie de guardião da capelinha em ruínas e do cemitério abandonado.

Sentei-me no banco de prancha de madeira que meu avô havia mandado construir debaixo de sua sombra. Dali fiquei apreciando a paisagem que se descortinava à minha frente, criando coragem para ler pela última vez a carta que o meu avô me escreveu, pouco tempo antes de ser assassinado. Daquela posição dava para ver os raios amarelados do sol iluminando o telhado da casa grande da fazenda.

Assim, que comecei a abrir o envelope, já bastante desgastado pelo tempo, pude perceber que a aquele vazio que havia ficado na minha alma depois que o meu o meu avô morreu, tinha ficado no passado. Aquele evento ruim, mitigado pelo tempo e pelo luto, já não me provocava mais angústia. Aprendi que a natureza humana, por maior que fosse a dor de sua perda, era capaz de se adaptar a essas situações trágicas.

Logo depois de retirar a carta de dentro do envelope, comecei a lê-la:

“Aterradinho, 21 de novembro de 1960

Meu estimado neto Pietro Rufino,

Quando você estiver lendo esta carta eu já estarei morto. Não fique triste, pois esse é um desfecho inevitável para todos nós. Você sabe o quanto eu e a sua avó lhe amamos. Você foi um presente de Deus, que veio preencher o vazio que ficou depois da morte do meu filho Moisés. Antes de partir, senti necessidade de deixa-lhe algumas recomendações que, tenho certeza, irão ajudá-lo a se posicionar ao se deparar com os desafios e obstáculos que irá encontrar ao longo de sua vida.

Lembre-se que cabe a cada um de nós forjar o nosso próprio destino. Não tenho dúvidas de que as características genéticas que herdamos dos nossos antepassados, especialmente a inteligência e a determinação, aliada ao meio ambiente onde vivemos, são importantes, mas não se esqueça nunca que são as nossas escolhas que irão definir a nossa trajetória neste mundo. Feitas essas escolhas, não se desvie delas, sem se afastar dos valores e princípios que dizem com a honra, a honestidade, a justiça, a lealdade, a moral e a ética, que foram transmitidos nos ensinamentos de berço que você recebeu de seus avós. Não se esqueça, também, que a família deve vir, sempre, em primeiro lugar.

Refleta sobre o que lhe contei naquela conversa que tivemos no Pico do Gavião. Quando me deparei com a necessidade de preservar a minha vida, não hesitei em fazer a minha escolha. O que fiz, está feito. Nunca me arrependi de nada do que eu fiz. Todas as pessoas que tive que matar eram seres de má índole, que certamente iriam continuar matando outras pessoas. Nunca matei ninguém motivado pelo ódio ou pelo desejo de vingança. Assim, tudo o que fiz, tinha que ser feito. Se voltasse no tempo, e nascesse de novo, sob as mesmas circunstâncias, faria tudo de novo. Você também não deve se arrepender de nada do que tiver que fazer na sua vida.

Você vai descobrir que a maioria das pessoas que vivem no nosso entorno nascem, crescem e vivem num mundo pequeno, limitados e acomodados.

Isso é da natureza dessas pessoas, e temos que aceitá-los como são. A parcela de homens e mulheres que serão esteios nas suas famílias, nas comunidades, bem como nos mais diferentes campos de atuações é muito pequena.

Lembre-se que nascer com uma inteligência diferenciada, determinação, coragem, disciplina, habilidade e capacidade de mudar o mundo não é uma regra, é exceção. Essas pessoas serão os responsáveis, nos inúmeros campos de conhecimento e atividades humanas, em fazer as coisas continuarem acontecendo no mundo.

Desde pequeno, observando o seu comportamento e testando sua inteligência e determinação, eu percebi que você tinha sido escolhido pela natureza para ser “esteio”. Assim sendo, cabe a você forjar o seu próprio futuro, e dessa forma, gerar oportunidades para aqueles que, em algum momento, irão depender de sua generosidade. Carregue o seu fardo, sem deixar de ser feliz ou perder o bom humor. Sirva de referência e seja motivo de orgulho para todos aqueles estão em sua volta ou que passaram pela sua vida.

Pietro, os tempos de violência ficaram para trás, sepultados pelas mudanças políticas, econômicas e sociais que estão em curso neste país. Não é mais possível que você ou qualquer outra pessoa, no mundo atual, siga pela mesma trilha que eu percorri, na qual a violência andava de mãos dadas comigo.

Estou muito feliz por tudo o que aconteceu com você nesses últimos dois anos. Sei que foi um período de descobertas intensas. A chegada da maturidade vai ajudá-lo a enfrentar o mundo lá fora, para estudar, se tornar um bom advogado, ter sucesso pessoal e profissional, construindo dessa forma o seu próprio destino. Nesse caminho, mesmo sentido todos os dias o peso da palavra “responsabilidade”, não deixe de desfrutar com intensidade a beleza de uma paixão, o sabor do sexo e o mel do amor de uma bela mulher.

Construa um bom patrimônio, mas não eleja a riqueza como a sua principal prioridade. Procure investir suas energias e o seu dinheiro em busca de novas experiências, pois elas são mais importantes do que os bens materiais. Dessa vida só levamos aquilo que vivenciamos e saboreamos com intensidade. Adquirir coisas materiais nos trazem apenas sensações efêmeras. Descubri que, por mais que você queira, elas vão continuar separadas de nós. As

suas experiências, pelo contrário, você leva dentro de sua alma. Elas fazem parte do valioso patrimônio imaterial do indivíduo.

Por fim, fica o meu último pedido. Use o brilho de sua mente e a sua determinação para construir o seu espaço, ame muito, sorria muito, chore muito de alegria e tristeza, case, tenhas filhos, e acima de tudo, ajude ao próximo, seja generoso. Essa é a melhor trilha a ser seguida.

Um abraço afetuoso de seu avô,

Luigi Rufino”

PS: Um dia, se puder, escreva sobre esse meu mundo, que foi engolido pelas engrenagens do tempo. Espero que as histórias e relatos que lhe contei possam contribuir para colocar um pouco mais de luz na nebulosa história da nossa região do “Aterrado do Desemboque”.

Assim, que terminei de ler a carta, coloquei-a novamente dentro do envelope, e a guardei novamente no baú. Em seguida ajoelhei-me ao lado do banco, e olhando para dentro de minha mente, comecei a conversar com o meu avô. Contei-lhe tudo o que tinha acontecido comigo depois que ele tinha morrido. Disse-lhe que naqueles últimos dez anos muitas coisas tinham mudado na minha vida.

Tinha me formado em Direito, com louvor, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Falei que ela tinha sido a primeira instituição a integrar a Universidade de São Paulo, no momento de sua criação, em 1934. Contei-lhe, com orgulho, que a minha faculdade é uma das melhores de ensino jurídico do país. Talvez inspirado pela sua história de violência, acabei me especializando na área de direito penal. Logo depois de me formar, fui convidado por um ex-professor, que é um grande advogado criminalista, para me associar ao seu escritório, que atua em São Paulo e Campinas. O escritório de Campinas agora está sob a minha responsabilidade.

Contei-lhe que o mundo tinha passado por enormes transformações tecnológicas nos últimos anos. Os soviéticos enviaram o primeiro homem ao espaço, o astronauta Iuri Gagarin, em 1961; a informática para fins comerciais começou a dar os seus primeiros passos; a IBM lançou o circuito integrado, em 1964; surgiu a Arpanet, uma espécie de embrião da Internet; os programas de televisão passaram a ser transmitidos a cores; os soviéticos enviaram um robô para a Lua, em 1966; os americanos enviaram uma nave tripulada à Lua, e o astronauta Neil Armstrong foi o primeiro homem a pisar no solo lunar, em 1969; e naquele mesmo ano uma sonda dos Estados Unidos alcançou Marte e, meses depois, a URSS descia um robô em Vênus. Foi enviada a primeira mensagem de e-mail entre computadores distantes, 26 de outubro de 1969.

No campo político, disse-lhe, alguns fatos mereciam destaque, como o embargo comercial imposto pelo governo Kennedy a Cuba, em fevereiro de 1963; o assassinato do presidente Kennedy durante uma visita a Dallas, no Texas, em novembro de 1963; o envio das primeiras forças de combate dos Estados Unidos para o Vietnã do Sul, dando início a Guerra do Vietnã, em fevereiro de 1965; a execução, em outubro de 1967, de Che Guevara na Bolívia; o assassinato, em abril de 1968, do pastor e ativista de direitos civis norte-americano, Martin Luther King Jr.

Contei-lhe, também, que o Brasil estava passando por um período político conturbado. Desde o mês de agosto de 1961, quando ocorreu a renúncia de Jânio Quadros, a crise política começou a tomar vulto. O seu desfecho ocorreu nos dias 31 de março e 1 de abril de 1964, com o golpe militar que derrubou o presidente João Goulart.

Manifestei-lhe a minha opinião sobre o cenário político brasileiro, destacando que era possível prever que os militares não iriam sair do poder tão cedo. Desde que os militares chegaram ao poder, disse-lhe, a crise política vem aumentando. Agora estamos observando que estão em curso uma nova fase de medidas antidemocráticas, respaldadas pelo Ato Institucional no. 5, editado pelo General Arthur da Costa e Silva.

Disse-lhe que o AI-5 deu ao regime militar uma série de poderes para reprimir seus opositores, como fechar o Congresso Nacional e outros legisla-

tivos, cassar mandatos eletivos, suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão, intervir em Estados e municípios, decretar confisco de bens por enriquecimento ilícito e suspender o direito de habeas corpus para crimes políticos.

Os primeiros efeitos do AI-5 foram percebidos logo em seguida, com o fechamento do Congresso Nacional, e a prisão do ex-presidente Juscelino Kubitschek. Cerca de três meses depois de sua edição, os encarregados dos inquéritos políticos passaram a poder prender quaisquer cidadãos por 60 dias, dez dos quais deveriam permanecer incomunicáveis. Essas medidas arbitrárias, conforme tenho constatado ao visitar os meus clientes presos, tem servido para facilitar o trabalho daqueles que estão procedendo aos interrogatórios, que passaram a ser feitos, em grande parte, sob tortura.

Para que ele tivesse uma ideia da dimensão das medidas arbitrárias que estavam em curso, disse-lhe que mais de 330 políticos tiveram os seus direitos políticos suspensos em 1969, dos quais 78 deputados federais e cinco senadores. O Congresso permaneceu fechado até outubro de 1969, quando foi reaberto para eleger o general Emílio Garrastazu Médici para ocupar a chefia do governo militar.

Os movimentos armados de esquerda, lhe contei, no meu entendimento, que estão lutando para implantar uma ditadura de esquerda no Brasil, também estão contribuindo para agudizar o conflito. Eles estão dando os motivos para que os órgãos de segurança do Estado intensifiquem a repressão política.

Conforme já havia lhe confessado em outras ocasiões, eu não apoiava nenhum tipo de ditadura, seja de direita ou de esquerda. A minha convicção sobre a democracia, disse-lhe, apenas se reforçou mais. Apesar de suas deficiências, a democracia, entendida como a forma de governo em que a soberania é exercida pelo povo, ainda é o melhor sistema político que conheço.

Grande parte dos clientes do escritório onde eu trabalho são de pessoas que estão presas ou respondem inquéritos policiais militares por motivações políticas. Tenho procurado fazer o melhor possível para denunciar as arbitrariedades que estão sendo cometidas, e buscar a Justiça para retirá-los das prisões, e quando isso não é possível, exigir que lhes garantam os seus direitos individuais.

Nem sempre isso é possível, pois estamos vivendo num Estado de exceção. São tempos difíceis, vô Luigi, e a nossa atuação não tem sido uma tarefa fácil.

Infelizmente os direitos individuais e coletivos, que são os direitos ligados ao conceito de pessoa humana e à sua personalidade, tais como à vida, à igualdade, à dignidade, à segurança, à honra, à liberdade e à propriedade, nos casos ligados à repressão política, não estão sendo respeitados no país. É preocupante o que está ocorrendo com os direitos políticos, pois as restrições impostas estão impedindo que o indivíduo, através de direitos públicos subjetivos, possa exercer sua cidadania, participando de forma ativa dos negócios políticos do Estado.

Sei que ainda tenho muita estrada pela frente, mas já estou começando a colher os frutos de minha dedicação e perseverança. Isso me permitiu, no início do ano passado, pedir a mão de Anita em casamento. Nos casamos no final de novembro, logo depois que comprei um apartamento no mesmo edifício dos pais delas. Eu e a Anita, disse-lhe, ainda estamos em lua de mel, e espero que ela não termine nunca.

Também lhe contei que havia trocado recentemente o meu fusca marrom, modelo 1968, por um carro maior da Volkswagen, um TL verde, modelo 1970. Fomos passar a lua de mel na Itália, onde aproveitamos para visitar a região onde o meu pai lutou contra os alemães na II Guerra Mundial. Visitamos o cemitério de Pistóia, onde ele esteve enterrado, bem como o local onde ele morreu em combate, nas proximidades de Monte Castelo. A Itália é um país muito bonito.

A Anita, depois que concluiu o seu doutorado na Itália, no início de 1964, voltou para o Brasil. A sua volta para casa iluminou a minha vida novamente. No final do ano seguinte ela fez concurso e foi aprovada para professora da Universidade Estadual de Campinas. Ela me disse o universo tinha contribuído para que pudesse realizar o seu sonho de ser professora numa boa universidade, pois apesar de a Unicamp ter sido criada em dezembro de 1962, somente foi implantada em setembro de 1965.

Já combinei com a Anita que, logo que for possível, pretendo me candidatar ao doutorado em Direito do Estado na Universidade de Bolonha, na Itália,

e mais adiante, quem sabe, também ser professor de direito na Unicamp ou na Universidade de São Paulo.

Continuei conversando com o meu avô por um longo tempo. Disse-lhe que as coisas também estavam bastante mudadas na nossa região. Num espaço de menos de dois anos perdemos duas pessoas importantes, o padre Teodoro, que faleceu no dia 21 de agosto de 1964, e o Coronel Temóteo de Andrade, que morreu no dia 19 de maio de 1966. Contei-lhe que os descaltros na gestão municipal também tinham chegado por aqui. As palmeiras que embelezavam a praça do Ibiraci, que foram plantadas na administração do Coronel Temóteo de Andrade, foram arrancadas, e no seu lugar construiriam uma fonte luminosa.

O tio Geraldo Rodrigues Siqueira foi eleito vereador no Ibiraci, e já tinha ocupado a presidência da Câmara Municipal em duas sessões legislativas, em 1964 e 1968. Depois que o senhor partiu, as reuniões da família nos finais do ano passaram a ser realizadas na fazenda do tio Geraldo e da tia Divina, que fica no Garrafão, na beira do lago da represa do Peixoto. O Júlio já se formou em medicina, já se casou, e decidiu ficar trabalhando em Belo Horizonte. Me disse que o seu sonho é montar um haras para criar cavalos manga-larga machador, e quando isso acontecer ele vai se chamar “Haras dos Plácidos”.

Recebi boas notícias das pessoas da nossa família que se mudaram para Brasília. O tio José Rufino esteve aqui na fazenda recentemente, visitando a minha avó, e contou para ela que já estão bem-adaptados à nova capital do país. Falou que, apesar de sentirem saudades daqui, já tinham se tornados candangos, pois “cidade boa é aquela que dá oportunidades para as pessoas crescerem”. Fiquei sabendo que o caçula da família dele, o José Matias é um rapaz muito inteligente e estudioso. Me contaram que também é muito parecido com o senhor, especialmente na disciplina, coragem, determinação, retidão de caráter e na forma de agir. Dizem que ele tem um perfil de “esteio”.

A Anita me disse que não quer ter filhos, pelo menos por enquanto, pois entende que isso iria prejudicar a sua carreira acadêmica. Mas já me prometeu que no futuro, se tivermos um filho homem, ele vai se chamar Luiz Conti Rufino, em sua homenagem. Por fim, contei-lhe que tinha cumprido as duas promessas que havia feito: espalhar as suas cinzas no seu lugar preferido, o

Pico do Gavião, de onde se podia ver ao longe, o Desemboque do Rio Grande; e de escrever um livro, contando a sua história.

Assim que terminei de “conversar” com o meu avô, ouvi a algazarra de um casal de araras-canindé, também conhecidas como araras-amarelas, que tinha terminado de pousar na copa do velho jequitibá-rosa. Fiquei imaginando que o seu ninho deveria estar perto dali, pois aquela era época de reprodução. São aves inconfundíveis, pois são grandes e possuem cauda longa, e uma vistosa coloração azul ultramarino no dorso e amarelo-dourado na parte inferior desde a face. A garganta e as fileiras de penas faciais são pretas sobre o rosto glabro e branco, olhos de íris amarela e garganta negra. Alguns minutos depois elas voaram em direção a mata grande.

O silêncio voltou a tomar conta do lugar. Logo em seguida, tirei do bolso da calça, as três cartas de despedida que havia escrito na madrugada da noite anterior. A primeira era para a minha mãe, Laura, a segunda para o meu pai, Moisés e a terceira para o meu avô, Luigi Rufino. Uma por uma, eu fui lendo de forma pausada, os seus conteúdos. Em cada uma delas deixei fluir os meus sentimentos mais profundos, dizendo a cada um deles tudo o que eu não tive oportunidade de falar pessoalmente. No final, além de pedir-lhes perdão, disse que também perdoava todas as falhas e erros que eles cometeram, e que era grato por Deus tê-los colocados na minha vida.

Depois de depositar as três cartas no pé do banco, abri o baú e peguei as cartas que estavam no seu interior. Primeiro depusitei sobre elas o pacote de cartas que meu pai havia escrito para a minha mãe; depois a carta que ele mandou para mim; a seguir o bilhete de despedida de minha mãe para a minha avó, pedindo que ela cuidasse de mim; e por fim, a carta do meu avô, que ele me escreveu pouco tempo antes dele ser morto. Peguei alguns gravetos de madeira que estavam próximos da capelinha, e coloquei sobre as cartas para melhorar a combustão.

Agachei-me perto do monte de cartas e peguei no bolso de minha camisa a velha binga que o meu avô acendia o seu cachimbo, e pus fogo. Fiquei observando, pensativo, as chamas tomando conta daquelas cartas que tanto mexeram com a minha vida. A fumaça, de tonalidade esbranquiçada começou a subir lentamente, vindo em minha direção, tocada pelo vento. Levantei-me,

e me afastei um pouco de perto da fogueira. Senti que ali estava se fechando mais um ciclo de minha vida, o fim de um longo luto, pela perda de três pessoas que tinham sido muito importantes para mim.

Minutos depois as cartas viraram cinzas, e uma brisa leve começou a espalhar os seus fragmentos em todas as direções. Senti o meu coração aliviado, sem angústia. As lágrimas que brotavam dos meus olhos, escorrendo lentamente pelo meu rosto, eram de felicidade. A enorme paz interior que sentia, me dava uma sensação de leveza na alma. Algo superior me dizia que eu estava vivenciado a minha redenção naquele momento. A tensão acumulada ao longo de toda a minha vida foi dando lugar a uma sensação de paz muito intensa. Deitei-me de lado no banco, os meus olhos foram se fechando, e senti que estava começando a adormecer profundamente.

Vi primeiro o meu avô surgindo do meio de uma neblina cerrada. A sua figura elegante veio em minha direção, vestido de terno azul riscado, chapéu de feltro preto, montado na sua égua branca Pipoca. Depois que se aproximou, ficou me olhando, em silêncio, por longo tempo. Logo em seguida vieram os meus pais. Eles vieram caminhando de mãos dadas, e também ficaram parados, ao lado do meu avô, olhando para mim.

Perguntei-lhe por que não se sentavam no banco, ao meu lado, para conversarem comigo. O meu avô me respondeu que não podiam. Tinham vindo somente para me darem a benção, antes de seguirem em frente. Logo depois que me abençoarem, foram se afastando lentamente em direção a casa grande da fazenda. Observei que as patas da égua do meu avô e os pés de meus pais não tocavam o solo. As suas silhuetas logo desapareceram no horizonte.

Acordei sentindo o toque de uma língua comprida e úmida lambendo o meu rosto. Abri os olhos e vi o enorme cachorro do meu avô, o Tango, que era bisneto do Batuta, em cima do banco, olhando para mim. Era um cachorro muito forte e carinhoso, com cerca de 45 quilos, de cor rajado-tigrado. Ele certamente tinha vindo ao meu encontro esperando reencontrar o seu dono, que não tinha mais voltado para casa. Assim que passei a mão na sua cabeça, e fiz um carinho no seu focinho, ele deu um ganido de satisfação, pulou de volta para o chão, abanou o rabo, e ficou me fitando com os olhos brilhando.

Fiquei de pé, pois o meu corpo tinha ficado dolorido por ter ficado muito tempo deitado naquele banco duro, estiquei os braços para cima e olhei para o tempo. O dia já tinha ido embora. Vi que as luzes da sala da fazenda já estavam acessas. Caminhei lentamente pela trilha, em direção a estrada, para voltar para a casa grande. Fiquei refletindo sobre o significado do sonho que tive com os meus pais e o meu avô Luigi Rufino. Eu pedi a Deus que lhes desse um bom lugar no céu. Vocês vão estar comigo, pensei, enquanto eu estiver vivo!

O Tango caminhava ao meu lado, lambendo as minhas mãos. Alguns metros adiante, parei para ouvir os sons do final do dia e admirar a beleza do manto verde de capim-jaraguá que cobria a colina, balançando ao sabor do vento, refletindo os raios do sol do entardecer, como se Deus estivesse soprando na natureza.

Ouvi o vento sussurrando nos meus ouvidos, os conselhos do meu avô Luigi Rufino:

- *Procure sentir o sabor da vida em cada detalhe!*
- *Sorria muito, ame muito, sem arrependimentos!*
- *Aprenda a dizer não!*
- *Faça apenas o que for certo, nunca o que for mais fácil!*
- *Leia, estude e trabalhe muito, sem abdicar de ser feliz!*
- *Não se envergonhe de chorar, de alegria e ou tristeza!*
- *Encontre sua alma gêmea, e se possível, tenha filhos!*
- *Seja generoso, sem esperar reconhecimento!*
- *Aprenda a reconhecer seus erros, e a pedir perdão!*
- *Faça bons amigos, mesmo que sejam poucos!*
- *Viaje muito, descubra novos horizontes!*
- *Mantenha-se em movimento, reinvente-se!*
- *Faça o melhor, em cada dia de sua vida, pois ela é uma dádiva!*

Na essência dessas mensagens, refleti, está o “amor”, em todas as suas mais variadas formas. Esse é o mais belo e doce sentimento de um ser humano, pensei. É ele que nos motiva, e nos deixa mais fortes para seguirmos em frente na nossa caminhada neste mundo. Descobri que o amor incondicional de meus avós, que me acolheram depois que fiquei órfão, tinha sido decisivo

para que afastasse de minha mente os pensamentos ruins trazidos pela tristeza profunda que, de vez em quando, se apoderava de mim. Depois que o amor de Anita tocou a minha alma, eu me senti ainda mais fortalecido, pois ele me deu novas motivações e estímulos para me tornar um ser humano melhor, tanto do ponto de vista pessoal como profissional.

Os sons da noite já estavam começando a se fazerem presentes no ambiente. Ouvi um piado forte de uma coruja-buraqueira bem próximo de mim. Olhando com atenção, vi que ela estava sob um cupinzeiro enorme que estava logo à minha frente. Apoiada apenas em uma das pernas, com os seus olhos enormes, foi virando a cabeça, acompanhando a minha passagem. Parei um pouco adiante para admirar o céu, repleto de estrelas, que cintilavam intensamente no firmamento. A claridade amarelada da lua cheia, que surgia arregalada atrás da colina, já começava a iluminar o ambiente. Em sintonia com a natureza, vi a silhueta de Anita que, talvez preocupada com a minha demora, vinha ao meu encontro, subindo pela estrada.

Assim que Anita se aproximou mais, vi que ela estava sorrindo e abanando a mão para mim. Logo em seguida ouvi a sua voz agradável me falando que, assim como você previu, ela encontrou e já leu o livro “Tempos de violência”, que você deixou sobre a mesa do escritório do seu avô hoje de manhã. Ela me disse que somente uma pessoa no mundo poderia descrever com tamanha precisão a história de Luigi Rufino: o seu neto Pedro Rufino.

Ver Anita sempre me deixava encantado, e esse sentimento vinha de longe, desde o tempo em que, ainda adolescente, descobri que estava apaixonado pela minha bela e meiga professora do ginásio. O seu jeito especial de ser, uma mulher de personalidade, sensual, charmosa e carismática era o que mais me agradava nela. Às vezes, dizia, com uma expressão zangada, que o meu encantamento por ela, especialmente na frente dos seus alunos, a deixava desconcertada. Depois dava um sorriso de felicidade, pois sabia que era muito amada.

Eu sabia ser impossível encontrar outra mulher igual à Anita. Para mim ela é única. Quando me olha com seus olhos cheios de promessas, a forma como fala, o jeito como pisca os olhos para mim, a forma suave como passa a mão

no meu rosto, o seu sorriso meigo ou como coloca o cabelo para trás da orelha me deixam tonto. O seu jeito natural e elegante de andar me deixa extasiado. Era como se ela sempre estivesse desfilando numa passarela.

Na medida em que Anita foi se aproximando de mim, pude ver que o seu vestido branco de algodão, quase transparente, deixava à mostra as curvas de seu corpo escultural. Aquela bela visão fez o meu sangue correr mais rápido nas veias. Uma sensação de felicidade me invadiu, quando ela se jogou sobre mim, dando uma gargalhada cristalina. Apesar dela ser uma pessoa leve, tive que me firmar, para evitar que ambos caíssemos no chão.

Ver de perto a beleza do seu rosto, em especial, o seu belo sorriso, me deixava muito excitado. Os lindos olhos azuis de Anita brilhando, olhando dentro dos meus, sentir o seu hálito agradável e os seus lábios carnudos e dentes perfeitos se aproximando de minha boca me faziam flutuar nas nuvens. A sensação agradável que senti ao beijar os seus lábios e de abraçar o seu corpo me trouxe à mente a mais perfeita definição de “amor” que poderia haver entre um homem e uma mulher, concebida por Camus: *“amar uma pessoa significa querer envelhecer com ela”*. A presença de Anita ao meu lado era a prova irrefutável de que a vida é maravilhosa, e que devemos saborear, de forma intensa, cada momento dela!



ATERRRADO DO DESEMBOQUE

A história de Luigi Rufino, fazendeiro e comerciante de tabaco, se desenrola a partir do início do século XX, numa região onde a cobiça e a ganância preponderavam. Ela é narrada sob o prisma de seu neto adolescente, Pedro Rufino. A saga desse pioneiro, inteligente, determinado e corajoso, temido por seus inimigos, que o qualificavam como um assassino frio e cruel, também contribui para colocar um pouco mais de luz na nebulosa história da região do “Aterrado do Desemboque”, no sul-sudoeste de Minas Gerais, local que outrora, foi palco de inúmeros confrontos sangrentos entre garimpeiros, bugres, quilombolas e as guarnições dos exércitos das províncias de São Paulo e Minas Gerais.

Nessa trama, onde o personagem Luigi Rufino se impõe como o esteio da família, ganha relevo a figura do seu neto Pedro, órfão desde tenra idade, ao revelar as suas inquietações, dúvidas e temores do desconhecido, atitude comum nos jovens, quando se deparam com a necessidade de se afastar de seu ambiente acolhedor. No desenrolar dessas mudanças repentinas, com a chegada da maturidade, Pedro decifra o sentido da palavra “responsabilidade”, e ao mesmo tempo, descobre o sabor da paixão, do sexo e do amor, ao ganhar de sua bela, inteligente e sensual ex-professora um “presente inesquecível”.

